

*OBRAS
DE SANTA TERESA
DE JESUS*



*TOMO II
AS FUNDAÇÕES*

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

TOMO II

AS FUNDAÇÕES

EDITORA VOZES LTDA.

**TRADUZIDAS PELAS CARMELITAS DESCALÇAS DO CONVENTO DE SANTA TERESA
DO RIO DE JANEIRO**

**TRADUÇÃO DO TEXTO ORIGINAL SEGUNDO A EDIÇÃO CRÍTICA DO R. P. FREI SILVÉRIO DE SANTA
TERESA, CARMELITA DESCALÇO**

Fonte:

obrascaticas.com

Imagem da capa:

cancaonova.com

PRÓLOGO

JESUS

Por experiência tenho visto, sem falar no que em muitas partes tenho lido, o grande bem que é para uma alma o não se apartar da obediência. Entendo ser este o meio de se ir cada um adiantando na virtude e cobrando humildade; está nisto a segurança contra o temor de errar o caminho do Céu, - e é bom que nós mortais o tenhamos enquanto vivemos nesta terra. Aqui se acha a paz, tão prezada das almas que desejam contentar a Deus. Com efeito se deveras resignaram e renderam o entendimento a esta obediência, não querendo ter outro parecer senão o do Confessor - e o do Prelado, se são Religiosos, - cessa o demónio de acometer com as suas contínuas inquietações, vendo que sai com perda em vez de ganho. Igualmente, os nossos agitados apetites, amigos de se satisfazerem e até de sujeitarem a razão em coisas de contentamento próprio, sossegam, vendo que determinadamente submetemos a nossa vontade à de Deus por meio da sujeição aos seus representantes. Tendo-me Sua Majestade, por sua misericórdia, concedido luz para conhecer o grande tesouro encerrado nesta preciosa virtude, tenho procurado exercitá-la, ainda que fraca e imperfeitamente. Isto não impede que muitas vezes sinta repugnância para levar a termo algumas coisas que me mandam, quando entendo não ser suficiente a pouca virtude que vejo em mim. Digne-se Sua Majestade suprir o que me falta para a presente obra.

Estando eu no mosteiro de São José de Ávila, no ano de 1562, em que se fundou, recebi ordem do Padre Frei Garcia de Toledo, Dominicano, então meu Confessor, para escrever a fundação do mesmo mosteiro com outras muitas coisas que se verão algum dia se saírem à luz. Agora em Salamanca, onde estou, no ano de 1573, onze anos mais tarde, um Padre Reitor da Companhia, chamado Mestre Ripalda, meu Confessor, viu o livro que trata da primeira fundação. Julgou do serviço de Nosso Senhor escrever-se uma notícia sobre os sete mosteiros que de então para cá, pela bondade do Senhor, se hão fundado, juntamente com as origens dos mosteiros dos Padres Descalços da primeira Ordem, e mandou-me que a fizesse. Pareceu-me coisa impossível por causa dos muitos negócios, quer de cartas, quer de

outras ocupações forçosas mandadas pelos Prelados. Enquanto me encomendava a Deus, um tanto aflita por me ver com tão pouca capacidade e com má saúde, - que, ainda sem este acréscimo, muitas vezes me parecia excessivo o trabalho para a minha fraca natureza, - disse-me o Senhor: "*Filha, a obediência dá forças*".

Permita Sua Majestade que assim aconteça, e dê-me graça para acertar a dizer, em seu louvor, as mercês por sua mão derramadas sobre a nossa Ordem no curso destas fundações. Pode-se ter por certo que usarei de toda a verdade, sem encarecimento algum, ao menos consciente, e que direi tudo exatamente como se passou. Se eu por nenhuma coisa da terra quisera mentir, mesmo em ponto de mínima importância, quanto mais teria grande escrúpulo de o fazer nisto que escrevo para que Nosso Senhor seja glorificado. Seria, a meu ver, não só perder tempo, mas enganar com as coisas divinas, tirando delas ofensa e não louvor de Deus; o que seria grande traição. Sua Majestade, por quem é, jamais me deixe de sua mão, a ponto de cometer eu tal crime. Tratarei de cada fundação particularmente, procurando abreviar; mas talvez não o consiga, porque é tão pesado o meu estilo, que receio bem cansar a mim e aos outros, apesar de todos os meus esforços. Como, porém, este escrito há de reverter às minhas filhas depois dos meus dias, elas, com o amor que me têm, saberão relevar os meus defeitos.

No que escrevo, de nenhum modo procuro proveito meu, nem há razão para isto; tenho em vista unicamente o louvor e glória de Nosso Senhor, pois muitas coisas levarão a glorificá-lo. Não permita Sua Majestade que passe pela cabeça dos que isto lerem, a lembrança de me atribuir merecimento algum. Seria ir contra a verdade. Peçam antes ao Senhor que me perdoe o mau uso que fiz de tantas mercês. Muito mais razão há, minhas filhas, de queixa de mim, do que motivo de me dar graças pelo que está feito. Agradecemos todas, filhas minhas, à Divina Bondade tantos benefícios que nos tem concedido. A quem isto ler, peço por amor de Deus uma Ave-Maria que me ajude a sair do Purgatório e chegar a ver Jesus Cristo Nosso Senhor, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo por todos os séculos. Amém..

Por minha pouca memória, creio, omitirei muitas coisas bem importantes e direi outras que poderia excusar. Em suma, mostrarei em tudo o meu pouco engenho e saber, e também a falta de vagar com que escrevo. Recebi ordem igualmente de tratar de algumas coisas de oração sempre que se apresentar oportunidade, assim como dos enganos que no caminho espiritual podem impedir o progresso das almas. Submeto-me em tudo ao ensino da Santa Igreja Romana, e quero que este escrito antes de chegar às vossas mãos, irmãs e filhas minhas, seja examinado por homens doutos e pessoas espirituais. Começo em nome do Senhor, tomando por intercessores a sua gloriosa Mãe, de quem trago o hábito, embora indigna, e a meu glorioso Pai e Senhor São José, que sempre me tem valido com o seu patrocínio, e em cuja casa estou, pois tem o seu nome este nosso mosteiro de Descalças.

No ano de 1573, dia de São Luís, rei de França, que é aos 24 de Agosto.
[1]

COMEÇA A FUNDAÇÃO

DE SÃO JOSÉ DO CARMO DE MEDINA DEL CAMPO

CAPÍTULO I

Dos meios pelos quais se começou a tratar desta fundação e das seguintes.

Depois da fundação de São José de Ávila passei neste mosteiro cinco anos. Foram estes, a meu ver, tanto quanto posso julgar, os mais descansados da minha vida; e muitas vezes sente a minha alma saudades daquele sossego e quietação que lá gozava. Durante este tempo entraram para ser Religiosas algumas donzelas muito jovens, que o mundo já parecia ter conquistado, a julgar pelas galas e riquezas que ostentavam. Arrancou-as o Senhor prematuramente a todas as vaidades e trouxe-as a sua casa, dotando-as de tanta perfeição, que me punham bem confusa. Completaram o número de treze que tínhamos determinado não ultrapassar.[2]

Eu me estava deleitando entre almas tão santas e puras, que só pensavam em servir e louvar a Nosso Senhor. Ali nos enviava Sua Majestade o necessário sem o pedirmos, e quando nos faltava - o que aconteceu muito raramente - maior era o regozijo de todas. Punha-me a louvar a Nosso Senhor ao ver tão sublimes virtudes, especialmente o descuido de tudo em que viviam, sem outro cuidado senão o divino serviço. Eu mesma, embora estivesse ali como Maior[3], nunca me lembrei de ocupar o pensamento em coisas materiais; tinha grande fé de que não havia de faltar o Senhor àquelas que não tinham outra preocupação senão a de lhe dar gosto. Se alguma vez não chegava para todas o mantimento, dizendo eu que o dessem às mais necessitadas cada uma não se julgava deste número, e assim ninguém comia até que finalmente Deus mandava para todas.

Acerca da obediência, poderia narrar muitos factos que ali presenciei. Sou muito devota desta virtude, mas posso dizer que não sabia praticá-la até que estas servas de Deus mo ensinaram; e de tal modo o fizeram, que se eu fosse virtuosa não o deveria mais esquecer. Eis um caso que me vem agora à lembrança. Um dia, estando a Comunidade no refeitório, serviram-nos rações de pepinos, e a mim tocou um muito fino e podre por dentro. Chamei

com dissimulação a uma das Irmãs[4] de melhor entendimento e capacidade que ali havia, para provar a sua obediência, e disse-lhe que fosse plantar aquele pepino num hortozinho que tínhamos. Perguntou-me se o devia colocar de pé ou deitado. Respondi-lhe que deitado. Foi ela e plantou-o como eu lhe tinha dito, sem imaginar sequer que forçosamente havia de secar; antes teve a ordem por muito acertada, cegando nela a obediência a razão natural.

Acontecia-me às vezes encomendar a uma Irmã seis ou sete ofícios incompatíveis, e ela os aceitava sem replicar, convencida de que os poderia fazer todos. Tínhamos um poço cujas águas não eram boas, segundo a opinião dos que as experimentaram; além disto, parecia impossível encaná-las, por ser muito fundo. Chamei oficiais para que tentassem o trabalho; mas riam-se de mim, dizendo que seria jogar dinheiro fora. Perguntei às Irmãs: "Que vos parece?" Disse-me uma: "Faça-se a obra. Nosso Senhor nos tem de dar carregadores que tragam a água, e dinheiro para os sustentar. Mais barato sai a Sua Majestade fornecer-nos água em casa; e portanto não o deixará de fazer". Vendo eu a grande fé e determinação com que proferiu estas palavras, tive por certo o negócio. Contra a vontade do oficial, muito entendido em matéria de fontes e de águas, mandei executar o trabalho; e foi o Senhor servido que pudéssemos tirar um cano de água boa de beber, suficiente para o nosso gasto, que ainda hoje se conserva.

Não conto isto como milagre, pois poderia narrar outros factos semelhantes; quero apenas dar um exemplo da fé que tinham aquelas Irmãs; e tudo se passou como relatei. Não é meu principal intento, aliás, louvar as monjas destes mosteiros, que, pela bondade do Senhor, vão todas até agora pelo mesmo caminho. Destas e de muitas outras coisas haveria bastante a escrever, mas seria demasiado longo, ainda que não sem proveito, porquanto às vezes as vindouras se animam a imitá-las. Se o Senhor, porém, for servido de que se venham a saber, poderão os Prelados ordenar às Prioras que as deixem escritas.

Vivia, pois, esta miserável entre essas almas angélicas. Não me pareciam outra coisa, porque nenhuma falta, mesmo interior, me encobriam; e grandíssimos eram os desejos, as mercês e o desapego que lhes dava o Senhor. Seu consolo era a soledade em que viviam; e asseguravam-me que

jamais se fartavam de estar sós. As visitas, até dos próprios irmãos, lhes serviam de tormento. A que mais tempo tinha para ficar numa ermida, essa se julgava a mais ditosa. Considerando eu o grande valor daquelas almas e o ânimo - não, por certo, de mulheres - que tinham recebido de Deus para padecer em seu serviço, parecia-me frequentemente que para algum grande fim punha nelas o Senhor tantas riquezas. Não é que me passasse pelo pensamento o que depois aconteceu, pois então era isto, a meu ver, empresa impossível, e nem havia princípio para imaginar tal coisa. Contudo, quanto mais tempo decorria, muito maiores eram os meus desejos de contribuir para o bem de alguma alma. Tinha muitas vezes a impressão de ser como uma pessoa que conserva guardado um grande tesouro e deseja que todos gozem dele, porém o não pode distribuir porque se vê com as mãos atadas. Deste modo sentia encadeada a minha alma, porquanto as mercês que naqueles anos me fazia o Senhor eram muito grandes, e, limitando-se a meu proveito, todas me pareciam mal empregadas. Servia ao Senhor com as minhas pobres orações; e continuamente procurava estimular as Irmãs para que fizessem o mesmo e se afeiçoassem a rogar pelo bem das almas e aumento da Igreja. Ninguém tratava com elas sem ficar edificado; e assim ia eu mitigando um pouco as minhas grandes ânsias.

Quatro anos, e talvez um pouco mais, se tinham passado, quando permitiu o Senhor que me viesse visitar um Padre Franciscano, chamado Frei Alonso Maldonado, grande servo de Deus. Tinha ele os mesmos desejos do bem das almas que me animavam; mas os podia executar com obras, o que me causou grande inveja. Voltara havia pouco das índias.[5] Pôs-se a falar-me dos muitos milhões de almas que ali se perdiam por falta de quem as doutrinassem; fez-nos um sermão, convidando-nos e animando-nos à penitência, e retirou-se finalmente. Fiquei tão traspassada de dor com a perda de tantas almas, que não cabia em mim. Refugiei-me numa ermida, derramando copioso pranto, e pus-me a clamar a Nosso Senhor, suplicando-lhe que me desse qualquer meio de ganhar alguma alma para seu serviço, já que tantas eram arrebatadas pelo demônio; e, ao mesmo tempo, infundisse eficácia à minha oração, pois eu não servia para coisas maiores. Tinha grande inveja dos que, por amor do Senhor, se podem empregar na salvação do próximo, mesmo que lhes seja preciso afrontar mil mortes. Com efeito, quando nas Vidas dos Santos acontece-me ler que converteram almas, isto me causa muito mais devoção, ternura e inveja, do que todos os tormentos

por que passaram. É esta a inclinação que me deu Nosso Senhor. Parece-me que mais preza Ele uma alma que por nossas indústrias e orações lhe ganhamos mediante a sua misericórdia, do que todos os serviços que lhe podemos fazer.

Andando eu com esta tão grande mágoa, uma noite, durante a oração, apareceu-me Nosso Senhor, do modo costumado, e, mostrando-me muito amor, como quem me queria consolar, disse-me: "*Espera um pouco, filha, e verás grandes coisas*". Ficaram tão impressas em meu coração estas palavras, que não as conseguia afastar de mim. Por mais que pensasse, era-me impossível atinar com o que queriam dizer, nem mesmo via meio de o imaginar: contudo fiquei muito consolada e com plena certeza de que eram verdadeiras. Quanto ao modo pelo qual se realizariam, eis o que nunca me veio à imaginação. Assim se passou, ao que me recordo, outro meio ano, findo o qual sucedeu o que direi agora.

CAPÍTULO II

Como veio a Ávila Nosso Padre Geral, e o que sucedeu em consequência da sua vinda.

Sempre residiram em Roma os nossos Gerais, e nunca tinha vindo algum deles à Espanha, de modo que parecia isto coisa impossível. Como, porém, não há impossibilidade para o que Nosso Senhor quer, ordenou Sua Majestade que acontecesse o que jamais se tinha visto. Eu, quando o soube, senti algum pesar, ao que me parece. Pelo motivo que expliquei ao narrar a fundação do mosteiro de São José, não estava aquela casa sujeita aos Religiosos, de modo que temi duas coisas. A primeira, que Nosso Padre Geral ficasse contra mim, e com razão, pois não sabia como se tinham passado os factos. A segunda, que me mandasse voltar para o mosteiro da Encarnação, no qual se observa a Regra Mitigada. Isto me deixaria bem desconsolada, por várias causas que não vale a pena referir. Basta dizer uma: ver-me-ia impedida de aí guardar o rigor da Regra Primitiva. Além disso, eleva-se a cento e cinquenta o número das Religiosas, e onde há poucas reina mais conformidade e quietação. Melhor dispôs Nosso Senhor as coisas, do que eu pensava. É nosso Geral tão servo de Deus, tão discreto e letrado, que reconheceu ser boa a obra, e nenhum desagrado me mostrou

pelo que se havia feito. Chama-se Frei João Batista Rubeo de Ravena[6], pessoa sumamente considerada na Ordem, e com muita razão.

Tendo ele chegado a Ávila, procurei que fosse a São José; e o Bispo houve por bem que se lhe fizesse o acolhimento devido à sua própria pessoa. Dei-lhe conta de tudo, com a maior verdade e franqueza, porque costume tratar assim, aconteça o que acontecer, com os Prelados e também com os Confessores, considerando que estão em lugar de Deus. Não julgaria em segurança a minha alma se procedesse de outro modo. Dei-lhe, pois, conta de meu espírito e de quase toda a minha vida, embora tão má. Ele me consolou muito, assegurando que não me mandaria sair dali.

Alegrou-se de ver o nosso modo de vida, que lhe pareceu um retrato, embora imperfeito, dos princípios de nossa Ordem; porque guardamos em todo o seu rigor a Regra Primitiva, enquanto no restante da Religião em todos os mosteiros se observava a Mitigada. Desejoso de que fosse muito adiante este princípio de reforma, deu-me amplos poderes para fundar mais mosteiros, e patentes munidas de censuras a fim de que nenhum Provincial me pudesse ir à mão. Não lhe tinha pedido tais patentes; mas ele, pelo meu modo de proceder na oração, entendera quão grandes eram os meus desejos de contribuir para aproximar de Deus as almas.

Não era eu que procurava estes meios, antes me parecia tudo desatino. Bem entendia que uma mulherzinha tão sem autoridade como eu, de nada era capaz; mas quando a alma chega a ter tais ânsias, não está mais em suas mãos resistir. A fé e o desejo amoroso de contentar a Deus tornam possível o que, segundo a razão natural, não o é. Assim me aconteceu. Vendo a grande vontade de Nosso Reverendíssimo Geral de que se fizessem mais mosteiros, pareceu-me já os ver feitos. Recordava-me das palavras de Nosso Senhor, e via já algum princípio do que antes não podia entender.

Senti muitíssimo quando o Nosso Padre Geral retomou o caminho de Roma, pois lhe tinha cobrado grande amor. Parecia-me ficar em sumo desamparo. Ele, de seu lado, testemunhava-me extrema afeição e paternal benevolência; sempre que se podia desocupar, ia discorrer connosco de coisas espirituais; e tínhamos muito gosto em ouvi-lo, porque era alma a quem o Senhor devia fazer subidas mercês. Antes da partida, empenhou-se com ele o nosso Bispo Dom Alvaro de Mendoza, muito amigo de favorecer

os que pretendem servir a Deus com maior perfeição, para que deixasse licença de se fundarem em sua Diocese alguns mosteiros de Religiosos Descalços da Regra Primitiva. O mesmo lhe pediram outras pessoas. Bem o quisera ele fazer, mas, achando contradição na Ordem, para não alterar a Província deixou a decisão para mais tarde.

Passados alguns dias, pus-me a considerar que, se fundássemos mosteiros de monjas, seria muito necessário haver frades da mesma Regra, tanto mais que os desta Província eram em tão pequeno número, que pareciam a ponto de acabar. Encomendei muito o caso a Nosso Senhor e, do melhor modo que soube, escrevi uma carta a Nosso Padre Geral que o houvesse por bem, e dando-lhe várias razões em prova de que seria grande serviço de Deus. Representei-lhe que os inconvenientes não eram bastantes para se deixar tão boa obra e fiz-lhe ver o serviço que prestaria a Nossa Senhora, de quem era muito devoto. Foi Ela certamente que tudo conseguiu, porque, estando ele em Valença, mal lhe chegou minha carta às mãos, daí mesmo me enviou licença para a fundação de dois mosteiros, provando bem como desejava a maior religião da Ordem. Para evitar contradições, tornou obrigatórios o consentimento do Provincial em exercício e o do seu predecessor. Era coisa bem difícil de alcançar, mas, como me vi de posse do principal, tive esperança de que o Senhor faria o restante. Assim sucedeu, porque, graças à intervenção do Bispo, que tomara muito a peito o negócio, vieram ambos a dar o consentimento.

Fiquei extremamente consolada com as licenças, mas ao mesmo tempo cresceram meus cuidados por não ver, na Província, Religioso que me parecesse capaz de realizar tão grande obra, nem conhecer secular disposto a lhe dar começo. Não fazia senão suplicar a Nosso Senhor que suscitasse ao menos uma pessoa. Por outro lado via-me sem casa nem meios para a adquirir. Eis-me, pobre monja descalça, sem ajuda alguma, a não ser do Senhor, carregada de patentes e de bons desejos, mas sem a mínima possibilidade de os realizar. Não me desfalecia o ânimo, porém, nem a esperança, e tinha a certeza de que o Senhor, assim como me tinha dado o princípio, me daria o resto. Já tudo se me afigurava muito possível, de modo que resolvi dar começo à obra.

Ó grandeza de Deus! Como ostentais vosso poder em dar ousadia a uma formiga! E como, Senhor meu, não é por faltardes Vós que não realizam grandes feitos os que vos amam, senão por mera covardia e pusilanimidade! Somos cheios de mil temores e prudências humanas e nunca nos determinamos, por isso não obrais vossas maravilhas e grandezas. Quão amigo sois de dar, em achando quem. aceite os vossos dons! E quanto gostais de receber os serviços que vos fazemos à vossa própria custa! Praza a Vossa Majestade tenha eu feito por Vós alguma coisa e não fique ainda mais devedora pelo muito que tenho recebido. Amém.

CAPÍTULO III

Por que meios se começou a tratar da fundação do mosteiro de São José de Medina dei Campo.

Andando eu com todos esses cuidados, lembrei-me de recorrer aos Padres da Companhia estabelecidos em Medina, por serem aí muito estimados. Vários anos com eles tratei das necessidades da minha alma, e, pelo grande bem que me fizeram, sempre lhes conservei particular devoção. Escrevi, dando parte da incumbência que do Nosso Padre Geral tinha recebido, ao Reitor de Medina, que era providencialmente o mesmo que me tinha dirigido muitos anos, como deixei dito, embora sem lhe referir o nome. Chama-se Baltasar Alvarez e é actualmente Provincial. Respondeu-me que ele e seus Religiosos fariam tudo o que pudessem em meu favor; e de facto trabalharam bastante para alcançar a licença da cidade e do Prelado. Isto, em toda a parte, é difícil, por se tratar de mosteiro sem rendas, e, assim, em negociações decorreu algum tempo.

Para isto, enviei um clérigo a Medina, grande servo de Deus, bem desprendido de todas as coisas do mundo e muito dado à oração. Era Capelão do mosteiro onde eu estava, e recebera do Senhor os mesmos desejos que eu, como se verá adiante. Chama-se Julião de Ávila. Tínhamos já a licença, porém não havia casa, nem, por assim dizer, uma *blanca* [7] para a comprar. Crédito para contrair o mínimo empréstimo, onde o havia de achar uma forasteira como eu, a não ser que o Senhor mo desse? Pela Providência Divina, sabendo que se tratava de fundar outra casa, uma donzela muito virtuosa, que não tinha podido entrar em São José por falta de lugar, veio ter comigo e pediu-me que a recebesse no novo mosteiro.

Tinha uns dinheirinhos, bem poucos, que não chegavam para comprar casa, mas bastavam para alugar uma provisória e custear as despesas do caminho. Procurámos uma casa de aluguer e, sem mais recursos que os sobreditos, partimos de Ávila. Iam comigo duas monjas de São José, quatro da Encarnação, que é o mosteiro da Regra Mitigada onde vivi antes que se fundasse o primeiro das Descalças, e o nosso Capelão o Padre Julião de Ávila.

Quando na cidade se soube do facto, houve muita murmuração: uns diziam que eu estava louca; outros, que só queriam ver em que dava aquele desatino. O próprio Bispo o tinha por grande disparate, segundo me confessou mais tarde; contudo não mo deu a entender nem o quis estorvar porque me dedicava muito amor e receava afligir-me. Meus amigos procuravam bastante dissuadir-me, mas não lhes dei ouvidos, porque considerava tão fácil o que eles tinham por duvidoso, que não me podia convencer de que o resultado não fosse bom. Antes de sairmos de Ávila, escrevi a um Padre de nossa Ordem chamado Frei António de Herédia, que era então Prior do mosteiro que os nossos Religiosos têm em Medina dei Campo, sob a invocação de Sant'Ana, pedindo-lhe que nos comprasse uma casa. Ele tratou da compra com uma senhora sua devota, proprietária de um prédio que havia desabado todo, mas conservava ainda um quarto e estava muito bem situado. Foi tão bondosa que prometeu vender-lho, e fez o contrato, contentando-se com a palavra do Padre, sem exigir fiança. Se a tivesse exigido não a poderíamos fornecer, mas o Senhor ia provendo a tudo. Estava a casa com as paredes tão derribadas, que foi preciso alugar outra enquanto a consertavam, pois havia muito que fazer.

Ao cabo da primeira jornada chegamos à noite, cansadas pelas incomodidades do caminho, e íamos entrar em Arévalo, quando saiu ao nosso encontro um clérigo nosso amigo que tinha alcançado de umas devotas mulheres que nos dessem pousada. Disse-me secretamente que estávamos sem abrigo, pois a casa que pretendíamos alugar era vizinha de um mosteiro de Agostinianos e estes se opunham ao nosso estabelecimento. Seria inevitável um pleito. Oh! valha-me Deus! Quando Vós, Senhor, quereis dar ânimo, que pouca impressão fazem todas as contradições! A notícia só fez animar-me. Pensei comigo que, se o demónio já se começava a alvoroçar, era indício de que o Senhor seria bem servido naquele mosteiro.

Contudo pedi segredo ao clérigo a fim de não inquietar as duas monjas da Encarnação; quanto às outras, afrontariam qualquer trabalho por amor de mim. Uma das duas era Sub-piora daquele convento, e nele se tinham oposto muito à sua vinda. Eram ambas de boas famílias e vinham contra a vontade dos seus parentes, porque a todos parecia disparate a nossa empresa, e depois vi que tinham sobrados motivos. Quando, porém, o Senhor é servido de que eu funde uma destas casas, parece que meu pensamento não admite razão que seja suficiente para me fazer desistir da obra até que esta se realize. Logo depois se apresentam juntas ao meu espírito todas as dificuldades, como adiante se verá.

Chegando à pousada, soube que estava no lugar um Padre Dominicano, grandíssimo servo de Deus, com quem me tinha confessado no tempo que passei em São José. Tratei longamente da sua virtude, ao contar a primeira fundação; limito-me, pois, a citar aqui o seu nome. É o Mestre Frei Domingos Báñez, varão de muita ciência e sensatez, por cujo conselho eu me guiava. A seus olhos não era o nosso empreendimento tão difícil como parecia aos demais, porquanto quem mais conhece a Deus, mais facilidade acha em suas obras. Sabendo algumas mercês que Sua Majestade me fazia e tendo visto o que sucedera na fundação de São José, tudo se lhe afigurava muito possível. Grande foi a minha consolação quando o vi, pela certeza de que graças aos seus conselhos tudo se faria com acerto. Veio visitar-me, e confiei-lhe muito secretamente o que se passava. Foi de parecer que em pouco tempo poderíamos chegar a um acordo com os Agostinianos; mas qualquer demora era demasiada para mim, porque não sabia o que fazer de tantas monjas. Passámos bem preocupadas aquela noite, porque já a notícia se tinha divulgado por toda a casa.

Logo ao amanhecer, chegou o Padre da nossa Ordem Frei António e disse-me que a casa cuja compra havia contratado era suficiente para nós e tinha um portal que, armado com alguns panos e tapetes, podia ser transformado numa pequena capela. Aceitámos a sua proposta que, ao menos a mim, pareceu ótima. Escarmentada com a fundação primeira, via ser necessária a máxima brevidade, por estarmos fora dos nossos mosteiros e também por temer alguma oposição. Queria pois que, antes de se divulgar a notícia, estivesse já tomada a posse. O Padre Mestre Frei Domingos foi do meu parecer.

Chegámos a Medina dei Campo na vigília de Nossa Senhora de Agosto, à meia-noite. Apeámo-nos no mosteiro áe Sant'Ana, para evitar ruído, e fizemos a pé o trajecto até à casa. Aquela hora encerravam-se os touros destinados a correr no dia seguinte, e foi grande misericórdia do Senhor não termos encontrado algum. Íamos tão enlevadas, que não nos lembrávamos de coisa alguma, mas o Senhor, que vela sempre sobre os que o desejam servir, nos livrou do perigo; e certamente não buscávamos ali senão a sua glória.

Chegando à casa, entrámos num pátio. Pareceram-me bem desmoronadas as paredes, mas não tanto como verifiquei ao amanhecer. Para aquele bendito Padre não ter visto que não convinha pôr ali o Santíssimo Sacramento, era preciso que o Senhor o tivesse cegado, por assim dizer. Examinando o portal, havia muito entulho a remover. Era de telha-vã; as paredes por rebocar; a noite curta. Trazíamos apenas uns reposteiros - creio que três, - o que para a extensão do portal, era quase nada.. Fiquei sem saber que deliberação tomar, vendo bem que não convinha colocar ali o Santíssimo Sacramento. O Senhor, porém, queria que se fizesse tudo sem detença, e permitiu que o mordomo daquela Senhora tivesse muitas tapeçarias e uma colcha de damasco azul pertencentes à sua ama. Esta, por sua muita bondade, lhe tinha dito que nos fornecesse o que precisássemos.

Quando vi tão belas coisas louvei ao Senhor, e penso que assim fizeram também as minhas companheiras; contudo não sabíamos como arranjar pregos, e não eram horas de os comprar. Começámos a buscá-los pelas paredes, e finalmente, à custa de trabalho, achámos a quantidade necessária. Os homens pregavam as tapeçarias; nós limpávamos o chão; e tanta pressa e diligência empregámos, que, ao romper do dia, estávamos com o altar armado e uma campainha suspensa num corredor. Imediatamente a Missa foi celebrada. Era o bastante para a tomada de posse; porém não o sabíamos, de modo que pusemos também o Santíssimo Sacramento. À Missa assistimos pelas frestas de uma porta fronteira ao altar, pois não havia outro lugar para nós.

Até aqui estava eu muito contente, porque é para mim grandíssima consolação ver mais uma igreja onde seja adorado o Santíssimo

Sacramento. Pouco durou, porém, a minha alegria. Terminada a Missa, cheguei-me cautelosamente a uma janela para examinar o pátio, e vi que todas as paredes tinham desabado em várias partes, e qualquer conserto exigiria muito tempo. Oh! valha-me Deus! Quando vi a Sua Majestade posto na rua, nesta época tão perigosa por causa dos luteranos, que angústia me dilacerou o coração!

Logo me lembrei de todas as dificuldades preditas pelos que mais haviam murmurado contra nós, e senti claramente que tinham razão. Parecia-me impossível levar adiante a empresa. Até então tudo se me afigurava fácil, pelo pensamento de trabalhar por Deus; agora, de tal modo a tentação limitava a meus olhos o poder divino, que, esquecendo todas as mercês recebidas, só via a minha baixeza e incapacidade. Como se podia esperar bom êxito de uma empresa confiada a criatura tão miserável? Se eu estivera só, não sofreria tanto, mas era demasiado duro para mim o pensamento de que as minhas companheiras seriam forçadas a voltar ao seu mosteiro, de onde tinham saído com tanta oposição. Vinha-me também ao espírito que, malgrado este princípio, não se realizariam mais as maravilhas que o Senhor havia de fazer no futuro, segundo eu tinha entendido. Logo me assaltava o temor de serem meras ilusões as graças recebidas na oração; e não era a menor pena, senão a maior, porque temia grandemente ser enganada pelo demónio. Ó Deus meu, que coisa é ver uma alma quando vos apraz deixá-la entregue a seu penar! Realmente, quando penso nesta angústia e em várias outras que tenho tido no curso destas fundações, parecem-me, em comparação, sem importância os trabalhos corporais, embora tenham sido tão consideráveis.

Apesar de ter o coração bem apertado com toda esta angústia, nada dei a entender às minhas companheiras, porque não as queria afligir mais do que já estavam. Fiquei nesta tribulação até que, à tarde, veio visitar-me, da parte do Reitor, um Padre da Companhia, que me deu muito ânimo e consolação. Não lhe disse todas as minhas penas: só lhe falei da aflição em que estava por nos ver na rua. Logo comecei, por meio de algumas pessoas, a procurar casa de aluguer, a fim de nos passarmos a ela enquanto se consertava a nossa. Ao menos já me ia consolando por ver muita gente que frequentava a nossa capela, e, pela misericórdia de Deus, ninguém reparou no nosso desatino. Bem acertado seria se nos tirassem o Santíssimo Sacramento;

quando agora considero o caso, admiro-me de como não se lembraram de consumir as sagradas Espécies. Se assim fizessem, eu, na minha ignorância, julgaria desfeita a fundação.

Por mais que se procurasse, não se achou casa de aluguer em toda a cidade. Passei noites e dias bem penosos. Embora deixasse sempre homens velando o Santíssimo Sacramento, temia que adormecessem, e levantava-me fora de horas a olhá-los por uma janela de onde podia ver bem, porque o luar era muito claro. Diariamente acudia muito povo à nossa capela, e ninguém reprovava o que estava feito; pelo contrário, sentiam devoção ao ver Nosso Senhor posto num portal semelhante ao de Belém; e Sua Majestade, como quem nunca se cansa de se humilhar por nós, parecia não querer sair dali.

No fim de oito dias, vendo a nossa necessidade, ofereceu-nos um mercador o andar de cima de um prédio muito bom em que morava, dizendo-nos que fôssemos para lá e estivéssemos como em nossa própria casa. Deu-nos, para servir de capela, uma sala grande e dourada. Ao mesmo tempo uma senhora que residia perto da casa que tínhamos comprado, chamada Dona Helena de Quiroga, grande serva de Deus, prometeu-me o seu concurso para a construção imediata de uma capela onde estivesse o Santíssimo Sacramento, e ta mbém para nosso alojamento e clausura. Outras pessoas nos davam bastantes esmolas para a nossa subsistência, mas ninguém nos socorreu tanto como esta senhora.

Com a mudança, já comecei a ter sossego, porque, nos aposentos para onde fomos, estávamos com inteira clausura, e pudemos iniciar a reza das Horas Canónicas. Entretanto o bom Prior[8], à custa de muito trabalho, fazia consertar a nossa casa a toda pressa.

Apesar das suas diligências, duraram as obras cerca de dois meses, mas ficou tudo em tão bom estado, que pudemos habitar ali razoavelmente instaladas, durante alguns anos. Depois Nosso Senhor o tem melhorado aos poucos.

Em todo esse tempo não me esquecia dos mosteiros de Religiosos; mas, como não tinha Padre que desse começo à fundação, não sabia o que fazer. Resolvi tratar o caso muito em segredo com o Prior de Medina, para ver o

que me aconselhava; e assim fiz. Alegrou-se muito quando o soube e prometeu-me que seria o primeiro. Julguei que estivesse gracejando, e disse-lho francamente; porque, embora bom Religioso, recolhido, muito estudioso, amigo da cela e letrado, não me parecia ter bastante espírito e força para levar adiante o rigor necessário, por ser delicado de saúde e pouco afeito às austeridades. Procurou muito tranquilizar-me, afirmando que havia muito tempo se sentia chamado pelo Senhor a vida mais estreita, tanto assim que determinara entrar na Ordem dos Cartuxos, e estes lhe haviam prometido recebê-lo. Alegrei-me com estas palavras; contudo não fiquei inteiramente satisfeita, e roguei-lhe que esperássemos algum tempo durante o qual ele se iria exercitando no género de vida que pretendia professar. Passámos assim um ano, durante o qual lhe sobrevieram numerosos trabalhos, perseguições e falsos testemunhos. O Senhor parecia querer prová-lo, e ele sofria tudo tão bem e fazia tais progressos que eu louvava a Nosso Senhor, convencendo-me de que Sua Majestade o preparava para aquela obra.

Pouco depois, veio providencialmente a Medina um Padre muito novo que fazia os seus estudos em Salamanca, chamado Frei João da Cruz.[9] Servia de companheiro a outro Padre que me contou grandes coisas da sua vida. Louvei a Nosso Senhor e, tendo-lhe falado, fiquei plenamente satisfeita, e soube dele como também tencionava passar à Cartuxa. Confiei-lhe então nosso projecto e roguei-lhe muito que esperasse até Nosso Senhor nos dar mosteiro, ponderando-lhe que, se queria abraçar vida mais perfeita, seria grande bem e maior serviço do Senhor fazê-lo em sua própria Ordem. Ele empenhou a sua palavra prometendo que assim faria, mas com a condição de não haver muita demora. Quando me vi com dois Padres para começar, tive por feito o negócio; todavia esperei algum tempo, porque não estava ainda inteiramente satisfeita com o Prior, nem tinha onde principiar.

Entretanto iam as monjas ganhando crédito com o povo. Tornaram-se alvo da devoção geral, não sem motivo, a meu parecer, porque não cuidavam senão em servir, cada uma com maior perfeição, a Nosso Senhor. Em tudo seguiam o modo de proceder estabelecido em São José de Ávila, observando a mesma Regra e as mesmas Constituições. Começou o Senhor a chamar algumas donzelas, que receberam o nosso hábito, e fazia-lhes tantas mercês, que eu mesma ficava espantada. Seja Ele bendito para

sempre! Amém! Bem se pode dizer d'Ele que para amar, só espera ser amado.

CAPÍTULO IV

Em que trata de algumas mercês que faz o Senhor às monjas destes mosteiros. Avisos às Preladas sobre o modo de proceder àcerca das graças sobrenaturais.

Não sabendo por quanto tempo o Senhor me dará vida e oportunidade, e dispondo agora de alguma folga, julguei conveniente, antes de passar adiante, dar alguns avisos para que as Prioras sejam esclarecidas e dirijam as súbditas tendo em vista antes o progresso das almas do que os gostos pessoais. Convém advertir que até ao dia de hoje, em que mandaram escrever estas fundações, sem falar na de São José de Ávila, que foi logo escrita, estão fundados, com a graça do Senhor, outros sete mosteiros, dos quais o último é o de Alba de Tormes. Outros mais estariam feitos se os Prelados não me tivessem atado a outra incumbência, como se verá adiante.

Considerando eu, pois, o que tem sucedido nestas casas, durante estes anos, acerca das coisas espirituais, vi a necessidade do que tenciono dizer. Praza a Nosso Senhor fazer-me acertar, conforme vejo que é preciso. Não se trata de enganos; portanto convém não ficarem amedrontados os espíritos, pois - como já disse em outro lugar[10], em certos pontinhos que escrevi para as Irmãs, - jamais concede o Senhor ao demónio poder para enganar uma alma que vive com limpeza de consciência e sujeição, a ponto de lhe causar prejuízo. Pelo contrário, é ele que vem a ficar enganado; e, como já o sabe, creio nos faz menos mal que a nossa imaginação e os nossos maus humores, especialmente se há melancolia. É que o natural das mulheres é fraco; e o amor próprio que em nós reina, muito subtil. Não poucas pessoas têm vindo tratar comigo, tanto homens como mulheres, sem falar nas monjas destas casas; e tenho conhecido com evidência que muitas vezes se enganam a si mesmas, embora involuntariamente. O demónio, penso, deve intrometer-se aqui, para zombar de nós. Posso entretanto assegurar que tenho visto muitíssimos casos, e nunca, pela bondade do Senhor, achei alma deixada das mãos de Deus. É Ele mesmo porventura quem as quer exercitar nesses erros, para que saiam experimentadas.

Estão, por nossos pecados, em tanta decadência, no mundo, as coisas de oração e perfeição, que julguei necessárias estas explicações. Com efeito, se ainda sem perigo temem este caminho, que seria se disséssemos que não deixa de haver algum? A falar verdade, perigo há por toda a parte, e, enquanto estamos nesta vida, devemos andar sempre com temor, pedindo a Deus que nos ensine e não nos desampare. Contudo, como penso já ter dito uma vez, se em alguma coisa pode haver muito menos perigo é no estado dos que mais se chegam a pensar em Deus e procuram aperfeiçoar a sua vida.

Se vemos, Senhor meu, que muitas vezes, ainda quando agimos contra Vós, nos livrais dos passos perigosos em que nos metemos, como é crível que não nos livreis quando pretendemos unicamente contentar-vos e regalar-nos convosco? Jamais poderei crer tal coisa. Em seus secretos juízos, pode Deus permitir certos acontecimentos que de todo modo haviam de suceder; mas é certo que o bem nunca foi causa do mal. Por conseguinte, sirva-nos isto de motivo para procurarmos caminhar melhor por este caminho, a fim de dar maior contentamento a nosso Esposo e achá-lo mais depressa, e não para deixar de andar. Para animar-nos a trilhar com fortaleza senda tão áspera e acidentada como é a desta vida; e não para nos fazer covardes e tolher-nos os passos; pois, no fim de tudo, mediante a misericórdia de Deus, chegaremos, andando com humildade, àquela cidade da Jerusalém celeste onde tudo quanto tivermos padecido nos parecerá pouco, ou talvez nada, em comparação do que lá se goza.

À medida que se foram povoando estes pombaizinhos da Virgem Nossa Senhora, começou a Divina Majestade a mostrar as suas grandezas nestas pobres mulherzinhas fracas por natureza, mas fortes nos desejos e no desapego de todas as coisas criadas. Este desapego deve ser o que mais une a alma ao seu Criador quando é acompanhado de pureza de consciência. Nem era mister assinalar esta última condição, porque sem o verdadeiro desapego, julgo impossível não ofender o Senhor. Como estas almas só sabem falar e tratar de Deus, assim parece Sua Majestade não querer sair de junto delas. Isto é o que vejo actualmente, e com verdade o posso afirmar. Temam as que vierem depois de nós e lerem estas linhas; e se não virem nos seus mosteiros o que se observa agora, não atribuam à diferença de época, pois todo tempo é bom para fazer Deus grandes mercês a quem deveras o

serve; antes procurem examinar se há alguma falha neste ponto e emendá-la.

Ouço algumas vezes dizer que nos princípios das Ordens religiosas fazia o Senhor maiores graças àqueles Santos nossos antepassados porque eram as pedras fundamentais. Realmente assim é; mas sempre deveríamos considerar que, por nossa vez, somos alicerces das que estão por vir. Se nós, que agora vivemos, não tivéssemos decaído da perfeição dos nossos antepassados e se os que viessem depois fizessem outro tanto, sempre o edifício estaria firme. Que me aproveita, a mim, que os Santos antigos tenham sido tais, se, mais tarde, sou tão ruim que com maus costumes deixo estragado o edifício? Claro está: os Religiosos que vão chegando não se lembram tanto dos que morreram há muitos anos, como dos que estão vendo actualmente. É engraçado! Lanço a culpa ao facto de não ter sido eu das primeiras, e não considero quão diferente na vida e nas virtudes sou daqueles Santos a quem Deus fazia tão grandes mercês!

Oh! valha-me Deus! Que desculpas tão torcidas e que enganos tão manifestos! Não me refiro aos fundadores das Religiões: pois a estes, como escolhidos para maior ofício, deu o Senhor mais graça. Pesa-me, Deus meu, de ser tão ruim e incapaz em vosso serviço; mas bem sei que se não me fazeis tantas mercês como aos Santos que me precederam, é minha a culpa. Olhando para a minha vida e cotejando-a com a deles, sofro, Senhor, e não posso conter as lágrimas. Vejo que desbaratei o fruto dos seus trabalhos, e absolutamente não me posso queixar de Vós. Nem há Religiosa que se possa queixar com justiça; antes, se alguma vir que no mínimo ponto vai decaindo a Ordem, procure ser pedra tal, que por seu meio se torne a levantar o edifício; e o Senhor a ajudará para isto.

Torno ao que ia dizendo, pois fiz muitas digressões. São tantas as mercês que o Senhor derrama sobre as Religiosas destas casas, que em cada mosteiro haverá agora apenas uma ou duas levadas por caminho de meditação; todas as demais são elevadas por Deus a contemplação perfeita, e algumas sobem tão alto que chegam a arroubamentos. A outras favorece o Senhor de outra sorte, dando-lhes, além disto, revelações e visões que manifestam claramente a sua origem divina. Não temos presentemente casa em que não haja uma, duas ou três Religiosas desta categoria. Bem entendo:

não consiste em semelhantes favores a santidade, nem é meu fim somente o engrandecê-las; conto-o para que se entenda como não são fora de propósito os avisos que vou dar.

CAPÍTULO V

Alguns avisos sobre a oração e as revelações, muito proveitosos para os que andam envolvidos em obras exteriores.

Não tenho a pretensão, nem mesmo o pensamento de dar avisos tão acertados, que possam servir de regra infalível. Seria desatino, em matéria tão dificultosa. Como, porém, são muitos os caminhos na vida espiritual, poderá ser que acerte a dizer sobre um deles alguma coisa. Se alguém não me entender, será que vai por outro caminho; e se a ninguém servir o que digo, aceitará o Senhor a minha boa vontade. Bem sabe Ele que se não tenho experimentado em mim tudo o que vou dizer, em outras almas o tenho visto.

Quero explicar primeiro, na medida de meu pobre entendimento, em que consiste a substância da perfeita oração. Tenho encontrado certas almas convencidas de que nesta matéria tudo depende do pensamento. Se o podem fixar muito em Deus, embora à custa de grande violência, logo se julgam espirituais, e se, contra a sua vontade, se distraem, mesmo em consequência de ocupações boas, ficam imediatamente desoladas e consideram-se perdidas. Nestes erros e ignorâncias não cairão por certo os letrados, conquanto tenha eu visto a alguns no mesmo engano; mas nós mulheres temos necessidade de ser advertidas para não cair neles. Não digo que não seja mercê do Senhor o poder estar sempre meditando sobre as suas obras, e é bom procurá-lo; contudo convém entender que nem todas as imaginações são, de sua natureza, próprias para isto, mas todas as almas o são para amar. Já de outra vez, ao que me parece, assinalei as causas desse desvario da nossa imaginação, isto é, algumas delas, pois todas seria impossível; e assim não trato agora disso. Só quisera dar a entender que a alma não é o pensamento, nem a vontade é governada por ele. Que desgraça se assim fosse! O aproveitamento da alma, por conseguinte, não consiste em pensar muito, e sim em amar muito.

Como havemos de adquirir este amor? Determinando-nos a trabalhar por Deus e a padecer; e assim fazendo efectivamente quando se oferece ocasião. É bem verdade: meditando sobre os benefícios do Senhor e sobre quem Ele é e o que nós somos, a nossa alma se torna generosa, e este exercício é de grande merecimento e muito proveitoso para os principiantes; mas, já se entende, quando não impede outras ocupações impostas pela obediência ou requeridas pelo aproveitamento dos próximos. Se alguma destas se apresenta, exigindo o tempo que tanto desejávamos dar a Deus, - que, a nosso modo de ver, é estar a sós pensando nele e regalando-nos com as delícias que nos dá, - estejamos certas de que deixar a oração por qualquer destas duas coisas é dar-lhe gosto e fazer por seu amor o que Ele mesmo disse por sua boca: "*O que fizestes por um destes pequeninos, a mim o fizestes*". [11] E no tocante à obediência, certamente não há de querer que a alma sua amante vá por caminho diverso do que trilhou Aquele que se fez *obediens usque ad mortem*. [12]

Pois se isto é verdade, de onde procede o desgosto que geralmente sentimos quando não podemos passar grande parte do dia muito apartados e embebidos em Deus, em razão de obras de caridade ou de obediência? A meu parecer, são duas as causas. A primeira e principal é um amor próprio sorrrateiro, muito subtil, que não nos deixa entender que queremos antes o nosso contentamento que o de Deus. Sim, está claro, pois quem começa a saborear quão suave é o Senhor, acha mais gosto em estar com o corpo em repouso e a alma em regalos, do que em trabalhar.

Ó caridade dos que verdadeiramente amam a este Senhor e conhecem o seu espírito! Bem pouco descanso poderão ter, quando se trata de contribuir na mínima parte para que uma só alma progrida e ame mais a Deus, ou receba algum consolo, ou seja livre de algum perigo! Como lhes pesaria seu descanso particular! Se lhes são vedadas as obras, recorrem à oração e importunam o Senhor, afligindo-se pela perda de tantas almas. De boa vontade se privam dos regalos divinos e têm por bem empregado o sacrifício, porque se esquecem do próprio contentamento e só buscam o modo de melhor cumprir a vontade do Senhor. O mesmo fazem no tocante à obediência. Seria estranho que, mandando-nos Deus claramente fazer alguma coisa do seu serviço, recusássemos obedecer para o ficar contemplando porque nisto achamos maior satisfação! Que engraçada

maneira de progredir no amor de Deus! Seria atar-lhe as mãos, imaginando que não nos pode fazer bem senão por um caminho!

Sem falar, como disse, na minha experiência, tenho conhecido e visto algumas pessoas que me têm feito entender esta verdade. Estando eu com grande pesar por me ver com pouco tempo, compadecia-me delas por estarem sempre sobrecarregadas de negócios e de várias ocupações impostas pela obediência. Pensava comigo, e chegava a dizer-lhes que, entre tanta barafunda, não era possível progredir espiritualmente; e de facto, não eram então muito espirituais. Ó Senhor! mas como são diferentes os vossos caminhos do nosso grosseiro modo de ver! E como, de uma almajá resolvida a amar-vos e abandonada em vossas mãos, não quereis outra coisa senão que obedeça e se informe bem do que é maior serviço vosso, e só nisto empregue os seus desejos! Não tem ela necessidade de buscar nem de escolher caminhos, pois já a sua vontade é vossa. Vós, Senhor meu, tendes cuidado de a guiar por onde lhe é mais proveitoso. E ainda o Prelado, no que manda, só tenha em vista os negócios e interesses da comunidade e não ande com esse cuidado do bem espiritual dos súbditos, Vós, Deus meu, nos tomais à vossa conta, e ides dispendo tanto as almas como as ocupações, de maneira que ficamos espantados quando nos achamos, sem entender como, cheios de vosso espírito e com grande aproveitamento.

Assim estava uma pessoa com quem falei recentemente. Tinha sido ocupada pela obediência em tantos ofícios e cargos durante cerca de quinze anos, que em todos estes não se recordava de ter tido um dia para si. Apenas procurava, o melhor que lhe era possível, consagrar diariamente alguns instantes à oração e trazer limpa a consciência. É uma alma das mais afeiçoadas a obedecer que tenho visto, e leva a fazer o mesmo a todos com quem trata. Boa paga recebeu do Senhor, pois, sem saber corno, se achou com aquela liberdade de espírito, tão preciosa e desejada, que têm os perfeitos, na qual encontram toda a felicidade que nesta vida podem desejar, porquanto nada querendo, tudo possuem. Quem dela goza, não teme, nem cobiça coisa alguma da terra. Não o perturbam os trabalhos; não o seduzem os contentamentos; em suma, ninguém lhe pode tirar a paz, porque esta depende só de Deus. E, como Este ninguém lhe pode arrancar, só o temor de o perder é capaz de dar pena; todas as demais coisas deste mundo, em sua opinião, são como se não fossem, porque nem podem aumentar, nem

diminuir o seu contentamento. Ó ditosa obediência, e ditosas distrações impostas por ela, pois tanto alcançam de Deus!

Não foi só essa pessoa; a outras conheci no mesmo caso. Encontrando-as, depois de uma separação de alguns e até de muitos anos, perguntava-lhes como tinham empregado esse tempo, e vinha a saber que fora absorvido por ocupações impostas pela obediência ou pela caridade. Por outro lado, via-os tão medrados no caminho espiritual, que ficava atónita. Eia, pois, filhas minhas, nada de tristeza! Quando a obediência vos trouxer empregadas em coisas exteriores, compreendei que, se for na cozinha, entre os púcaros anda o Senhor, ajudando-vos interior e exteriormente.

Vem-me à lembrança o que me contou certo Religioso. Determinara ele e tomara muito a peito nunca replicar a uma ordem do Prelado, por mais penosa que fosse, e, tendo um dia trabalhado muito, e sentindo-se despedaçado a ponto de não se poder ter em pé, ia, ao cair da tarde, sentar-se um pouco para descansar. Encontrou-o o Prelado e mandou-lhe que tomasse a enxada e fosse cavar na horta. Ele não replicou, embora fosse bastante a aflição da natureza, porque estava exausto. Pegou na enxada, e, ao entrar num corredor que dava para a horta, viu a Nosso Senhor, que lhe apareceu com a Cruz às costas, tão cansado e aflito que lhe deu bem a entender como em comparação aos seus, nada eram aqueles sofrimentos. Muitos anos depois de ter ouvido isto, aconteceu que fui fundar um mosteiro naquela cidade e tive ocasião de ver o lugar onde se passou o facto.

É o demónio, creio eu, quem inventa tantos desgostos e dificuldades, sob bons pretextos, porque conhece não haver caminho mais breve para atingir o cume da perfeição que o da obediência. Quem reparar bem, verá claramente que digo a verdade. É evidente que a suma perfeição não consiste em regalos interiores, nem em grandes arroubamentos, nem em visões, nem em espírito de profecia; mas sim em estar a nossa vontade tão conforme com a de Deus, que em entendendo que Ele quer uma coisa, logo a queiramos com toda a nossa energia, e tão alegremente tomemos o saboroso como o amargo, na certeza de que assim o quer Sua Majestade. Parece difficílimo, não tanto o fazer, mas o achar alegria naquilo que, segundo a nossa natureza, absolutamente contradiz a nossa vontade; e

realmente assim é. Contudo tem tanta força o amor, quando é perfeito, que nos faz olvidar o nosso próprio contentamento para contentar Aquele a quem amamos. E verdadeiramente é assim: ainda que sejam grandíssimos os trabalhos, logo se nos afiguram doces quando visamos contentar a Deus. E desse modo os que chegam a este ponto amam os agravos, perseguições e desonras. É coisa tão certa, tão sabida e evidente, que não há necessidade de me deter nisto.

O que pretendo dar a entender é o motivo pelo qual me parece ser a obediência o caminho mais rápido, ou o maior meio para chegar a tão feliz estado. Não somos senhores da nossa vontade de modo a empregá-la de todo, pura e simplesmente em Deus, enquanto não a sujeitamos à razão; e a obediência é o verdadeiro caminho para a sujeitar. Não é à custa de bons argumentos que isto se alcança, pois a natureza e o amor próprio, de seu lado, acodem com tantos, que seria nada conseguir; e muitas vezes a coisa mais razoável a temos por disparate, só porque não sentimos vontade de a fazer e desejamos o contrário.

Não acabaríamos se houvéssemos de dizer os pormenores dessa batalha interior e os obstáculos suscitados pelo demónio, pelo mundo e pela nossa sensualidade para nos apartar da reta razão. Qual será o remédio? Fazer como se usa no mundo: quando um pleito é muito duvidoso, as partes, cansadas de litigar, o põem nas mãos de um árbitro. Faça o mesmo a alma, e tome por tal ao Prelado ou Confessor, bem determinada a cessar com toda a demanda, não pensando mais na sua causa e confiando nestas palavras do Senhor: *Quem vos ouve, a mim ouve.*[13] Feito isto, descuide-se da sua vontade. Aprecia muito o Senhor este rendimento, e com razão, porque é fazê-lo dono do livre alvedrio que Ele mesmo nos deu. Se nos exercitarmos neste ponto, umas vezes com extrema violência, de outras vezes com mil batalhas, tendo por desatino a sentença pronunciada em nossa causa, chegaremos a abraçar com conformidade o que nos mandam. É penoso exercício, mas enfim, com pena ou sem ela, obedecemos; e o Senhor ajuda tanto da sua parte que, precisamente porque sujeitamos por seu amor a vontade e a razão, Ele nos dá domínio sobre elas. Então, sendo senhores de nós mesmos, com perfeição nos poderemos empregar em Deus, oferecendo-lhe uma vontade pura, para que a junte com a Divina Vontade, e envie do Céu o fogo do seu amor que abraze o nosso sacrifício e consuma tudo o que

lhe pode desagradar; pois já fizemos o que estava em nossas mãos: embora à custa de bastantes trabalhos, pusemos a vítima sobre o altar, e, tanto quanto nos foi possível, não toca mais a terra.

Está claro que ninguém pode dar o que não possui se o não adquirir primeiro. Pois bem, creiam-me: para adquirir o tesouro de que falamos, não há melhor caminho do que cavar e trabalhar para o extrair desta mina da obediência. Quanto mais cavarmos, mais acharemos; isto é, quanto mais nos sujeitarmos, não tendo outro querer senão o dos nossos maiores, mais império iremos adquirindo sobre a nossa vontade, a fim de a conformarmos totalmente à de Deus. Vede, Irmãs, se ficará bem pago o sacrifício do que gozais na solidão. Asseguro-vos: por falta desta não vos deixareis de dispor de modo a alcançar a verdadeira união a que aludi, a qual consiste em tornar a nossa vontade uma com a de Deus. Esta é a união que desejo para mim, e quisera ver em todas; e não uns embevecimentos muito regalados, aos quais costumam chamar união, mas que só merecem este nome se vêm depois da que ficou dita. Se, porém, finda a suspensão, se acha a alma com pouca obediência e cheia de própria vontade, é que, a meu parecer, unida estará com o seu amor próprio, e não com a vontade de Deus. Praza a Sua Majestade dar-me graça para que eu pratique estas coisas tão bem como as entendo!

A segunda causa do dissabor de que falei é, penso eu, que a alma se mantém mais pura na solidão, porque aí encontra menos ocasiões de ofender o Senhor. Alguns perigos não poderão faltar, porque por toda a parte entra o demónio e também o nosso eu; contudo para uma consciência temerosa de ofender a Deus, é grande consolo não ter muito em que tropeçar. O certo é que julgo esta razão mais suficiente para desejar não ter comércio com as criaturas do que a primeira, de querer grandes regalos e gostos de Deus.

Aqui, filhas minhas, se há de provar o amor; no meio das ocasiões, e não pelos recantos da casa; e, crede-me que, embora haja mais imperfeições e até pequenas faltas, saímos com maior lucro, sem comparação. Notai que falo pressupondo sempre que andeis metidas nessas obras por obediência ou caridade; a não ser assim, tenho por melhor certamente a solidão. Mesmo nos casos sobreditos havemos de suspirar por ela, e de facto tal desejo é

muito contínuo nas almas que deveras amam a Deus. Há lucro nisto, como afirmei, porque é meio de entendermos quem somos nós e até onde chega a nossa virtude. Com efeito, uma pessoa sempre retirada, por santa que imagine ser, ignora se é paciente e humilde, nem tem meios de o verificar. Como é possível entender se um homem é muito valente quando nunca se viu no campo de batalha? Bem corajoso parecia São Pedro, e vede o que fez na ocasião; mas levantou-se da queda desenganado de si, pôs toda a sua confiança em Deus e finalmente sofreu o martírio que todos conhecemos.

Oh! valha-me Deus! se entendessemos quanta é a nossa miséria! Se a não compreendemos, em tudo há perigo, e é por esta causa - para vermos a nossa baixaza - que é grande bem nos ordenarem muitas coisas. Tenho por maior mercê do Senhor um dia de próprio e humilde conhecimento, mesmo comprado por numerosos trabalhos e aflições, do que muitos dias de oração; tanto mais que o verdadeiro amante ama em qualquer lugar e sempre se recorda do Amado! Triste coisa seria se a oração só se pudesse fazer pelos recantos! Bem vejo que não lhe posso consagrar muitas horas, mas, ó Senhor meu, que força tem sobre Vós um suspiro de dor saído do íntimo da nossa alma, quando vemos que não nos dão tempo para estar gozando de Vós na solidão, como se não bastasse estarmos neste desterro!

Aqui nos mostramos verdadeiros escravos do Senhor, voluntariamente vendidos por seu amor à obediência, pois, de algum modo, por esta virtude renunciámos a gozar do próprio Deus. E nada é isto, se considerarmos que Ele mesmo veio por obediência do seio do Pai para se fazer nosso escravo. Se assim é, com que serviços lhe poderemos pagar tal mercê? É mister, entretanto, que, mesmo nas obras de obediência e de caridade, andeis atentas e não vos descuideis de acudir muitas vezes a vosso Deus que está no íntimo de vós. E crede-me: não é o largo tempo o que faz progredir a alma na oração. Quando em parte o emprega em boas obras, encontra nestas grande auxílio, e melhor se dispõe para se abrasar em amor num espaço muito breve, do que em muitas horas de consideração. Tudo há de vir das mãos de Deus: seja Ele bendito para sempre.

CAPÍTULO VI

Prejuízos que poderão sobrevir às almas de oração por não saberem quando lhes convém resistir ao espírito. Desejos de comungar, e engano que neles pode haver. Avisos importantes para as que governam estas casas.

Tenho procurado com diligência entender de onde procede uma absorção profunda que tenho visto em algumas pessoas que recebem do Senhor muitos regalos na oração e, tanto quanto possível, se dispõem a receber tais mercês. Não trato agora dos casos em que Sua Majestade suspende e arrebatava a alma. Sobre estes já escrevi largamente em outra parte[14], e em coisa tão sublime nem se fala, pois, não há resistência possível, por mais que façamos, se é arroubamento verdadeiro. Convém notar, aliás, que neste é de breve duração a força impetuosa que nos arrebatava o domínio de nós mesmos. Acontece, porém, muitas vezes, que a alma, enquanto ora, entra numa quietação, a modo de sono espiritual, e fica tão embevecida que, se ignorar a norma a seguir, poderá desperdiçar muito tempo e perder as forças, por sua própria culpa e com pouco merecimento.

Quisera dar aqui a entender o meu modo de pensar. É bem difícil, e tenho receio de o não conseguir; mas sei que as almas que andarem nesse engano, se me derem fé, me entenderão perfeitamente. Conheço algumas, e de grande virtude, que ficavam nesse estado sete ou oito horas, tomando tudo por arroubamento; por qualquer exercício piedoso se deixavam levar de tal modo, que logo se rendiam aos próprios sentimentos, imaginando não ser conveniente resistir ao Senhor. Estas, se não buscarem remédio, pouco a pouco poderão perder a vida ou, ao menos, a razão. A explicação que dou a este caso é a seguinte: começa a alma a receber regalos do Senhor, e, como a nossa natureza é muito amiga de deleites, tanto se entrega àquele gosto, que nem quer mexer-se, nem por coisa alguma vir a perdê-lo, porque, em verdade, é mais delicioso que os do mundo. As vezes há uns temperamentos fracos que têm o espírito, ou, por melhor dizer, a imaginação tão impressionável, que, em fixando um objecto, ficam absortos sem se poderem distrair. São como certas pessoas que se embebem em qualquer pensamento, ainda que não seja de Deus, e ficam olhando para uma coisa sem mesmo ver o que olham; naturezas indolentes e descuidadas, parecem até perder de memória o que têm a dizer. É o que acontece no nosso caso,

de acordo com os caracteres, os temperamentos e o grau de fraqueza. Se a isto se junta a melancolia, valha-me Deus! encherá a imaginação de mil enganos deliciosos.

Deste humor falarei um pouco adiante, mas ainda que este não exista, acontece como ficou dito. O mesmo se observa em pessoas extenuadas pela penitência, as quais, apenas começam a experimentar as doçuras sensíveis do amor, logo se deixam levar por elas, como já disse. A meu parecer, muito melhor amariam se não se deixassem abobar, pois nesse grau de oração se pode muito bem resistir. Do mesmo modo que a fraqueza corporal produz um desmaio que impede a fala e o movimento, assim acontece neste caso se a alma não opõe resistência, pois, se a natureza está fraca, o espírito, com a sua força, a arrebatada e sujeita.

Poder-me-ão objectar: - Que diferença há entre isto e arroubamento? É o mesmo, ao menos assim parece. - E não lhes falta razão, quanto ao exterior, mas não quanto à essência. O arroubamento ou união de todas as potências, como disse, dura pouco e produz grandes efeitos, enchendo a alma de luz interior e de outros muitos bens. O entendimento não trabalha; só o Senhor age sobre a vontade. No nosso caso é muito diferente: embora o corpo esteja atado, a vontade, a memória e o entendimento estão soltos; mas ficam desvairados, e quando se prendem a algum objecto - como por vezes acontece, - nele se concentram sem mais sair.

Nenhum proveito acho nessa fraqueza corporal; porque, a meu ver, não é outra coisa, conquanto proceda de bom princípio; mas sirva este para empregar bem o tempo, e não para o fazer perder em tantas horas de embevecimento. Muito mais se pode merecer com um acto da vontade, despertando-a frequentemente a amar a Deus, do que deixando-a na inação. Às Prioras, portanto, aconselho que com a máxima diligência cortem essas longas pasmaceiras, que só servem, a meu ver, para entorpecer as potências e os sentidos. Tornam-se estes incapazes de obedecer à alma, privando-a deste modo do lucro que costumam acarretar quando cuidadosamente exercitados. Se a Priora entender que tal estado é proveniente de fraqueza, tire à Religiosa os jejuns e disciplinas, isto é, os que não são obrigatórios; e ocasiões pode haver em que seja lícito suprimir, em boa consciência,

mesmo os de obrigação. Além disto, ocupe-a em ofícios, para que se distraia.

O mesmo cumpre fazer com algumas pessoas que não têm esses amortecimentos, mas concentram a tal ponto a imaginação em assuntos muito elevados e espirituais, que acontece, não raras vezes, não serem mais senhoras de si. Especialmente se receberam do Senhor alguma mercê extraordinária ou tiveram alguma visão, ficam tão impressionadas que a imaginam ter sempre diante dos olhos, embora só a tenham contemplado uma vez. Quem se vir nesse embevecimento muitos dias, procure mudar de assunto, pois, desde que empregue nas coisas de Deus a consideração, pouco importa que tome um ou outro ponto. E Ele tanto estima, algumas vezes, a meditação das suas criaturas e do poder com que as tirou do nada, como a consideração do mesmo Criador.

Ó desventurada miséria humana, que tão enfraquecida ficaste pelo pecado! Até no que é bom temos necessidade de circunspecção e medida, sob pena de destruir a nossa saúde de modo a não poder gozar desse mesmo bem! Isto é de suma utilidade a muitas pessoas, especialmente às que são fracas de cabeça e de imaginação; e é prestar maior serviço a Nosso Senhor. É muito necessário que a alma se conheça. Quando vir que algum mistério da Paixão ou da glória do Céu, ou qualquer outra coisa semelhante, lhe ocupa a imaginação durante muitos dias, de modo a não poder, mau grado seu, pensar em outra coisa, nem deixar de permanecer embebida naquilo, entenda que lhe é mister distrair-se, custe o que custar. Se assim não fizer, com o tempo entenderá o dano, e verá como isso provém das causas que assinalei; isto é, grande fraqueza do corpo, ou - o que é muito pior - da imaginação. Um louco, se dá para uma coisa, não é senhor de si; não é capaz de distracção ou de outro pensamento, nem há argumentos que o movam a mudar de ideias, porquanto não tem domínio sobre a razão. O mesmo poderia suceder aqui. Mas que loucura saborosa! ... Se a isto se junta um humor melancólico, valha-me Deus! pode resultar grande dano. Absolutamente não vejo de que modo possam ser boas essas absorções, porquanto a alma tem capacidade para gozar do próprio Deus. A não ser em consequência das causas mencionadas, por que haveria ela de estar cativa de uma só grandeza ou mistério, pois Deus é infinito e nos fornece tanta

matéria de meditação? E quanto mais alargarmos as nossas considerações, mais grandezas descobriremos.

Não digo que numa hora, nem mesmo num dia, pensem em muitas matérias: seria arriscar-se a não gozar bem de nenhuma delas. São tão delicados estes assuntos, que não quisera dar ocasião de imaginarem o que nunca me passou pelo pensamento, ou de entenderem uma coisa por outra. Realmente é tão importante compreender bem este capítulo, que, embora sem atractivos, o escrevo de boa vontade. Desejaria também que de bom grado o lesse e relese muitas vezes quem o não entender à primeira leitura, especialmente as Prioras e Mestras de noviças, que hão de guiar as Irmãs na oração. Com efeito, se não usarem de cautela a princípio, verão quanto tempo será depois necessário para remediar semelhantes fraquezas.

Se eu fosse escrever os muitos inconvenientes deste género que têm vindo à minha notícia, veriam que tenho razão de insistir tanto. Só um facto quero narrar, e, por este, será fácil deduzir os demais. Num dos nossos mosteiros há duas Religiosas, uma corista e uma leiga, ambas de grandíssima oração, acompanhada de mortificação, humildade e outras virtudes; favorecidas pelo Senhor com muitos regalos e comunicações da sua grandeza. São, em particular, tão desprendidas de tudo e entregues ao amor de Deus, que, mesmo sujeitas a exame minucioso, parecem corresponder - tanto quanto é possível à baixeza humana - às mercês que recebem do Senhor. Encareço tanto as virtudes de ambas para que tenha mais razão de temer quem não estiver em tão alto grau. Começaram as duas a ter grandes desejos do Senhor; tão impetuosos que os não podiam conter. Parecendo-lhes que a Comunhão os mitigava, insistiam com o Confessor para lhes permitir comungar a miudo: e de tal maneira lhes foram crescendo as ânsias, que, finalmente, imaginaram morrer se não lhes dessem a Comunhão cada dia. Os Confessores, vendo tão belas almas e com tão veementes desejos, julgaram ser esse o remédio para o mal delas. Entretanto um era bem versado nas coisas do espírito ...

Não parava só nisto. A uma delas cresceram tanto as ânsias, que era mister dar-lhe a Comunhão muito cedo, para, segundo imaginava, não perder a vida. Asseguro que eram almas incapazes de fingimento; por nenhuma coisa do mundo diriam uma mentira. Eu não estava presente.

Escreveu-me a Piora o que se passava, dizendo-me como não podia ter mão naquelas Religiosas, pois pessoas tão autorizadas eram de opinião que, visto não haver remédio, forçoso era ceder-lhes aos desejos. Permitiu o Senhor que eu entendesse logo o negócio; contudo não me manifestei até certificar-me do caso pessoalmente, pelo temor de errar e também em atenção a um dos Confessores, a quem eu não devia contradizer sem lhe expor as minhas razões.

Era ele tão humilde que, apenas cheguei àquele lugar e lhe falei, imediatamente me deu crédito. O outro não era tão espiritual, e, a bem dizer, quase o não era, comparado ao primeiro. Não houve meio de o persuadir; porém não me importei, porque não lhe devia as mesmas obrigações. Falei às duas Religiosas, apresentando-lhes muitos motivos, suficientes, a meu parecer, para lhes provar que era efeito da imaginação aquele pensamento de que morreriam se não comungassem; mas estavam com esta ideia tão fixa, que nada as pôde convencer. Vi que à força de razões jamais se convenceriam, e me fariam perder tempo. Disse-lhes então que também eu tinha aqueles desejos, mas deixaria de comungar a fim de se persuadirem de que só o haviam de fazer quando comungasse a Comunidade. Morreríamos todas três, pois seria isto melhor, a meu ver, do que deixar introduzir semelhante costume nestas casas, onde havia outras que amavam igualmente a Deus e queriam fazer outro tanto.

Já tinham chegado a tal extremo os maus efeitos do costume - no qual o demónio devia ter sua parte, - que, tendo sido privadas da Comunhão, pareciam morrer. Mostrei grande rigor, pois quanto mais as via pouco sujeitas à obediência, convencidas de que não estava em suas mãos, mais claramente conhecia ser mera tentação. Passaram muito penosamente o primeiro dia; o segundo um pouco menos, e assim foram melhorando daquela pena, a ponto de me verem comungar sàzinha e ficarem resignadas. É verdade que mo mandaram, pois, de outro modo, em atenção à sua fraqueza, não o teria feito.

Dentro em breve, elas e todas as outras entenderam a tentação e viram como fora acertado remediá-la a tempo. Com efeito, pouco depois, como talvez contarei mais adiante, surgiram algumas dificuldades entre as

Religiosas daquela casa - embora sem culpa sua, - e os Prelados; e estes certamente não teriam aprovado nem sofrido semelhante costume.

Oh! quantos factos do mesmo género poderia citar! Só direi um, ocorrido num mosteiro não da nossa Ordem, mas de Religiosas de São Bernardo. Havia nele certa monja, não menos virtuosa do que as sobreditas, a qual, em consequência de frequentes disciplinas e jejuns, chegou a extrema fraqueza, e toda vez que comungava ou achava ocasião de se abraçar devotamente, caía por terra e ficava assim oito ou nove horas, julgando ser arroubamento; e o mesmo pensavam todas as outras. Acontecia isto tão a miúdo, que, segundo penso, viria a ter piores consequências se não se atalhasse a tempo. Circulava por toda a cidade a fama daqueles êxtases, causando-me pesar, pois, por permissão do Senhor, logo entendi o que era, e tive medo de que não acabasse bem. O Padre que a confessava era muito meu amigo e veio confiar-me o caso. Respondi-lhe francamente que, a meu ver, não era possível ser arroubamento; reduzia-se tudo a fraqueza e perda de tempo, e, portanto, o melhor seria proibir-lhe os jejuns e disciplinas e proporcionar-lhe distrações. A monja era dócil; obedeceu à risca. Apenas foi recuperando as forças, cessaram por completo os arroubamentos; entretanto se estes fossem verdadeiros, nada os poderia impedir até que Deus ordenasse de outro modo. Sim, porque é tão veemente o ímpeto do espírito, que as nossas forças não bastam para resistir, e, como já disse, deixa grandes efeitos na alma; nesse outro estado é como se nada tivesse acontecido, e o corpo se sente extenuado.

Fique pois bem entendido: tudo aquilo que nos sujeita de maneira a percebermos que não nos deixa livre a razão, seja tido por suspeito. Por semelhante caminho nunca se virá a adquirir a liberdade de espírito, a qual, entre outros caracteres, tem o de achar a Deus em todas as coisas e poder pensar em todas elas. O mais é escravidão do espírito, e, além do prejuízo que faz ao corpo, amesquinha a alma e não a deixa crescer. Torna-a semelhante a uma pessoa que, indo por uma estrada, entrou num paul ou atoleiro e não pôde passar dali; e entretanto, para a alma ir adiante, é preciso não só que ande, mas que voe.

E que dizer às que afirmam e imaginam andar tão embebidas na Divindade e tão suspensas, que não se podem vencer nem distrair por meio

algum? Olhem bem, torno a avisar: se isso durar um dia, ou quatro ou mesmo oito, não há perigo, pois não é muito que um natural fraco, alguma vez fique abalado por certo tempo; mas se passar daqui, é preciso buscar remédio. O bem, em tudo isso, é que não há pecado, nem deixará de haver merecimento; mas encontram-se os inconvenientes que assinalei e muitos outros. Quanto às Comunhões, será muito reprovável se uma alma, por grande amor que tenha, não se sujeitar também neste ponto ao Confessor e à Piora, embora sentindo saudades do Senhor. Eles a vão mortificando a tempo - nisto como em outras coisas - para não terem que recorrer a meios extremos; dando-lhe a entender que convém mais renunciar à própria vontade do que procurar consolação.

Até nisto pode entrar o nosso amor-próprio, como o experimentei em mim. Acontecia-me algumas vezes que, tendo acabado de receber a Comunhão, de modo que a Santa Hóstia ainda devia estar inteira, se via outras pessoas comungarem, desejaria não a ter recebido para a poder receber de novo. A princípio não achei que fosse mal, porém, como sucedia tantas vezes, pus-me a reparar e adverti que procedia aquele desejo mais de meu gosto que de amor de Deus. O que me atraía era aquela ternura e devoção que geralmente sentimos no momento de comungar. Com efeito, se fora por ter a Deus em minha alma, já o possuía; se por fazer o que o Senhor nos manda, de que nos chegemos à sagrada mesa, já o cumprira; se por receber as mercês que nos traz o Santíssimo Sacramento, já as recebera. Em suma, vim a entender claramente que a razão de tudo era o desejo de ter novamente aquele gosto sensível.

Lembro-me de que num lugar onde estive por haver aí mosteiro nosso, conheci uma mulher que, na boca do povo, era grande serva de Deus, e é provável que assim fosse. Comungava diàriamente, mas ora numa igreja, ora noutra, e não tinha Confessor certo. Eu notava isto, e mais quisera vê-la obedecer a alguém do que comungar tanto. Vivia sozinha em sua casa, e, penso eu, fazendo a sua vontade; mas, boa como era, tudo devia ser bom. Eu lhe disse algumas vezes o meu modo de pensar; porém não fazia caso de mim, e com razão, porque era muito melhor do que eu. Contudo, se me tivesse ouvido neste ponto, creio que não erraria. Passou por ali o Santo Frei Pedro de Alcântara, e procurei que ela lhe falasse, mas não fiquei contente da relação que deu da sua alma; talvez por sermos miseráveis e

nunca nos satisfazermos muito com os que não vão pelo nosso caminho. De facto, penso que esta tinha servido melhor ao Senhor e feito mais penitência em um ano, do que eu em muitos. Finalmente foi acometida da doença de que veio a morrer, que é onde quero chegar. Logo tomou as suas providências para que todos os dias lhe dissessem Missa em casa e lhe dessem o Santíssimo Sacramento.

Como se prolongou a enfermidade, um sacerdote, bom servo de Deus, que lha dizia muitas vezes, julgou abuso o comungar assim em casa diariamente. Deve ter sido tentação do demónio, porque acertou ser esse o dia da morte. Ela, quando viu acabada a Missa sem lhe darem o Senhor, ficou tão irritada e falou com tanta cólera ao sacerdote, que este, muito escandalizado, veio contar-me o que se passara. Senti bastante, porque nem sei se teve tempo de se reconciliar, pois, segundo me parece, morreu logo depois.

Deste caso vim a entender o dano que resulta de fazermos a nossa vontade em qualquer coisa, e especialmente nesta da Comunhão, que é tão grande! Quem tão a miúdo se chega ao Senhor, deve compenetrar-se bem de sua indignidade e não ousar fazê-lo por seu próprio parecer. Deste modo, a obediência a quem no-lo ordena supre o que falta - e forçosamente será muito - para nos chegarmos a tão grande Senhor. Tinha essa bendita mulher diante de si uma boa ocasião de se humilhar muito e de merecer talvez mais do que comungando, se atribuísse o facto não a culpa do sacerdote mas a permissão do Senhor, que, vendo-a tão miserável e indigna, o ordenara assim para não entrar em tão ruim pousada. Uma pessoa [15] que comungava com frequência, assim fazia quando os discretos Confessores a privavam da Comunhão, o que sucedia a miúdo. Ela, embora o sentisse mui ternamente, por outro lado mais desejava a honra de Deus do que a sua própria, e não se fartava de o louvar por ter inspirado ao Confessor que zelasse a glória divina e não permitisse entrar Sua Majestade em tão vil pousada. Por meio destas considerações obedecia com grande quietação de espírito; sentia dor terna e amorosa, mas por nenhuma coisa do mundo iria contra o que lhe mandavam.

Creiam-me: amor de Deus - não digo o verdadeiro, senão aquilo que nos parece tal - que move as paixões de modo a produzir algum pecado ou a

alterar a paz da alma enamorada tornando-a surda à voz da razão, é claramente amor de si mesmo. Não dormirá o demónio e espreitará o momento mais propício para cair sobre nós e nos causar dano, como fez com aquela mulher, que realmente me deixou bem apavorada. Não quero crer que a sua falta tenha sido suficiente para lhe impedir a salvação eterna, pois grande é a bondade de Deus; mas em que hora terrível a acometeu a tentação!

Deixo consignado este facto para que as Prioras estejam de sobreaviso e as Irmãs tenham e considerem e examinem de que modo se chegam a receber tão grande mercê. Se têm em vista o gosto de Deus, já sabem que Ele prefere a obediência ao sacrifício. Se assim é, - se adquiero maior merecimento, - por que me altero? Não reprovos que sintam pena com humildade, porque nem todas chegaram a tanta perfeição que nem isso experimentem, só pela alegria de fazer o que sabem ser mais do agrado de Deus. Claro está que se a vontade estiver muito desapegada de todo o interesse próprio, nada sentirá, antes ficará alegre de se lhe oferecer ocasião de contentar ao Senhor em coisa tão custosa; humilhar-se-á, e ficará satisfeita com a Comunhão espiritual.

Como, porém, nos princípios são mercês do Senhor esses grandes desejos que têm as almas de se chegarem a Ele - que aliás ainda maiores são ao cabo, - justo é permitir-lhes que sintam ternura e pena quando forem privadas da Comunhão, contanto que mantenham em paz o espírito e tomem daí ocasião de fazer actos de humildade. Nos princípios - digo, - porque então convém tomar em consideração esses desejos, por não estar a alma tão perfeita nos demais pontos. Se, contudo, houver alguma alteração, ou impaciência, ou ressentimento contra a Prelada ou o Confessor, creiam-me: é tentação manifesta. E que dizer de quem se atreve a comungar contra a proibição do Confessor? Não quisera eu o mérito de semelhante Comunhão, pois em coisas de tal ordem não devemos ser juizes no que nos diz respeito. Cabe isto àqueles que têm as chaves e o poder de atar e desatar. O Senhor se digne iluminar-nos, dando-nos a entender o que tanto nos importa e assistindo-nos com o seu favor para que dos seus próprios benefícios não tiremos ocasião de o desgostar.

CAPÍTULO VII

Do modo de proceder com as pessoas que sofrem de melancolia. Avisos necessários às Preladas.

Estas minhas Irmãs do mosteiro de São José de Salamanca, onde estou enquanto escrevo isto, têm instado muito comigo, para que lhes diga alguma coisa sobre o modo de proceder com as pessoas atingidas de humor de melancolia.[16] É tão subtil este mal, que faz de morto quando lhe convém; de modo que, embora tomemos todas as precauções para não dar a Profissão às que o têm, só o vimos a entender quando não há mais remédio. Parece-me ter dito alguma coisa sobre este assunto num livrinho pequeno[17], não me recordo bem; nada perco em insistir, se for o Senhor servido de me fazer acertar. Poder-me-á acontecer repetir o que já foi dito; mas outras cem vezes o diria, se tivesse esperança de atinar com um só aviso proveitoso. São tantos os ardis que inventa este humor para levar avante a sua vontade, que é mister lançarmos mão de outros a fim de conseguir sofrer e governar as melancólicas de modo a não prejudicarem as demais.

Convém advertir que nem todas as pessoas afectadas deste humor dão igual trabalho. As que são humildes e de génio manso, embora interiormente sofram muito, não fazem mal à Comunidade, sobretudo se são dotadas de bom entendimento. Há também mais e menos neste humor. Estou bem persuadida de que se serve dele o demónio para ganhar certas almas, e conseguirá seus fins se não estiverem muito de sobreaviso. O motivo disto é porque o principal efeito da melancolia é sujeitar a razão: ora, obscurecida esta, que não farão as nossas paixões? Parece que estar privado do uso da razão é ser louco, e realmente assim é; mas nestas de que falamos agora, não chega a tanto o mal. Por um lado seria preferível; porque haver de considerar e tratar como pessoa de razão a quem não a tem, é trabalho intolerável; quanto aos que estão totalmente enfermos deste mal, são dignos de piedade e se algum meio há para os sujeitar, é infundir-lhes temor.

É necessário lançar mão do mesmo remédio, quando outras indústrias não forem suficientes, em relação àqueles que manifestam princípios de tão prejudicial enfermidade. Embora não seja em tão alto grau, é sempre aquele funesto humor nascido da mesma raiz e do mesmo tronco. Recorram as Preladas às penitências da Ordem e procurem sujeitar as enfermas de modo

a convencê-las de que não farão os seus caprichos, nem muito, nem pouco. Com efeito, se chegam a entender que triunfaram alguma vez à força de brados e de palavras de desespero inspiradas pelo demónio para as transtornar, está tudo perdido, e basta uma só para inquietar todo o Convento. A pobrezinha não acha em si recursos para resistir às sugestões diabólicas: é preciso, pois, que ande a Prelada com grandíssimo aviso para a governar tanto no exterior como no interior. Por isso mesmo que a razão está obscurecida na enferma, é indispensável que esteja mais clara na Prelada, para que não tome por meio o demónio aquele mal para se ir apoderando aos poucos da alma. É coisa perigosa, porque os melancólicos em certas ocasiões ficam tão atacados deste humor que chegam a perder o juízo, e então não têm culpa, a exemplo dos loucos, que não pecam, por mais desatinos que façam. Em outras ocasiões, porém, estão apenas com a razão enferma, mas têm consciência dos seus atos, e por conseguinte não deixa de haver alguma culpa. Finalmente, de outras vezes estão bons. É preciso, pois, que não comecem a tomar liberdade quando pioram, para não suceder que, mesmo passando bem, não sejam mais senhores de si! Há nisto terrível arдил do demónio. Com efeito, olhando com atenção, veremos que sempre dão para fazer os seus caprichos e dizer tudo o que lhes vem à boca e descobrir as faltas alheias para desculpar as próprias, buscando em tudo o seu gosto e comodidade; em uma palavra, são pessoas que não se sabem vencer. Ponderemos agora: com as paixões assim imortificadas, a ponto de querer cada uma delas sair sempre vencedora com os seus caprichos, onde irão parar se não houver quem lhes resista?

Torno a dizer que tenho visto e conhecido muitos enfermos deste mal, e cheguei à conclusão de que não há outro remédio para eles a não ser sujeitá-los por todas as vias e maneiras possíveis. Se não bastarem palavras, recorram aos castigos; se não forem suficientes os pequenos, lancem mão dos grandes; se for pouco um mês de cárcere[18], dêem-lhes quatro, na certeza de que é o maior bem que se pode fazer às suas almas. Como já disse e torno a dizer, importa que elas mesmas entendam que, embora em algumas ocasiões não se possam conter, não são completamente loucas, e por conseguinte - a não ser uma vez por outra, e não sempre - não ficam sem culpa, e expõem a alma a grande perigo. Poderá acontecer, repito, que nos tempos em que não estão fora de seu juízo a ponto de não poder resistir, queiram fazer e dizer o que faziam e diziam quando não eram senhoras de

si. Em razão deste perigo, é grande misericórdia de Deus quando as enfermas deste mal se resolvem a sujeitar-se aos que as governam, porque disto depende todo o seu bem. Se alguma ler isto, reflita, por amor de Deus, que deste ponto depende talvez a sua salvação.

Conheço algumas pessoas às quais muito pouco falta para perder de todo o juízo, mas são humildes e têm tanto temor de ofender a Deus, que, embora à custa de muitas lágrimas e lutas interiores, não se apartam uma linha do que lhes é mandado, e suportam a enfermidade do espírito como outros doentes as suas corporais. Maior martírio é este, mas por isso mesmo terão maior glória, e, tendo feito o seu Purgatório nesta vida, não o farão na outra. Mas, torno a dizer, as que não fizerem assim espontaneamente, sejam forçadas a fazê-lo pelas Preladas; e estas não se enganem com piedades indiscretas, para não dar ocasião a desordens que tirariam a paz da Comunidade.

É que pode sobrevir outro mal gravíssimo, além do prejuízo da própria enferma, de que já falei. Vendo-a aparentemente boa e não entendendo a violência do mal que a combate no interior, as outras se julgarão também melancólicas e com igual direito a que as sofram - tão miserável é a nossa natureza! O demónio lhes porá na cabeça que assim é efectivamente, e deste modo virá a causar estragos que não serão logo entendidos e mais tarde se tornarão difíceis de remediar. Neste ponto não se tolere o mínimo descuido, pois é de suma importância. Se a melancólica resistir ao Prelado, pague como a sã, e nenhuma culpa lhe seja perdoada. Se disser à sua Irmã alguma palavra desagradável, receba penitência; e assim em tudo o mais.

Parece injustiça castigar como a pessoa de juízo àquela que o não tem e não se pode dominar. Se assim fora, seria justo não prender nem açoutar os loucos, e deixá-los matar livremente a todos. Creiam-me: tenho feito experiências e tentado vários remédios; e, a meu ver, não existe outro. A Priora que por compaixão permitir que tais pessoas comecem a ter certas liberdades, verá como, dentro em pouco, se tornarão insuportáveis, e, quando houver de remediar, já terão feito muito mal às outras. Os loucos, para que não matem, são presos e castigados; e é conveniente assim fazer, embora inspirem grande piedade por não saberem o que fazem. Quanto mais se há de velar para que essas tais não prejudiquem as outras com as

suas liberdades? Estou convencida, aliás, de que, muito frequentemente, como já disse, o que as domina é, não tanto o humor melancólico, mas a natureza rebelde, pouco humilde e mal domada. Ao menos em algumas tenho visto que na presença de alguém que lhes inspire temor, sabem e podem dominar-se. Se assim é, por que o não poderão fazer por Deus? Tenho bem medo de que o demônio sob capa de melancolia, como notei acima, tenha em vista ganhar muitas almas.

Agora é muito mais comum este mal do que antigamente, e a tudo que é vontade própria e liberdade desenfreada já chamam melancolia. Isto me faz pensar que em nossos mosteiros e em todas as casas não se deveria tomar na boca este nome, porque dá ideia de independência. Chamem-na doença grave - e é a pura verdade! - e, como tal, procurem curá-la. De tempos a tempos é muito necessário diminuir os humores por meio de algum remédio, a fim de aliviar a enferma. Recolha-se então à enfermaria, e entenda que, ao sair e retomar a vida de Comunidade, há de ser humilde como todas e obedecer como todas e, quando cometer faltas, não lhe servirá de escusa a doença. Convém agir assim pelas razões ditas e por muitas outras que se poderiam acrescentar. A Priora, entretanto, sem o dar a entender, procurará como verdadeira mãe levá-la com muita piedade, e recorrerá a todos os meios ao seu alcance para a curar.

Parece haver nisto contradição, pois até aqui tenho dito que sejam tratadas com rigor. Torno portanto a dizer: saibam que jamais farão a sua vontade e que, chegado o momento, hão de obedecer, porque todo o dano está em se sentirem independentes. Poderá, porém, a Priora abster-se de dar alguma ordem quando entender que as enfermas, por falta de força para se vencerem, vão resistir. Procure levá-las com jeito e carinho, segundo a necessidade, e veja se é possível sujeitá-las por amor, o que seria muito melhor. Geralmente alcançará domínio sobre elas se lhes mostrar muita amizade, e, por obras e palavras, lhes der a entender que as ama. Advirto ainda à Priora: o maior remédio de que pode lançar mão é ocupá-las constantemente em ofícios, a fim de não terem tempo de dar largas à imaginação, pois aqui está todo o mal. Embora os não desempenhem de modo muito satisfatório, melhor será relevar algumas faltas neste ponto, do que haver de sofrer outras maiores quando estiverem perdidas da cabeça. É este, a meu ver, o mais eficaz remédio que se lhes pode aplicar. Procure

ainda que não se entreguem por largo tempo à oração, mesmo à ordenada pela Regra, pois geralmente têm a imaginação fraca e ficam muito prejudicadas. Ainda assim, imaginam tais coisas, que nem elas nem quem as ouve as conseguem entender. É preciso fazer de modo que só raras vezes comam peixe;^[19] e também que não jejuem tão continuamente Parece demasia o dar tantos avisos para este mal, e nenhum para todos os outros, havendo tão graves enfermidades nesta miserável vida, especialmente nas mulheres em consequência de sua fraqueza. Assim fiz por dois motivos: o primeiro é que as enfermas deste género parecem estar sãs, por não quererem reconhecer o seu mal; e, como a doença não as obriga a estar de cama - porque não têm febre, - nem a chamar o médico, é preciso que a Piora exerça este ofício, pois se trata de enfermidade mais prejudicial para toda a perfeição, do que outras que põem a vida em perigo e obrigam a ficar de cama. O segundo motivo é que nas outras doenças os enfermos ou saram ou vêm a morrer; e nesta é raridade sararem, e também não morrem, mas vêm a perder de todo o juízo, e isto equivale a morrer e matar a Comunidade. Consigo mesmas passam bem cruéis mortes, de aflições, imaginações e escrúpulos; e assim terão bastante merecimento embora dêem sempre a tudo o nome de tentação. Se conseguissem entender que são meras consequências do seu mal, e não fizessem caso, sentiriam grande alívio. Por certo, tenho extrema compaixão destas almas, e é justo que todas as suas companheiras também o tenham. Considerem que o Senhor poderá dar-lhes a mesma doença, e suportem com caridade as suas Irmãs, mas sem que estas o entendam, como tenho dito. Praza ao Senhor tenha eu atinado com os remédios convenientes para tão perigosa enfermidade.

CAPÍTULO VIII

Dá alguns avisos acerca de revelações e visões.

Dir-se-ia que algumas pessoas, só de ouvir o nome de visões ou de revelações, ficam sobressaltadas. Não entendo a causa de terem como tão perigoso este caminho por onde Deus leva certas almas, nem sei de onde procede tal espanto. Não é meu intento agora dizer quais as visões verdadeiras e quais as falsas, nem dar, para as discenir, os sinais que de pessoas muito doutas tenho ouvido. Quero apenas explicar o modo de proceder conveniente a qualquer alma que se vir em semelhante ocasião,

porque raros são os Confessores que a não deixem atemorizada. Não ficarão, por certo, muito espantados se lhes disser que a combate o demónio com toda a sorte de tentações, espírito de blasfémia, e coisas disparatadas e desonestas; mas se lhes contar que viu ou ouviu algum Anjo, ou foi favorecida com a visão de Jesus Cristo Senhor Nosso, Crucificado, mostrar-se-ão escandalizados.

Também não pretendo tratar agora das revelações que vêm de Deus, pois é evidente quão grandes bens produzem nas almas. Falarei apenas das representações com que o demónio procura enganar-nos por meio da imagem de Cristo Nosso Senhor ou dos seus Santos. A este respeito, tenho para mim que não lhe dará Sua Majestade permissão nem poder para com semelhantes figuras enganar uma alma, a menos que esta por sua culpa se deixe iludir; antes sairá ele logrado. Asseguro que nada conseguirá onde encontrar humildade. Não há, pois, razão para tanto assombro: melhor é confiar no Senhor e não fazer caso dessas coisas, tomando apenas ocasião de tudo para mais o louvar.

Sei de uma pessoa que sofreu bastante dos Confessores por factos semelhantes; e depois, pelos grandes efeitos e boas obras que daí procederam, se veio a entender que eram de origem divina. Frequentemente era obrigada a benzer-se e a dar figas quando lhe aparecia a imagem do Senhor em alguma visão, porque assim lhe tinham ordenado.[20] Contando-o mais tarde a um grande letrado Dominicano, o Mestre Frei Domingos Báñez, este lhe disse que fora mal feito, e que a ninguém é lícito fazer assim. Em toda a parte onde vimos a imagem de Nosso Senhor, devemos prestar-lhe reverência, mesmo quando pintada pelo demónio, pois é grande pintor, e, se nos apresenta um crucifixo ou outra imagem tão ao vivo que a deixa esculpida em nosso coração, presta-nos bom serviço, embora nos queira fazer mal. Quadrou-me muito esta razão, porque, realmente, se víssemos uma imagem perfeitíssima, não a deixaríamos de estimar por ser obra de um mau homem; nem a maldade do pintor nos faria perder a devoção. Do mesmo modo, não está nas visões o bem ou o mal; e sim em ter ou não humildade quem a recebe, para delas tirar fruto. Ao humilde, mesmo as visões do demónio nenhum dano poderão fazer; ao soberbo, as do próprio Deus não causarão proveito. Sim, porque da mercê deveria tirar humildade vendo que a não merece; e se, pelo contrário, tirar soberba, será

como a aranha, que todo alimento muda em peçonha, enquanto a abelha tudo converte em mel.

Quero explicar melhor. Suponhamos que Nosso Senhor, por sua bondade, se digna aparecer a uma alma para a fazer medrar em seu conhecimento e amor, ou conceder-lhe regalos e mercês particulares. Se ela, repito, em vez de se confundir com estas graças e reconhecer a sua baixeza e indignidade, logo se tem por santa e as toma por recompensa de algum serviço, claramente converte em peçonha, como a aranha, o grande bem que daí lhe podia vir. Imaginemos agora que o demónio, para incutir soberba, produz semelhantes aparições; e a alma, atribuindo-as a Deus, ao ver-se tão rica, nem merecendo comer as migalhas caídas da mesa das pessoas que sabe favorecidas com tais graças - quero dizer, nem sendo digna de as servir, - se humilha e se tem por indigna de tão grande favor. Se então fica mais humilde, começa a esforçar-se para servir melhor a Deus e fazer penitência, ter mais oração, obedecer mais perfeitamente e tomar cuidado para não ofender o Senhor, a quem se julga devedora daquela graça, - asseguro que o demónio não tornará a aparecer-lhe. Fugirá envergonhado, sem lhe causar dano algum.

No caso de se ouvir alguma coisa - seja ordem a cumprir, seja predição do futuro, - é mister consultar um Confessor prudente e letrado, e nada fazer ou acreditar fora do que ele decidir. Pode a Religiosa comunicar tudo à Priora, para que esta lhe dê Confessor competente. E tenham por certo: se não lhe obedecer e não se deixar guiar por ele, trata-se ou de mau espírito ou de terrível melancolia. Com efeito, ainda que o Confessor não acerte, ela acertará se não se apartar da direção recebida, mesmo que um Anjo de Deus lhe tenha dito o contrário. Sua Majestade dará luz ao guia espiritual, ou ordenará as coisas de sorte que se cumpra a sua divina vontade. Neste modo de proceder não há perigo; em qualquer outro pode haver muitos riscos e danos.

Tenha-se em vista que é extrema a fraqueza humana, especialmente nas mulheres. Neste caminho da oração é onde melhor o verificamos; e assim é mister não ter logo por visão qualquer coisinha que nos vem à fantasia. Quando é visão verdadeira, logo se dá a entender. No caso de haver alguma melancolia, cumpre usar de muito mais circunspecção, pois tenho sabido de

certas ilusões deste género que me deixam atónita, sem compreender como é possível alguém imaginar tão verdadeiramente que vê alguma coisa quando em realidade nada vê.

Em certa ocasião veio ter comigo um Confessor, muito admirado de uma sua penitente, a qual, segundo dizia, era favorecida de visões de Nossa Senhora, que lhe aparecia muitas vezes e ficava sentada sobre a sua cama, falando-lhe durante mais de uma hora, dizendo-lhe várias coisas e revelando-lhe acontecimentos futuros. No meio de tantos desatinos, alguns se realizavam, e, sem mais exame, tudo era dado por certo. Entendi logo o caso, mas não me ousei manifestar, porque vivemos num mundo em que é preciso pensar em que sentido vão ser tomadas as nossas palavras, para que produzam efeito. Respondi, pois, que convinha esperar para ver se eram verdadeiras as profecias; e, por outro lado, examinar os efeitos e fazer indagações sobre a vida daquela pessoa. Afinal de contas, se veio a entender que tudo era desatino.

Ser-me-ia fácil citar muitos casos semelhantes, bem próprios para deixar provado o que pretendo; isto é, que uma alma não dê logo fé a qualquer visão, senão espere algum tempo, procure bem certificar-se antes de o comunicar ao Confessor, para não acontecer enganá-lo embora sem querer, pois se ele não tiver experiência, por letrado que seja, não entenderá cabalmente tais coisas. Não há muitos anos, senão, pelo contrário, muito pouco tempo, um homem deixou desatinados com factos deste género vários Confessores bem letrados e espirituais. Falando finalmente a uma pessoa que tinha experiência das mercês divinas, esta viu com evidência que era tudo ilusão e loucura, embora nesse tempo, longe de ser manifesto o engano, estivesse muito dissimulado. Teve de sofrer bastante por ter entendido o caso, pois não lhe deram fé; mas pouco tempo depois manifestou o Senhor claramente a verdade.

Por estas e outras coisas semelhantes, convém muito que as Irmãs dêem com clareza conta de sua oração à Priora. Terá esta muito cuidado de examinar o temperamento e a perfeição de cada uma e de avisar o Confessor para que melhor possa julgar; e se o ordinário não tiver bastante capacidade para entender tais mercês, escolha outro mais a propósito. Coisas dessas, embora muito claramente de Deus e mercês reconhecidas por

milagrosas, não as comuniquem aos de fora nem a Confessores que não tenham prudência para calar; mesmo umas com as outras não tratem de tal assunto. Importa muito o silêncio, mais do que o poderão entender. A Priora, com prudência, sempre se mostre mais inclinada a louvar as Irmãs que se assinalam nas obras de humildade, mortificação e obediência, do que outras que. Deus leva por caminhos de oração muito sobrenatural, embora tenham as mesmas virtudes. Se for espírito do Senhor, trará consigo humildade e amor ao desprezo, e por conseguinte este modo de proceder não fará dano à alma favorecida e causará proveito às outras. Estas, vendo-se incapazes de alcançar esses dons, que Deus só dá a quem lhe apraz, poderiam ficar esmorecidas na aquisição dessas outras virtudes, que, embora também venham de Deus, podem ser granjeadas e são de grande preço para a Religião. Sua Majestade no-las conceda. Certamente não as negará a quem lhas pedir e procurar cuidadosamente exercitar-se nelas, confiando na sua divina misericórdia.

CAPÍTULO IX

Trata de como partiu de Medina dei Campo para a fundação de São José de Malagón.

Como me apartei do assunto! Entretanto alguns dos avisos que dei serão talvez mais úteis do que a própria história das fundações. Estava eu, como disse, em São José de Medina del Campo, bem consolada de ver aquelas Irmãs seguindo em tudo os passos das de São José de Ávila e vivendo em perfeita religião, amor fraterno e fervor de espírito. Ia Nosso Senhor provendo a sua casa de tudo o que era necessário, quer para a Igreja, quer para o sustento das Irmãs. Foram entrando algumas noviças que pareciam escolhidas pelo Senhor, tão próprias eram para servir de alicerces a semelhante edifício. Estou convencida de que todo o bem futuro depende destes princípios; pois as que vêm depois, seguem o caminho das outras.

Havia em Toledo uma Senhora[21], irmã do Duque de Medinaceli, em cuja casa eu tinha estado algum tempo por ordem de meus Prelados, como mais largamente contei na fundação de São José. Tinha-me cobrado particular amor, o que em parte a deve ter movido a fazer a obra que depois realizou. Assim muitas vezes toma Sua Majestade por meios certas coisas que na ocasião nos parecem de pouco fruto por ignorarmos as

consequências futuras. Chegando ao conhecimento dessa Senhora a licença que eu tinha para fundar mosteiros, começou a pedir com grande instância que estabelecesse um em seus domínios, na vila chamada Malagón. Eu de nenhuma maneira o queria admitir, por ser lugar tão pequeno, que seria forçoso possuir rendas para a manutenção das Religiosas, e disto eu era muito inimiga.

Consultei alguns letrados e o meu Confessor, e todos me disseram que fazia mal, pois, se o Santo Concílio permitia rendas, não se havia de deixar de fazer um mosteiro onde se poderia tão bem servir ao Senhor, só por minha opinião pessoal. A estes pareceres, juntaram-se as frequentes importunações daquela Senhora, de modo que não tive remédio senão ceder. Deu bastante renda, porque sempre sou amiga de que sejam os mosteiros ou totalmente pobres, ou dotados de meios suficientes para não precisarem as monjas importunar a alguém a fim de prover às suas necessidades.

Ficou decretado do modo mais inviolável possível que nenhuma possuiria coisa própria e que em tudo se observariam as Constituições como nos mosteiros de pobreza. Lavradas todas as escrituras, mandei vir algumas Irmãs destinadas à fundação, e partimos com aquela Senhora em destino a Malagón. Aí chegadas, não achámos a casa de todo acomodada para nós, de sorte que nos detivemos mais de oito dias num aposento da fortaleza.

No dia de Ramos de 1568 veio o povo em procissão buscar-nos, e fomos, com os véus baixados sobre o rosto e revestidas das nossas capas brancas, à igreja do lugar, onde houve sermão. Daí se levou o Santíssimo Sacramento ao nosso mosteiro, com muita devoção de todos. Passados alguns dias, estando em oração depois de haver comungado, ouvi de Nosso Senhor que havia de ser bem servido naquela casa. Parece-me que não cheguei a passar em Malagón dois meses, porque me dava pressa o meu espírito para ir fundar a casa de Valladolid pelo motivo que agora direi.

CAPÍTULO X

Em que trata da fundação da casa de Valladolid. Recebe este mosteiro o nome da Conceição de Nossa Senhora do Carmo.

Quatro ou cinco meses antes da fundação de São José em Malagón, tratando comigo, disse-me um jovem fidalgo que, se eu quisesse estabelecer um mosteiro em Valladolid, de muito boa vontade me daria uma casa sua, cercada de vasto e excelente terreno, no qual se achava uma grande vinha; e, sem mais detença, fez-nos doação da propriedade, que era de bastante valor. Aceitei, embora não me sentisse muito determinada a fundar naquele ponto, por estar a quase um quarto de légua de Valladolid. Contudo pareceu-me que ali poderia tomar posse, e mais tarde transferir-nos à cidade. Por outro lado, não quis impedir a boa obra que fazia com tanto gosto, nem lhe estorvar a devoção.

No fim de dois meses, pouco mais ou menos, foi ele assaltado por um mal tão violento, que perdeu a fala e não pôde bem confessar-se; apenas por frequentes sinais mostrou que pedia a Deus perdão. Morreu em pouco tempo, e bem longe do lugar onde eu estava. Disse-me o Senhor que a salvação daquela alma correra bastante risco; contudo usara de misericórdia para com ela, pelo serviço prestado a sua Mãe na casa oferecida para a fundação de um mosteiro da Ordem da mesma Senhora. Não sairia, porém, do Purgatório, até que ali se dissesse a primeira Missa; dita esta, iria para o Céu. Desde então, sempre tive presentes ao espírito as graves penas daquela alma, e, deixando para depois a fundação de Toledo, que planeava, apressei-me o mais possível para fundar, como pudesse, em Valladolid.

Não consegui fazê-lo tão depressa como era meu desejo, pois fui forçada a deter-me vários dias em São José de Ávila, que estava a meu cargo, e em São José de Medina del Campo, por onde passei. Neste último mosteiro, estando uma vez em oração, disse-me o Senhor que me apressasse, pois muito estava padecendo aquela alma. Embora não estivessem terminados os preparativos, pus-me a caminho, e entrei em Valladolid no dia de São Lourenço. Ao ver a casa fiquei bem contrariada, pois entendi que seria desatino estabelecer ali as monjas, a menos que se despendessem enormes somas. Na verdade o sítio era de grande recreação por ser o horto muito deleitoso, mas estava à beira do rio Pisuerga, o que devia torná-lo forçosamente insalubre.

Apesar do cansaço, tive de ir a um mosteiro da nossa Ordem[22], situado à entrada do lugar, a fim de ouvir Missa. Era tão distante, que senti

redobrar a minha pena; contudo não a externei, para não desanimar as minhas companheiras. Não obstante a minha fraqueza, tinha confiança de que o Senhor, tendo-me dito o que referi, nos acudiria com o remédio. Muito secretamente chamei oficiais, mandei começar os muros indispensáveis à clausura e mais algumas coisas necessárias. Estava conosco o Padre Julião de Ávila, de que já tenho falado, e um dos dois frades que queriam ser Descalços, como disse. Este[23] se ia informando da nossa maneira de proceder nestas casas. Encarregou-se Julião de Ávila de obter licença do Ordinário, que antes da minha chegada já tinha dado boas esperanças. Não pôde ser tão depressa, que não ocorresse um domingo antes de alcançada a licença; mas foi-nos permitido celebrar a Missa no lugar destinado à Igreja, e assim a ouvimos.

Estava eu bem longe de imaginar que se havia de cumprir então o que eu ouvira a respeito daquela alma porque, a meu parecer, a primeira Missa seria aquela em que se colocasse o Santíssimo Sacramento. Chegando o sacerdote, com o Santíssimo nas mãos, ao lugar onde havíamos de comungar, vi a seu lado o cavaleiro de que falei, com o rosto resplandecente e alegre. Agradeceu-me, de mãos postas, o que eu fizera para o tirar do Purgatório, e logo subiu a sua alma para o Céu. Quando me foi dito pela primeira vez que estava em via de salvação, confesso que não me sentia tranquila a seu respeito, antes era bem grande o meu pesar, parecendo-me que, depois da vida que levava, teria necessidade de diferente morte, pois, embora tivesse coisas boas, estava muito metido no mundo. Verdade é que, segundo dissera às minhas companheiras, trazia sempre a morte diante dos olhos. Grande é o agrado de Nosso Senhor por qualquer serviço que se presta à Sua Mãe, e grande a sua misericórdia! Por tudo seja louvado e bendito, pois assim paga com vida e glória eterna a baixeza das nossas obras e as torna grandes, sendo elas de tão pouco valor!

Chegado o dia de Nossa Senhora da Assunção, a 15 de Agosto de 1568, houve a tomada de posse deste mosteiro. Pouco tempo estivemos nele, por cairmos quase todas seriamente enfermas. Soube disto uma Senhora daquele lugar, chamada Dona Maria de Mendoza[24], mulher do Comendador Cobos e mãe do Marquês de Camarasa, muito cristã e de grandíssima caridade, como atestam as suas abundantes esmolas. Já se tinha mostrado muito caridosa para comigo, antes mesmo de me conhecer

pessoalmente, porque é irmã do Bispo de Ávila, que tanto favoreceu o primeiro mosteiro e tudo o que diz respeito à nossa Ordem. Vendo ela que não poderíamos viver ali sem graves inconvenientes, por estarmos longe para receber esmolas e por ser insalubre o lugar, disse-nos, com a sua grande caridade, que deixássemos aquela casa, prometendo comprar-nos outra. Assim fez, dando-nos uma de muito mais valor; encarregou-se desde então de prover a todas as nossas necessidades, e continuará a fazê-lo enquanto for viva.

No dia de São Brás passámos ao novo mosteiro, com procissão solene e muita devoção do povo, que continua a ser-nos muito afeiçoado, porque o Senhor tem usado de muita misericórdia naquela casa, dando-lhe almas de cuja santidade se falará a seu tempo para glória de Deus, que por tais meios quer engrandecer as suas obras e fazer mercê às suas criaturas. Uma, que ali entrou, deu bem a entender o que é o mundo, desprezando-o na mais tenra idade. Julgo conveniente narrar aqui a sua história, para que se confundam os que muito o amam. Tomem exemplo as donzelas chamadas por Deus com bons desejos e inspirações, e sigam a sua vocação.

Mora nesta cidade uma Senhora chamada Dona Maria de Acuña, irmã do Conde de Buendia. Foi casada com o Adiantado de Castela e, morto este, ficou, ainda bem moça, com um filho e duas filhas. Começou desde então a viver com tanta santidade e a criar seus filhos em tal exercício de virtudes, que mereceu que o Senhor os quisesse para Si. Enganei-me: foram três as filhas. Uma logo se fez monja; outra não quis tomar estado e viveu com a mãe do modo mais edificante. O filho, ainda muito jovem, começou a entender o que era o mundo e a sentir o chamado de Deus para entrar em Religião, de tal sorte que ninguém o pôde estorvar. Sua mãe muito se alegrava e certamente lhe era de grande auxílio junto de Nosso Senhor; contudo não o demonstrava, por temor dos parentes. Mas quando o Senhor quer para Si uma alma, de pouco valem os esforços das criaturas para o impedir, como aconteceu com este jovem, que, sendo detido por três anos e combatido por vários modos, entrou finalmente na Companhia de Jesus. Segundo ouvi de um Confessor desta Senhora, teve ela pelo mais feliz de sua vida o dia da profissão do filho.

Ó Senhor, que inapreciável mercê fazeis a quem dais semelhantes pais, que amam verdadeiramente os filhos, pois querem assegurar-lhes domínios, morgados e riquezas na bem-aventurança que não há de ter fim! Causa grande lástima, ver o mundo em tal estado de desventura e cegueira, que chegam os pais a fazer consistir a sua honra em perpetuar a memória desses bens da terra, comparáveis ao esterco! Não se lembram de que, mais cedo ou mais tarde, hão de acabar, e portanto não convém fazer muito caso do que, por mais que dure, vem forçosamente a ter fim. À custa dos pobres filhos querem sustentar as suas vaidades, arrancando-os a Deus com muito atrevimento, quando os escolhe para Si, e privando-os de tão grande bem. Com efeito, ainda que não houvesse a felicidade que há de durar para sempre, à qual são convidados pelo Senhor, grandíssimo bem é verem-se eles livres da servidão e das falsas leis do mundo, tanto mais pesadas quanto maior é a fortuna. Abri-lhes, Deus meu, os olhos! Dai-lhes a entender qual é o amor que estão obrigados a ter aos filhos, para que não lhes façam tanto mal, e não se vejam acusados por eles, diante de Deus, naquele juízo último, onde, mau grado seu, entenderão finalmente o verdadeiro valor de cada coisa.

Havendo, pois, o Senhor, por sua misericórdia, tirado do mundo, na idade de dezessete anos mais ou menos, a esse fidalgo, filho de Dona Maria de Acuña, o qual se chama Dom António de Padilha, reverteram os domínios da família a Dona Luíza de Padilha, que era a irmã mais velha; porque, não tendo tido filhos o Conde de Buendia, o mesmo Dom António herdava este Condado, além do título de Adiantado de Castela. Deixo de contar, por não pertencer ao meu assunto, o muito que ele padeceu dos parentes até conseguir realizar a sua vocação. Bem o poderá avaliar quem conhecer quanto os mundanos prezam os sucessores, com o fim de perpetuarem as suas casas.

Ó Filho do Pai Eterno, Jesus Cristo Senhor Nosso, Rei verdadeiro do universo! Que nos deixastes no mundo por herança, a nós que somos vossos descendentes? Que possuístes, Senhor meu, senão trabalhos, dores e desonras, a ponto de não terdes mais que um madeiro onde passar o trabalhoso transe da morte! Por certo, Deus meu, se quisermos ser vossos verdadeiros filhos e não renunciar à herança, não havemos de fugir do padecer. Vossas armas são cinco chagas. Eia, pois, filhas minhas, esta há de

ser nossa divisa, se queremos ter parte no seu reino. Não com descansos, não com regalos, não com honras, não com riquezas se há de ganhar o que o Senhor comprou com tanto sangue! Ó gente ilustre, por amor de Deus, abri os olhos! Olhai que os legítimos cavaleiros de Jesus Cristo e príncipes de sua Igreja, um São Pedro, um São Paulo, não seguiam a senda que trilhais. Pensais, porventura, que há de haver para vós novo caminho? Desenganai-vos! Vede, que começa o Senhor a mostrar-vos a verdade no exemplo destas pessoas tão jovens de que tratamos agora.

Tenho visto e falado algumas vezes a esse Dom António. Quisera ele possuir muito mais para deixar tudo. Bem-aventurado mancebo e bem-aventurada donzela, tão favorecidos de Deus, que mereceram calcar aos pés o mundo, na idade em que ele costuma escravizar os seus moradores! Bendito seja o Senhor que os encheu de tantas graças!

Quando se viu a irmã mais velha de posse dos estados, fez deles o mesmo caso e pouca estima que o irmão tinha feito; porque desde pequenina se havia dado à oração, que é a escola onde o Senhor dá luz para entender as verdades. Oh! valha-me Deus! Quantas pessoas seriam capazes de se expor a trabalhos, tormentos e demandas e aventurar a vida e a honra para adquirir essa herança! E eles tiveram que sofrer não pouco para conseguir abandoná-la. Assim é este mundo! Bem poderíamos entender seus desvarios, se não estivéssemos tão cegos. Com grande generosidade, para que a deixassem livre da herança, renunciou a tudo em favor da única irmã que restava, de idade de dez ou onze anos. Imediatamente, para que se não perdesse a decantada memória da família, trataram os parentes de casar a menina com um tio, irmão de seu pai, e, tendo alcançado dispensa do Sumo Pontífice, celebraram os desposórios.[25]

Não quis o Senhor que a filha de tal mãe, e irmã de tais irmãos, ficasse mais enganada que eles, e permitiu os sucessos que vou narrar. Começou a menina a trazer, de acordo com sua condição, atavios e galas do mundo, bem sedutores em idade tão tenra como a sua; mas ainda não havia dois meses que estava desposada, quando se pôs o Senhor a iluminá-la aos poucos, sem que ela mesma o entendesse. Depois de ter passado com muito contentamento um dia junto de seu desposado, a quem queria com um extremo superior à idade, era assaltada de grandíssima tristeza,

considerando que tinha chegado o fim daquele dia, e assim havia de chegar o fim de todos. Ó grandeza de Deus! Da mesma satisfação que achava nas alegrias perecedoras da terra, procedeu o aborrecimento que veio a ter delas! Começou a sentir tão grande tristeza, que a não podia encobrir ao esposo, e, ainda que este a interrogasse, não sabia dar resposta, nem mesmo compreendia o que tinha.

Por esse tempo teve ele de fazer uma viagem a um lugar distante, onde não pôde deixar de ir. Sentiu-o muito a menina, por lhe querer tanto; mas logo lhe descobriu o Senhor a causa da sua pena, que era estar inclinada a sua alma ao que algum dia há de acabar. Pôs-se a considerar como tinham os seus irmãos tomado o partido mais seguro, deixando-a a ela entre os perigos do mundo. Por uma parte pensava isto; por outra, julgava o seu mal sem remédio, pois ignorava então - e só mais tarde fez consultas e veio a saber, - que podia fazer-se monja, não obstante estar desposada. Sofria muito e passava os dias bem aflita; sobretudo o amor que tinha ao esposo a impedia de tomar qualquer deliberação.

O Senhor, como a queria para Si, gradualmente lhe foi tirando do coração esse amor e substituindo-o pelo desejo crescente de abandonar tudo. Por então só a movia o anseio de se salvar e de escolher para este fim os melhores meios, convencida de que, ainda mais mergulhada nas coisas do mundo, se olvidaria de procurar os bens eternos. Infundiu-lhe Deus em tão tenra idade esta sabedoria de só querer granjear o que não tem fim. Ditosa alma que tão prontamente se desfez da cegueira em que muitos velhos acabam os seus dias! Quando se viu com a vontade bem livre, determinou empregá-la toda em Deus, e confiou à sua irmã o que até então havia calado. Esta, tomando-o por criancice, procurou dissuadi-la, dizendo-lhe, entre outras coisas, que bem podia salvar-se no estado do matrimónio. Perguntou-lhe a menina: Por que então havia ela recusado fazê-lo? Passaram-se alguns dias, durante os quais sempre lhe iam crescendo os desejos. A sua mãe nada ousava dizer; mas talvez fosse ela, com as suas santas orações, a causa desses combates secretos.

CAPÍTULO XI

Prossegue a narração dos meios pelos quais Dona Cassilda de Padilha conseguiu realizar os seus santos desejos de Se fazer Religiosa.

Por esse mesmo tempo aconteceu tomar o hábito neste mosteiro da Conceição de Valladolid uma Irmã leiga [26], de cuja vocação falarei talvez mais tarde; muito diferente na nobreza, pois é uma lavradorazinha, porém tão ilustre pelas elevadas mercês recebidas do Senhor, que é justo fazer dela memória, para louvor de Sua Majestade. Indo Dona Cassilda (que este era o nome da menina tão amada do Senhor) com sua avó, mãe do seu esposo, assistir à tomada de hábito,. afeiçoou-se em extremo a este mosteiro, parecendo que por serem poucas e pobres, podiam servir o Senhor com perfeição. Contudo ainda não estava decidida a deixar o noivo, e era esta indecisão, como disse, o que mais a detinha.

Punha-se a considerar que antes dos desposórios tinha tempos assinalados para a oração, pois sua boa e santa mãe havia criado todos os filhos neste costume, levando-os a horas certas, desde a idade de sete anos, a um oratório, onde lhes ensinava como haviam de meditar a Paixão do Senhor, e fazendo que se confessassem a miúdo, Foi educando-os assim, que viu tão felizmente realizados os desejos que nutria de os ver todos consagrados a Deus. Como ouvi da sua própria boca, oferecia-os sempre ao Senhor, suplicando-lhe que os tomasse para Si, pois já estava desenganada acerca do valor do mundo. Vem-me às vezes esta consideração: quando entrarem esses filhos na posse da glória eterna e virem que tudo devem a sua mãe, que graças lhe hão de dar; e que gozo acidental terá ela ao vê-los junto de si! E, pelo contrário, os que não foram criados pelos pais como filhos de Deus - a quem mais pertencem do que aos mesmos progenitores, - quando se virem uns e outros no inferno, como se amaldiçoarão mutuamente e ficarão desesperados!

Tornando ao nosso assunto, vendo a menina que nem mais tinha gosto para rezar o rosário, teve grande temor de ir sempre pior. Parecia-lhe ver claramente que nesta casa teria segura a salvação; e assim se determinou de todo a agir. Vindo certa manhã com a mãe e a irmã a este mosteiro, aconteceu entrarem na clausura. Ninguém poderia supor que ela faria o que fez. Mal se viu dentro, não houve mais quem a fizesse sair. Eram tão copiosas as suas lágrimas e tais as palavras que dizia para que a deixassem ficar, que a todas infundia espanto. A mãe, embora no fundo se alegrasse, tinha medo dos parentes e não quisera tal solução ao caso, para não a acusarem de ter persuadido a filha. A Piora pensava da mesma maneira,

achando que, em tão tenra idade, era necessário provar mais a vocação. Isto aconteceu de manhã, e ficaram nessas alternativas até à tarde. Por fim chamaram o Confessor da menina, e também meu, que era o Dominicano Padre Mestre Frei Domingos[27], do qual ao princípio fiz menção. Nesse tempo não estava eu aqui. Entendeu logo este Padre proceder tudo do Espírito do Senhor, e ajudou-a muito, embora tivesse de sofrer bastante dos parentes dela, prometendo-lhe que a apoiaria para que voltasse dentro em breve. Assim haviam de fazer todos aqueles que pretendem servir a Deus, quando constatarem o chamamento divino numa alma, pondo de parte o respeito humano.

A custa de persuasões, e para não ser causa de culparem a sua mãe, consentiu em retirar-se, por essa vez; mas sentia que lhe iam sempre crescendo os desejos. Começou a mãe a dar parte do que se passava aos parentes, mas em segredo, a fim de não chegar a notícia aos ouvidos do noivo. Eles o atribuíam a criança e exigiam que esperasse até maior idade, pois ainda não tinha completado doze anos. A isto perguntava a menina: como a tinham achado de idade suficiente para se casar e viver no mundo, e agora não eram da mesma opinião, querendo ela dar-se a Deus? Dizia tais coisas, que bem se via não ser ela quem falava, nesta circunstância.

Não foi possível guardar tanto segredo que o esposo não fosse avisado. À vista disto, compreendeu ela que não devia esperar a sua volta, e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, estando em casa da sua avó e sogra, que ignorava os acontecimentos, rogou-lhe com instância que lhe permitisse ir ao campo com a sua aia, para espairecer um pouco. A avó, para lhe dar gosto, deixou-a ir num carro com os seus criados. Ela deu dinheiro a um deles, mandando-lhe que comprasse uns feixes de lenha ou sarmentos e fosse esperar à entrada deste mosteiro; depois fez dar tantas voltas que veio a passar por esta casa. Chegando diante da porta, mandou que batessem à roda e pedissem um copo de água, sem dizer para quem, e desceu do carro muito depressa. Disseram que lho levariam, Mas não consentiu. Já os feixes de lenha estavam no saguão. Pediu que abrissem para os receber, e pôs-se junto à entrada. Apenas abriram, precipitou-se dentro do mosteiro, e correndo foi abraçar-se com Nossa Senhora, chorando e rogando à Priora que a não mandasse embora. Gritavam os criados e batiam fortemente à porta, até que ela lhes foi falar à grade e disse-lhes que absolutamente não

sairia, e que o fossem dizer à mãe. As damas de companhia desfaziavam-se em lágrimas, mas sem conseguir demovê-la. Foram dar a notícia à avó, que logo acudiu ao mosteiro.

Finalmente nem esta, nem um tio, nem o próprio noivo, que, já tendo voltado, procurou muito dissuadi-la através das grades, conseguiram mais do que atormentá-la com a sua presença e deixá-la com maior firmeza. Dizia-lhe o noivo, entre muitos lamentos, que poderia servir mais a Deus fazendo muitas esmolas, ao que ela tornava que as fizesse ele; e aos demais argumentos respondia que estava obrigada acima de tudo a salvar a própria alma e via que era fraca e entre as ocasiões do mundo não se salvaria. Não lhe dera, aliás, motivo de queixa, nem lhe fizera agravo, pois só o abandonara pelo próprio Deus. Vendo, afinal, que não conseguia satisfazê-lo, levantou-se e deixou-o.

Nenhuma impressão lhe fez a entrevista com o noivo; pelo contrário, ficou desgostada com ele. É que os estorvos e tentações que procedem do demónio servem para mais esforçar a alma à qual Deus infunde verdadeira luz, porque é Sua Majestade que pejeja em favor dela, como se viu neste caso. Não parecia ser Cassilda que falava.

Vendo o noivo e os parentes que não conseguiam fazê-la sair por bem, recorreram à força; trouxeram provisão régia para a tirar do mosteiro, e assim a puseram em liberdade. Em todo o tempo decorrido entre a Conceição e o dia dos Inocentes[28], que foi quando a tiraram, permaneceu no mosteiro, sem hábito, mas, fazendo tudo como se o tivera, com grandíssimo contentamento. Nesse dia, pois, foi tirada por justiça e conduzida a casa de um cavaleiro. Saiu com muitas lágrimas, perguntando por que razão a atormentavam, pois nada conseguiriam. Muitos foram os que procuraram persuadi-la na dita casa, tanto Religiosos como seculares, dizendo-lhe uns que era coisa de criança; outros, que melhor fora gozar dos seus estados. Seria alargar-me demasiado se intentasse referir as disputas que sustentou e a sabedoria com que se livrava de todos, deixando-os espantados com as suas palavras.

Quando, viram que nada conseguiam, quiseram ao menos detê-la algum tempo e levaram-na a casa da sua mãe. Esta, já cansada de tantas peripécias, absolutamente não lhe era favorável, antes se mostrava contrária, talvez

para mais provar a vocação. Ao menos foi o que me disse mais tarde, e é tão santa que não se pode duvidar da sua sinceridade. A menina, entretanto, não o entendia, e, sendo também combatida em extremo por quem a confessava, só podia achar descanso junto de Deus e de uma donzela nobre da casa da sua mãe. Assim foi vivendo entre não poucos trabalhos e contradições até completar doze anos. Tendo compreendido então que os parentes, não podendo tirar-lhe o desejo de ser monja, tratavam de a levar ao mosteiro da sua irmã[29], onde não havia tanta aspereza, resolveu procurar a sua felicidade levando o intento adiante, fosse qual fosse o meio.

Com este pensamento, indo um dia à Missa numa igreja em companhia da mãe, esta se foi confessar. Vendo-a entrar no confessionário, rogou à sua aia que fosse encomendar uma Missa a um dos Padres, e, logo que se viu só, meteu os chapins na manga, arregaçou a saia e foi a toda pressa ao mosteiro, que estava bem longe. Tornando a aia e não a encontrando, corre-lhe ao encalço, e, ao avistá-la, roga a um homem que a detenha. Este - como disse mais tarde - não conseguiu mover-se do lugar onde estava, e assim a deixou ir. Ela, chegando ao mosteiro, transpõe a primeira porta, fecha-a atrás de si e põe-se a chamar. Quando chegou a aia, já havia entrado. Foi logo revestida do hábito, e assim coroou os bons princípios que recebeu do Senhor. Bem depressa começou a receber em paga mercês espirituais de Sua Majestade, e dedicou-se ao divino serviço com grandíssimo contentamento, grandíssima humildade e desapego de tudo.

Bendito seja para sempre o Senhor, que assim faz viver feliz sob as vestes de saial aquela que tão afeiçoada estava aos vestidos mais luxuosos e ricos. O hábito grosseiro não consegue encobrir-lhe a formosura, pois foi cumulada por Deus de graças naturais, além das espirituais, e é tão agradável de génio e de entendimento, que serve a todas de estímulo para louvar a Sua Majestade. Praza a Deus que muitas almas saibam assim responder ao seu chamamento.

CAPÍTULO XII

Em que trata da vida e morte de uma Religiosa, trazida por Nosso Senhor a esta mesma casa, chamada Beatriz da Encarnação. Foi tão perfeita a sua vida e tal a sua morte, que é justo fazer memória dela.

Entrou neste mosteiro para ser monja uma donzela chamada Dona Beatriz Oñez, aparentada com Dona Cassilda; entrou alguns anos antes e foi objecto de admiração para todas, porque eram evidentes as grandes virtudes que em sua alma depositara o Senhor. Afirmam as monjas e a Priora jamais terem visto nela, em todo o tempo que viveu, coisa que se pudesse tachar de imperfeição; nem diferença no semblante, quaisquer que fossem os acontecimentos. Mantinha-se sempre com alegria modesta que bem dava a entender o gozo interior que lhe ia na alma. Falava pouco, mas de modo a não ser pesada, e, conquanto guardasse tão grande silêncio, não parecia singular. Jamais alguém lhe ouviu palavra repreensível, nem porfia, nem desculpa, embora a Priora, para a provar, a acusasse de culpas que não havia cometido, como se costuma fazer nestas casas para exercício de mortificação. Nunca se queixou de coisa alguma ou de alguma Irmã; nem por semblante ou por palavras deu desgosto às suas companheiras de ofício, ou motivo para a suspeitarem de imperfeição ou de a acusarem no capítulo, embora aí digam as zeladoras coisas bem miúdas que hão notado. Em tudo era admirável a sua compostura, quer interior, quer exterior, e isto lhe nascia de trazer sempre muito diante dos olhos a eternidade e o fim para que Deus nos criou. Trazia continuamente na boca louvores do Senhor e expressões de sublime agradecimento; numa palavra, a sua oração era contínua.

Acerca da obediência jamais cometeu falta; antes fazia com presteza, perfeição e alegria tudo o que lhe era mandado. Extraordinária, a sua caridade com os próximos. Chegava a declarar-se disposta a deixar-se partir em mil pedaços por cada uma, a troco de se salvar uma alma e gozar do seu irmão Jesus Cristo, que assim chamava a Nosso Senhor. Teve grandíssimos trabalhos, terríveis enfermidades e gravíssimas dores, como adiante direi, e tudo padecia com imenso gosto e contentamento, como se foram os maiores regalos e deleites. Muito devia Nosso Senhor consolar-lhe o espírito, pois de outro modo seria impossível que ela sofresse tudo com tanta alegria.

Aconteceu que nesta cidade de Valladolid levaram a ser queimados por graves delitos alguns criminosos. Ela soube, penso eu, que não caminhavam à morte com as boas disposições convenientes. Sentiu indizível aflição, e, cheia de mágoa, foi a Nosso Senhor, suplicando-lhe que salvasse aquelas almas e, em troca do castigo que mereciam ou da graça que ela implorava -- pois não me recordo exatamente das palavras, - lhe desse durante a vida inteira todos os trabalhos e penas que fosse capaz de sofrer. Naquela mesma noite vieram-lhe as primeiras febres, e até à morte nunca mais deixou de padecer. Quanto aos criminosos, morreram bem, de modo que parece ter Deus ouvido aquela oração.

Logo lhe sobreveio uma postema nos intestinos, com dores tão intensas que, para as sofrer com paciência, nada menos era preciso do que os tesouros postos pelo Senhor naquela alma. Interna era a doença, e assim os medicamentos aplicados ficaram sem efeito, até que, por permissão do Senhor, veio a abrir-se e deitar fora a matéria, deixando-a neste ponto mais aliviada. Os seus imensos desejos de padecer não se contentavam com pouco. Ouvindo um sermão na festa da Santa Cruz, cresceram tanto as suas ânsias, que, ao terminar, foi lançar-se na cama num forte acesso de pranto. Perguntaram-lhe o que tinha. Respondeu que lhe alcançassem de Deus muitos trabalhos, pois só assim ficaria contente.

Com a Piora tratava de todo o seu interior e achava consolação neste trato. Em todo o curso da enfermidade jamais foi pesada a alguém na mínima coisa; nem se apartava do que a enfermeira queria, mesmo para beber um pouco de água. Desejar trabalhos é affecto muito ordinário às pessoas de oração quando estão sem eles; mas no meio dos mesmos trabalhos alegrar-se de padecer, não é de muitas. Foi o seu caso; durou pouco e, estando tão acabrunhada de dores excessivas, com uma postema dentro da garganta, que a não deixava engulir, vendo junto de si algumas Irmãs e a Piora, que, penso eu, a consolava e animava a suportar tão grande mal, respondeu-lhe que nenhuma pena tinha e não se trocava por nenhuma das outras em gozo de perfeita saúde. Trazia tão presente aquele Senhor por quem padecia, que, o mais possível, usava de rodeios para não dar a entender os seus extremos padecimentos; e, a não ser no auge da dor, muito pouco se queixava.

Parecia-lhe não haver no mundo pessoa pior do que ela; e em tudo, tanto quanto se podia entender, grande era a sua humildade. Alegrava-se imensamente de falar das virtudes alheias; na mortificação tinha extremos. Fugia de qualquer regalo, mas com tanta dissimulação que só quem a observava de sobreaviso o podia entender. Parecia não viver nem tratar com as criaturas, tão desapegada estava de tudo; fossem quais fossem as coisas, tomava-as com perfeita paz, sem mostrar alteração. A este respeito, comparou-a, certa vez, uma Irmã a umas pessoas muito briosas que preferem morrer de fome a dar a conhecer a sua necessidade aos estranhos; pois as Religiosas não se podiam convencer de que ela não sentisse algumas preferências, embora não desse demonstração.

Em todos os seus trabalhos e ofícios visava um fim muito alto, para não perder o merecimento, e costumava dizer: "É de valor inestimável o menor acto feito por amor de Deus. Até os olhos, minhas Irmãs, não deveríamos mover senão com este fim e para lhe dar gosto". Jamais se intrometia em coisa que não estivesse a seu cargo, de sorte que só via as próprias faltas e nunca as alheias. Sentia tanto ouvir dizer bem de si, que tinha cuidado de o não dizer das outras em sua presença, para não as contristar. Nunca procurava consolação, nem mesmo num passeio ao jardim ou em alguma coisa criada; pois, segundo dizia, seria indelicadeza buscar alívio para sofrimentos dados por Nosso Senhor. Pela mesma razão não pedia coisa alguma, remediando-se com o que lhe davam, e afirmando que lhe serviria de cruz qualquer consolo fora de Deus. Em suma, interroguei em particular todas as Religiosas, e nenhuma achei que houvesse visto nela coisa que não fosse de alma de grande perfeição.

Chegando o tempo em que aprouve a Nosso Senhor levá-la deste mundo, foi acometida de maiores dores e de tantos males juntos, que as Irmãs iam visitá-la algumas vezes para ver o contentamento com que os sofria. Em especial o Capelão, bom servo de Deus e Confessor daquele mosteiro, tinha grande desejo de se achar presente na ocasião da morte, pois, como a confessava, a tinha em conta de santa. Foi o Senhor servido de lhe cumprir este desejo. Tendo ela já recebido a Extrema-Unção e estando com a inteligência lúcida, chamaram-no de noite para, em caso de necessidade, reconciliá-la e ajudá-la a bem morrer. Um pouco antes das nove horas, estando todas presentes, e também o Capelão, cerca de um

quarto de hora antes de expirar, ficou livre de todas as dores. Imersa em paz inefável, ergueu os olhos, banhado o rosto numa alegria a modo de resplendor, e assim quedou como quem se põe a contemplar um espectáculo que infunde grande felicidade, pois sorriu duas vezes. Todas as presentes e o mesmo sacerdote receberam, com esta vista, indizível gozo espiritual e contentamento; só souberam dizer depois que lhes parecera estar no Paraíso. Com essa alegria, os olhos postos no Céu, expirou, ficando como um Anjo; e podemos crer, de acordo com a nossa fé e com a sua vida, que a levou Deus a descansar em paga dos seus insaciáveis desejos de padecer por Ele.

Afirma o Capelão - e assim o tem dito a muitas pessoas - que no momento de baixar o corpo à sepultura, sentiu nele grandíssimo e suavíssimo odor. Também afirma a sacristã que em toda a cera que ardeu durante as exéquias e os funerais não achou diminuição. Tudo se pode crer da misericórdia de Deus. Contando estes factos a um Padre da Companhia de Jesus que durante muitos anos a tinha confessado e dirigido, respondeu-me que não se admirava nem achava demasiado, pois não ignorava a muita comunicação que tinha Nosso Senhor com aquela alma.

Praza a Sua Majestade, filhas minhas, que nos saibamos aproveitar de tão boa companhia como a desta Irmã e a de muitas outras que Nosso Senhor nos concede nestas casas. Falarei talvez, sobre elas, para que se estimulem a imitá-las as que vão com alguma tibieza, e para que todas louvemos ao Senhor, que assim faz resplandecer a sua grandeza em mulherzinhas tão fracas.

CAPÍTULO XIII

Em que trata de como se deu início à primeira casa de Descalços Carmelitas, no ano de 1568.

Antes da minha partida para esta fundação de Valladolid, deixei assentado, como já ficou dito, com o Padre Frei António de Jesus, então Prior em Medina, do Convento de Sant'Ana da Ordem do Carmo, e com Frei João da Cruz, que, no caso de se fundar mosteiro de Descalços da Regra Primitiva, seriam eles os primeiros a entrar. Faltavam-me, porém, os meios para conseguir casa, e eu não fazia senão encomendar esta

necessidade a Nosso Senhor. Pelo lado dos Padres, já estava satisfeita. O Padre Frei António de Jesus tinha sido bem exercitado pelo Senhor em vários trabalhos, no ano decorrido desde o nosso ajuste, e tudo sofrera com muita perfeição. Quanto ao Padre Frei João da Cruz, não precisava de provas, pois, embora vivesse entre os Padres Calçados do Pano[30], tinha sempre levado vida perfeitíssima e de muita religião. Tendo-me dado o principal para iniciar a obra, que eram os frades, foi Nosso Senhor servido de prover ao demais.

Não sei de que maneira, pois não me recordo, um cavaleiro de Ávila, por nome Dom Rafael, que nunca me tinha falado, soube do nosso projecto de fundar um mosteiro de Descalços. Veio ter comigo e ofereceu-me, numa aldeia[31] de muito poucos habitantes - onde, creio, não haveria vinte famílias, não me recordo bem, - uma casa que tinha para o rendeiro encarregado de recolher o trigo de um campo de sua propriedade. Compreendi logo que tal devia ela ser; contudo agradeci-lhe muito e louvei a Nosso Senhor. Acrescentou que era na direcção de Medina del Campo, onde eu tinha de passar para ir à fundação de Valladolid, por ser caminho recto, e portanto poderia vê-la. Prometi visitá-la, e assim fiz. Parti de Ávila em fins de Junho, com uma companheira e o Capelão do mosteiro, o Padre Julião de Ávila, o já mencionado sacerdote, que me assistia nestas viagens.

Saimos de manhã cedo, mas, não sabendo o caminho, ficamos extraviados. A aldeia não era muito conhecida; quase não se achava quem desse informações sobre ela, e assim caminhámos o dia todo, com bastante trabalho, porque o sol era fortíssimo. Quando pensávamos estar perto, havia outro tanto que andar. Sempre me recordo da canseira e das idas e vindas daquela jornada; em consequência, chegámos ao cair da tarde. Ao entrar na casa, achámo-la em tal estado de imundícia e tão cheia dos ceifeiros do mês de Agosto, que não nos atrevemos a passar ali a noite. Tinha um portal de boas dimensões, um quarto com alcova, e uma pequena cozinha. Eis todo o edifício do nosso futuro mosteiro. Tracei os meus planos: do portal podia fazer igreja; no celeiro ficaria bem o coro, e o quarto serviria de dormitório. A minha companheira [32], embora bem melhor do que eu e muito amiga de penitência, não se podia conformar com o meu pensamento de fazer ali mosteiro. Chegou a dizer-me: "Asseguro-vos, Madre, ninguém, por mais fervoroso que seja, será capaz de aguentar semelhante coisa; não trateis

disso". O Padre que ia comigo era do mesmo parecer; mas quando lhe expus os meus intentos, não fez mais contradições. Fomos passar a noite na igreja; porém, cansados como estávamos, teríamos preferido privar-nos daquela vigília.

Chegando a Medina, pus logo o Padre Frei António a par do ocorrido e disse-lhe que, se tivesse coragem para estar ali algum tempo, certamente Deus viria depressa em seu auxílio; tudo estava em começar. Parecia-me ter tão diante dos olhos o que o Senhor há feito, e com tanta certeza, por assim dizer, como agora que o estou vendo; e até muito mais do que tenho visto até o dia de hoje, conquanto, no momento em que isto escrevo, já pela bondade de Deus existam dez mosteiros de Descalços. Acrescentei que o Provincial passado e o presente, de cujo consentimento dependia o negócio, segundo disse ao princípio, não nos dariam licença se nos vissem em casa muito boa; mas naquele lugarejo, naquela casinha, não fariam questão. Aliás não tínhamos meios para adquirir outra melhor. Deus lhe tinha infundido mais ânimo do que a mim, e assim respondeu que não só ali, mas até numa pocilga ficaria. Frei João da Cruz estava nas mesmas disposições.

Restava-nos obter o consentimento dos dois Superiores de que falei, porque com esta condição havia dado a licença o Nosso Padre Geral. Eu esperava em Nosso Senhor alcançá-lo, e assim deixei encarregado o Padre Frei António de fazer o possível para angariar alguns objectos para a casa, e fui com Frei João da Cruz para a fundação, que já deixei escrita, de Valladolid. Tivemos de ficar alguns dias sem clausura, por causa dos oficiais que trabalhavam para a estabelecer no mosteiro; deste modo tive ocasião de informar este Padre acerca de todo o nosso modo de proceder, para que levasse bem entendidas todas as coisas, tanto a respeito da mortificação como da caridade fraterna que nos une e das nossas recreações em comum. Nestas tudo se passa com tanta moderação, que as Irmãs aí aprendem a conhecer as suas faltas e tomam um pouco de alívio para melhor levar a austeridade da Regra. Ele era tão virtuoso, que, ao menos eu, podia aprender muito mais dele do que ele de mim; mas não pensei nisto, senão em lhe ensinar o modo de proceder das Irmãs.

Por Providência de Deus, estava ali o Provincial da nossa Ordem, cujo beneplácito me era necessário. Chamava-se Frei Alonso Gonzales; velho,

muito boa pessoa e sem malícia. Pedi-lhe a licença, dizendo-lhe várias coisas e encarecendo a conta que daria a Deus se estorvasse tão boa obra. Por seu lado, Sua Majestade, como queria que se fizesse a fundação, o dispôs, de modo que se abrandou muito. Finalmente, chegando Dona Maria de Mendoza com o Bispo de Ávila, seu irmão, que sempre nos tem favorecido e amparado, acabaram de conseguir as licenças, tanto dele como do Provincial passado, o Padre Frei Angelo de Salazar, de quem eu temia que viesse toda a dificuldade. Aconteceu por esse tempo certo negócio para o qual precisou ele do favor da Senhora Dona Maria de Mendoza, e penso que isto nos valeu muito; mas se assim não fora, Nosso Senhor lhe trocaria o coração, como trocou o do Padre Geral, que estava bem longe de o querer.

Oh! valha-me Deus! Nestes negócios quantas coisas tenho visto, que pareciam impossíveis, e que a Sua Majestade foi tão fácil realizar! E que confusão a minha, pois, vendo o que vi, não me tornei melhor! Ao passo que o vou escrevendo, sinto-me maravilhada e cheia do desejo de que Nosso Senhor dê a entender a todos como nestas fundações quase nada foi o que fizeram as criaturas. É tudo obra do Senhor, que deu ao edifício uns princípios tão baixos, que só Sua Majestade o podia levantar à altura em que está agora. Seja Ele para sempre bendito. Amém.

CAPÍTULO XIV

Continua a tratar da fundação da primeira casa dos Descalços Carmelitas. Dá alguma ideia da vida que levavam e do proveito que começaram a fazer, por mercê de Nosso Senhor, nos lugares circunvizinhos, para honra e glória de Deus.

De posse da autorização dos dois Provinciais, tive a impressão de que tudo estava feito. Dispusemos que o Padre Frei João da Cruz se dirigisse à casa e a acomodasse, para de qualquer maneira poderem entrar nela. Toda a minha pressa era que comesçassem, pelo grande temor de nos sobrevir algum estorvo; e assim se fez. O Padre Frei António já tinha algumas coisas indispensáveis; nós procurávamos ajudá-lo, mas foi insignificante o que conseguimos. Veio ele ter comigo em Valladolid e disse-me com grande contentamento o que tinha angariado, que era bem pouco. Só de relógios ia provido largamente, pois tinha cinco, o que me fez achar muita graça. Disse-me que para ter as horas bem marcadas fazia questão de não ir desapercebido. Penso que ainda nem tinha onde dormir.

Pouco tempo tomou o arranjo da casa porque, embora houvesse muito boa vontade, faltava o dinheiro. Concluídos os preparativos, renunciou o Padre Frei António com grande alegria ao seu cargo de Prior e prometeu guardar a Regra Primitiva. Diziam-lhe que experimentasse primeiro, mas ele não quis. Ia para a sua casinha, onde já o aguardava Frei João, com o maior contentamento do mundo.

Confiou-me o Padre Frei António que, ao chegar à vista do lugarejo, foi invadido por grandíssimo gozo interior; parecia-lhe já ter rompido com o mundo, pelo facto de abandonar tudo e meter-se naquela soledade. Tanto um como outro não acharam a casa incómoda; parecia-lhes estar num paraíso de deleites.

Oh! valha-me Deus! quão pouco contribuem para a felicidade da alma os edifícios e regalos exteriores! Por amor de Deus, suplico-vos, Irmãos e Padres meus, que nunca vos aparteis da moderação no tocante a casas vastas e sumptuosas. Tenhamos diante dos olhos os exemplos dos nossos verdadeiros fundadores, que são aqueles santos Padres dos quais descendemos. Não ignoramos que pelo caminho da pobreza e da humildade chegaram à posse de Deus.

Verdadeiramente tenho constatado haver mais espírito e até alegria interior quando parece faltar ao corpo os meios para viver acomodado, do que depois quando já se tem boa casa e acomodação. Por grande que seja o edifício, que proveito nos traz, pois só de uma cela gozamos continuamente? E que importa que esta seja de boas dimensões e bem construída? Sim, que não havemos de andar olhando para as paredes ... Se considerarmos que não é casa que nos não há de durar eternamente, senão tão breve tempo como o da vida - sempre curta por larga que seja, - tudo se nos fará suave. É certo: quanto menos tivermos aqui, mais gozaremos naquela eternidade onde as moradas serão de acordo com o amor com que tivermos imitado a vida do nosso bom Jesus. Se afirmamos que estes são os princípios para renovar a Regra da Virgem sua Mãe, Patrona e Senhora Nossa, não lhe façamos agravo, a Ela, nem aos nossos santos Padres primitivos, deixando de nos conformarmos com eles. Já que em tudo os não podemos imitar por nossa fraqueza, ao menos deveríamos andar com grande parcimónia nas coisas não essenciais ao sustento da vida. Sim, é

tudo um pouquinho de trabalho, e saboroso, como o experimentaram estes dois Padres. Logo que nos determinamos a sofrer, desaparece a dificuldade; bem pouquinho é a pena, e só no princípio.

No primeiro ou segundo domingo do Advento deste ano de 1568 [33] -- não me recordo bem qual dos dois, - foi celebrada a primeira Missa naquele portalzinho, que não era melhor, penso eu, que o de Belém. Na Quaresma seguinte, de caminho para a fundação de Toledo, passei por ali. Cheguei de manhã. Estava o Padre Frei António de Jesus varrendo a frente da igreja, com a expressão de alegria que lhe é habitual. Interpelei-o: "Que é isto, meu Padre? Que fim levou a honra?" Respondeu-me, para me significar o seu grande contentamento: "Maldito o tempo em que a tive!" Entrei na igreja e fiquei maravilhada de ver o ambiente de devoção que o Senhor ali fazia reinar. E não fui eu só: dois mercadores, meus amigos, que me tinham acompanhado desde Medina, não faziam senão chorar. Por toda parte cruces! por toda a parte caveiras!

Não me posso esquecer de uma cruzinha de madeira posta sobre a pia da água benta, à qual estava colocada uma imagem de papel com um Cristo. Infundia mais devoção, a meu parecer, do que se fora muito bem lavrada, de escultura. O celeiro, onde podiam dizer as Horas[34] porque no meio era alto, servia-lhes de coro; mas tinham de abaixar-se muito para nele entrar e assistir à Missa. Nas duas extremidades do mesmo, com vista para a igreja, fizeram duas ermidades onde não podiam estar senão sentados ou deitados, e encheram-nas de feno, por ser o lugar muito frio e quase lhes dar sobre a cabeça o telhado. Havia nelas dois postigos para o altar, duas pedras por cabeceira e as respectivas cruces e caveiras. Soube que depois de rezadas as Matinas, não iam descansar; ficavam ali até Prima, em tão alta oração, que lhes acontecia trazer bastante neve no hábito quando iam rezar o Ofício, e nem a tinham sentido. Salmodiavam as suas Horas com outro Padre do Pano, que se juntou a eles mas não pôde mudar o hábito por ser muito enfermo, e com outro Religioso moço, que não era ordenado e também os acompanhara.

Iam pregar em muitos lugares circunvizinhos totalmente desprovidos de doutrina. Tinha sido este um dos motivos pelos quais me folguei de se fazer ali a casa, pois tinha sabido não haver mosteiro próximo, nem meios de

doutrinar o povo, o que me causava grande lástima. Em tão pouco tempo tinham adquirido tanto crédito, que experimentei suma consolação com esta notícia. Como ia dizendo, partiam para pregar, caminhando légua e meia e duas léguas, descalços - porque só depois lhes mandaram usar alpercatas - e com bastante neve e frio. Já bem tarde voltavam à casa para a refeição comum, depois de terem pregado e confessado; tão contentes, que tudo lhes parecia pouco.

A respeito do sustento tinham bastante, pois das aldeias comarcãs lhes forneciam mais do que precisavam. Iam ali confessar-se alguns cavaleiros dos arredores e ofereciam-lhes, em suas terras, casas e sítios mais convenientes. Um deles foi Dom Luís, Senhor das Cinco Vilas.[35] Tinha este fidalgo construído uma igreja para uma imagem de Nossa Senhora, por certo bem digna de ser venerada, a qual seu pai enviara de Flandres, por intermédio de um comerciante, à sua avó ou mãe, não me recordo bem. Afeiçãoou-se tanto à imagem o mercador, que a deteve em seu poder muitos anos, e só à hora da morte a mandou entregar. É um retábulo grande, tão belo que nunca vi coisa melhor em minha vida, e muitas outras pessoas dizem o mesmo. A pedido do cavaleiro, foi o Padre Frei António de Jesus àquele lugar e, tendo visto a imagem, afeiçãoou-se-lhe tanto, e com muita razão, que aceitou a proposta de transferir para lá o mosteiro. É numa aldeia chamada Mancera. Tinha o inconveniente de não haver poço que fornecesse água, nem parecia possível consegui-lo algum dia; contudo ali lhes construiu o cavaleiro um convento pequeno, de acordo com a sua profissão, e deu-lhes os paramentos necessários, tudo com muita decência.

Não quero deixar de dizer como o Senhor os proveu de água, pois foi coisa tida por milagrosa. Estava um dia, depois da ceia, o Padre Frei António, que era Prior, no claustro, com seus Religiosos, falando sobre a necessidade que tinham de água. De repente levanta-se, toma um bordão que trazia consigo, e traça com ele, em certo lugar, o sinal da cruz. Parece-me que o traçou, mas não me recordo bem; ao menos assinalou o lugar com o bordão, dizendo: "Agora cavai aqui". Mal cavaram um pouquinho, jorrou tanta água, que é difícil esgotá-la para limpar o poço. É água de beber, muito boa; dela gastaram para toda a obra da construção, e, como já disse, não há meio de secar. Mais tarde fizeram uma horta e procuraram abastecê-

la de água, mas até agora nada puderam achar, embora tenham colocado nora e feito bastantes gastos.

Estava, pois, tão devota aquela casinha, na qual pouco antes não se podia ficar, que me parecia achar motivo de edificação, a qualquer parte para onde volvia os olhos. Fui informada acerca do modo de vida, mortificações e oração daqueles Padres, e do bom exemplo que davam, por um cavaleiro meu conhecido que morava num lugar próximo e ali me foi visitar com a sua mulher. Ambos não sabiam como encarecer a santidade dos Padres e o grande bem que faziam ao povo dos arredores. Quanto a mim, não me fartava de dar graças a Deus, com imenso gozo interior, por me parecer que tinha diante dos olhos um princípio de renovação para sumo engrandecimento da nossa Ordem e serviço do mesmo Senhor. Praza à Sua Majestade que vão sempre adiante, com a vida que levam agora, e meu pensamento será bem verdadeiro. Os dois mercadores meus companheiros de viagem me diziam que por nada deste mundo teriam querido deixar de ir ali. Que coisa é a virtude! Mais lhes agradou aquela pobreza que todas as suas riquezas, e fartou e consolou as suas almas!

Depois tratámos, os Padres e eu, de alguns assuntos. Especialmente, como fraca e sem virtude que sou, instei muito com eles para que, em matéria de penitência, não fossem com tanto rigor, pois a levavam ao extremo. Como só à custa de tantos desejos e orações tinha alcançado do Senhor que me desse com quem começar aquela obra, temia, ao ver tão bons princípios, que o demónio procurasse dar cabo deles antes de se realizarem as minhas esperanças. Imperfeita e de pouca fé, não considerava que era obra de Deus e portanto Sua :Majestade a havia de levar adiante. Eles tinham o que me faltava, e não se deixaram levar pelas minhas palavras para abandonar as suas austeridades; e assim me retirei com grandíssimo consolo, embora não soubesse dar a Deus os louvores devidos por tão subida mercê. Praza à Sua Majestade seja eu digna por sua misericórdia de lhe prestar algum serviço pelo infinito que lhe devo. Amém. Bem entendia eu que muito maior mercê me fazia nisto o Senhor, do que em se servir de mim para fundar mosteiros de monjas.

CAPÍTULO XV

Em que se trata da fundação do mosteiro do glorioso São José na cidade de Toledo, realizada no ano de 1569.

Havia na cidade de Toledo um mercador, homem de bem e servo de Deus, que jamais se tinha querido casar; pessoa de grande verdade e honradez e de vida muito católica. Por meio de negócios lícitos juntou fortuna, com intento de fazer alguma obra do agrado do Senhor. Chamava-se Martinho Ramires. Sendo este acometido do mal de que morreu, um Padre da Companhia de Jesus chamado Paulo Fernandes, com quem me tinha eu confessado quando estive em Toledo tratando da fundação de Malagón, o qual muito desejava ver aí estabelecer-se uma das nossas casas, foi visitá-lo. Disse-lhe que seria grande serviço de Nosso Senhor a fundação de um mosteiro destes; poderia nele instituir os Capelães e capelarias que desejava, e determinar a celebração das festas e outras fundações que tencionava deixar a uma paróquia da cidade.

O enfermo já estava muito mal e, vendo que não lhe restava tempo para concluir o negócio, deixou tudo entregue a um seu irmão chamado Alonso Alvares Ramires; e, pouco depois, o levou o Senhor. Fez boa escolha, porque este Alonso Alvares é homem muito sensato e temente a Deus, sumamente verdadeiro, esmolero e cordato. Tenho tratado com ele frequentemente, e posso, como testemunha de vista, dizer isto com toda a verdade.

Quando morreu Martinho Ramires, estava eu ainda na fundação de Valladolid. Escreveram-me para lá, o Padre Paulo Fernandes e o mesmo Alonso Alvares, dando-me conta do que se passava .e dizendo-me que, se quisesse aceitar a fundação, viesse sem detença. Por este motivo parti pouco depois de acomodada a casa. Cheguei a Toledo na véspera de Nossa Senhora da Encarnação, e fui hospedar-me na residência de Dona Luísa, fundadora de Malagón, com quem eu já tinha estado outras vezes. Fui recebida com extrema alegria porque é muito o que ela me quer. Levei comigo duas companheiras de São José de Ávila, boas servas de Deus. Logo, segundo o costume, nos deram um aposento onde ficávamos tão recolhidas como num mosteiro.

Comecei imediatamente as negociações com Alonso Alvares e um genro seu, chamado Diogo Ortiz, muito virtuoso e versado em Teologia,

porém mais apegado a seu parecer do que o sogro e nada fácil de se render à razão. Começaram a exigir certas condições que não julguei conveniente aceitar. Ao mesmo tempo que andávamos nessas negociações, íamos procurando casa de aluguer para tomar posse, mas foi impossível achá-la adequada, por mais que procurássemos. Por outro lado, nem eu nem a Senhora em cuja casa estávamos, podíamos conseguir, com todas as diligências, licença do Governador, pois nessa ocasião não havia Arcebispo. Também se empenhou em nosso favor um cavalheiro, Cónego da Catedral, chamado Dom Pedro Manrique[36], filho do Adiantado de Castela, que é grande servo de Deus - pois ainda está vivo - e, apesar de ter bem pouca saúde, alguns anos após a fundação desta casa, entrou para a Companhia de Jesus, onde está agora. Era respeitadíssimo na cidade por sua muita ciência e virtude; apesar disto não alcançava que me dessem licença para fundar, porque se conseguia abrandar um pouco o Governador, já estavam contrários os membros do Conselho. Por outro lado, Alonso Alvares e eu não chegávamos a um acordo, por causa de seu genro, a quem ele ouvia muito. Por fim demos o negócio por desfeito.

Eu não sabia o que fazer, pois só tinha vindo para fundar e bem via que, se me retirasse sem o ter conseguido, causaria reparo. No meio de tudo, tinha mais pesar de não alcançar a licença, que do resto, porque entendia que, uma vez tomada posse, Nosso Senhor viria em nosso auxílio, como havia feito em outras partes. Com este pensamento determinei-me a falar ao Governador, e, indo à igreja contígua à sua casa, mandei pedir-lhe que houvesse por bem atender-me. Havia já dois meses que procuravam abrandá-lo, e estava cada dia mais rigoroso. Logo que me vi em sua presença disse-lhe "que era duro ver mulheres desejosas de viver em sumo rigor, perfeição, e encerramento, estorvadas em obras de tanto serviço de Nosso Senhor por pessoas que, longe de viver na mesma austeridade, gozavam de todos os regalos". Disse-lhe estas e outras coisas com uma grande fortaleza que me infundia o Senhor; e de tal maneira lhe moveu Sua Majestade o coração, que, antes de nos separarmos, me deu a licença.

, com a impressão de estar riquíssima, quando nada tinha em realidade. Só possuía três ou quatro ducados, com os quais comprei duas telas pintadas - a fim de as pôr sobre o altar, porque em matéria de imagem estava totalmente desprovida, - dois enxergões e um cobertor. De casa nem

se falava; com Alonso Alvares já tinha rompido. Um mercador da cidade, meu amigo, chamado Alonso de Ávila, que nunca se quis casar e só vive ocupado em boas obras de diversos géneros, principalmente em benefício dos presos da cadeia, disse-me que não me afligisse, pois se comprometia a arranjar casa para nós; mas ficou muito doente. Alguns dias antes, tinha vindo àquele lugar um frade Franciscano muito santo chamado Frei Martinho da Cruz. Deteve-se alguns dias e, antes de partir, mandou ter comigo um rapaz a quem confessava, chamado Andrada, nada rico, senão bem pobre, recomendando-lhe que fizesse tudo quanto eu lhe pedisse. Estando eu um dia ouvindo Missa numa igreja, foi este falar-me; repetiu-me a incumbência recebida daquele bendito homem e assegurou-me que faria por mim tudo o que estivesse em suas mãos, embora só com a sua pessoa nos pudesse ajudar. Agradei-lhe o oferecimento, mas achei graça - e minhas companheiras ainda mais - por ver o cooperador que nos enviava o santo varão, pois no traje não era para tratar com Descalças.

Vendo-me com a licença e sem ter quem me ajudasse, estava perplexa, não sabendo a quem encarregar de ir à procura de alguma casa de aluguer. Veio-me à memória o rapaz enviado por Frei Martinho da Cruz, e disse-o às minhas companheiras. Riram-se muito de mim e responderam-me que não fizesse tal: só serviria para divulgar o nosso projecto. Não lhes quis dar ouvidos, pois no facto de ser enviado por aquele servo de Deus, vi algum mistério, e tinha confiança de que nos havia de ser útil. Mandei-o chamar e contei-lhe o que se passava, recomendando-lhe o maior segredo; pedi-lhe que me procurasse casa para a fundação, que eu daria fiador para o aluguer, tendo em vista o bom Alonso de Ávila, que estava gravemente enfermo, como já disse. Achou tudo muito fácil, e prometeu-me arranjá-la. Logo na manhã seguinte, estando eu ouvindo Missa na igreja da Companhia de Jesus, foi falar-me e disse-me que já tinha achado casa e trazia consigo as chaves para irmos ver, pois estava próxima. Assim fizemos, e era tão boa, que passamos nela quase um ano.

Muitas vezes, ao considerar esta fundação, fico maravilhada dos caminhos de Deus. Havia quase três meses, ou mais de dois pelo menos - não me recordo bem, - que andavam às voltas tantas pessoas abastadas procurando casa, e, como se nenhuma houvesse em Toledo, nunca puderam achar. Surge este rapaz, que, longe de ser rico, era bem pobre, e por

permissão do Senhor logo a encontra. Poderíamos fundar sem trabalho por meio de Alonso Alvares, mas o acordo não foi possível, e rompeu-se inteiramente para que se fizesse a fundação com pobreza e trabalho.

Como nos contentou a casa, dei logo os passos necessários para tomar posse, deixando as obras para depois, com receio que sobreviesse algum estorvo. Bem depressa veio o dito Andrada avisar-me de que naquele dia se esvaziava, e portanto podíamos levar a nossa bagagem. Respondi-lhe que pouco havia a transportar, pois só possuíamos dois enxergões e um cobertor. Esta resposta provavelmente o espantou, e não agradou às minhas companheiras, que se admiraram de como eu tinha falado assim, pois ele, vendo-nos tão pobres, não nos havia mais de querer ajudar. Não pensei em tal, e ele também não ligou importância, pois o mesmo Senhor que lhe infundia aquela boa vontade lha conservou até completar a obra. Efectivamente, para acomodar a casa e trazer oficiais trabalhou com interesse que em nada me parecia inferior ao nosso. Pedimos emprestado o necessário para a celebração da Missa, e, acompanhadas por um operário, chegámos à boca da noite, levando, para a tomada de posse, uma campainha, das que se tocam durante a elevação, pois não tínhamos outra. Com bastante medo da minha parte, passámos toda a noite em preparativos. Não houve remédio senão fazer a capela numa sala para a qual se entrava por uma casinha contígua, ocupada ainda por umas mulheres, mas que também nos fora alugada pelo proprietário.

Era perto de amanhecer; já estava tudo pronto, e ainda não tínhamos ousado avisar às mulheres, pelo receio de que divulgassem o nosso projecto. Começamos a abrir a porta, que era um tabique e dava para um patiozinho bem pequeno. Ao ouvir o estrondo, levantaram-se espavoridas, que ainda estavam na cama, e tive bastante que fazer para as amansar. Mas já era chegada a hora e logo se celebrou a Missa. Ficaram muito zangadas; contudo não nos fizeram mal, e por fim, vendo que se tratava <le mosteiro, o Senhor as abrandou.

Vi depois que tínhamos feito mal; na ocasião, porém, com o embevecimento que Deus infunde para que se faça a obra, os inconvenientes desaparecem. Pertencia a casa à mulher de um morgado, que, ao vê-la transformada em igreja, não nos deu pouco trabalho. Fez

muito barulho, mas com esperança de que a compraríamos por bom dinheiro se gostássemos dela, permitiu o Senhor que se aplacasse. Quando souberam os membros do Conselho que estava fundado o mosteiro para o qual eles nunca tinham querido dar licença, ficaram muito bravos, e foram à casa de um dignitário[37] da Catedral - a quem eu tinha avisado em segredo - dizendo-lhe que iam fazer e acontecer. O Governador, depois de haver dado a licença, tinha sido obrigado a empreender uma viagem e não estava na cidade; eis por que razão se foram queixar ao dito eclesiástico, espantados de que uma mulherzinha com tanto atrevimento tivesse feito um mosteiro contra a vontade de todos. Ele fez que não sabia de nada e apaziguou-os do melhor modo, dizendo-lhes que eu em outros lugares havia fundado e portanto não o teria feito sem as necessárias licenças.

Poucos dias depois, mandaram-nos ordem de não dizer Missa, sob pena de excomunhão, até que mostrássemos as licenças com que tínhamos feito a obra. Com muita mansidão respondi que executaria o que ordenavam, embora naquele ponto não estivesse obrigada a obedecer-lhes; e pedi a Dom Pedro Manrique, o cavalleiro de quem falei, que fosse ter com eles e lhes mostrasse a autorização. Foi e conseguiu aplacá-los, porque era facto consumado; a não ser assim, teríamos bastante que sofrer.

Só com os enxergões e a manta, sem mais roupa alguma, passámos alguns dias. No primeiro, nem uns gravetos tínhamos para assar uma sardinha, mas o Senhor deu a não sei quem a inspiração de nos pôr na capela um feixinho de lenha com que nos remediámos. A noite padecíamos um pouco, porque fazia frio, apesar de nos abrigarmos debaixo do cobertor e das nossas capas de saial, que muitas vezes nos prestam bastantes serviços. Parecerá incrível que, estando eu hospedada em casa daquela Senhora que tanto me quer, saísse a fundar em tamanha indigência. A única explicação, a meu ver, é ter querido o Senhor que eu experimentasse os bens encerrados na virtude da pobreza. Nada lhe pedi porque não gosto de ser pesada, e ela talvez nem tenha advertido; por certo, mais lhe devo, do que ela nos poderia ter dado nessa ocasião.

Foi tudo para grande proveito nosso, porque era tanto o consolo interior e a alegria que sentíamos, que muitas vezes me lembro dos bens encerrados pelo Senhor na prática das virtudes. A míngua parecia causar-nos uma

suave contemplação; mas pouco durou, porque logo o mesmo Alonso Alvares e outros nos foram socorrendo, mais do que desejaríamos. Posso dizer, com verdade, que extrema foi a minha tristeza; parecia-me que possuindo antes muitas jóias de ouro, de repente alguém mas tinha arrebatado, deixando-me na indignação. Só assim posso exprimir o meu pesar ao ver que se nos ia acabando a pobreza; e as minhas companheiras sentiam o mesmo. Vendo-os tristonhas, perguntei-lhes o que tinham, e responderam: "Que havemos de ter, Madre? É que já não parecemos pobres".

Desde então cresceu em mim o desejo da mais extrema pobreza, e ficou-me um senhorio que me faz ter em nenhuma conta todos os bens temporais, pois, em faltando estes, abundam os bens interiores, que trazem consigo outra fartura e tranquilidade. Nos dias em que tratei da fundação com Alonso Alvares, muitas pessoas o reprovaram e mo disseram abertamente, por lhes parecer que não era gente ilustre e fidalga, embora, repito, de condição muito digna; e que, num lugar tão principal como Toledo, não me faltaria coisa melhor. Não fiz muito caso, porque, graças a Deus sempre apreciei mais a virtude que a linhagem; foram, porém, com tantos ditos ao Governador, que este só me deu licença com a condição de fundar como em outras partes.

Fiquei indecisa porque, mal se inaugurou o mosteiro, tornaram Alonso Alvares e seu genro a tratar do negócio. Estando já feita a fundação, tomei o alvitre de lhes dar a capela-mor, ficando eles sem parte alguma no tocante ao mosteiro, como é actualmente. Havia entretanto uma pessoa principal que pretendia a mesma capela-mor, e não faltavam pareceres a este respeito. Estando eu sem saber o partido a tomar, dignou-se Nosso Senhor dar-me luz sobre o caso. Disse-me um dia que, perante o juízo de Deus, de nada serviriam os estados e os títulos de nobreza, e re preendeu-me fortemente por dar ouvidos aos que diziam semelhantes coisas, muito impróprias para nós, Religiosas, que já desprezamos o mundo.

Com estas e outras razões fiquei bem confusa; resolvi concluir o contrato que os tornava donos da capela, e nunca me arrependi de o ter feito. Temos visto claramente que de outro modo não teríamos meios para comprar a casa em que estamos. É das boas de Toledo, e, graças a eles, foi

comprada por doze mil ducados. Celebram-se muitas Missas e festas, com grande consolação das monjas e de todo o povo. Se tivéssemos levado em conta as vãs opiniões do mundo, seria impossível, tanto quanto se pode prever, conseguir tão boa comodidade e, por outro lado, faríamos agravo a quem tão generosamente nos oferecia esta esmola.

CAPÍTULO XVI

Em que se referem alguns factos sucedidos neste Convento de São José de Toledo, para honra e glória de Deus.

Parece-me útil dizer alguma coisa do modo pelo qual se exercitavam algumas monjas no serviço de Nosso Senhor, para que as vindouras procurem sempre imitar estes bons princípios. Antes de se comprar a casa, entrou aqui, na idade de quarenta anos, uma noviça chamada Ana da Madre de Deus. Tinha gasto toda a vida em servir Sua Majestade; em casa não lhe faltava tratamento nem regalo, porque era independente e possuía bens de fortuna; contudo preferiu a pobreza e sujeição da Ordem, e com este intento veio falar-me. Tinha bem poucas forças, mas, como vi alma tão boa e generosa, pareceu-me óptimo princípio para uma fundação, e admiti-a. Foi Deus servido de lhe dar muito mais saúde na aspereza e sujeição, do que tinha no século com liberdade e regalo.

O que me comoveu, e por isso o refiro, é que antes de professar fez doação de todos os seus haveres, pois era muito rica, dando tudo de esmola ao convento. Não gostei e não queria consentir, dizendo-lhe que era perigoso fazer assim, pois poderia arrepender-se ou não ser admitida à profissão pela Comunidade. Certo é que se isto acontecesse, não a deixaríamos privada dos seus bens; contudo quis encarecer-lhe muito o perigo, de um lado para prevenir qualquer tentação, de outro, a fim de melhor provar-lhe o espírito. Respondeu-me que em tal caso pediria esmola por amor de Deus; e nunca pude dissuadi-la do seu intento. Viveu contentíssima e com muita. saúde.

Levavam ao extremo o exercício da obediência e da mortificação neste mosteiro. Permanecendo nele algum tempo, observei que a Prelada tinha de velar sobre o que dizia, porque logo o executavam, mesmo que falasse com

descuido. Estavam uma vez considerando um tanque que havia na horta, e disse a Priora a uma Religiosa que viu a seu lado: "Que seria se eu dissesse a alguém que se lançasse aqui?" Ainda não tinha concluído, e a monja estava já dentro da água, e em tal estado que lhe foi preciso mudar toda a roupa. Em outra ocasião, na minha presença, à hora em que as Irmãs se estavam confessando, a que esperava a sua vez de entrar no confessionário foi falar à Prelada. Esta a repreendeu, dizendo: "Como fazia aquilo? Se era modo conveniente para se recolher? Metesse a cabeça num poço que ali havia, e pensasse nos seus pecados". A culpada entendeu que devia lançar-se no poço e correu a executá-lo com tanta presteza que, se não acudissem a tempo, o teria feito, julgando prestar a Deus o melhor serviço do mundo. Coisas semelhantes e actos de extrema mortificação eram muito comuns. Foi preciso vários letrados moderarem tais excessos e explicarem até que ponto vai a obediência; porque davam em exageros e, se a intenção não as salvasse, antes viriam a desmerecer do que a merecer. Isto não é só neste mosteiro: falei nele porque se me apresentou ocasião, mas em todos há numerosos factos destes. Gostaria eu de não ser parte interessada, a fim de poder narrar alguns, para Nosso Senhor ser louvado em suas servas.

Estando eu nesta casa, aconteceu cair mortalmente enferma uma das Irmãs. Tendo recebido os Sacramentos, era tal o seu gozo e alegria, depois da Extrema Unção, que lhe podíamos pedir que nos encomendasse no Céu a Deus e aos Santos da nossa devoção, como se fora de viagem a outra terra. Pouco antes de expirar, entrei na cela para a assistir, depois de ter estado diante do Santíssimo Sacramento suplicando ao Senhor que lhe desse boa morte. Logo que entrei, vi Sua Majestade à cabeceira da cama, bem no meio. Tinha os braços um tanto abertos, como se estivesse amparando, e disse-me "que tivesse por certo: assim havia de amparar a todas as monjas que morressem nestes mosteiros, e portanto não tivessem medo de tentações à hora da morte". Fiquei sumamente consolada e recolhida. Daí a um pouquinho, aproximando-me dela para lhe falar, disse-me: "Ó Madre! que grandes coisas tenho a ver!" Assim expirou, como um anjo.

Em algumas que morreram desde então, tenho observado que gozam de uma quietação e sossego como se estivessem num arroubamento ou numa oração de imensa paz, sem vestígios de tentações. Assim espero da bondade de Deus que nos há de fazer mercê na hora da morte, pelos merecimentos

do seu Filho e da sua gloriosa Mãe, cujo hábito trazemos. Para isto, filhas minhas, esforcemo-nos por ser verdadeiras Carmelitas, pois depressa se acabará a jornada. E se entendêssemos as aflições que muitos padecem na última hora, e os enganos e subtilezas com que os tenta o demónio, teríamos em grande apreço esta mercê.

Vem-me neste momento à memória um facto que vos quero referir, porque se passou com uma pessoa minha conhecida e até meio aparentada com a minha família. Era grande jogador e tinha feito alguns estudos. Destes se serviu o demónio para o enredar em enganos, persuadindo-lhe que de nada valia a conversão à hora da morte. Ficou tão obstinado nesta ideia, que ninguém o podia resolver a confessar-se, nenhum argumento o convencia. Estava o pobre extremamente aflito e arrependido de sua má vida, porém dizia: "Para que me hei de confessar, se vejo que já estou condenado?" Um frade Dominicano, seu Confessor, homem douto, não fazia senão argumentar com ele; e nada conseguia, porque o demónio ensinava ao enfermo mil respostas subtis. Decorreram assim alguns dias. O Confessor não sabia mais o que fazer, e certamente o recomendava muito a Deus, assim como também outras pessoas, pois o Senhor teve misericórdia dele.

Agravando-se muito a doença, que era pneumonia, voltou o Confessor, levando, penso eu, novos argumentos para o convencer; mas de nada teriam servido se o Senhor, em sua piedade, não abrandasse aquele coração. Apenas começou a falar e a expor razões, senta-se na cama o doente, como se nenhum mal tivera, e diz: "Em suma, dizeis que me pode salvar a confissão? Pois bem! quero fazê-la". Manda vir um escrivão ou notário - que disto não me recordo - e faz um juramento solene de nunca mais jogar e de emendar a sua vida, tomando os presentes por testemunhas. Confessou-se muito bem e recebeu os Sacramentos com tal devoção, que, segundo podemos entender pelo que ensina a fé, salvou a sua alma. Praza a Nosso Senhor, Irmãs, que vivamos como verdadeiras filhas da Virgem e observemos os deveres de nossa profissão, para que Nosso Senhor nos faça a mercê que nos deixou prometida. Amém.

CAPÍTULO XVII

Trata da fundação dos dois mosteiros de Pastrana, um de frades, outro de monjas, no mesmo ano de 1570, digo 1569.

Os quinze dias que decorreram desde a fundação do mosteiro de Toledo até à vigília da Páscoa do Espírito Santo, foram empregados em acomodar a capelinha, colocar grades e fazer várias obras. Houve bastante trabalho, pois, como já disse, passámos nessa casa quase um ano. Sentia-me cansada de ter andado todo o tempo dirigindo os oficiais, mas finalmente ficou tudo pronto. Naquela manhã, ao nos sentarmos no refeitório para jantar, deu-me grandíssimo consolo por já me ver desembaraçada e livre para gozar com Nosso Senhor alguns bons momentos naquela Páscoa. Quase não podia comer, tão regalada sentia a minha alma.

Não mereci esta consolação por muito tempo. Estando assim, vieram dizer-me que desejava falar-me um criado da Princesa de Éboli, mulher de Rui Gomes da Silva. Fui atendê-lo. Vinha buscar-me, da parte da Princesa, que já muito antes tinha tratado comigo da fundação de um mosteiro em Pastrana. Não pensei que fosse tão depressa, e fiquei contrariada, achando muito perigoso deixar um mosteiro fundado tão recentemente e no meio de tantas contradições. Resolvi logo não ir, e comuniquei a minha recusa ao mensageiro. Este me respondeu que não era possível, pois a Princesa estava em Pastrana e tinha ido unicamente para este fim; seria fazer-lhe afronta. Apesar disto, não me passava pelo pensamento a ideia de ir. Disse-lhe que fosse tomar alimento e eu escreveria à Princesa por seu intermédio. Era homem muito honrado, e, embora reprovasse o meu procedimento, depois de ter ouvido as minhas razões, não me contrariou mais.

As monjas que eu mandara vir para formar a Comunidade tinham acabado de chegar; de nenhum modo me parecia possível partir tão apressadamente. Fui à presença do Santíssimo Sacramento para pedir ao Senhor a graça de escrever de sorte que a não ofendesse Isto muito nos teria prejudicado, porque os frades estavam começando, e para tudo convinha ter a nosso favor Rui Gomes, pela sua influência junto do Rei e de todos. Não me recordo se isto me veio à lembrança, mas estou bem certa de que não o queria desgostar. Estando com estes pensamentos, foi-me dito, da parte de Nosso Senhor, que não deixasse de ir, pois se tratava de coisa maior que a fundação projectada, e que levasse a Regra e Constituições.

Apesar das graves razões que se opunham à minha partida, quando ouvi isto não ousei resistir e fiz o que costumava em semelhantes ocasiões, que era reger-me pelo conselho do Confessor. Mandei-o, pois, chamar, porém não lhe repeti as palavras ouvidas na oração, porque assim fico sempre mais satisfeita. Prefiro suplicar ao Senhor que dê luz aos Confessores para decidirem conforme os conhecimentos da razão natural; e Sua Majestade, quando quer que uma coisa se faça, lhes move o coração. Isto me tem acontecido com frequência, e assim foi desta vez, pois, tendo considerado bem todas as circunstâncias, opinou o Confessor pela minha partida; e com isto me determinei a ir.

Saí de Toledo no segundo dia da Páscoa do Espírito Santo.[38] Tivemos de passar por Madrid, onde fomos hospedadas, minhas companheiras e eu, num mosteiro de Franciscanas, por uma senhora que o havia fundado e nele vivia, chamada Dona Leonor Mascarenhas, grande serva de Nosso Senhor, e em outros tempos aia do Rei. Já de outras vezes, tendo-me acontecido passar por ali, pousara em sua casa, e sempre recebia dela bom acolhimento.

Disse-me esta senhora que se alegrava da minha vinda tão oportuna, porque estava ali um ermitão muito desejoso de me conhecer, e a ela parecia que a vida que levava com os seus companheiros se conformava muito com a nossa Regra. Como eu tinha só dois frades, veio-me logo ao pensamento que, se pudesse alcançar que esse o fosse, seria de grande vantagem; e supliquei-lhe procurasse ensejo de nos falarmos. Pousava ele num quarto que esta senhora lhe tinha dado, com um jovem irmão chamado Frei João da Miséria, grande servo de Deus e muito simples no tocante às coisas do mundo. Falei-lhe, e no curso da conversa veio a dizer que tencionava ir a Roma.

Antes de passar adiante, quero dizer o que sei deste Padre. Chamava-se Mariano de São Bento e era italiano de nação, doutor e de grandíssimo engenho e habilidade. Tinha estado a serviço da Rainha da Polónia como intendente de toda a sua casa. Nunca se tinha inclinado ao matrimónio, e era cavaleiro da Ordem de São João de Jerusalém quando o chamou Nosso Senhor a deixar tudo para melhor tratar da sua salvação. Isto foi depois de ter passado vários trabalhos. Acusaram-no falsamente de ter tido parte na

morte de um homem e deixaram-no dois anos num cárcere, onde não quis advogado nem defensor de espécie alguma, confiando só em Deus e sua Justiça. Duas testemunhas afirmavam que ele os tinha chamado para cometerem o crime, mas aconteceu-lhes quase como aos dois velhos da santa Susana. Perguntaram a cada um em particular onde estava ele na ocasião; respondeu um que sentado sobre uma cama; o outro, que a uma janela. Finalmente vieram a confessar que tinham levantado falso testemunho, e ele me certificou de que lhe custara bastante dinheiro para os livrar do castigo. Também tinha estado em sua mão lavrar certa informação contra um indivíduo que lhe fazia guerra; e, justamente por isto, usara de todos os meios possíveis para não lhe causar dano.

Estas e outras virtudes - pois é homem casto e limpo, inimigo de tratar com mulheres - lhe devem ter atraído de Nosso Senhor graça para conhecer o que é o mundo e procurar apartar-se dele. Pôs-se a pensar em que Ordem entraria, mas, examinando umas e outras, em todas achava inconvenientes para o seu espírito, segundo me disse. Veio a saber que nas proximidades de Sevilha, num deserto cognominado "El Tardón", viviam juntos alguns eremitas, tendo por maior um homem muito santo que chamavam o Padre Mateus. Cada ermitão tinha sua cela à parte; não diziam o Ofício Divino, mas juntavam-se no oratório para assistir à Missa. Não possuíam rendas; não pediam nem aceitavam esmolas; mantinham-se com o trabalho das suas mãos, e cada um comia à parte bem pobremente. Enquanto me falava, parecia ver o retrato dos nossos santos Padres. Neste modo de viver passou oito anos; mas havendo o santo Concílio de Trento decretado que os eremitas se filiassem às Ordens religiosas, determinara ir a Roma pedir licença para permanecer com os seus companheiros onde estavam, e era este o seu intento quando lhe falei.

Tendo eu ouvido tais notícias sobre a vida que levavam, mostrei-lhe a nossa Regra Primitiva e disse-lhe que, sem tanto trabalho, podia guardar tudo aquilo, pois o espírito era o mesmo; e em especial viveria do trabalho das suas mãos. Disto fazia ele questão, dizendo-me que pela cobiça estava perdido o mundo, e os Religiosos se viam desacreditados. Como eu era da mesma opinião, depressa ficáamos de acordo sobre este ponto, e aliás sobre todos. Dando-lhe eu razões para o convencer de que poderia servir muito a Deus tomando o nosso hábito respondeu-me que reflectiria durante a noite

sobre o caso. Já o vi quase determinado, e compreendi que era esta a causa de me ter dito Nosso Senhor, na oração, que eu ia para coisa maior do que o mosteiro das monjas. Deu-me grandíssimo contentamento, parecendo-me que a sua entrada na Ordem seria de muita glória para o Senhor. Sua Majestade, que o queria, de tal sorte lhe moveu o coração durante a noite, que na manhã seguinte me chamou, já muito determinado, e até pasmo de ver em si tão rápida mudança por causa de uma mulher. Ainda agora repete-me isto algumas vezes; como se fosse eu a causa, e não o Senhor, que tem poder para mudar os corações.

Grandes são os juízos divinos! Tinha ele andado tantos anos sem saber a que estado se determinar, pois no Tardón não professavam vida religiosa; não faziam votos nem contraíam compromissos, apenas viviam retirados. De repente o move o Senhor, dando-lhe a entender o muito que se há de servir dele nesta Religião e quão necessário será a Sua Majestade para levar adiante a obra começada. Efectivamente muito nos ajudou: até agora tem sofrido bastantes trabalhos, e ainda maiores sofrerá até ficar tudo consolidado, segundo se pode entender das contradições desencadeadas contra a Regra Primitiva. Graças à sua habilidade, engenho e santa vida, goza do valimento de muitas pessoas que nos favorecem e amparam.

Contou-me que Rui Gomes lhe dera em Pastrana, que era justamente o lugar para onde eu me dirigia, uma boa ermida e terreno a fim de estabelecer ali uma comunidade de eremitas; e prometeu-me dar tudo para um mosteiro da nossa Ordem, onde tomaria o hábito. Agradei-lhe e louvei muito a Nosso Senhor, porque dos dois conventos que Nosso Reverendíssimo Padre Geral me autorizara a fundar, só um estava feito. Imediatamente enviei mensageiro aos dois Padres de que atrás fiz menção - o Provincial em exercício e seu antecessor, - pedindo-lhes muito que me dessem licença, pois sem o consentimento de ambos nada se podia fazer; e escrevi ao Bispo de Ávila Dom Alvaro de Mendoza, que muito nos favorecia, pedindo a sua intervenção junto deles.

Foi Deus servido que houveram por bem a fundação, parecendo-lhes talvez que, em lugar tão apartado, pouco prejuízo lhes poderia causar. Deu-me o Padre Mariano palavra de ir a Pastrana logo que chegasse a licença; e com esta promessa parti extremamente satisfeita. Lá achei a Princesa e o

Príncipe Rui Gomes, que me fizeram o melhor acolhimento. Deram-nos um aposento separado, onde estivemos mais tempo do que pensei. Por ser a casa tão pequena, a Princesa a tinha mandado derrubar e reconstruir em parte e fazer bastantes mudanças, embora conservando as paredes.

Aí passei cerca de três meses, com muitos trabalhos, porque me pedia a Princesa certas coisas que não convinham à nossa Religião: de modo que determinei partir sem fundar, pois não era possível ceder. O Príncipe Rui Gomes, com sua extrema prudência e sensatez, conseguiu que a sua mulher chegasse a um acordo, fazendo eu algumas concessões, mais pelo desejo de ver feito o mosteiro dos frades que o das monjas. Compreendi logo quanto era importante; e os acontecimentos depois o provaram.

Por esse tempo chegaram Mariano e o seu companheiro, os dois eremitas de que falei; e, já tendo vindo a licença, aqueles senhores houveram por bem que o lugar doado se destinasse aos frades Descalços de vida eremítica. Mandei chamar o Padre Frei António de Jesus, o primeiro da Ordem, que estava em Mancera, para dar começo à fundação. Preparei hábitos e capas e fiz tudo o que estava em minhas mãos para que a cerimónia da vestição se realizasse prontamente.

Só tinha levado comigo duas monjas, e mandei, nessa ocasião, buscar outras mais no mosteiro de Medina del Campo. Estava ali um Padre já de certa idade; não era muito velho mas também não era moço, excelente pregador, chamado Frei Baltasar de Jesus. Tendo sabido que se tratava de fundar aquele mosteiro, veio com as monjas, na intenção de se tornar Descalço, e assim fez, logo que chegou. Comunicou-me os seus desígnios, e louvei muito a Deus. Deu o hábito ao Padre Mariano e a seu companheiro, a ambos na qualidade de Irmãos leigos, pois Mariano não quis ser sacerdote, senão entrar para se fazer o menor de todos. Jamais pude conseguir dele outra coisa, até que mais tarde, por mandado de Nosso Reverendíssimo Padre Geral, se ordenou de Missa. Fundados os dois Mosteiros e tendo vindo o Padre Frei António de Jesus, começou este a receber noviços de muito valor, sobre alguns dos quais falarei adiante. Serviam a Nosso Senhor de todo o coração, como, se aprouver a Deus, será escrito por quem o saiba relatar melhor do que eu, que neste ponto certamente ficarei aquém da verdade.

Quanto ao mosteiro de monjas, gozou de toda a benevolência destes senhores, tendo a Princesa sumo cuidado de as tratar bem e regalar, enquanto foi vivo o Príncipe Rui Gomes. Morto este, a Princesa, por instigação do demónio, ou talvez por permissão do Senhor em vista de fins só conhecidos de Sua Majestade, levada pela violência da dor, entrou ali para ser monja. Com a mágoa que tinha, não podia achar muito gosto no rigor da clausura, a que não estava acostumada; e a Priora, em obediência ao Santo Concílio, não lhe podia conceder amplas liberdades.

Veio a Princesa a desgostar-se com ela e com todas de tal maneira que, ainda depois de deixar o hábito e voltar ao seu palácio, não as suportava. Viviam as pobres monjas com muita inquietação, de modo que me empenhei com os Prelados e procurei, por quantas vias pude, tirar dali a Comunidade. Fundando-se uma casa em Segóvia, como adiante direi, passaram-se para lá as monjas, abandonando tudo quanto lhes havia dado a Princesa e levando algumas noviças que ela mandara receber sem dote. Só tomaram consigo as camas e algumas coisinhas que haviam trazido, deixando bem pesarosos os habitantes do lugar. Senti o maior contentamento do mundo quando as vi em paz, pois estava muito bem informada de que nenhuma culpa haviam tido no enfado da Princesa, antes a tinham continuado a servir como sempre, durante o tempo em que trouxe o nosso hábito. Os motivos foram os que já dei, e a mesma dor dessa senhora; e também uma criada que levou consigo, à qual, tanto quanto se pode entender, deve ser atribuída toda a culpa. Em suma, o Senhor, que o permitiu, deve ter visto que não convinha ali o mosteiro. Altos são os seus juízos e sobrepujam todo o nosso modo de entender. Só por mim não ousaria dar tal passo; segui o parecer de pessoas recomendáveis pelas letras e pela santidade.

CAPÍTULO XVIII

Trata da fundação do mosteiro de São José de Salamanca no ano de 1570. Dá às Prioras alguns avisos importantes.

Concluídas estas duas fundações, voltei à cidade de Toledo, onde me demorei alguns meses até comprar a casa a que já me referi e deixar tudo em ordem. Enquanto eu tratava deste negócio, escreveu-me o Reitor da

Companhia de Jesus em Salamanca, dizendo-me que ficaria muito bem ali um destes mosteiros, e dando-me para isto algumas razões. Por ser lugar muito pobre, tinha eu receado até então fundar ali sem renda; mas pus-me a considerar que Ávila também o é, e entretanto Deus não nos tem faltado nem, creio, faltará jamais a quem o serve; além disso, as Irmãs vivem pobrementemente, são poucas e ajudam-se com o trabalho de suas mãos. Decidi-me, pois, a fazer o mosteiro. Partindo de Toledo para Ávila, fiz as diligências necessárias para alcançar licença do Bispo de Salamanca. Este, sendo informado pelo Padre Reitor sobre a nossa Ordem e sabendo que seria do serviço de Deus, prontamente a concedeu.

Quando me vi com a autorização do Ordinário, tive por feito o mosteiro, tão fácil me parecia o resto. Tratei, pois, de alugar uma casa; e era bem difícil por não ser o tempo da renovação dos contratos. Uma senhora, minha conhecida, alugou-me um prédio ocupado por alguns estudantes, que, a muito custo, prometeram dá-la quando chegassem os novos inquilinos, sem saber para que fim era, pois tenho grandíssimo cuidado de nada deixar transparecer até à tomada de posse, pela experiência de quanto faz o demónio para estorvar um destes mosteiros. Deus, que queria esta fundação, não lhe permitiu que a atacasse nos princípios; mas depois têm sido tantos os trabalhos e oposições, que ainda não se aplanaram de todo, apesar de estar fundado o mosteiro há alguns anos, à hora em que isto escrevo. Creio que Deus é muito bem servido nesta Comunidade, pois o demónio não a pode sofrer.

De posse da licença e garantida a casa, parti para Salamanca, confiando só na misericórdia de Deus, pois aí não tinha uma única pessoa que me pudesse ajudar com alguma coisa do muito que era mister para as acomodações mais urgentes. Levei só uma companheira, para melhor guardar o segredo. Tinha visto, aliás, que convinha fazer assim, e não levar as monjas antes da tomada de posse, porque fiquei escarmentada com o que sucedeu em Medina del Campo, onde me vi em grande apuro. Deste modo, se houvesse estorvo, passaria sozinha o trabalho, apenas com uma companheira que não podia dispensar. Chegámos na vigília de Todos os Santos. Na noite precedente, tínhamos feito parte do caminho com bastante frio, pousando numa aldeia, onde passei bem mal.

No curso destas fundações, não conto os grandes trabalhos das jornadas, os frios, as soalheiras, as neves, que por vezes caíam sobre nós dias inteiros. Ora nos acontecia perder o caminho; ora me sobrevinham doenças consideráveis ou febres, porque, glória a Deus, de ordinário tenho pouca saúde; mas claramente via que Nosso Senhor me esforçava. Acontecia-me algumas vezes, nas vésperas de uma fundação, achar-me com tantos males e dores, que me afligia em extremo, parecendo-me que mesmo na cela só poderia estar deitada. Voltava-me então para Nosso Senhor e queixava-me, perguntando-lhe como queria que eu fizesse uma coisa acima das minhas forças. Depois, em meio dos trabalhos, recebia alento do Senhor, e, com o fervor e solicitude que Sua Majestade me punha na alma, posso dizer que me esquecia de mim.

Ao que me lembro agora, nunca deixei fundação por medo de sofrimento. Sentia repugnância extrema pelas viagens, especialmente as grandes; mas, apenas me punha a caminho, tudo me parecia pouco, vendo que o fazia em serviço de Deus, e considerando que naquela casa o Senhor seria louvado e residiria no Santíssimo Sacramento. É particular consolo para mim ver mais uma igreja, quando me recordo das muitas destruídas pelos luteranos. Não sei que trabalhos se haviam de temer, por graves que fossem, a troco de tão precioso bem para a Cristandade; pois, embora frequentemente não reflitamos estar Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem no Santíssimo Sacramento em muitos lugares, como está, deveria ser esta a nossa maior consolação. Por certo muitas vezes me consolo no coro, quando vejo estas almas, tão limpas, empregadas nos louvores de Deus. Bem se deixa entender a sua pureza em muitas coisas: na obediência, no gozo que encontram em tão estreita clausura e soledade, na alegria com que abraçam as ocasiões de mortificação. Onde o Senhor dá mais graça à Priora para as exercitar neste ponto, é onde vejo maior contentamento; de modo que mais depressa se cansam as Prioras de as provar, do que elas de obedecer, pois nesta matéria são insaciáveis os seus desejos.

Vêm a propósito aqui, a respeito de mortificação, algumas coisas que serão talvez, filhas, de proveito para as Prioras; e, embora interrompendo a história da fundação que comecei a narrar, quero dizê-las já, por medo de as esquecer. É que há nas Preladas diferentes talentos e virtudes, e cada uma

quer levar as suas monjas pelo caminho que segue. A que está muito mortificada, tem por fácil o cumprimento do que ordena com o fim de dobrar a vontade das suas súbditas, como o seria para ela; e entretanto se lhe mandassem o mesmo, talvez lhe custasse a obedecer. Convém ter muita prudência neste ponto: o que para nós seria áspero, nunca o havemos de impor aos outros. Grande coisa é o discernimento para o governo, e de suma necessidade nestas casas; quero até dizer: muito mais do que em outras, porque é maior o cuidado que entre nós se tem com as súbditas, tanto no interior como no exterior. Outras Prioras, muito espirituais, gostariam de que fosse tudo só rezar. Em suma, leva o Senhor as almas por diferentes modos; e as Preladas hão de considerar que não ocupam o cargo para escolher o caminho a seu gosto, e sim para fazer as súbditas trilhareem o da Regra e Constituições. Renunciem portanto neste ponto às próprias vistas e inclinações pessoais.

Estive uma vez em certa casa onde a Priora, sendo amiga de penitência, levava a todas pelo mesmo caminho. Acontecia-lhe impor de uma vez a toda a Comunidade a disciplina durante os sete salmos penitenciais com várias orações, e outras práticas deste teor. Em outras partes acontecerá que se a Priora se embeber em oração, não na hora determinada, mas depois de Matinas, reterá ali todas as Irmãs, quando seria muito melhor que fossem dormir. Se, como já disse, é inclinada à mortificação, não lhes concede tréguas; e estas ovelhinhas da Virgem vão calando como uns cordeirinhos, o que, por certo, me deixa grandemente edificada e confusa, mas também por vezes me causa não pouca tentação. As Irmãs não o compreendem, embebidas em Deus como andam; mas temo pela sua saúde, e quisera que cumprissem a Regra, que é por si já bem austera, e no demais fossem com suavidade. Especialmente no que diz respeito à mortificação, importa muitíssimo que assim se faça. Por amor de Nosso Senhor estejam atentas neste ponto as Prioras, pois é importantíssimo usar de discrição nestas coisas e conhecer os talentos de cada uma. Se nisto não andarem com a máxima advertência, em lugar de fazer bem, farão grande mal e trarão em desassossego as Irmãs.

Antes de tudo, hão de considerar que tais mortificações não são impostas pela Regra. Embora a alma, para adquirir desapego e alta perfeição, tenha suma necessidade de se mortificar, não é isto trabalho que

se faça em breve tempo. Vão, pois, ajudando as Religiosas progressivamente, segundo o grau de entendimento e o espírito que Deus dá a cada uma. Parecer-lhes-á que para isto não é necessário entendimento, mas enganam-se. Algumas Irmãs, primeiro que venham a entender a perfeição, e até o espírito da nossa Regra, têm muito que trabalhar; e depois serão estas talvez as mais santas. Não sabem quando se devem desculpar e quando não; e o mesmo lhes acontecerá com outras minudências que, se entendessem, abraçariam provavelmente com facilidade; entretanto não as acabam de entender, ou não as têm em conta de perfeição - o que é pior.

Em uma destas casas vive uma Religiosa que, tanto quanto posso julgar, é uma das maiores servas de Deus que há entre nós. Tem grande espírito, recebe muitas mercês de Sua Majestade, é penitente e humilde; entretanto não consegue entender alguns pontos das Constituições. Parece-lhe falta de caridade acusar as culpas das Irmãs no Capítulo; chega a perguntar como é possível falar delas; e outras coisas semelhantes. Factos deste género poderia relatar de algumas, bem servas de Deus; e vejo que, por outro lado, levam vantagem às que são muito entendidas. Não há de pensar a Piora que conhece logo as almas: deixe isto a Deus, a quem unicamente pertence entendê-las. Procure antes levar a cada uma por onde a leva Sua Majestade, desde que não faltem à obediência e aos pontos mais essenciais da Regra e das Constituições. Das onze mil virgens [39], aquela que se escondeu não deixou de ser santa e mártir; talvez tenha, pelo contrário, padecido mais que as outras, pelo facto de vir depois oferecer-se sozinha ao martírio.

Tornemos, agora, à mortificação. Manda a Piora a uma Religiosa, com o fim de a mortificar, uma coisa em si pequena, mas que a esta se faz grave, de modo que, embora obedeça, fica tão inquieta e tentada, que melhor seria não lha terem mandado. Entenda logo e esteja advertida a Piora para não querer aperfeiçoar aquela alma à força de braços; melhor é que dissimule e vá pouco a pouco, a é agir sobre ela o Senhor. Sem aquela perfeição será muito boa monja; não convém, pois, com o fim de lhe fazer bem, dar causa a tão terríveis coisas como são inquietação e aflições de espírito. Vendo o exemplo das outras, irá aos poucos fazendo o mesmo que elas, como temos observado; e se assim não for, salvar-se-á sem esta virtude. Conheço uma delas que toda a vida foi muito virtuosa e há bastantes anos e de várias maneiras tem servido a Nosso Senhor; entretanto, não poucas vezes comete

certas imperfeições e tem alguns sentimentos que não pode reprimir. Aflita vem ter comigo e reconhece os seus erros; e eu penso que Deus a deixa cair nessas faltas sem pecado - pois não são matéria de culpa, - para que se humilhe e tenha ocasião de ver que não está perfeita de todo. Assim, pois, umas aguentarão grandes mortificações, e quanto mais árduas forem as obras ordenadas, mais se julgarão felizes, porque já receberam na alma força do Senhor para render a própria vontade; outras não poderão suportar pequenas provas. Exercitá-las será como pôr duas fânegas[40] de trigo sobre os ombros de um menino, que não só não as levará, mas ficará esmagado sob o peso e cairá no chão. Por conseguinte, filhas minhas (dirijo-me às Prioras), perdoai-me, porque as coisas que em algumas tenho visto me movem a ser tão extensa neste ponto.

Outro aviso quero dar-vos, de suma importância: mesmo com o fim de provar a obediência, jamais deis uma ordem cuja execução importe em pecado, embora venial. De algumas tenho sabido que, executadas, constituiriam pecado mortal. As súbditas talvez fiquem sem culpa pela sua inocência; mas não assim a Priora, pois tem experiência de que não abre a boca para dizer uma coisa, sem que logo a façam. É que as Irmãs, ouvindo e lendo frequentemente os exemplos dos Santos do ermo, julgam que tudo que se lhes ordena é bom, ou que, ao menos, devem sempre obedecer. Estejam, porém, avisadas de que, ainda que se lhes mande, não podem fazer coisa que, a não ser mandada, seria pecado mortal, excepto o caso de deixar a Missa ou os jejuns da Igreja, ou outros semelhantes, em que a Priora pode ter suas razões. Mas lançar-se no poço e outros actos deste género, são absolutamente ilícitos; porque nenhuma há de esperar da parte de Deus milagres, como os que fazia com os Santos. Ocasões não faltam para exercitar a perfeita obediência.

Tudo o que não for com estes perigos, tenho por digno de louvor. Uma vez em Malagón, por exemplo, pediu uma Irmã licença para tomar uma disciplina. A Priora, a quem ela já o devia ter pedido outras vezes, respondeu: "Deixe-me"; e, importunada por novas súplicas, disse finalmente: "Vá passear e deixe-me em paz". A Religiosa, com grande singeleza, andou passeando algumas horas. Tendo-a visto uma Irmã, perguntou-lhe como passeava tanto, ou coisa que o valha; e ela respondeu que lho haviam mandado. Nisto tocou o sino chamando às Matinas, e,

indagando a Priora do motivo de estar ausente aquela Irmã, contou-lhe a outra o que se passava.

É mister portanto, como já disse de outra vez, que esteja atenta a Prelada e veja o que faz com almas cuja extrema obediência lhe é conhecida. Outra vez, certa Religiosa, achando um verme, desses que há muito grandes, foi mostrá-lo à Priora, rogando-lhe que olhasse como era lindo. Esta respondeu em tom de gracejo: "Pois coma-o". Logo a Irmã foi à cozinha e frigiou-o, muito bem frito. Perguntando-lhe a cozinheira por que razão o frigia, respondeu que para o comer; e assim o queria executar, em risco de grande dano, estando a Priora bem longe de o supor. Eu antes folgo de que tenham demasia neste ponto de obediência, porque nutro particular devoção por esta virtude, e assim tenho feito tudo o que está em minhas mãos para que a tenham; mas de pouco valeria se o Senhor não tivesse, por sua grandíssima misericórdia, dado graça para que todas em geral se inclinassem a ela. Praza a Sua Majestade vá sempre muito em aumento. Amém.

CAPÍTULO XIX

Continua a narrar a fundação do mosteiro de São José, da cidade de Salamanca.

Muito me apartei do assunto. Quando se me oferece algum ponto que aprouve ao Senhor dar-me a entender por experiência, não gosto de deixar passar a ocasião de tocar nele; poderá entretanto acontecer que seja bom o que eu tenho por mau. Consultai sempre, filhas, a quem tenha letras, pois nestas achareis o caminho da perfeição, ensinado com prudência e verdade. Sobretudo às Preladas é necessário ter Confessor douto, pois a não ser assim, farão muitas tolices, que julgarão santidade. Devem até mesmo procurar que as suas monjas se confessem com sacerdotes que tenham letras.

Como principiei a contar, chegamos à cidade de Salamanca ao meio-dia da vigília de Todos os Santos, no ano que ficou dito.[41] Da pousada onde estávamos, procurei saber do paradeiro de um homem dali, chamado Nicolau Gutierres, a quem eu tinha encarregado de fazer desembaraçar a casa. Com a sua vida virtuosa, tinha ele alcançado de Sua Majestade paz e contentamento nos grandes e numerosos trabalhos que lhe tinham sobrevivido. Da maior prosperidade caíra em suma pobreza, e tudo levava com tanta alegria como se vivesse na opulência. Muito foi o que trabalhou para se fundar este mosteiro, com extrema devoção e boa vontade. Logo ao chegar, disse-me que não tinha podido conseguir dos estudantes que saíssem da casa, e portanto não estava desocupada. Representei-lhe quanto importava que no-la dessem sem demora, antes que a minha chegada fosse conhecida no lugar; pois eu sempre andava com medo de sobrevir algum estorvo, como já disse. Foi ele ter com o proprietário, e tanto trabalhou, que ficou vazia a casa naquela mesma tarde. Era já quase noite quando nela entrámos.

Foi o primeiro mosteiro que fundei sem colocar o Santíssimo Sacramento. Até então, julgava ser indispensável esta condição para a tomada de posse; mas já tinha sabido que não era essencial, o que me causou bastante consolo, pelo mau estado em que tinham os estudantes deixado tudo. Como não devem ter lá muitos esmeros, estava a casa inteira

de tal sorte, que não pouco se trabalhou aquela noite. No dia seguinte, pela manhã, celebrou-se a primeira Missa, e mandei buscar as outras monjas, que deviam vir de Medina del Campo. Passámos sozinhas, a Religiosa que me acompanhava e eu, a noite de Todos os Santos. Asseguro-vos, Irmãs, que, à lembrança do medo da minha companheira, que era Maria do Sacramento, monja mais idosa do que eu e boa serva de Deus, sinto vontade de rir.

Vendo-se naquela casa tão grande e desordenada, cheia de recantos, ela só pensava nos estudantes, parecendo-lhe que, aborrecidos com aquela mudança forçada, algum deles teria ficado escondido. Muito bem o poderiam ter feito: lugar não lhes faltava. Encerrámo-nos num quarto onde havia palha. Esta era a primeira coisa de que me provia nas fundações, porque deste modo não nos faltava cama; e foi assim que passámos aquela noite, com umas duas mantas que nos haviam emprestado. No dia seguinte, certas Religiosas, nossas vizinhas, em vez de se aborrecerem com a nossa vinda, como pensávamos, emprestaram-nos roupa para as companheiras que estávamos esperando e mandaram-nos algumas provisões. Tinham o título de Santa Isabel, e, durante todo o tempo que ali estivemos, prestaram-nos muitos bons serviços e deram-nos sempre esmolas.

Quando a minha companheira se viu fechada naquele aposento, pareceu sossegar um pouco a respeito dos estudantes, mas só fazia olhar para uma e outra parte, ainda cheia de temores, ajudada nisto provavelmente pelo demónio, que lhe punha na cabeça mil perigos para me perturbar a mim. Para isto, em geral, não era preciso muita coisa, devido à minha fraqueza de coração. Perguntei-lhe porque estava assim olhando, pois ali ninguém podia entrar. Respondeu-me: "Madre, estou pensando uma coisa: se eu agora morresse aqui, que faríeis vós sozinha?" Se assim acontecesse, seria, penso eu, terrível para mim.

Reflctei um pouco e cheguei a sentir um calafrio, porque, embora não seja medrosa, sempre a vista dos cadáveres me enfraquece o coração, ainda quando não estou só. O dobre dos sinos ajudando, pois, como disse, era noite de Finados, bom princípio achara o demónio para nos desatinar com bagatelas: quando vê que alguém não o teme, busca rodeios. Respondi: "Irmã, se assim for, pensarei no que convirá fazer; agora, deixe-me dormir".

Como tínhamos passado mal duas noites, bem depressa o sono acabou com os medos. No dia seguinte, com a chegada das outras monjas, dissiparam-se todos os receios.

Serviu essa casa às Religiosas, sem que o povo se lembrasse delas, cerca de três anos, e talvez quatro, não me recordo bem, porque me mandaram ir à Encarnação de Ávila. Por mim mesma, jamais deixaria mosteiro algum - e com efeito nunca deixei - sem estarem as monjas em casa própria, recolhida e bem acomodada. Fazia-me Deus muita mercê neste ponto: sempre no trabalho gostei de ser a primeira e procurava até as mínimas coisas para o descanso e bem-estar da Comunidade, como se tivesse de passar toda a minha vida naquela casa; e assim grande era a minha alegria quando as deixava muito bem instaladas. Senti bastante ver o que estas Irmãs padeceram aqui; não por falta de mantimento, pois eu donde estava tinha cuidado de as prover, em razão de ser o local muito apartado para as esmolas; mas devido à pouca saúde, por ser a casa húmida, muito fria e tão grande que se não podia remediar. O pior de tudo era a privação do Santíssimo Sacramento, o que em tão estreita clausura é a maior das desconfortações. Faltou-lhes este alívio; mas tudo sofriam com um contentamento que era para louvar ao Senhor, e diziam-me algumas que lhes parecia imperfeição desejar casa, pois ali estavam muito contentes, só lhes faltando o Santíssimo Sacramento.

Vendo o Prelado a perfeição das Religiosas e os trabalhos que padeciam, movido de lástima mandou-me vir da Encarnação para as auxiliar. Já tinham elas tratado com um fidalgo da cidade a compra de uma casa, que fazia parte de um morgado; tão estragada que, para habitá-la, foi-nos preciso gastar mais de mil ducados. Deu-nos o proprietário autorização para nos estabelecermos e mesmo levantarmos os muros, embora ainda não houvesse chegado a licença do rei. Com o Padre Julião de Ávila, que costumava acompanhar-me nestas fundações e tinha ido comigo, fui ver o prédio para determinar o que se havia de fazer, pois a experiência me tinha feito entender bem dessas coisas.

Isto foi em Agosto, e, embora nos apressássemos o mais possível, prolongaram-se as obras até São Miguel, que é o tempo em que ali se renovam os contratos. Ainda faltava bastante para ficar tudo pronto; mas,

como já havia outro morador para a casa em que estávamos, porque não a tínhamos alugado por outro ano, era muito urgente a nossa mudança. A caiação da igreja estava quase terminada. Tinha-se ausentado o cavalheiro que nos fizera a venda. Algumas pessoas que nos queriam bem, censuravam a nossa ida tão precipitada; mas, onde há necessidade, mal se podem tomar os conselhos, se não trazem consigo o remédio.

Passámo-nos para o novo mosteiro na véspera de São Miguel, um pouco antes de amanhecer. Já estava anunciado que no dia seguinte seria colocado o Santíssimo Sacramento e haveria sermão. Foi Nosso Senhor servido de que, à tarde de nossa chegada, caísse tão forte aguaceiro, que até para trazer as coisas necessárias havia dificuldade. A capela tinha sido feita de novo e estava mal entelhada: chovia quase por todas as partes. Asseguro-vos, minhas filhas, que me vi bem imperfeita naquele dia. Por estar já divulgada a notícia, sem saber o que decidir, fiquei consternada.

Cheguei a dizer a Nosso Senhor, quase a modo de queixa, que ou não me metesse em tais empresas, ou remediasse aquela necessidade. O bom do Nicolau Gutierrez, com seu génio inalterável, como se nada houvesse, dizia-me, muito manso, que não me amofinasse, Deus daria remédio. E assim foi, pois no dia de São Miguel, à hora de vir o povo, começou a fazer sol, o que me encheu de devoção. Vi quão mais acertado andou aquele bendito homem, com tanta confiança em Nosso Senhor, do que eu com a minha pena.

Houve muita gente e boa música, e colocou-se o Santíssimo Sacramento com grande solenidade. Como está bem situada a casa, começaram a conhecê-la e cobrar-lhe devoção; em especial muito nos favoreceram a Condessa de Monterrei Dona Maria Pimentel e uma senhora, chamada Dona Mariana, cujo marido era ali Corregedor. Logo no dia seguinte, para moderar a nossa alegria de possuir o Santíssimo Sacramento, chega tão zangado o cavalheiro de quem era o prédio, que eu não sabia como fazer. Tínhamos cumprido todas as obrigações do contrato, mas de pouco servia querer dar-lhe razões, porque o demónio o tornava intratável. Falaram-lhe algumas pessoas em nosso favor e aplacou-se um pouco, mas depois mudava novamente de parecer. Eu já estava determinada a entregar-lhe a casa; mas também isto não queria, porque o seu intento era receber logo

todo o dinheiro. A sua mulher, que era a proprietária, tinha querido fazer a venda para dotar duas filhas, fora esta razão que apresentara ao solicitar do rei a licença; e já tínhamos depositado o dinheiro nas mãos de quem ele havia escolhido.

O certo é que são já passados mais de três anos e o negócio não está concluído. Não sei em que irá parar, nem se o mosteiro ficará ali,[42] isto é, naquela casa; e para chegar a dizer isto, contei o resto. O que sei é que em nenhum convento dos que o Senhor tem fundado agora desta primeira Regra, têm as monjas sofrido, mesmo aproximadamente, tão grandes trabalhos. Mas são tão boas, pela misericórdia de Deus, que tudo levam com alegria. Praza a Sua Majestade que assim perseverem! Quanto a estar a Comunidade em prédio bom ou mau, pouco importa; antes é grande prazer quando nos vemos em algum de onde nos pode lançar fora o proprietário, pois nos lembramos de que o Senhor do mundo não teve onde repousar a cabeça. Isto de não estar em casa própria, várias vezes nos tem acontecido, como se vê nestas fundações; e, posso dizer com verdade, jamais vi alguma Religiosa afligir se por esta causa. Praza à Divina Majestade que não nos falem as moradas eternas, por sua infinita bondade e misericórdia. Amém, amém.

CAPÍTULO XX

Em que se trata da fundação do mosteiro de Nossa Senhora da Anunciação, que está em Alba de Tormes. Foi no ano de 1571.

Tinham decorrido menos de dois meses depois da tomada de posse da casa de Salamanca no dia de Todos os Santos, quando, por parte do Contador do Duque de Alba e da sua mulher, fui importunada para fundar um mosteiro naquela vila. Não tinha vontade de o fazer, por se tratar de lugar pequeno em que era forçoso haver renda, e a minha inclinação era de nada possuir. O Padre Mestre Frei Domingos Báñez, meu Confessor já mencionado no princípio destas fundações, estando nessa ocasião em Salamanca, repreendeu-me, dizendo que, pois o Concílio dava licença para ter renda, não seria bem deixar de fazer um mosteiro por esta razão; e que eu o não entendia, pois essa circunstância não era impedimento para as

monjas serem pobres e muito perfeitas. Antes de mais nada, direi quem era a fundadora e de que modo a levou o Senhor a fazer esta fundação.

Foi a filha, Teresa de Lays - a fundadora do mosteiro da Anunciação de Nossa Senhora de Alba de Tormes, - de pais nobres, muito fidalgos e de limpo sangue.[43] Tinham a sua residência, por não serem tão ricos como pedia a nobreza da linhagem, em um lugar chamado Tordillos, a duas léguas da dita vila de Alba. É bem de lastimar a vaidade que reina nas pessoas do mundo! Preferem sofrer nesses lugares pequenos a soledade e falta de doutrina e de outras coisas que são meios para dar luz às almas, do que decair um ponto das exigências impostas pelo que eles chamam honra. Tendo já quatro filhas quando veio a nascer Teresa de Lays, tiveram os seus pais muito pesar ao ver que era também menina.

Coisa é, por certo, muito para ser chorada! Dir-se-ia que os mortais, sem entender o que melhor lhes convém - pois de todo ignoram os juízos de Deus, - e não sabendo os grandes bens que lhes podem vir das filhas, nem os grandes males por meio dos filhos, não querem confiar naquele que tudo sabe e regula os nascimentos; e assim se atormentam pelo que os havia de alegrar. Como gente em que a fé está adormecida, não querem ter o trabalho de reflectir, nem se lembram de que é Deus quem assim o ordena, e portanto devem deixar tudo em suas mãos. E, já que por sua cegueira não fazem isto, é grande ignorância não entenderem o pouco resultado das suas penas. Oh! valha-me Deus! Quão diversamente olharemos esses enganos no dia em que se há de entender a verdade de todas as coisas! E quantos pais se verão no inferno porque tiveram filhos; e, de outro lado, quantas mães se verão no Céu graças às suas filhas!

Tornando, pois, ao que dizia, chegaram as coisas a tais termos, que, tendo em pouco a vida da menina, ao terceiro dia do seu nascimento a deixaram sozinha, sem que alguém se lembrasse dela, desde a manhã até à noite. Num ponto tinham andado bem: é que logo ao nascer a haviam feito baptizar por um sacerdote. Quando à noite veio uma mulher encarregada de a guardar e soube o que se passava, foi correndo a ver se estaria morta. Acompanharam-na algumas outras pessoas que tinham ido visitar a mãe, e foram testemunhas do que agora direi. A mulher, chorando, tomou-a nos braços e disse-lhe: "Como, minha filha? Não sois cristã?" Queria com isto

dizer que a haviam tratado com crueldade. Levantou a menina a cabeça e respondeu: "Sim, sou"; e não disse mais palavra até à idade em que as crianças costumam falar. Os que ouviram ficaram estupefactos, e, desde então, começou a mãe a querer-lhe bem e a enchê-la de regalos; e dizia muitas vezes que quisera ter vida até ver o que Deus faria desta menina. Criava as filhas muito honestamente, ensinando-lhes tudo quanto se refere às virtudes.

Chegando o tempo de lhe darem estado, não queria, nem tinha desejo de se casar. Ao saber, porém, que a pedia Francisco Velasques, hoje seu marido e também fundador desta casa, mal o ouviu nomear, determinou que, se fosse com ele, consentiria em casar-se, embora nunca em sua vida o tivesse visto. É que, aos olhos do Senhor, assim convinha para a realização da boa obra que ambos fizeram em serviço de Sua Majestade. Com efeito, além de ser homem virtuoso e rico, quer tanto à sua esposa, que lhe faz prazer em tudo; e com muita razão, pois todas as prendas de estimar numa mulher casada deu o Senhor a Teresa de Lays com grande largueza. Juntamente com o cuidado e esmero que tem de sua casa, é dotada de muita virtude. Conduzindo-a seu marido a Alba, de onde era natural, os aposentadores do Duque lhes deram por hóspede um jovem cavaleiro. Isto a contrariou tanto, que se pôs a aborrecer aquele lugar, porque, sendo moça e de muito bom parecer, poderia suceder algum mal se não fosse tão virtuosa, pois já o demónio começava a pôr nele maus pensamentos.

Ela o entendeu, e, sem nada dizer, rogou ao marido que a tirasse dali; este assim fez, levando-a a Salamanca, onde vivia com grande contentamento e fartura dos bens do mundo, por ter um cargo em que todos desejavam dar-lhes gosto, e enchê-los de regalos. Só um pesar tinha: era que Nosso Senhor não lhes dava filhos. Para merecer alcançá-los, fazia ela numerosas preces e práticas de piedade, suplicando ao Senhor que lhe desse descendentes que, após sua morte, ficassem louvando Sua Majestade, pois lhe parecia muito duro finir-se ela sem deixar quem depois dos seus dias cantasse os divinos louvores. Disse-me a mim que jamais teve outro fim nesses seus desejos; e é mulher sumamente verdadeira e de muita cristandade e virtude, como já disse. Faz-me muitas vezes bendizer a Nosso Senhor, quando vejo as suas obras e os desejos que nutre em sua alma de sempre lhe dar gosto e de empregar bem o tempo.

Continuando longos anos com esta sua pretensão e, depois de muitas outras práticas devotas, encomendando-a a Santo André, que, segundo lhe haviam dito, é advogado nesta matéria, estando já deitada uma noite, ouviu estas palavras: "Não queiras ter filhos, que te condenarás". Ficou espantada e temerosa, mas nem por isso desistiu do seu intento, parecendo-lhe que, pois era tão bom o seu fim, não havia razão para se condenar. E assim continuou a suplicar a Nosso Senhor, e especialmente a fazer particular oração a Santo André. Uma vez, estando com o mesmo desejo, - não sabe dizer se acordada ou adormecida mas, seja como for, pelos efeitos se vê ter sido visão verdadeira, - pareceu-lhe achar-se numa casa, onde no pátio, abaixo da galeria, havia um poço. Viu naquele lugar um prado verdejante, esmaltado de brancas flores de tanta formosura, que não sabe encarecer de que maneira o viu. Junto do poço apareceu-lhe Santo André, na figura de uma pessoa muito venerável e formosa, cuja vista lhe infundiu sumo deleite. Disse-lhe o Santo: "Filhos são estes bem diversos dos que desejas". Quisera ela que jamais tivesse fim o consolo imenso que experimentava naquele lugar, mas pouco durou. Entretanto compreendeu claramente que era Santo André, embora ninguém lho dissesse, e ao mesmo tempo entendeu ser da vontade de Nosso Senhor que fundasse um mosteiro. Isto prova que foi visão não só imaginária mas também intelectual, e portanto não podia ser efeito da fantasia, nem ilusão do demónio.

Fantasmagoria não foi, como se vê pelo grande efeito que produziu; pois desde aquele instante nunca mais desejou filhos, e teve tão assentado no coração ser aquela a vontade de Deus, que nem os pediu nem os quis mais, e assim entrou a pensar no modo de fazer o que o Senhor queria. Igualmente pelos efeitos se vê não ter sido obra do demónio, porque este não promove um bem, como foi a fundação deste mosteiro onde se serve muito a Nosso Senhor; e também porque sucedeu isto mais de seis anos antes da fundação, e ele não pode saber o porvir.

Ficando ela muito espantada com a visão, disse a seu marido que, pois Deus não era servido de lhes dar filhos, fariam um mosteiro de monjas. Ele, como é tão bom e a ama tanto, se alegrou com o projecto, e ambos começaram a escolher o local para o mesmo. Dava ela preferência à terra onde havia nascido; ele procurava convencê-la dos justos impedimentos pelos quais ali não ficaria bem.

Durante estas deliberações, foi chamado pela Duquesa de Alba, que lhe mandou voltar à vila ducal para aí ocupar um cargo e ofício em seu palácio. Tendo acudido ao chamado, e sabendo do que se tratava, aceitou, embora fosse emprego menos rendoso que o de Salamanca. Sua mulher, quando o soube, afligiu-se em extremo, pois, como já contei, tinha cobrado aversão àquele lugar; mas, assegurando-lhe o marido que não lhes dariam mais hóspede, aplacou-se um pouco, embora continuasse muito descontente, por estar mais a seu gosto em Salamanca. Comprou ele uma casa e mandou buscar a esposa, que veio desolada, e ainda mais se entristeceu ao ver a nova residência, pois, embora vantajosamente situada e de bom tamanho, não era bem dividida. Passou pois aquela noite muito aflita. No outro dia, pela manhã, ao entrar no pátio, vê, do mesmo lado, o poço onde tinha contemplado Santo André; e tudo, nem mais nem menos, se apresenta a seus olhos, como o tinha visto em espírito; isto é, o lugar, e não o Santo, nem o prado e as flores, que entretanto conservava e ainda conserva bem presentes à imaginação.

Diante de tal espectáculo ficou perturbada e resolvida a fazer ali o mosteiro e, já com grande gozo e sossego, não pensou mais em ir a outra parte. Começou, com o marido, a comprar algumas casas vizinhas até que obtiveram sítio de bastante capacidade. Andava cuidadosa, pensando de que Ordem o faria; desejava que fosse de poucas monjas e de estreita clausura. Consultou dois Religiosos muito bons e letrados, de Ordens diferentes, e ambos lhe disseram que seria melhor fazer outras obras, porque as monjas, na maior parte, vivem descontentes; e várias outras coisas do mesmo teor. O demónio não estava satisfeito e queria estorvar a fundação, de modo que lhes apresentava como justíssimas as razões que alegavam. Sendo tão contrários os pareceres, e, sobretudo, trabalhando tanto o demónio para a impedir, começou ela a temer e ficar perturbada. Por fim determinou renunciar ao projecto, e disse ao marido que o deixasse de parte, pois seu intento era servir a Nosso Senhor, e pessoas de tanta autoridade não o aprovavam. Resolveu, portanto, casar um sobrinho muito querido, filho de uma irmã sua, com uma sobrinha de seu marido e dar-lhes muita parte de sua fazenda, empregando o resto em boas obras pelo repouso de suas almas. Era o sobrinho muito virtuoso e bem jovem ainda. Ficaram ambos firmes neste parecer, e já tudo muito assentado.

Como, porém, tinha Nosso Senhor ordenado outra coisa, de pouco lhes valeu este acordo. Menos de quinze dias depois, foi o sobrinho acometido de um mal tão forte, que em brevíssimos dias o levou consigo Nosso Senhor. Ficou ela convencida em tanto extremo que era esta morte consequência da resolução de deixarem a obra querida por Deus para o constituírem seu herdeiro, que se encheu de grande temor. Vinha-lhe à lembrança o que havia sucedido ao profeta Jonas por não querer obedecer a Deus; e parecia-lhe castigo da sua falta a perda daquele sobrinho tão caro. Desde esse dia determinou que por nenhuma coisa deixaria de fazer o mosteiro; e o marido tomou a mesma resolução, sem saberem entretanto como efectuar os seus desejos. Sentia que Deus lhe punha no coração o que está feito agora; mas, fazendo diversas consultas e explicando como queria o mosteiro, todos se riam e tinham por impossível de achar o que imaginava; especialmente o seu Confessor, frade de São Francisco, homem distinto e letrado. Isto muito a desconsolava.

Por esse tempo aconteceu ir o dito Religioso a certo lugar onde lhe deram notícias destes mosteiros de Nossa Senhora do Carmo que se começavam a fundar. Informou-se bem de tudo, e, à sua volta, disse-lhe que havia achado o mosteiro tal como ela queria, e portanto poderia fazê-lo; contou-lhe o que se passava e aconselhou-a a tratar comigo o negócio. Assim se fez. Custou bastante trabalho chegarmos a um acordo, porque nos mosteiros fundados com rendas faço sempre questão de que estas sejam suficientes, a fim de não terem as monjas necessidade de seus parentes, nem de pessoa alguma; antes a própria casa as proveja de comer e de vestir e de muito bom tratamento para as enfermas, pois de lhes faltar o necessário vêm numerosos inconvenientes. Para fazer muitos mosteiros de pobreza, sem rendas, nunca me falta coragem e confiança, pela certeza de que Deus não os abandonará; mas para os fundar com rendas, e estas insuficientes, tudo me falta; prefiro que não se fundem.

Finalmente renderam-se os fundadores às minhas razões e deram rendas proporcionadas ao número das Religiosas. O que sobretudo apreciei foi que nos cederam a sua própria casa e foram para outra bem ruim. No dia da Conversão de São Paulo[44], do ano de 1571, colocou-se o Santíssimo Sacramento e, para glória e honra de Deus, fundou-se o mosteiro, onde, a meu parecer, é Sua Majestade muito servido. Ele o faça progredir sempre!

Comecei a relatar algumas coisas particulares de certas Irmãs destes mosteiros, parecendo-me que no tempo em que se viesse a ler este escrito não estariam vivas as que actualmente existem, e as futuras se animariam a levar sempre avante tão bons princípios. Julguei depois que não faltará quem o diga melhor e mais por miúdo, e sem o receio que tenho de me tacharem de parte interessada. Omiti, por conseguinte, muitos factos claramente sobrenaturais e tidos como milagrosos por todos aqueles que os viram ou ouviram; não quis falar de nenhum, nem também das graças que Nosso Senhor manifestamente tem concedido em atenção às suas orações. Tenho certo receio de que na conta dos anos em que se fizeram as fundações haja algum erro, embora empregando eu toda a diligência possível para me recordar bem. Como não importa muito e é fácil emendar depois, digo conforme me vem à memória. Pouca será a diferença, se houver engano.

CAPÍTULO XXI

Em que se trata da fundação do glorioso São José do Carmo de Segóvia. Fundou-se no próprio dia de São José, no ano de 1574.

Já contei como, depois de fundados os mosteiros de Salamanca e de Alba, e antes que ficasse o primeiro em casa própria, mandou-me o Padre Mestre Frei Pedro Fernandes, então Comissário Apostólico, ir por três anos à Encarnação de Ávila; e também como, vendo a necessidade do mosteiro de Salamanca, me deu ordem de ir lá, com o fim de transferir as Religiosas a um prédio que lhes pertencesse. Estando eu aí um dia em oração, disse-me Nosso Senhor que fosse fundar em Segóvia. Pareceu-me coisa impossível, porque não havia de ir sem que mo mandassem, e tinha entendido que o Padre Comissário Apostólico, o Mestre Frei Pedro Fernandes, não era favorável à ideia de novas fundações: e tinha ele grande razão de não as querer, porque não haviam terminado os três anos que eu devia passar na Encarnação. Estando eu com estes pensamentos, disse-me o Senhor que escrevesse ao Prelado, e Ele se encarregaria de tudo.

Estava o Padre em Salamanca nessa ocasião. Escrevi-lhe dizendo que não lhe era desconhecido o preceito que eu recebera do Nosso Reverendíssimo Geral de não recusar fundação alguma em qualquer lugar

que se oferecesse ensejo de a fazer. Ora, em Segóvia, tanto a cidade como o Bispo admitiam um mosteiro dos nossos; portanto faria eu a fundação se Sua Paternidade assim me ordenasse; aliás só por desencargo de consciência lhe expunha o caso, e ficaria segura e contente com a sua decisão. Foram estas, mais ou menos, as minhas palavras; e também que me parecia ser obra do serviço de Deus. Bem se deixou ver que o queria Sua Majestade, porque logo me respondeu o Padre que fundasse, e enviou a necessária licença, causando-me não pouca surpresa, pois conhecia o seu modo de pensar sobre o assunto. De Salamanca procurei que me alugassem casa em Segóvia, porque, desde as fundações de Toledo e de Valladolid, tinha entendido que, por muitas razões, melhor é só comprar casa própria depois da tomada de posse. O motivo principal é que eu não possuía uma *bianca* para tal compra, mas tinha experiência de que, apenas se funda algum mosteiro, logo o Senhor vem em nosso auxílio. Por outro lado, pode-se depois escolher sítio mais a propósito.

Residia ali uma senhora, viúva de um morgado, por nome Dona Ana de Jimena. Tinha ido visitar-me em Ávila uma vez, e era muito serva de Deus. Sempre se sentira chamada à vida religiosa, e assim, logo após a fundação do mosteiro, entrou nele com uma filha de vida bem exemplar; e pagou-lho o Senhor duplicadamente, com a alegria que gozou na Religião, as tristezas que tinha tido no estado de matrimónio e de viuvez. Ambas haviam sido sempre muito recolhidas e servas de Deus.

Esta bendita Senhora tomou a casa e encarregou-se de a prover de tudo o que lhe pareceu necessário, assim para a igreja como para nós. Neste ponto tive pouco trabalho; mas, para que não houvesse fundação sem algum sofrimento, além de me achar ali com bastante febre e fastio e males corporais de várias espécies, fui acometida de penas interiores, de grandíssimas securas e obscuridade na alma. O período mais forte durou três meses; mas todo o meio ano que ali estive, sempre passei mal.

No dia de São José colocámos o Santíssimo Sacramento. Embora tivéssemos licença do Bispo e da cidade, preferi entrar secretamente na noite anterior. A autorização fora dada havia muito tempo; mas, estando eu na Encarnação e tendo outro Prelado[45] além do Nosso Padre Generalíssimo, não tinha podido fundar. Quando a cidade dera o

consentimento, concedera o Bispo também o seu, mas só de palavra, a um cavaleiro que o solicitara em nosso nome, chamado André de Jimena. Este não julgou necessário tê-lo por escrito, e eu igualmente não pensei que fosse essencial. Enganei-me, pois tendo chegado ao conhecimento do Provisor como estava feito o mosteiro, acudiu logo muito contrariado e não consentiu mais que se dissesse Missa. Queria até levar preso quem a dissera, que era um frade Descalço[46], que me acompanhava além do Padre Julião de Ávila e de outro servo de Deus, que costumava andar comigo, chamado António Gaytan.

Era este um cavaleiro de Alba a quem, havia alguns anos, tinha Nosso Senhor atraído para Si, andando ele muito metido no mundo. Desde então trazia todas as vaidades tão debaixo dos pés, que só se preocupava com o modo de mais servir a Deus. Como nas fundações seguintes terei de fazer menção dele, porque nos tem sido de grande auxílio e muito trabalhou por nós, quis dizer quem é; e se houvesse de celebrar as suas virtudes, não acabaria tão cedo. Para nós a principal era a sua grande mortificação, pois não havia criado dos que iam connosco tão pronto como ele para nos servir em todas as ocorrências. Muito elevada é a sua oração, e são tantas as mercês que nela tem recebido, que acha contentamento e facilidade no que para outros seria motivo de contradição. Assim acontece com todos os seus trabalhos nestas fundações. Bem se deixa ver que foram chamados por Deus, ele e o Padre Julião de Ávila, para esta obra, notando-se que este o foi desde o primeiro mosteiro. Em atenção a tais companheiros, creio eu, determinava Nosso Senhor que tudo me sucedesse bem. O trato de ambos, pelos caminhos, era falar de Deus e doutrinar as pessoas que iam connosco ou que encontrávamos em viagem; e assim de todas as maneiras andavam servindo Sua Majestade.

Filhas minhas que lerdas estas fundações, justo é que saibais de quanto lhes somos devedoras, e, pois tão desinteressadamente trabalharam para vos granjear a felicidade que tendes nestes mosteiros, deveis encomendá-los a Nosso Senhor, para que tirem algum proveito das vossas orações. Se soubésseis que noites e dias penosos passaram, e quantos trabalhos padeceram, pelos caminhos, de muito boa vontade assim faríeis.

Não quis o Provisor retirar-se da nossa igreja sem deixar um alguazil à porta; não sei com que fim. Serviu para espantar um pouco os que ali estavam; quanto a mim, não fazia muito caso de obstáculo que surgisse depois da tomada de posse: antes dela eram todos os meus receios. Mandei chamar algumas pessoas principais do lugar, aparentadas com uma das nossas Irmãs que levava por companheira, e pedi-lhes que falassem ao Provisor e o informassem de que eu tinha licença do Bispo. Muito bem o sabia ele, segundo disse depois, mas queria que lhe tivéssemos dado parte; e penso que teria sido muito pior. Finalmente consentiu em deixar subsistir o mosteiro, mas tirou-nos o Santíssimo Sacramento, o que não nos causou abalo. Estivemos assim alguns meses até que se comprou um prédio, e com ele bastantes pleitos. Já tínhamos tido outros com os Frades Franciscanos a propósito de uma casa que tencionávamos comprar na vizinhança do seu convento. Agora era o litígio com os Religiosos de Nossa Senhora das Mercês, e com o Cabido, que tinha um censo sobre a nossa propriedade.

Ó Jesus, que trabalho é contender com muitos pareceres! Quando tudo parecia acabado, recomeçava a questão. Mal se lhes dava o que exigiam, logo despontava outro inconveniente. Assim contado, não parece muita coisa; mas foi bem custoso de suportar.

Um sobrinho do Bispo, que era Prior e Cónego da Catedral[47], fazia por nós tudo o que estava ao seu alcance, juntamente com um certo Licenciado Herrera, grandíssimo servo de Deus. Finalmente, à custa de muito dinheiro, conseguimos liquidar o primeiro pleito. Restou-nos o dos Mercedários; e para passarmos à nova casa foi preciso fazê-lo com o maior segredo. Quando nos viram já instaladas - tendo sido feita a transferência um ou dois dias antes de São Miguel, - houveram por bem entrar connosco em acordo a peso de dinheiro. A maior pena que me davam tantos embaraços era que faltavam apenas sete ou oito dias para completar os meus três anos na Encarnação, e eu forçosamente havia de lá estar ao fim deles.

Foi Nosso Senhor servido de que se concluísse tudo tão bem que, terminadas todas as contendas, dois ou três dias depois, regresssei à Encarnação. Seja para sempre bendito o seu Nome pelas inúmeras mercês

que me tem feito constantemente, e louvem-no todas as suas criaturas. Amém.

CAPÍTULO XXII

Em que se trata da fundação do glorioso São José do Salvador no lugar de Beas, no dia de São Matias do ano de 1575.

No tempo em que me mandaram ir da Encarnação a Salamanca, como já disse, estando nesta última cidade, chegou um mensageiro da vila de Beas, com cartas para mim de uma senhora e do Beneficiado daquele lugar, pedindo-me que fosse fundar um mosteiro, pois já tinham casa e só faltava a minha ida para a fundação.

Pedi ao homem algumas informações. Disse muito bem da terra, e com razão, pois é muito deleitosa e de clima excelente. Contudo pus-me a considerar que estava a muitas léguas de distância, e pareceu-me desatino fazer tal viagem, especialmente dependendo da licença do Comissário Apostólico, o qual, como já disse, era inimigo - ou ao menos não era amigo - de fundações. Fiz tenção de responder que não podia aceitar, embora sem dizer os motivos; mas depois refleti que, estando na ocasião o meu Prelado em Salamanca, não me devia decidir sem o seu parecer, pois o Nosso Reverendíssimo Padre Geral me tinha posto preceito de não recusar fundação alguma.

Tendo lido as cartas, respondeu-me que se havia edificado vendo a devoção dos que me escreviam, e não lhe parecia justo negar-lhes algum consolo; portanto devia eu escrever-lhes que trataria da fundação quando tivessem licença da sua Ordem[48], mas com a certeza de que não a alcançariam, pois sabia por outros lados que, em muitos anos, ninguém tinha conseguido obter dos Comendadores tal licença. Em suma, determinava que não lhes respondesse mal. Algumas vezes penso como Nosso Senhor quando quer uma obra, ainda que a não queiramos, dispõe tudo de modo que inconscientemente lhe servimos de instrumento. Assim sucedeu neste caso com o Padre Mestre Frei Pedro Fernandes, que era o Comissário: quando tiveram a licença, não pôde negar a sua, e, graças a ele, fez-se a fundação.

Fundou-se este mosteiro do Bem-aventurado São José da vila de Beas no dia[49] de São Matias do ano de 1575. Foi seu princípio da maneira que se segue, para honra e glória de Deus. Havia nesta vila um cavaleiro chamado Sancho Rodrigues de Sandoval, de nobre linhagem e largamente provido de bens temporais. Foi casado com a senhora Dona Catarina Godines. Entre outros filhos que lhes deu Nosso Senhor, tiveram duas filhas, chamadas a maior Dona Catarina Godines, e a menor Dona Maria de Sandoval, que foram as fundadoras do dito mosteiro. Teria a mais velha quatorze anos quando a chamou Nosso Senhor para Si. Até essa idade, bem longe de querer deixar o mundo, nutria tão alta estima de si mesma, que tinha em pouco todos os pretendentes à sua mão, apresentados por seu pai.

Achando-se um dia numa sala junto do quarto onde o pai ainda estava deitado, leu por acaso, num crucifixo que ali havia, o título que se costuma pôr no alto da cruz. Apenas o leu, subitamente o Senhor a mudou de todo. Pouco antes estava pensando num casamento vantajosíssimo que lhe propunham, e dizia consigo: "Como o meu pai se contenta com pouco! Acha muito um morgado! Quanto a mim, penso que a minha linhagem há de começar em mim mesma!" Não sentia inclinação para o matrimônio, porque lhe parecia baixeza sujeitar-se a alguém. Não entendia de onde vinha tal soberba; mas bem entendia o Senhor por onde a havia de remediar. Bendita seja a sua misericórdia!

Tendo, pois, lido o título, pareceu-lhe ter invadida a alma por uma luz para entender a verdade, - à semelhança de uma sala escura subitamente inundada de sol. Assim iluminada, pôs os olhos no Senhor, que pendia da cruz vertendo sangue, e viu como estava mal tratado e em que extremo de humildade; e ela, pelo contrário, como ia por diferente caminho com tanta soberba. Isto deve ter durado algum tempo, porque a suspendeu o Senhor. Ali lhe deu Sua Majestade em alto grau o conhecimento próprio da sua miséria e o desejo de que todos o entendessem. Foi tomada de tão grandes ânsias de padecer por Deus, que desejava sofrer todos os tormentos dos mártires; e juntamente sentia confusão profunda, humildade e aborrecimento de si. Se fosse possível sem ofensa de Deus, quisera ser uma mulher muito perdida para que todos a detestassem. Desde então começou a aborrecer-se a si própria e a ter fortes desejos de penitências, que executou mais tarde. Imediatamente prometeu castidade e pobreza e desejou sujeição,

a tal ponto que gostaria de ser levada por escrava a terra de Mouros. Todas estas virtudes perseveraram na sua alma, de modo que se viu bem ter sido mercê sobrenatural de Nosso Senhor, como adiante se dirá para que todos O louvem.

Bendito sejais vós, meu Deus, que num momento desfazeis uma alma e a tornais a fazer. Que é isto, Senhor? Quisera eu apresentar aqui uma pergunta semelhante à dos Apóstolos, quando, por ocasião da cura do cego, vos perguntaram se os seus pais haviam pecado.[50] Pergunto eu: quem havia merecido tão soberana mercê? Ela não, porque já vimos a que pensamentos a arrancastes, quando lha fizestes. Oh! grandes são os vossos juízos, Senhor! Sabeis o que fazeis, e eu não sei o que digo, pois incompreensíveis são os vossos juízos e as vossas obras. Sede para sempre glorificado, porque tendes poder para fazer ainda mais. Que seria de mim se não fora isto? Mas teria sido esta graça devida em parte à mãe de Catarina? Era tanta a sua cristandade, que Vós, como bom e piedoso, quisestes talvez que, antes de morrer, visse tão grande virtude nas suas filhas. Algumas vezes penso que fazeis semelhantes mercês aos que vos amam, dando-lhes a grande felicidade de vos servirem por meio dos seus filhos.

No mesmo instante, veio tão grande estrondo sobre a parte superior da sala, que dava a impressão de vir tudo abaixo; parecia todo aquele ruído descer por um canto do aposento onde estava Catarina, a qual ouviu também por algum tempo fortes bramidos. O pai, que ainda não se havia levantado, ficou assustadíssimo e começou a tremer. Como fora de si, vestese às pressas, toma uma espada, e acode, com o semblante demudado, perguntando à filha o que era aquilo? Ela respondeu que nada vira. Examina ele outro quarto vizinho, e, nada encontrando, manda-lhe que vá para junto da mãe, recomendando depois a esta, que não a deixe estar só, e contando-lhe o que tinha ouvido.

Por aqui bem se pode entender quanto deve sentir o demónio ao ver escapar das suas garras uma alma que já pensava ter conquistado. Como é tão inimigo do nosso bem, não me admiro de que fique espavorido e dê tão grandes mostras de sentimento ao ver o piedosíssimo Senhor fazer tantas mercês juntas; especialmente prevendo que aquela alma, já cumulada de riquezas, lhe arrebatará outras que ele tinha em vista. Efectivamente tenho

para mim que nunca faz Nosso Senhor mercê tão assinalada, sem que outros participem da mesma graça. Ela nada referiu do que lhe sucedera, mas ficou cheia de veementes desejos de ser Religiosa e muito o pediu a seus pais. Eles, porém, jamais lho consentiram.

Depois de multiplicar rogos durante três anos, vendo que não alcançava a licença, no dia de São José[51] trocou as suas vestes por hábito modesto. Confiou esta resolução apenas à mãe, da qual facilmente conseguiria a licença para ser monja; ao pai não ousou falar. Assim vestida, apresentou-se na igreja, com a esperança de que, depois de ser vista pelo povo, não a obrigariam a tirar o hábito. Realmente sucedeu como esperava, e o pai não a contrariou. Durante esses três anos tinha as suas horas de oração, e, ensinada pelo Senhor, mortificava-se por todos os modos ao seu alcance. Retirava-se frequentemente para um lugar solitário e aí, molhando o rosto, se expunha ao sol, a fim de ficar mal parecida e não ser importunada pelos pedidos de casamento, que ainda a perseguiram.

Ficou inimiga de ter qualquer autoridade. Sendo forçada a dar ordens às criadas, porque tomava conta da casa paterna, acontecia-lhe esperar que estivessem adormecidas para lhes beijar os pés, afligindo-se por ver que a serviam sendo melhores que ela. Como durante o dia andava ocupada junto dos seus pais, à noite, em vez de dormir, gastava as horas em oração. Assim viveu muito tempo, com tão pouco sono que, se não fosse graça sobrenatural, ser-lhe-ia impossível aguentar. As penitências e disciplinas eram numerosas, porque não tinha quem a governasse, nem dava conta a pessoa alguma. Entre outras austeridades, usou durante uma Quaresma inteira uma cota de malhas do seu pai, directamente sobre a pele. Ia rezar num lugar apartado, onde o demónio lhe pregava muitas peças. Não lhe era raro pôr-se em oração às dez horas da noite e assim ficar até de manhã, sem ver passar o tempo.

Nestes exercícios perseverou cerca de quatro anos. Começou então o Senhor a proporcionar-lhe ocasiões de maiores serviços, enviando-lhe grandíssimas enfermidades, das mais penosas: febre contínua, hidropisia, doença de coração; no peito, um cancro de que foi operada. Enfim, em dezessete anos que lhe duraram estas enfermidades, poucos dias teve saúde. Morreu o seu pai cinco anos depois dessa mercê de Deus. A sua irmã, na

idade de catorze anos, isto é, um após a mudança que se operou em Catarina, também se revestiu de hábito modesto - sendo antes muito amiga de galas - e começou a ter igualmente vida de oração. A mãe as ajudava em todos os bons exercícios e desejos; e assim houve por bem que se entregassem à ocupação, muito virtuosa, mas bastante imprópria da sua nobreza[52], de ensinar gratuitamente leitura e trabalhos de mão a meninas, só com o fim de as instruir na doutrina e de as pôr no costume de rezar. Era considerável o proveito, porque se apresentavam muitas alunas, nas quais ainda agora se vêem os bons costumes que aprenderam em pequenas. Não durou muito, porque o demónio, irritado com tão boa obra, fez que os pais das crianças tivessem por humilhação que fossem ensinadas gratuitamente as suas filhas. Por esta razão e pelas enfermidades que a apertavam cada vez mais, foi impossível continuar a obra.

Cinco anos após a morte do pai destas senhoras, morreu-lhes também a mãe. Dona Catarina, cuja vocação fora sempre para monja, e só não o tinha sido por causa da oposição dos pais, resolveu logo partir a fim de realizar os seus desejos, por não haver mosteiro em Beas. Os seus parentes, porém, lhe aconselharam que ela e a irmã fundassem um na sua mesma terra, pois tinham meios suficientes para uma fundação, e assim prestariam maior serviço a Nosso Senhor. Como Beas depende da Comenda de São Tiago, era mister a licença do Conselho das Ordens. Começaram, pois, a fazer diligências para a solicitar.

Foi tão difícil conseguir o despacho, que apesar de não pouparem trabalhos e gastos durante quatro anos, nada adiantaram, até que resolveram fazer petição solicitando o favor do mesmo Rei. Foi do seguinte modo. Como era tanta a dificuldade, os seus parentes lhes diziam que se deixassem disso, era desatino: estando quase sempre na cama, com as graves enfermidades de que falei, em nenhum mosteiro seria aceita para ser monja. Perguntou-lhes Catarina se ficariam convencidos de ser aquela fundação do agrado de Deus se dentro de um mês lhe restituísse Nosso Senhor a saúde, e fosse ela mesma pessoalmente à corte requerer a licença? Quando assim falou, havia mais de seis meses que estava deitada sem se levantar, e perto de oito anos que vivia quase sempre de cama. Durante todo esse tempo sofria de febre contínua, fraqueza extrema, tísica e hidropisia; no fígado tinha um fogo que a abrasava, tão forte que se sentia através das roupas e

chegava a queimar-lhe a camisa. É coisa que parece incrível, mas eu mesma ouvi estas informações do médico que a tratava nessa ocasião e estava bem espantado. Sofria também de gota e de ciática.

Certa véspera de São Sebastião, que naquele ano caiu num sábado[53], restituiu-lhe Nosso Senhor tão inteiramente a saúde, que não sabia ela como encobrir o facto para dissimular o milagre. Contou que, na ocasião em que Nosso Senhor a quis sarar, foi acometida de violento tremor interno e julgou que se lhe ia acabar a vida; o mesmo pensou a sua irmã. Logo viu cm si grandíssima mudança, e na alma um proveito que a deixou transformada. O maior contentamento que sentiu, ao recobrar a saúde, foi por se ver em estado de trabalhar para a fundação do mosteiro. Dos seus padecimentos não fazia caso, porque desde o dia em que o Senhor a chamou, foi tomada de tal aborrecimento de si mesma, que tudo lhe parecia pouco. Desde então lhe ficou tão poderoso desejo de padecer, que, segundo afirmava, pedia a Deus muito do coração que a exercitasse com dores de toda a sorte.

Não deixou Sua Majestade de corresponder aos seus anelos. Em oito anos sofreu mais de quinhentas sangrias e grande número de ventosas sarjadas, que lhe deixaram o corpo de sorte que bem dá a entender o seu tormento. Nas chagas, produzidas pelas ventosas, lhe deitaram sal mais de vinte vezes: no dizer do médico, era bom para tirar a peçonha de uma dor de lado que padecia. O que é digno de maior admiração é que, sem nenhum temor, quando este ordenava semelhantes tratamentos, ficava com veementes desejos de ver chegar a hora de os padecer, e ela mesma animava os cirurgiões a aplicarem os cautérios, os quais foram frequentes por causa do cancro e de outras enfermidades. Desejava tais suplícios, diz ela, para experimentar se era verdadeira a sede que tinha de ser mártir.

Vendo-se boa de uma hora para outra, falou com o seu Confessor e com o médico, pedindo-lhes que a removessem a outro lugar, para que se pudesse atribuir a cura à mudança de ares. Não lhe quiseram dar ouvidos; antes foram os facultativos que publicaram o prodígio, pois a tinham por incurável, em razão de deitar pela boca frequentemente golfadas de sangue corrompido que, diziam eles, eram já os pulmões. Ela continuou três dias de cama, sem ousar levantar-se, para não dar a entender que estava boa; mas,

como tão pouco se pode encobrir a saúde como a enfermidade, esta precaução de nada serviu.

Disse-me que, no mês de Agosto precedente, suplicando um dia a Nosso Senhor que ou lhe tirasse aquele desejo tão irresistível de ser monja e de fundar o mosteiro, ou lhe desse meios de o realizar, recebeu, com muita certeza, a segurança de que estaria sã a tempo de poder, na Quaresma, ir tratar da licença. E acrescentou que, desde então, embora se agravassem muito os seus males, nunca perdeu a esperança de que o Senhor lhe havia de fazer esta mercê. Administraram-lhe a Extrema-Unção duas vezes, e numa destas estava tão nas últimas, que o médico chegou a dizer que não fossem buscar o sacerdote, pois não a encontraria viva. Entretanto nunca deixou de esperar do Senhor que havia de morrer monja. Não digo que a tenham unguido duas vezes no intervalo de Agosto a São Sebastião, e sim anteriormente. Os seus irmãos e parentes, vendo a mercê e milagre do Senhor nesta cura tão repentina, não ousaram opor-se à sua ida à Corte, embora lhes parecesse desatino. Esteve ela três meses em Madrid, e no fim nada havia conseguido. Afinal dirigiu a petição ao Rei; este, sabendo que era fundação de Descalças do Carmo, mandou que lhe levassem a licença imediatamente.

Ao voltar para fundar o mosteiro, mostrou bem que tinha tratado com Deus o negócio, pois o aceitaram os Prelados, apesar de ser tão distante o lugar e minguadas as rendas. Assim foi que vieram as monjas no princípio da Quaresma do ano de 1575. Foram recebidas com grande solenidade e alegria pelo povo, que as acompanhou em procissão. Em todos era extraordinário o contentamento; até os meninos, com seu regozijo, mostravam ser obra do agrado de Nosso Senhor. Fundou-se o mosteiro, sob o título de São José do Salvador, na festa de São Matias dessa mesma Quaresma.

No mesmo dia tomaram o hábito as duas irmãs, com imensa consolação. Dona Catarina continuava com saúde. A sua humildade, obediência e sede de ser desprezada dão bem a entender como eram verdadeiros os seus desejos de servir Nosso Senhor. Seja Ele glorificado para sempre!

Entre outras coisas, contou-me esta Irmã que, haverá quase vinte anos, foi deitar-se uma noite com desejos de achar a mais perfeita Ordem que

houvesse na terra, para aí ser monja. Pôs-se a sonhar, e pareceu-lhe caminhar por um desfiladeiro muito estreito e apertado que lhe oferecia grande perigo de cair nos profundos precipícios que o ladeavam. Avistou então um frade Descalço. Mais tarde, vendo a Frei João da Miséria, Irmãozinho leigo da nossa Ordem, que fora a Beas estando eu ali, reconheceu ser o mesmo que lhe aparecera em sonhos. Disse-lhe o frade: "Vem comigo, Irmã", e levou-a a uma casa onde havia grande número de monjas, sem outra luz senão as das velas que traziam acesas nas mãos. Perguntou Catarina a que Ordem pertenciam, e todas calaram, mas levantaram os véus, e ela pôde ver os semblantes alegres e sorridentes. Assegura que viu os rostos das mesmas Irmãs que vê agora. Tomando-a a Priora pela mão, disse-lhe: "Filha, para aqui vos quero", e mostrou-lhe as Constituições e a Regra. Ao despertar deste sonho, sentiu tal contentamento, que lhe parecia haver estado no Céu. Escreveu todos os pontos da Regra que lhe tinham ficado na memória, e passou muito tempo sem contar o caso aos Confessores, nem a pessoa alguma, e sem achar quem lhe soubesse dar notícias da Ordem que procurava.

Passando por Beas um Padre da Companhia, sabedor dos seus desejos, mostrou-lhe Catarina os apontamentos que escrevera, dizendo-lhe que, se achasse aquela Ordem, ficaria plenamente satisfeita e entraria logo nela. O Padre tinha notícia destes mosteiros, e respondeu-lhe que se tratava da Regra de Nossa Senhora do Carmo; ou antes, não a informou tão claramente, mas falou-lhe das fundações que eu estava fazendo; e ela tratou de me enviar mensageiro, como ficou dito.

Quando lhe chegou a minha resposta, estava já tão mal, que o Confessor lhe disse que sossegasse: se ela estivesse dentro do mosteiro, a despediriam; como pois a haveriam de admitir em tal estado? Ficou aflitíssima, e, voltando-se para Nosso Senhor com grandes ânsias, disse-lhe: "Senhor meu e Deus meu! Sei pela fé que sois todo poderoso: fazei, pois, ó vida da minha alma, que ou perca eu estes desejos, ou de Vós receba meios para os realizar" Dizia isto com grandíssima confiança, suplicando a Nossa Senhora, que, pela dor que teve ao ver seu Filho morto em seus braços, lhe servisse de intercessora. Ouviu então uma voz interior que lhe disse: "Crê e espera, que Eu sou o Onipotente. Terás saúde, pois Aquele que teve poder para mandar que tantas enfermidades mortais por sua natureza não fizessem

o seu efeito, ainda mais facilmente as poderá tirar". Tinham estas palavras tal cunho de força e de certeza, que ela nunca pôde duvidar de que se haviam de cumprir os seus desejos, embora se lhe agravassem muito os males; até que o Senhor lhe restituiu a saúde, como já vimos. Realmente parece incrível o que sofreu. Se eu não me tivesse informado com o médico, as pessoas de casa e muitas outras, sou tão ruim que facilmente pensaria haver algum exagero.

Actualmente, embora seja fraca, tem saúde para guardar a Regra e está bem disposta; vive com grande alegria e tem em tudo uma humildade que nos faz louvar a Nosso Senhor. As duas irmãs deram toda a sua fazenda à Ordem, sem nenhuma condição, de modo que se não fossem recebidas para monjas, a nada teriam direito. É extremo o desapego de Catarina em relação aos seus parentes e à sua terra; veementes e contínuos os seus desejos de ser mandada para longe. Importuna bastante os Prelados para que assim façam; contudo, por sua grande obediência, vive ali com algum contentamento. Só pelo mesmo motivo recebeu o véu preto, pois queria ser Irmã conversa e não havia meio de a decidir a ser do coro. Foi preciso que eu lhe escrevesse largamente, repreendendo-a por não se querer render à vontade do Padre Provincial. Disse-lhe, entre outras coisas, que aquilo não era merecer mais, e tratei-a com aspereza. Ser tratada assim é para ela a maior alegria, e foi o único meio de a vencer, embora bem contra a sua vontade. Não há nesta alma coisa que não seja digna do agrado de Deus, e da estima de todos. Praza à Sua Majestade sustê-la com a sua mão e aumentar nela as virtudes e a graça que lhe tem dado, para maior serviço e honra do mesmo Senhor. Amém.

CAPÍTULO XXIII

**Em que trata da fundação do mosteiro do glorioso São José do Carmo na cidade de Sevilha.
Celebrou-se a primeira Missa no dia da Santíssima Trindade do ano de 1575.**

Estando eu ainda na vila de Beas, esperando a licença do Conselho das Ordens para a fundação de Caravaca, recebi a visita de um Padre da nossa Ordem dos Descalços, chamado Mestre Frei Jerónimo da Madre de Deus, Graciano, que havia poucos anos tomara o nosso hábito em Alcalá. É homem de muito saber, entendimento e modéstia e, ao mesmo tempo, de

vida virtuosíssima, que parece escolhido por Nossa Senhora para bem desta Ordem primitiva. Estando em Alcalá pensava em ser Religioso, mas nem sonhava tomar o nosso hábito. Os pais, vendo a sua grande habilidade e gozando de muito favor junto do Rei, tinham outros intentos a seu respeito; ele, porém, pensava bem diversamente. Desde o começo dos estudos, foi destinado pelo pai a seguir o curso de jurisprudência; mas, conquanto muito jovem, sentiu extremamente esta determinação e obteve, a poder de lágrimas, licença para fazer os seus estudos de Teologia.

Desde que recebeu o grau de Mestre, pediu admissão na Companhia de Jesus, e os Padres o aceitaram, mas, por certa circunstância, mandaram-lhe que esperasse algum tempo. Contou-me que em todo o regalo que tinha achava tormento, vendo que esse caminho não era bom para o Céu. Sempre teve as suas horas de oração, e com grande extremo guardava o recolhimento e a honestidade.

Por esse tempo entrou na nossa Ordem, no mosteiro de Pastrana, um seu amigo íntimo, também Mestre, chamado Frei João de Jesus. Não sei se em razão de ter recebido deste uma carta falando da grandeza e antiguidade da nossa Ordem, ou se por outro motivo, ficou tão afeiçoado a ler todas as coisas referentes ao Carmelo e a prová-las pelos escritos de autores célebres, que, segundo diz, tinha muitas vezes escrúpulo de não estudar outros assuntos por não poder abandonar estes; e gastar nisto as horas era a sua maior recreação. Ó sabedoria e poder de Deus! Como é cerfo que não nos podemos furtar ao que Ele quer! Bem via Nosso Senhor a grande necessidade que tínhamos de tal pessoa para esta obra que Sua Majestade havia começado. Dou-lhe muitas vezes louvores pela mercê que com isto nos fez; pois se eu quisesse pedir muito a Sua Majestade pessoa capaz de pôr em ordem todos os negócios da Religião nestes princípios, jamais atinaria a pedir tanto como Sua Majestade nos deu no Padre Graciano. Seja o Senhor bendito para sempre!

Estando ele, pois, longe do pensamento de tomar o nosso hábito, rogaram-lhe que fosse a Pastrana tratar com a Piora do mosteiro da nossa Ordem, que ainda não tinha sido transferida dali, sobre a recepção de uma noviça. Que meios toma a Divina Majestade! Se ele quisesse partir com o fim de tomar o hábito, teria de sofrer oposição de tantas pessoas, que talvez

nunca o fizesse. Mas a Virgem Nossa Senhora, a quem ele consagra extraordinária devoção, o quis recompensar dando-lhe o seu hábito, e serviu de medianeira, segundo penso, para que Deus lhe concedesse esta mercê. O motivo, aliás, pelo qual ele o recebeu e tanto se afeiçãoou à nossa Ordem, foi por pertencer a esta gloriosa Virgem, que, vendo tão ardentes desejos de a servir, lhe proporcionou ocasião para os realizar, pois é seu costume favorecer os que se querem valer do seu amparo.

Estando, rapazinho, em Madrid, ia frequentemente visitar uma imagem de Nossa Senhora, à qual tinha grande devoção; não me recordo em que lugar. Dizia que era a sua namorada, e muito de ordinário a ia ver. Foi Ela, por certo, que lhe alcançou do seu Divino Filho a pureza com que sempre viveu. Conta que a Senhora lhe parecia algumas vezes ter os olhos inchados de chorar, pelas muitas ofensas que se faziam a seu Filho. Daí lhe nasceram fortes ímpetos e desejos da salvação das almas e grandíssimo sentimento à vista das ofensas contra Deus. É tão abrasado de zelo pelo bem do próximo, que todo o trabalho se lhe faz pequeno quando espera produzir algum fruto. Isto que digo, tenho visto por experiência em muitas tribulações que ele tem passado.

Foi, pois, a Pastrana, levando-o a Virgem como enganado, com o intento de tratar do hábito de uma pretendente; e era o Senhor que o guiava para lho dar a ele. Ó segredos de Deus! Como nos vai dispondo, mesmo contra a nossa vontade, para nos fazer mercês! E como soube pagar a esta alma as boas obras que havia feito, os óptimos exemplos que dera desde a infância, e o muito que desejava servir à sua gloriosa Mãe. São coisas que Sua Majestade deve sempre pagar com grandes prémios.

Tendo ele chegado a Pastrana, foi falar à Piora sobre a admissão da tal pretendente, e mais parece que lhe fora pedir que alcançasse de Nosso Senhor a sua própria admissão. Ela o viu e verificou como era agradável o seu trato. Efectivamente, de ordinário, quem o conhece não o pode deixar de amar. É graça de Nosso Senhor, e assim é extremamente querido por todos os seus súbditos e súbditas. Não lhes perdoa falta alguma, pois tem sumo zelo pelo aumento da Religião; usa, porém, de uma suavidade tão agradável, que parece impossível ter alguém queixas dele.

Aconteceu à Priora o mesmo que aos demais. Com vivíssimo desejo ficou de o ver entrar na Ordem e disse-o às Irmãs, mostrando quanto lhes importava esta aquisição, porque nesse tempo havia muito poucos ou quase nenhum de igual valor. Mandou que todas pedissem a Nosso Senhor que o não deixasse partir, e lhe desse o hábito. É esta Priora grandíssima serva de Deus, e só a sua oração bastaria, penso, para ser ouvida por Sua Majestade; quanto mais as de tantas almas boas que ali estavam. Todas o tomaram muito a peito, e com jejuns, disciplinas e orações o suplicavam de contínuo a Sua Majestade; e assim foi servido de nos fazer esta mercê. Indo o Padre Graciano ao mosteiro dos Frades, viu tanta religião e facilidade para servir a Nosso Senhor, além do principal, que era ser Ordem da sua gloriosa Mãe, a quem ele tanto desejava servir, que no coração lhe despontou o desejo de não tornar ao mundo. Apresentava-lhe o demónio não poucas dificuldades, em particular o desgosto dos seus pais, que o amavam ternamente e, tendo numerosos filhos e filhas, contavam muito com o seu auxílio para prover ao futuro dos mesmos. Ele, porém, deixando este cuidado a Deus, por quem abandonava tudo, se determinou a ser súbdito da Virgem e tomar o seu hábito. Recebeu-o efectivamente, com suma alegria de todos, em especial das monjas e da Priora, que davam fervorosos louvores a Nosso Senhor, persuadidas de que Sua Majestade lhes tinha feito esta mercê em atenção às suas orações.

Passou o ano de provação com a humildade do menor dos noviços. Deu, sobretudo, mostras de virtude num tempo em que, estando ausente o Prior, ficou o governo nas mãos de um Religioso muito novo, sem letras, de pouquíssimo talento e nenhuma prudência para governar; experiência não tinha, pois entrara na Ordem havia pouco, e levava os Religiosos de modo extravagante, obrigando-os a excessivas mortificações. Cada vez que disto me lembro, espanto-me de ter havido quem o aguentasse, especialmente sendo pessoas de tal merecimento. Era preciso o espírito que Deus lhes dava, para o suportar. Depois ficou bem verificado que esse jovem Religioso estava atacado de muita melancolia; por toda a parte onde tem vivido dá que sofrer aos outros, mesmo como súbdito; quanto mais como superior? É bom Religioso, mas totalmente dominado pelo humor melancólico. Permite Deus algumas vezes que se faça este erro de entregar o governo a pessoas assim, para aperfeiçoar a virtude da obediência nos que lhe são caros.

Desta arte deve ter acontecido aqui; e, pelos méritos adquiridos nesta circunstância, recebeu do Senhor o Padre Frei Jerónimo da Madre de Deus grandíssima luz em matéria de obediência, para a ensinar a seus súbditos, como quem tão bons princípios teve no exercício desta virtude. E para que não lhe faltasse experiência em todas as nossas dificuldades, três meses antes de professar teve violentíssimas tentações. Como bom capitão que havia de ser dos filhos da Virgem, soube defender-se bem: quando mais o apertava o demónio para que deixasse o hábito, defendia-se prometendo não o deixar e emitir os seus votos. Deu-me a ler certa carta que escreveu no meio dessas fortes tentações, na qual bem se vê a fortaleza que lhe dava o Senhor. Infundiu-me bastante devoção.

Causará estranheza haver-me ele comunicado tantas particularidades da sua alma. Assim o quis talvez o Senhor para que eu o escrevesse aqui, com o fim de que seja louvado nas suas criaturas. Sei que nunca se abriu tanto com os seus Confessores nem com pessoa alguma. As vezes assim fazia por lhe parecer que, pelos meus muitos anos e pelo que ouvia de mim, devia eu ter alguma experiência. Em conversa, de envolta com várias coisas, fazia-me estas confidências e ainda outras que não convém escrever. Muito mais me poderia alargar.

Fui muito moderada, asseguro, para não o desgostar se isto em algum tempo lhe vier a cair nas mãos. Como, porém, este escrito, se houver de ser lido, o será daqui a largos anos, não pude, nem julguei lícito, deixar de fazer memória de quem tanto bem fez a esta renovação da Regra Primitiva. Não foi o primeiro a dar começo à reforma, mas veio em ocasião tal, que alguma vez me pesaria haver começado, se não tivesse tão grande confiança na misericórdia de Deus. Refiro-me às casas dos Padres, que as das monjas, pela divina bondade, sempre, até agora, têm ido bem. Não é que fossem malas dos Religiosos, mas traziam em si princípio de próxima ruína, porque, não formando Província distinta, estavam eles sujeitos aos Calçados. Os que seriam capazes de governar, como era o Padre Frei António de Jesus, que tinha começado a Reforma, não exerciam cargos; nem havia também Constituições dadas por Nosso Reverendíssimo Padre Geral. Em cada mosteiro faziam como lhes parecia melhor. Até que os Descalços tivessem leis e se governassem por si mesmos, surgiram sempre novos trabalhos,

porque uns eram de um parecer e outros de opinião contrária. Muita aflição me causavam algumas vezes.

Deu Nosso Senhor remédio a tudo por meio do Padre Mestre Frei Jerónimo da Madre de Deus, porque o fizeram Comissário Apostólico e lhe deram autoridade e jurisdição sobre os Descalços e as Descalças. Fez Constituições para os Frades. Quanto a nós, já as tínhamos[54] do Nosso Reverendíssimo Padre Geral, de modo que as fez só para eles, e não para nós, em virtude do poder apostólico de que estava munido e dos dotes extraordinários que, como deixei dito, recebera de Nosso Senhor. Desde a primeira visita que fez aos mosteiros, estabeleceu por toda a parte completa ordem e harmonia. Bem mostrou ser ajudado pela Divina Majestade e escolhido por Nossa Senhora para remédio da sua Ordem. A esta Virgem suplico instantemente que junto do seu Filho alcance para ele contínuo favor e graça para muito se adiantar em seu serviço. Amém.

CAPÍTULO XXIV

Prossegue a fundação de São José do Carmo da cidade de Sevilha.

Quando me foi visitar em Beas o Padre Mestre Frei Jerónimo Graciano, como disse atrás, nunca nos havíamos visto, embora eu o desejasse bastante; apenas tínhamos trocado algumas cartas. Alegrei-me em extremo quando soube que estava ali, pois queria muito vê-lo, pelas boas notícias que dele tinha. Muito maior foi a minha alegria desde o começo da nossa conversa: fiquei satisfeita a ponto de achar que não lhe tinham assaz conhecido o valor os que tanto mo haviam elogiado.

Estava eu bem aflita, mas, em o vendo, parece que me representou o Senhor o bem que por seu meio nos havia de vir; e passei aqueles dias com tão excessivo consolo e contentamento, que eu mesma me espantava de mim. Nesse tempo ele era Comissário só da Andaluzia; mas, durante a sua permanência em Beas, foi chamado pelo Núncio, que lhe deu comissão também sobre os Descalços e Descalças da Província de Castela. Era tanto o gozo do meu espírito, que em todos aqueles dias não me fartava de dar graças a Nosso Senhor, nem quisera fazer outra coisa.

Por essa ocasião trouxeram-me a licença para fundar em Caravaca, mas veio diversa do que era conveniente para o meu propósito, e tornou-se forçoso mandar de novo à Corte. Escrevi às fundadoras que absolutamente não se faria a fundação se não pedissem certa particularidade indispensável. Foi, pois, necessário voltar a Madrid. Fiquei contrariada de ter de esperar tanto e queria tornar a Castela; mas como estava ali o Padre Frei Jerónimo, a quem era sujeito aquele mosteiro, por ser Comissário de toda a Província da Andaluzia[55], submeti-lhe o caso, porque eu nada podia fazer sem o seu consentimento.

Foi de parecer que, se eu me fosse, jamais se faria a fundação de Caravaca; e que, por outro lado, seria grande serviço de Deus fundar um mosteiro em Sevilha. Julgava-o muito fácil, porque algumas pessoas poderosas e bem ricas, que poderiam logo dar casa, lho haviam pedido, e tinha a certeza de que seria muito grato o nosso estabelecimento ao

Arcebispo de Sevilha, que tanto favorece a Ordem. Ficou, pois, determinado que a Priora e as monjas destinadas a Caravaca, iriam para Sevilha. Eu sempre havia recusado formalmente fundar destes mosteiros em Andaluzia, e isto por alguns motivos. Na ocasião de ir a Beas jamais teria ido, se soubesse que era Província andaluza; mas, embora pertença a esta, quanto ao território não está em Andaluzia[56], que só começa quatro ou cinco léguas adiante. Foi este o motivo do engano. Perante a determinação de meu Prelado, logo me rendi, embora estivesse resolvida a fazer outra fundação, e tivesse mesmo algumas razões hem graves para não ir a Sevilha. Esta mercê me faz o Senhor, de julgar que em tudo acertam os meus superiores.

Começámos os preparativos para o caminho, imediatamente, porque entrava o calor muito forte, O Padre Graciano, Comissário Apostólico, foi ter com o Núncio, que o chamara, e partimos para Sevilha, sob a guarda dos meus bons companheiros, o Padre Julião de Ávila e António Gaytán, além de um frade Descalço. Íamos em carros, muito encobertas, que era este sempre o nosso modo de viajar. Chegando à pousada, tomávamos um aposento bom ou mau, conforme se achava, e uma Irmã recebia, à porta, as coisas necessárias, de modo que mesmo os nossos companheiros aí não entravam.

Por mais que nos apressássemos, só chegámos a Sevilha na quinta-feira antes da festa da Santíssima Trindade[57], tendo sofrido grandíssimo calor pelo caminho. Não viajávamos nas horas de sesta, mas asseguro-vos, Irmãs, que, tendo ficado os carros expostos ao sol a pino, tornar a eles era como entrar no Purgatório. Umas vezes pensando no inferno, e outras, consolando-se com a ideia de fazer e padecer alguma coisa por Deus, viajavam as Irmãs com indizível contentamento e alegria. Iam seis comigo; almas tão fortes que me atreveria, penso, a ir com elas a terra de Turcos, pois teriam fortaleza, ou, por melhor dizer, Nosso Senhor as confortaria para padecer por Ele, que era este o objecto dos seus desejos e conversações. Como haviam de ficar tão longe, procurei que fossem das que me pareceram mais a propósito; muito mortificadas e exercitadas na oração. Foi tudo bem necessário, tais os trabalhos que passaram; alguns, e justamente os maiores, não os relatarei, porque poderiam atingir alguma pessoa.

Na vigília da Páscoa do Espírito Santo, mandou-lhes Deus uma aflição bem grande, que foi prostrar-me a mim com uma febre muito alta. Creio que os seus clamores a Deus tiveram força para impedir o progresso do mal, pois nunca em minha vida me aconteceu ter febre sem muito maiores consequências. Foi tão violenta, que cheguei a variar e caí numa espécie de letargo. Elas se puseram a salpicar-me água no rosto, mas estava tão quente do sol, que dava pouco refrigério.

Não quero deixar de contar-vos a má pousada que houve para tal necessidade. Deram-nos um quartinho de telha-vã, sem janela; com uma porta que se não podia ahrir sem que entrasse em cheio o sol. Haveis de notar que este não é por lá como o de Castela, senão muito mais molesto. Fizeram-me deitar em uma cama tal que eu preferiria deitar-me no chão; era muito alta de um lado e baixa do outro, de modo que eu não me sabia ajeitar: parecia feita de pedras agudas. Que coisa é a enfermidade! Com saúde, tudo é fácil de sofrer. Por fim, achei preferível levantar-me e prosseguir a viagem; que melhor me parecia aguentar o sol do campo que o daquele quartinho.

Que será dos pobres que estão no inferno, para os quais nunca há de haver mudança! Mesmo de um trabalho para outro, mudar parece trazer algum alívio. Tem-me acontecido sofrer numa parte do corpo uma dor muito forte, e passando esta para outro membro, embora com igual intensidade, já eu tinha impressão de estar aliviada em consequência da mudança. Assim aconteceu neste caso. Tanto quanto me recordo, nenhuma pena sentia por me ver tão mal; muito mais do que eu padeciam as Irmãs. Foi o Senhor servido de que o forte da doença só durasse aquele dia.

Pouco antes, talvez dois dias, aconteceu-nos, ao atravessarmos o Guadalquivir, outro incidente que nos pôs em não pequeno risco. Na ocasião de passar o barco em que iam os carros, não foi possível fazê-lo pelo lugar onde estava estendida a corda, e houve necessidade de tomar um caminho enviesado pelo rio. Valia-se o barqueiro até certo ponto do cabo, torcendo-o bem; mas aconteceu que o largaram os que o sustentavam, ou não sei que outro contratempo, e lá se foi a barca pela correnteza afora, sem corda, sem remos e levando o nosso carro. O barqueiro, no auge da aflição,

muito mais pena me causava que o próprio perigo; nós a rezar, todos a dar altos gritos ...

Estava um cavaleiro olhando para nós, de um castelo vizinho, e, movido de compaixão, enviou quem nos ajudasse. Ainda então não estávamos sem o cabo: os nossos Irmãos se agarravam a ele com todas as forças, mas a violência da corrente os arrastava e chegou a dar com alguns no chão. Não me posso esquecer de um filho do barqueiro, que me causou grande devoção. Teria, ao que me parece, dez ou onze anos, e estava tão aflito de ver o pai naquela angústia, que me fazia louvar a Nosso Senhor. Sua Majestade, porém, dá sempre os trabalhos com piedade, e assim foi aqui. A barca foi detida por um banco de areia justamente de um lado onde a água era pouca; e assim nos puderam socorrer. Era já noite, e não sei como teríamos podido atinar com o caminho se não nos tivessem servido de guias os homens vindos do castelo. Não tencionava tratar destas coisas de tão pouca importância, pois se me metesse a relatar os acidentes das viagens, teria muito que dizer. Alarguei-me a respeito deste, porque mo pediram com instância.

Muito maior trabalho para mim do que os precedentes foi o que nos aconteceu no último dia da Páscoa do Espírito Santo. Viajávamos a toda pressa a fim de chegar de manhã cedo a Córdova e poder ouvir Missa sem que alguém nos visse, tencionando ir a uma igreja que está além da ponte, por ser mais solitária. Quando íamos a travessar, não havia licença para passarem por ali veículos, e era preciso pedi-la ao Corregedor. Até que a trouxessem, decorreram mais de duas horas, porque estavam todos ainda deitados. Aos poucos foi chegando muita gente, procurando saber quem eram os viajantes; mas com isto não nos importávamos muito, pois os carros iam completamente cobertos e ninguém nos podia ver. Quando afinal chegou a licença, não cabiam os carros na porta que dá entrada à ponte, e foi preciso serrá-los, ou coisa semelhante; e isto tomou ainda mais tempo. Finalmente chegámos à igreja, onde havia de celebrar a Missa o Padre Julião de Ávila. Estava repleta de gente, porque era dedicada ao Espírito Santo e havia grande festa e sermão. Não tínhamos sabido desta circunstância.

Quando vi tanto povo, fiquei muito contrariada e achei melhor partir sem ouvir Missa do que entrar no meio dessa barafunda. O Padre Julião de Ávila não pensou como eu, e, sendo teólogo, tivemos que seguir o seu parecer. Os demais companheiros talvez seguissem o meu, e não teriam acertado: aliás não sei se eu mesma me teria fiado só no meu modo de ver. Apeámo-nos perto da igreja. Ninguém nos podia olhar o rosto, porque sempre levávamos abaixados os nossos véus grandes; mas bastava ver-nos assim veladas, com as capas brancas de saial que usamos e as alpercatas, para alvoroçar o povo. Foi o que aconteceu. Não sei se devido ao sobressalto, passou-me de todo a febre, pois vos asseguro que foi bem grande o abalo, para mim e para todos.

Logo à entrada da igreja, chegou-se a mim um homem de bem e encarregou-se de nos abrir caminho entre a multidão. Roguei-lhe encarecidamente que nos conduzisse a alguma capela, e ele assim fez e fechou-a, não nos deixando até nos levar, depois de tudo acabado, para fora da igreja. No fim de pouco tempo veio a Sevilha e contou a um Padre da nossa Ordem que, em recompensa daquela boa obra, segundo pensava, tinha-o favorecido o Senhor com uma grande fazenda que herdara ou recebera, bem contra a sua expectativa. Asseguro-vos, filhas, que, embora isto talvez vos pareça nada, foi um dos maus momentos da minha vida, porque era tal o alvoroço do povo como se estivessem entrando touros. Estava ansiosa pela hora de sair dali, embora não tivesse onde passar a sesta. Ficámos debaixo de uma ponte.

Chegadas a Sevilha, fomos à casa que o Padre Mariano, avisado com antecedência, nos tinha alugado. Pensei que estava tudo feito, pois, como relatei, o Arcebispo favorecia abertamente os Descalços, e a mim mesma havia escrito alguma vezes, testemunhando-me muita afeição. Nem por isso deixou de me dar bastante trabalho, porque assim o queria Deus. É muito inimigo de mosteiros de monjas que não têm renda, e com razão. Foi este o mal, ou, por melhor dizer, o bem, pois de outro modo não se teria feito aquela obra. Sim, porque se antes de me pôr eu a caminho para Sevilha lhe tivessem falado, tenho por fora de dúvida que não consentiria na fundação. Estando, porém, certíssimos de que lhe prestavam ótimo serviço com a minha vinda, tanto o Padre Comissário como o Padre Mariano - que também ficou em extremo contente de me ver, - nada lhe disseram antes; e,

como digo, poderiam ter errado muito, julgando acertar. Nos demais mosteiros, a primeira coisa de que eu tratava era da licença do Ordinário, em obediência ao santo Concílio: neste, não só a tínhamos por dada, senão, repito, julgávamos prestar-lhe grande obséquio. Realmente assim era, e ele mesmo o compreendeu depois; mas é que não queria o Senhor que se fizesse alguma fundação sem muito sofrimento da minha parte, ora de um modo, ora de outro.

Tendo chegado à casa que nos tinham alugado, como já disse, quis logo tomar posse, segundo o meu costume, e iniciar a reza do Ofício Divino; mas o Padre Mariano, que estava em Sevilha, começou a pôr dilações, não ousando confessar-me toda a verdade para não me afligir. Não sendo suficientes as razões, compreendi onde estava o obstáculo: era a falta de licença. Aconselhou-me que tivesse por bem fazer o mosteiro com rendas, ou outra coisa semelhante de que não me recordo, acabando por confessar que o Arcebispo não gostava de dar o beneplácito para fundar conventos de monjas, tanto assim que nos muitos anos do seu episcopado, quer ali, quer em Córdova, jamais tinha autorizado fundação alguma, embora seja grande servo de Deus. Especialmente para casa sem rendas, não daria consentimento.

Isto equivalia a dizer que se não fizesse o mosteiro. Primeiramente repugnava-me em extremo não viver de esmolas numa cidade como Sevilha, ainda mesmo que eu estivesse em condições para isso. Se em alguns lugares tenho fundado com rendas, tem sido em povoações pequenas, onde, sob pena de não fundar, se há de fazer assim, pois não há outros meios de subsistência. Em segundo lugar, só uma *bianca* nos restava dos gastos do caminho, e nada tínhamos levado senão a roupa do corpo e algumas toucas e túnicas, além da tela que servira para cobrir completamente os carros. Foi preciso tomar dinheiro emprestado para a volta dos que nos haviam acompanhado. António Gaytán pediu-o a um amigo que ali tinha; e o Padre Mariano o arranjou para as despesas da instalação. Casa própria não havia; de modo que era coisa impossível.

À custa de muitas instâncias do dito Padre, creio eu, permitiu o Arcebispo que nos dissessem Missa - e foi esta a primeira - no dia da Santíssima Trindade[58], mandando-nos recomendar que não tocássemos

nem colocássemos sino; mas a colocação já estava feita. Assim passei quinze dias, e asseguro que, se não fosse em atenção ao Padre Comissário e ao Padre Mariano, por meu gosto teria tornado com bem pouco pesar a Beas, juntamente com as minhas monjas, para tratar da fundação de Caravaca. Maior foi o meu sofrimento naqueles dias - que não me lembro quantos foram, pois não tenho boa memória, porém creio que mais de um mês passei assim, - por ver que, já sendo conhecido do público o mosteiro, era pior a nossa retirada do que logo no princípio. Nunca o Padre Mariano me deixou escrever ao Arcebispo; mas pouco a pouco o ia abrandando, e fazia que de Madrid lhe escrevesse o Padre Comissário.

Uma coisa servia para me sossegar e impedir de ter muito escrúpulo, e era que, com sua licença, se tinha celebrado a Missa, e o Ofício Divino era rezado no coro regularmente. Não deixava Sua Senhoria de mandar quem me visitasse em seu nome, e prometia vir brevemente em pessoa. Mandou mesmo um sacerdote de sua casa celebrar a primeira Missa; de modo que eu via com evidência que tudo aquilo só era para me fazer penar. O meu sofrimento, aliás, não era por mim e pelas minhas monjas, mas pelo Padre Comissário, que estava com muita pena por me ter mandado a Sevilha, e muito maior teria, e não sem razão, se houvesse algum novo transtorno.

Nesse meio tempo, vieram também os Padres Calçados a indagarem com que autorização se havia fundado o mosteiro. Mostrei-lhes as patentes que tinha do Nosso Reverendíssimo Padre Geral, e com isto sossegaram. Se soubessem que o Arcebispo era contrário, creio que não se dariam por vencidos; mas nada transparecia, antes o julgavam todos muito contente e satisfeito. Finalmente foi Deus servido de que nos viesse visitar o Arcebispo. Eu lhe fiz ver o agravo que nos fazia. Acabou por me dizer que fizesse o que quisesse e como quisesse; e desde então sempre nos amparou e favoreceu em todas as circunstâncias.

CAPÍTULO XXV

Prossegue a fundação do glorioso São José de Sevilha. Como foi custoso adquirir casa própria.

Ninguém poderia imaginar que numa cidade tão importante e de gente tão rica, como é Sevilha, houvesse menos facilidade para fundar que em

todas as outras partes por onde eu tinha andado. Foi tão mais difícil, que algumas vezes cheguei a duvidar se seria conveniente termos ali mosteiro. Não sei se o deva atribuir ao próprio clima do país, pois sempre ouvi dizer que os demónios têm ali mais poder para tentar, permitindo Deus assim. A mim combateram fortemente: nunca me vi mais pusilânime e covarde em toda a minha vida, do que então me achei. Posso dizer que não me reconhecia. Na verdade não perdi a minha habitual confiança em Nosso Senhor; mas o meu natural estava bem diferente do que costuma ser depois que ando nestas empresas. Entendi ter o Senhor apartado a sua mão até certo ponto, para que eu ficasse no que sou realmente e visse que se no passado tinha tido ânimo, este não vinha de mim.

Estávamos em Sevilha desde o tempo que ficou dito até pouco antes da Quaresma, e não havia esperança de comprar casa, nem dinheiro para isto, nem tão pouco quem nos servisse de fiador como em outros lugares. As pretendentes que muito haviam prometido ao Padre Visitador Apostólico abraçar a nossa vida, rogando que levasse para ali as monjas, provavelmente acharam o rigor excessivo e superior às suas forças, pois só entrou uma, da qual falarei adiante. Já era tempo de me mandarem voltar da Andaluzia porque se ofereciam outros negócios pelas bandas de cá. Dava-me grandíssima pena deixar as monjas sem casa, mas via bem que minha presença era inútil, porque não me concedia Deus a mercê que me faz aqui de achar quem nos ajude nestas obras.

Foi Deus servido que chegasse então das índias, onde passara mais de trinta e quatro anos, um meu irmão, chamado Lourenço de Cepeda, que se afligia, ainda mais do que eu, de ficarem as monjas sem casa própria. Muito nos ajudou ele, especialmente para conseguirmos a que serve agora de mosteiro. Já eu nesse tempo me empenhava muito junto de Nosso Senhor, suplicando-lhe que não me deixasse partir sem as ver em sua casa; e estimulava as Irmãs a pedirem o mesmo. Fazíamos muitas procissões e preces ao glorioso São José e a Nossa Senhora. Confiada nisto e vendo meu irmão disposto a ajudar-nos, comecei a tratar da compra de alguns prédios; mas quando parecia o negócio prestes a ser concluído, tudo se desfazia.

Estando um dia em oração e pedindo a Deus que, pois se tratava de suas esposas que tanto desejo tinham de o contentar, lhes desse casa, disse-me o

Senhor: "*Já atendi às vossas preces; deixai tudo em minhas mãos*". Fiquei contentíssima, parecendo-me já ter o que desejava; e assim foi efectivamente. Livrou-nos Sua Majestade de comprar um prédio do agrado de todos por estar em bom sitio, porém tão velho e arruinado que era só comprar o terreno e quase pelo mesmo preço do atual mosteiro. Estando já fechado o negócio, e só faltando passar as escrituras, não me sentia nada contente, porque não me parecia corresponder às últimas palavras ouvidas na oração. Estas, a meu ver, indicavam que o Senhor nos daria boa casa; e com efeito, por permissão divina, o mesmo proprietário, apesar de ganhar muito com a venda, pôs dificuldades para passar as escrituras no tempo convencionado, e assim pudemos, sem cometer falta alguma, desmanchar o contrato. Foi grande mercê de Nosso Senhor, pois em toda a vida das Religiosas que ali estavam, não se acabaria de adaptar o prédio; teriam obras consideráveis e poucos meios para elas.

Muito nos ajudou em tudo isso um servo de Deus, o qual, logo após a nossa chegada, tendo sabido que não tínhamos Missa, no-la ia dizer cada manhã, apesar do sol abrasador e da distância em que morava. Chama-se Garcia Alvares, pessoa muito de bem e considerada pelas suas boas obras. Não se ocupa em outra coisa, e se tivesse fortuna, nada nos faltaria. Como conhecia bem a casa, parecia-lhe enorme desatino comprá-la tão caro; não se cansava de no-lo repetir e procurou que não se falasse mais nela. Ele e meu irmão foram ver a que as Religiosas ocupam agora, e, como Nosso Senhor a queria, vieram tão encantados, e com razão, que em dois ou três dias lavraram as escrituras.

Não se efectuou sem algum sofrimento a nossa mudança, porque os moradores não a queriam largar, e os frades Franciscanos, estabelecidos na vizinhança, logo nos intimaram que absolutamente não fôssemos para lá. Se não estivessem passadas com tanta firmeza as escrituras, teria dado graças a Deus de poder desfazer a compra, pois nos vimos em perigo de pagar seis mil ducados pelo prédio sem poder habitá-lo. A Piora não pensava do mesmo modo, antes louvava a Deus por estar terminado o negócio. Davalhe Sua Majestade muito mais fé e ânimo que a mim na aquisição daquela casa; e em tudo o deve ter, pois é bem melhor do que eu.

Estivemos mais de um mês com estas contrariedades. Finalmente foi Deus servido de que nos passássemos ao novo convento - a Priora, eu e duas monjas, - com bastante medo, alta noite, para que os frades não dessem fé da nossa vinda antes da tomada de posse. Diziam os nossos companheiros que lhes pareciam frades quantas sombras avistavam. Ao romper d'alva, celebrou o bom Garcia Alvares, que ia connosco, a primeira Missa, e logo ficámos sem temor.

Ó Jesus! por quantos sustos tenho passado nessas tomadas de posse! Ponho-me a considerar: se tanto medo sente quem não vai fazer mal, senão trabalhar a serviço de Deus, que será dos que levam fins sinistros e meditam crimes contra Deus e contra o próximo? Não sei que lucro podem ter, nem que gosto pretendem, com semelhante contrapeso.

O meu irmão estava ausente. Escondera-se por causa dum erro muito prejudicial ao convento, que, em consequência das pressas, se havia feito nas escrituras. Como era fiador, queriam prendê-lo, o que nos teria dado muito trabalho por ser estrangeiro; e, ainda assim, houve bem que fazer até que satisfizesse aos vendedores dando em caução uma boa quantia. O resto do negócio correu bem; mas, para maior sofrimento da nossa parte, não deixou de haver pleito por algum tempo. Estávamos encerradas nuns quartos de baixo, e ele passava os dias inteiros com os oficiais e provia à nossa subsistência, o que já vinha fazendo desde muito antes. O mosteiro não era ainda bastante conhecido, por estar em casa particular, e recebíamos poucas esmolas, a não ser de um santo velho, Prior da Cartuxa das Covas[59], grandíssimo servo de Deus, natural de Ávila, da família dos Pantojas. Deu-lhe o Senhor tão grande afeição por nós, que, desde a nossa chegada, nos tem cumulado de toda sorte de benefícios, e penso que assim fará enquanto lhe durar a vida.

Aqui o deixo consignado porque justo é, Irmãos que lerdas estas fundações, encomendeis a Deus aqueles que tão caridosamente nos assistiram, estejam vivos ou mortos. Muito devemos a este santo.

Assim decorreu um mês, ao que me parece, pois não tenho boa memória, e poderia errar. Em matéria de datas, entendi sempre que falo aproximadamente; é coisa aliás sem importância. Durante esse mês, teve

meu irmão não pouco trabalho para transformar em capela algumas peças e acomodar tudo, de modo que nada tínhamos a fazer.

Terminadas as obras, era meu desejo colocar o Santíssimo Sacramento sem pompa; sou muito inimiga de contristar a alguém no que se pode escusar.

Disse-o ao Padre Garcia Alvares, e este consultou o Padre Prior das Covas. Não teriam ambos mais interesse por seus próprios negócios do que pelo nosso bem; e foram de opinião que, para tornar conhecido o mosteiro em Sevilha, era indispensável fazer tudo com solenidade. Falaram ao Arcebispo e resolveram de comum acordo que se traria de uma paróquia o Santíssimo Sacramento em soleníssima procissão, ordenando o mesmo Prelado que se incorporassem ao acto o clero e algumas confrarias, e que se ornamentassem as ruas.

Encarregou-se o bom Garcia Alvares da ornamentação do nosso claustro que, segundo já disse, servia então de passagem; e enfeitou lindamente a igreja, com muito bons altares e várias invenções. Entre estas havia uma fonte da água de flor de laranjeira, que, embora não a tivéssemos imaginado nem querido, depois de feita nos encheu de devoção. Ficámos consoladas por se ter feito a nossa festa com tanta pompa. As ruas estavam bem engalanadas, havia boa música e grande número de menestrais. Disse-me o santo Prior das Covas que jamais vira tal coisa em Sevilha e que manifestamente era obra de Deus. Acompanhou ele a procissão, contra o seu costume; e o Arcebispo colocou o Santíssimo Sacramento. E eis de repente, filhas, honradas por todos, as pobres Descalças para as quais, pouco antes, parecia nem haver água em Sevilha. E, entretanto, é o que não falta no rio da cidade! Foi por demais a gente que veio à festa.

Aconteceu uma coisa notável, reconhecida por todos os circunstantes. Tinham lançado durante o dia muitos foguetes e bombas. Depois de acabada a procissão, já quase noite, imaginaram lançar ainda mais, e, não sei como, incendiou-se um pouco de pólvora.

Foi tido por grande maravilha não morrer o rapaz que a levava. Subiu logo uma forte labareda até o alto do claustro, cujas arcadas estavam cobertas com uns panos de seda amarela e carmesim. Pensaram os presentes

que as fazendas ficassem reduzidas a pó, mas não sofreram estrago, nem pouco nem muito. E, confesso, o mais espantoso é que a pedra dos arcos, que estava por baixo, ficou enegrecida pela fumaça, enquanto as sanefas que os cobriam não guardaram o menor vestígio, como se o fogo ali não houvera chegado.

Todos ficaram estupefactos. As monjas louvaram ao Senhor, porque não teriam com que pagar outras sedas. Devia estar o demónio despeitado com a solenidade da festa e a fundação de uma nova casa de Deus, e quis vingarse de algum modo, mas Sua Majestade não lho permitiu. Seja o mesmo Senhor para sempre bendito. Amém.

CAPITULO XXVI

Continua a narrar a mesma fundação do Mosteiro de São José da cidade de Sevilha. Trata de algumas coisas bem notáveis acerca da primeira noviça que nele entrou.

Bem podeis considerar, filhas minhas, o consolo que tivemos naquele dia. Quanto ao meu, só vos sei dizer que foi imenso, especialmente vendo que ficavam as Irmãs em mosteiro tão bom e bem colocado, já conhecido do povo, e possuíam noviças que tinham com que pagar a maior parte do preço da casa. Com o dote das que se recebessem, por menos que fosse, podia a Comunidade ficar sem dívidas. Alegrava-me sobretudo por haver gozado dos trabalhos e ter de partir justamente quando ia ter algum descanso. Celebrou-se a festa no domingo anterior à Páscoa do Espirita Santo do ano de 1576. Logo na segunda-feira seguinte me pus a caminho, porque começavam os grandes calores; desejávamos não viajar durante as festas e passá-las em Malagón. Bem quisera eu poder deter-me aí alguns dias, e foi esta a razão de usar de tanta pressa.

Não foi o Senhor servido de que eu ouvisse Missa sequer um dia na nossa igreja. Bem menor ficou a alegria das monjas com a minha partida. Sentiram muito, pois tínhamos estado juntas aquele ano, passando grandes trabalhos, dos quais não referi os mais graves. Ao que me parece, exceptuando a primeira fundação de Ávila, que é fora de toda a comparação, nenhuma tanto me custou como esta, por terem sido as tribulações na maior parte interiores. Praza à Divina Majestade que seja

sempre servida neste mosteiro, e se assim for, tudo foi pouco. Espero que será, pois já começou o Senhor a levar para aí boas almas, e das que foram comigo e ficaram, já vos disse alguma coisa da sua virtude, - o que se pode dizer, que é a menor parte. Da primeira noviça que entrou em Sevilha, quero tratar, por ser coisa que vos dará gosto.

Descendia esta donzela de progenitores muito cristãos. O pai era montanhês. Sendo ainda de bem tenra idade, talvez sete anos, uma tia sua, que não tinha filhos, pediu-a à mãe para a criar e, levando-a para casa, começou a regalá-la e mostrar-lhe carinho, como era justo. Certas criadas, que, antes da vinda da menina, provavelmente tinham esperança de herdar toda a fazenda, vendo que, se a senhora lhe cobrasse amor, a havia de preferir por herdeira, resolveram afastar aquela ocasião com um plano diabólico. Acusaram-na aleivosamente de querer matar a tia, e de ter dado, com este intento, a uma delas não sei quantos maravedis[60] para que lhe comprasse sublimado corrosivo. Disseram-no à tia, e, como eram três a afirmar a mesma coisa, logo lhes deu crédito; assim como também a mãe da menina, que é mulher de muita virtude.

Toma esta a filha e leva-a para casa, persuadida de que, com a idade, viria a ser muito má. Contou-me a Beatriz da Madre de Deus - eis o seu nome de Religião - que todos os dias, durante mais de um ano, a mãe a açoitava e atormentava, fazendo-a dormir no chão, para que confessasse tão grande maldade. Como a criança sempre afirmava ser inocente e nem saber que coisa era sublimado corrosivo, a pobre mãe ainda a julgava pior, ao vê-la tão pertinaz e obstinada em encobrir o crime, parecendo-lhe que nunca se havia de corrigir. É de admirar que a menina, para se ver livre de tanto tormento, não tenha acabado por se declarar culpada, mas era inocente, e Deus a teve de sua mão para dizer sempre a verdade; e, como Sua Majestade é defensor dos que estão sem culpa, enviou um grande mal, que parecia raiva, a duas daquelas mulheres. Secretamente, por meio da tia, fizeram vir a menina, pediram-lhe perdão e, vendo-se na hora da morte, retrataram a calúnia. O mesmo fez a terceira, que morreu de parto. Finalmente, em tormentos acabaram todas as três, em pago dos que tinham causado àquela inocente.

Isto ouvi não só de Beatriz mas também da sua mãe, que, depois de a ver monja, arrependida dos maus tratos que lhe tinha dado, mo contou, além de outras particularidades, pois foram bem grandes os martírios; e, não tendo outros filhos e sendo muito boa cristã, permitia Deus que servisse de verdugo à filha, a quem amava muitíssimo. É mulher de suma rectidão e cristandade.

Tendo a menina pouco mais de doze anos, tomou grande devoção aos Santos do Monte Carmelo, porque leu num livro da vida de Sant'Ana, que a mãe desta (creio que se chamava Emerenciana) ia a tratar com eles muitas vezes. Daí lhe veio tanto amor a esta Ordem de Nossa Senhora, que logo prometeu ser monja nela e guardar castidade. Dava todo o tempo de que dispunha à soledade e oração. Nesta lhe fazia Deus, e também Nossa Senhora, grandes e muito particulares mercês. Quisera fazer-se logo monja, mas não o ousava por causa dos seus pais, e, por outra parte, não sabia onde encontrar a Ordem que procurava. É de notar que, havendo mosteiro da Regra Mitigada do Carmo em Sevilha, jamais teve notícia dele, senão muitos anos mais tarde, depois de saber da existência destes nossos [mosteiros].

Quando chegou à idade de poder tomar estado, ainda muito novinha, os seus pais a prometeram em casamento. Só tinham então aquela filha, porque todos os outros filhos haviam morrido, ficando justamente a menos querida. Na ocasião, porém, em que aconteceram os factos atrás referidos, estava ainda vivo um irmão, que a defendia dizendo que não acreditassem na calúnia. Já muito tratado o casamento, avisaram a filha, pensando que não se opusesse; porém ela lhes disse que tinha feito voto de não se casar, e de nenhum modo o faria ainda que a matassem.

Cegos pelo demónio, ou por permissão de Deus para que Beatriz fosse mártir, pensaram que tinha dado algum mau passo e por isso recusava o matrimónio. Como já haviam empenhado a palavra e viam afrontado o noivo, entraram a açoitá-la e atormentá-la, suspenderam-na pelo pescoço e quase a enforcaram.

Foi milagre não ter morrido. Deus, que a reservava para maiores coisas, lhe conservou a vida. Segundo me disse ela própria, já por fim quase não sentia os suplícios, porque o Senhor lhe trouxe à memória o que tinha

padecido Santa Inês e assim, folgando de padecer um pouco por Ele, não fazia senão oferecer-lhe os sofrimentos. Três meses esteve de cama, sem se poder mover, a ponto de todos julgarem que ia perder a vida.

Parece incrível que tenham feito tão mau juízo de uma donzela que não saía de junto de sua mãe e cujo pai era muito recatado, como vim a saber depois. Sempre foi santa e honesta e tão caridosa que distribuía em esmola tudo o que lhe vinha às mãos; mas quando Nosso Senhor quer fazer a alguém a mercê de sua cruz, meios não lhe faltam. Contudo, alguns anos depois, lhes foi descobrindo Nosso Senhor a virtude da filha, de maneira que trocaram as perseguições em regalos, e começaram a dar-lhe quanto queria para as suas esmolas; porém, com a vontade que tinha de ser monja, em tudo encontrava aflição, e assim andava muito descontente e pesarosa, segundo me contou depois.

Aconteceu que, estando um dia com o pai, a mãe e duas vizinhas numa sala, treze ou quatorze anos antes de ir o Padre Graciano a Sevilha, quando aí não havia notícia de Descalços Carmelitas, entrou um frade de nossa Ordem, vestido de saial e descalço como andam agora. Contam que tinha o rosto fresco e venerável, embora tão velho que a comprida barba parecia de fios de prata. Pôs-se a seu lado e começou a falar-lhe durante algum tempo, numa língua que nem a jovem entendeu nem nenhum dos presentes; ao terminar, fez sobre ela três vezes o sinal da cruz dizendo: "Beatriz, Deus te faça forte", e retirou-se. Todos estavam imóveis e como estupefactos. Perguntou-lhe o pai quem era; ela pensava que ele o conhecesse.

Levantaram-se imediatamente e puseram-se a buscá-lo, mas tinha desaparecido. Ficou Beatriz extremamente consolada, e todos com grande espanto, vendo que era coisa de Deus; e começaram a tê-la em muita estima, como ficou dito. Depois deste facto, decorreram vários anos, creio que quatorze, durante os quais serviu sempre a Nosso Senhor, pedindo-lhe a realização dos seus desejos.

Estava sofrendo muito, quando chegou a Sevilha o Padre Mestre Frei Jerónimo Graciano. Indo ela certo dia ouvir um sermão numa igreja de Triana, bairro onde morava o seu pai, sem saber qual seria o pregador, aconteceu ser este o Padre Mestre Graciano. Pôde vê-lo na ocasião em que saiu para receber a bênção, e, mal viu o hábito e os pés descalços, logo se

recordou da visão que tivera. O modo de vestir era o mesmo, embora o rosto e a idade fossem diferentes, pois o Padre Graciano ainda não tinha trinta anos. Contou-me depois Beatriz que, com o grandíssimo contentamento que sentiu, teve como um desmaio. Na verdade ouvira dizer que se havia fundado um novo mosteiro em Triana, mas não sabia de que Ordem. Desde aquele dia, logo procurou confessar-se ao Padre Graciano, e ainda isto quis Deus que lhe custasse muito. Mais ou menos doze vezes tentou em vão confessar-se, porém o Padre sempre se esquivava, porque, sendo ela moça e de bom parecer - não teria ainda vinte e sete anos nesse tempo, - ele, muito recatado, evitava relações com pessoas assim.

Um dia, estando ela a chorar na igreja, pois também era muito tímida, perguntou-lhe uma mulher qual o motivo das suas lágrimas. Respondeu que, havia muito, procurava falar com aquele Padre que na ocasião estava confessando, e não havia meio de o conseguir.

Levou-a a mulher ao confessionário e pediu ao Padre que atendesse aquela donzela; e deste modo pôde Beatriz fazer uma confissão geral. Ele, vendo alma tão rica, ficou muito consolado e também a consolou dizendo-lhe que provávelmente se estabeleceriam as monjas Descalças em Sevilha; nessa ocasião faria logo que a admitissem. Assim fez: a primeira coisa que me mandou foi que a recebesse antes de qualquer outra, porque estava satisfeito com aquela alma; e imediatamente lhe deu parte da sua admissão. Quando fomos para Sevilha, ela tomou todas as precauções para que seus pais não o soubessem, pois de outro modo nunca poderia entrar. Eis como consegui fazê-lo. Costumava ir confessar-se no mosteiro dos Descalços, onde fazia grandes esmolas, por si e por seus pais; em razão da distância, sua mãe não a acompanhava. No dia mesmo da Santíssima Trindade, tendo antes combinado com uma grande serva de Deus para que a conduzisse ao convento, despediu umas criadas, que habitualmente iam com ela nessas ocasiões, sob pretexto de ter a companhia dessa senhora, que estava a chegar, e por ser esta muito conhecida em Sevilha pelas suas virtudes e boas obras, elas a deixaram só.

Logo Beatriz toma o seu hábito e manto de xerga, preparados de antemão, e nem sei como pôde andar, mas era tal o seu contentamento, que tudo lhe pareceu pouco. Só receava que alguém, suspeitando a razão de ir

com aquele fardo, pois costumava andar de modo muito diferente, a estorvasse. Que não faz o amor de Deus! Já não se preocupava com a honra e só temia que lhe impedissem o desejo. Logo lhe abrimos a porta. Mandei avisar a mãe. Acorreu como fora de si; mas acabou por dizer que já reconhecia a mercê que Deus fazia à filha, e, embora desolada, resignou-se e sofreu sem se entregar aos extremos de não lhe querer falar, como fazem outras. Dava-nos grandes esmolas.

Começou enfim a gozar da sua felicidade tão almejada a nova esposa de Jesus Cristo, tão humilde e amiga de fazer tudo quanto havia, que não tínhamos pouco trabalho para lhe tirar das mãos a vassoura. Tendo vivido tão regalada em sua casa, agora todo o seu descanso era trabalhar. Com o grande contentamento, pôs-se logo a engordar muito, e com isto seus pais se alegraram, de maneira que já folgavam de a ver connosco.

Aproximando-se o tempo da profissão, dois ou três meses antes, para que não gozasse de tanto bem sem padecer, teve grandíssimas tentações; não que estivesse resolvida a não professar, mas porque achava o sacrifício muito duro. Esquecida de quantos anos havia sofrido para alcançar o bem que possuía, via-se tão atormentada pelo demónio, que não sabia como proceder. Contudo, fazendo sobre si mesma grandíssima violência, venceu-o, de maneira que no meio dos tormentos fez todas as disposições para a profissão. Parece que Nosso Senhor não esperava mais do que isto para prova da sua fortaleza: três dias antes, visitou-a e regalou-a muito particularmente, fazendo fugir o demónio. Ficou tão consolada, que durante esses três dias parecia fora de si de contente, e com muita razão, porque a mercê tinha sido grande.

Pouco tempo depois, morreu-lhe o pai; e a mãe tomou o hábito no mesmo mosteiro, dando-nos de esmola tudo o que possuía. Vivem mãe e filha com grandíssimo contentamento e edificação de todas as monjas, servindo Aquele que lhes fez tão grande mercê.

Ainda não havia decorrido um ano, quando entrou outra donzela, bem contra a vontade dos seus pais; e assim vai o Senhor povoando esta sua casa de almas tão desejosas de o servir, que se não amedrontam com todo o rigor, nem com todo o encerramento. Seja Ele para sempre eternamente bendito, e louvado eternamente para sempre. Amém.

CAPITULO XXVII

Em que trata da fundação da vila de Caravaca, sob a invocação do glorioso São José. Pôs-se o Santíssimo Sacramento no dia 1 de Janeiro do ano de 1576.

Estava eu em São José de Ávila, de partida para a fundação de Beas, de que já falei, e faltavam só os últimos preparativos para a viagem, quando chega um mensageiro enviado por uma senhora de Caravaca, chamada Dona Catarina. Tinham-se recolhido três donzelas a sua casa, depois de ouvirem um sermão de um Padre da Companhia de Jesus, com a determinação de não saírem dali até se fundar um mosteiro naquela mesma vila. Devia ter sido coisa já tratada anteriormente com essa senhora, pois foi quem as ajudou para a fundação. Eram filhas dos mais nobres cavaleiros de Caravaca, e o pai de uma delas, chamado Rodrigo de Moya, era grande servo de Deus e homem de rara prudência. Pondo em comum o que possuía cada uma, tinham meios suficientes para levar a termo semelhante empresa. Desta obra que Nosso Senhor tem realizado fundando estes mosteiros, tinham tido conhecimento por meio dos Padres da Companhia de Jesus, que sempre nos têm favorecido e ajudado nestas fundações.

Eu, como vi o desejo e fervor daquelas almas que de tão longe vinham buscar a Ordem de Nossa Senhora, me enchi de devoção e tive vontade de ajudá-las no seu bom intento. Informada de que a vila era perto de Beas, levei em minha companhia maior número de monjas do que tencionava, com o propósito de lá ir em acabando a fundação de Beas, porque, segundo as cartas recebidas, me pareceu que se não deixaria de entrar em acordo. Entretanto de pouco aproveitaram os meus planos, porque o Senhor tinha determinado outra coisa. Como ficou dito na fundação de Sevilha, trouxeram a licença do Conselho das Ordens concebidas em tais termos que tive de abandonar o projecto, embora já estivesse resolvida a ir.

Verdade é que já estava com bem pouca vontade de fazer a fundação, porque, tendo tomado informações em Beas sobre Caravaca, vi que, além de ser muito fora de mão, eram tão maus os caminhos de uma a outra localidade, que dariam muito trabalho aos Visitadores das monjas, e os Prelados o não levariam a bem; mas, porque havia dado boas esperanças, pedi ao Padre Julião de Ávila e a António Gaytán que fossem pessoalmente verificar as coisas e, se julgassem oportuno, dessem tudo por desfeito.

Encontraram o negócio muito pouco animado, não por parte das que haviam de ser monjas, mas pela de Dona Catarina, que era a alma do projecto e já tinha encerradas as pretendentes num quarto, a modo de clausura.

As monjas, isto é, as que o haviam de ser, especialmente duas, estavam tão firmes e souberam tão bem granjear as simpatias do Padre Julião de Ávila e de António Gaytan, que estes, antes de partir, deixaram lavradas as escrituras, ficando as donzelas muito contentes, e eles satisfeitos, tanto delas pessoalmente, como do lugar. Não se fartavam de o dizer, nem tão pouco de falar do péssimo caminho. Ambos desejavam que se fizesse a fundação, e, na verdade, se lhes pode agradecer a ereção daquele mosteiro, porque se não tivessem ido e negociado, pouco eu teria feito. Quando vi que tudo estava combinado mas a licença tardava, tornei a enviar a Caravaca o bom António Gaytán, que por amor de mim sofria de boa vontade qualquer trabalho.

Dei-lhe dinheiro para a viagem e para que pusesse roda e grades no local onde se deveria tomar posse e alojar as monjas até encontrar casa a propósito. Lá estive muitos dias, gastando bastante tempo nestes preparativos. Foi hospedado por Rodrigo de Moya, pai, como já disse, de uma das donzelas, o qual de muito bom grado nos cedeu uma parte da sua casa.

Estava eu já disposta a partir, quando, trazido o despacho, soube que impunha a condição de ficar o mosteiro sujeito aos Comendadores, e as monjas lhes prestarem obediência, o que eu não podia admitir por pertencermos à Ordem de Nossa Senhora do Carmo; e assim foi necessário fazer novo requerimento. Certamente teria sido recusada a autorização como a de Beas; mas escrevi ao Rei, e fez-me tanta mercê, que logo mandou concedê-la. É o mesmo Rei actual, Dom Filipe, tão amigo de favorecer os Religiosos que guardam a sua profissão. Havendo ele sabido a maneira de proceder destes mosteiros, e a vida que levam segundo a Regra Primitiva, em tudo nos tem favorecido; e assim, muito vos rogo, filhas, que sempre se faça particular oração por Sua Majestade, como agora fazemos.

Tendo sido necessário pedir nova licença, parti para Sevilha, a mandado do Padre Provincial, que era então, e ainda é agora, o Mestre Frei Jerónimo

Graciano da Madre de Deus, segundo ficou dito. Durante todo esse tempo estiveram as pobres donzelas encerradas até o dia do ano novo seguinte; e quando tinham enviado mensageiro a Ávila, era no mês de Fevereiro. Veio o despacho com brevidade, mas como eu estava tão longe e com tantos trabalhos, não lhes podia valer, o que me fazia bastante compaixão, porque me escreviam frequentemente e com muita mágoa. Vi finalmente que não era possível detê-las por mais tempo.

Como não me era possível ir pessoalmente, tanto por estar longe, como por não ter acabado a fundação de Sevilha, determinou o Padre Mestre Jerónimo Graciano, Visitador Apostólico, segundo ficou dito, que fossem em meu lugar as monjas destinadas para este fim, as quais haviam ficado em São José de Malagón. Procurei que seguisse como Piora uma Religiosa da minha confiança[61], na certeza de que faria tudo muito bem, porque é bastante melhor do que eu. Providas de tudo, partiram as monjas, acompanhadas por dois dos nossos Padres Descalços. Já o Padre Julião de Ávila e António Gaytán, alguns dias antes, haviam ido às suas terras, e não quis que voltassem, por causa da distância e do tempo invernos, pois estávamos em fins de Dezembro.

Chegadas a Caravaca, foram as monjas recebidas com grande alegria pelo povo e especialmente pelas jovens que estavam recolhidas. Fundou-se o mosteiro, colocando-se o Santíssimo Sacramento no dia do Santo Nome de Jesus, do ano de 1576. Logo duas das recolhidas tomaram o hábito. A terceira tinha muito humor de melancolia[62], e provavelmente lhe fazia mal o viver encerrada, ainda mais em tanta austeridade e penitência. Resolveu voltar para casa[63] e viver em companhia de uma sua irmã.

Considerai, minhas filhas, os juízos de Deus e a obrigação que temos de o servir, por nos ter deixado perseverar até fazer profissão e permanecer para sempre na casa de Deus, como filhas da Virgem. Aproveitou-se Sua Majestade do desejo desta donzela e da sua fazenda para a fundação do mosteiro; e ela, a tempo de gozar do que tanto havia desejado, perdeu a fortaleza e rendeu-se ao humor doentio, ao qual, muitas vezes, filhas, lançamos a culpa das nossas imperfeições e inconstâncias.

Praza a Sua Majestade dar-nos em abundância a sua graça; com ela não haverá coisa alguma que nos atalhe os passos e impeça de ir sempre adiante

no seu serviço; a todas nos ampare e favoreça, a fim de que se não percam por nossa fraqueza tão grandes princípios, para os quais se tem servido de tomar por primeiras pedras umas mulheres tão miseráveis como nós. Em seu nome vos rogo, irmãs e filhas minhas, que sempre o peçais a Nosso Senhor; e cada uma das que vierem faça conta de que nela torna a começar esta Primitiva Regra da Ordem da Virgem Nossa Senhora, e de maneira nenhuma se consinta a mínima relaxação. Vede que as pequeninas coisas abrem a porta às muito grandes, e insensivelmente o mundo pode entrar no meio de vós. Lembrai-vos com que pobreza e trabalho se fez o que gozais agora com tanto descanso; e, se bem o advertirdes, vereis que quase todas estas casas em parte não foram fundadas pelos homens, mas pela mão poderosa de Deus; e Sua Majestade é muito amigo de levar adiante as suas obras, se do nosso lado não deixamos de cooperar. De onde, pensais, tiraria poder para tão grandes obras uma mulherzinha como eu, sem um único maravedi, sem favor de ninguém e sujeita a superiores? Sim, porque meu irmão, que auxiliou a fundação de Sevilha e tinha fortuna, ânimo e boa alma para contribuir com alguma coisa, estava então nas índias.

Contemplai, minhas filhas, contemplai a mão de Deus. Certamente não por ser eu de sangue ilustre me faziam honra. De qualquer modo que o quiserdes considerar, entenderéis ser obra divina. Não é justo que da nossa parte a diminuamos em coisa alguma; ainda que nos custasse vida, honra e descanso, quanto mais que tudo aqui temos por junto. Com efeito, o que se pode chamar vida é viver de maneira que não temamos a morte, nem todos os sucessos da existência, e andar com esta contínua alegria, que agora reina em todas vós, e esta prosperidade incomparável de não recear a pobreza e até desejá-la. E a que se pode comparar a paz interior e exterior com que sempre andais? Em vossas mãos está viver e morrer com ela, como tendes visto expirar as que morrem nestas casas. Se pedirdes sempre a Deus que leve adiante a sua obra, e em nada vos fiardes de vós, Ele vos não negará a sua misericórdia; não tenhais medo de que vos falte coisa alguma, se tiverdes total confiança e ânimos generosos: que Sua Majestade é muito amigo disto. Quando vos contentarem os desejos e talentos das que vierem querendo ser monjas, e conhecerdes que não é só para remediar-se, mas a fim de servir a Deus com maior perfeição, nunca as deixeis de receber por não terem bens de fortuna, se forem ricas de virtude; Deus vos remediará por outros lados, dando-vos o dobro do que elas vos poderiam trazer.

Grande experiência tenho disto. Bem sabe Sua Majestade que, tanto quanto me posso recordar, jamais deixei de receber alguma por falta de dote, quando o demais me contentava. Que o digam as muitas admitidas só por amor de Deus, como sabeis. E posso certificar-vos de que não me dava tão grande contentamento receber a que trazia muito, como tomar alguma só em vista de Deus. Das ricas tinha medo, e com as pobres sentia uma dilatação de espírito e um gozo tão grande, que chegava a chorar de alegria. Isto é a pura verdade.

Ora, se, procedendo assim quando as casas ainda estavam por se fazer e comprar, lográmos tão bom resultado, por que, depois de ter onde viver, o não havemos de praticar? Crede-me, filhas, perdereis por onde pensais tirar lucro. Quando a noviça possuir bens e não tiver outros compromissos, já que os há de dar a alguma pessoa talvez menos necessitada, justo é que os dê de esmola ao mosteiro; e confesso que me pareceria falta de amor não fazer assim. Mas sede atentas para que sempre cada noviça disponha da sua fazenda segundo o que os letrados lhe aconselharem como sendo mais do serviço de Deus; porque muito mal seria, a não ser com este fim, pretender os bens das que entram. Fazendo elas com maior perfeição aquilo que devem para com Deus, ganhamos nós muito mais do que com os meios que nos poderiam trazer; pois não queremos outra coisa - nem o permita Deus - senão unicamente que seja Sua Majestade servido em tudo e por tudo.

Para honra e glória sua e para que vos folgueis de ver como se fundaram estas suas casas, vos digo que, embora eu seja ruim e miserável, nunca em negócios destes mosteiros, ou em coisas relativas a eles, teria dado algum passo se fosse necessário apartar-me uma linha desta pureza de intenção, ainda que nada houvesse de conseguir. Repito: nestas fundações nunca fiz coisa que, ao meu entender, se desviasse um ponto da vontade de Deus, conforme ao que me aconselhavam os meus Confessores, que sempre têm sido, depois que me ocupo nesta obra, grandes letrados e servos de Deus; nem me recordo que jamais outra ideia me tenha passado pelo pensamento.

Talvez me engane e tenha cometido muitas faltas e inúmeras imperfeições, mas sem dar por elas. Só quem o sabe é Nosso Senhor, que é o verdadeiro juiz; declaro apenas o que me parece ser verdade, e também vejo muito bem que tal rectidão não vinha de mim, senão de querer Deus

esta obra e de me favorecer e conceder esta graça por se tratar de coisa sua. Se o digo, filhas minhas, é para entenderdes mais as vossas obrigações e saberdes que até agora estes mosteiros se têm feito sem prejudicar a quem quer que seja. Bendito seja Aquele que tudo levou a termo e despertou a caridade das pessoas que nos têm ajudado. Praza a Sua Majestade amparar-nos e dar-nos sempre a sua graça para não sermos ingratas a tantas mercês. Amém.

Já tendes visto, filhas, que havemos passado por alguns trabalhos, e entretanto, creio só ter dito a menor parte, porque seria fastidioso falar por miúdo das nossas caminhadas debaixo de aguaceiros e neves; algumas vezes perdíamos o rumo; outras, e muito frequentemente, era completa a falta de saúde. Uma vez em particular - não sei se já o disse - na primeira jornada de Malagón para Beas, aconteceu-me ir com febre e tantos males juntos que, ao considerar o meu estado e o caminho que me restava a fazer, me lembrei de Nosso Pai Elias, quando fugia de Jezabel, e disse: "Senhor, como poderei aguentar tudo isto? Tomai-o à vossa conta". O facto é que, vendo-me tão fraca, Sua Majestade repentinamente me tirou a febre e todo o mal. Refletindo eu depois sobre o caso, atribuí a minha cura a um sacerdote, servo de Deus, que havia entrado na ocasião. Talvez fosse ele, mas o que é certo é que, sem mais nada, fiquei boa no exterior e no interior. Em tendo saúde, aguentava com alegria os trabalhos corporais.

Não me custava pouco ter de sofrer as diversas condições e génios das muitas pessoas com que lidava em cada lugar. O ser obrigada a deixar as minhas filhas e irmãs quando partia de uma para outra localidade, como as amo tanto, asseguro-vos, não foi minha menor cruz, especialmente quando pensava não tornar a vê-las, e era testemunha de seu grande sentimento e das suas lágrimas. Ainda que de outras coisas estão desapegadas, de mim não o estão; Deus não lhes há concedido esta mercê, porventura para me servir de maior tormento, porque tão pouco o estou delas. Por mais que me esforçasse para não dar demonstração, e mesmo as repreendesse, de pouco servia, porque é grande o amor que me têm, e em muitas coisas bem se vê ser verdadeiro.

Tendes também ouvido como tudo se ia fazendo não só com licença do Nosso Reverendíssimo Padre Geral, mas por mandamento seu, dado depois

sob preceito. Ainda mais: a cada fundação, escrevia-me exprimindo a sua grandíssima alegria; e, asseguro-vos, o meu maior alívio nos trabalhos era ver o seu contentamento, por me parecer com isto servir a Nosso Senhor, pois se tratava de meu Prelado a quem, aliás, tenho muito amor. Entretanto, ou fosse Sua Majestade servido de me dar algum descanso, ou ficasse o demónio despeitado com tantos novos mosteiros onde se servia Nosso Senhor, o certo é que fui obrigada a interromper as fundações. Bem se entendeu não ter sido vontade de Nosso Padre Geral, porque, havia poucos anos, suplicando-lhe eu que não me mandasse mais fundar, me tinha escrito que o não faria, pois desejava ver-me estabelecer tantas casas quantos cabelos tenho na cabeça. Tendo porém, havido um Capítulo Geral, onde aparentemente se devia considerar serviço a dilatação da Ordem, trouxeram-me, antes da minha partida de Sevilha, um mandamento dado em Definitório, por meio do qual me intimavam não só a suspender as fundações, mas a não sair por motivo algum da casa que escolhesse como residência. Era de certo modo encarcerar-me, porque não há monja que o Padre Provincial não possa mandar de uma a outra parte, digo de um a outro mosteiro, para as coisas necessárias ao bem da Ordem. Para mim o pior e que me causava mais pena, era estar agora Nosso Padre Geral desgostoso comigo, sem a mínima causa, apenas levado por informações de pessoas apaixonadas. Além disto, contaram-me ao mesmo tempo dois falsos testemunhos bem graves que me levantaram.

Para que vejais a misericórdia de Nosso Senhor e como Sua Majestade não desampara a quem deseja servi-lo, digo-vos, Irmãs, que não só não senti pesar, mas causava-me tudo isto um gozo tão accidental, que eu me não continha, de maneira que não me espanto do que fazia o Rei David, quando ia dansando diante da arca do Senhor. Também eu não quisera fazer então outra coisa, tal era o meu gozo, e não sabia como o encobrir. Não sei o motivo, porque nunca me aconteceu isso em outras grandes murmurações e contradições em que me tenho visto. Destas duas imputações, ao menos uma era gravíssima. Quanto ao interromper as fundações, se não fora pelo desgosto do Reverendíssimo Geral, era para mim grande descanso; e acabar a vida em sossego era coisa que eu muitas vezes desejava. Assim não pensavam os que tinham tramado contra mim; antes imaginavam causa-rme o maior pesar do mundo. Teriam quiçá outros bons intentos.

De outras vezes também me tinham dado contentamento as grandes oposições e críticas que neste andar em fundações tenho sofrido, ora de pessoas bem intencionadas, ora de outras movidas por diversos fins; mas tão intensa alegria como desta vez, não me lembro de ter sentido em nenhum outro trabalho. Confesso que em outros tempos, qualquer das três coisas que me vieram então juntas, fora muito penosa de sofrer. Creio ter sido meu gozo principal o parecer-me estar contente o Criador, pois as criaturas assim me pagavam. É que tenho entendido andar muito enganado quem toma prazer nas coisas da terra, ou nos ditos e louvores dos homens, sem falar na pouca vantagem que nisto há; o que hoje lhes parece uma coisa, amanhã é outra, e bem depressa tornam a dizer mal do que há pouco diziam bem. Bendito sejais Vós, Deus e Senhor meu, que sois para sempre imutável. Amém. Quem vos servir até ao fim, viverá na vossa eternidade para sempre.

Como disse no princípio, comecei a escrever estas fundações por mandado do Padre Mestre Ripalda, da Companhia de Jesus, que era então meu Confessor e Reitor do colégio de Salamanca. Estando eu ali, no mosteiro do glorioso São José, no ano de 1573, escrevi algumas delas, mas, com as muitas ocupações, interrompi a narração e não queria passar adiante. Já não me confessava, aliás, com o dito Padre, em consequência das minhas viagens, e custa-me grande trabalho e dificuldade o que escrevo, embora dê tudo por bem empregado porque têm sido sempre por ordem da obediência. Estando eu muito determinada a não prosseguir, mandou-me o actual Padre Comissário Apostólico, Mestre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, que as concluísse. Como sou imperfeita na obediência, aleguei o pouco tempo que tenho e outras coisas que se me ofereceram, pois realmente era um grande cansaço acrescentado aos que já tinha; não obstante isto, mandou-me acabá-las aos pouquinhos, ou como pudesse. Assim o fiz, e sujeito-me em tudo aos entendidos, para que tirem o que não lhes parecer bem; será porventura o que a mim me parece melhor. Terminei-o hoje, véspera de Santo Eugénio, aos quatorze dias do mês de Novembro, do ano de 1576, no mosteiro de São José de Toledo, onde actualmente estou por mandado do Padre Comissário Apostólico, o Mestre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, que temos agora por Prelado, Descalços e Descalças da Primitiva Regra, sendo também Visitador dos Religiosos da

Regra Mitigada de Andaluzia. Seja para glória e honra de Nosso Senhor Jesus Cristo, que reina e reinará para sempre. Amém.

Por amor de Nosso Senhor peço às Irmãs e Irmãos que isto lerem, encomendem a Sua Majestade a minha alma, para que use comigo de misericórdia livrando-me das penas do Purgatório, se eu houver merecido lá estar, e me deixe gozar de Si. Como não haveis de ler isto enquanto eu for viva, sirva-me de algum lucro - ao menos depois de morta - o que me cansei em escrever e também o grande desejo que tive de acertar a dizer alguma coisa para a vossa consolação, se houverem por bem vo-lo dar a ler.

CAPITULO XXVIII

Fundação de Vilanova da Jara.

Cessaram as fundações durante mais de quatro anos, acabada a de Sevilha. A causa foi por começarem de chofre grandes perseguições aos Descalços e Descalças. Na verdade já tínhamos passado por muitas, mas não tão formidáveis como esta, que esteve a ponto de acabar com tudo. Bem se viu quanto pesava ao demónio esta santa reforma que Nosso Senhor havia começado, e também como era obra de Deus, porque foi adiante. Muito tiveram que padecer os Descalços, especialmente os Superiores, com graves calúnias e com a oposição de quase todos os Padres Calçados.

Tais informações deram estes a Nosso Reverendíssimo Padre Geral, que, apesar de ser muito santo e de ter dado licença para se fundarem todos os mosteiros - excepto o primeiro de São José de Ávila, que se fez com a licença do Papa, - ficou muito contra os Descalços e pôs tudo em jogo para os exterminar. Com os conventos das monjas sempre esteve bem. Também o indispuseram contra mim, porque eu não o ajudava nesses planos, e foi este o meu maior trabalho nestas fundações, embora tenha passado por muitos. Com efeito, deixar de contribuir para o adiantamento de uma obra onde eu claramente via o serviço de Nosso Senhor e o acrescentamento da nossa Ordem, não mo consentiam grandes letrados e teólogos com os quais eu me confessava e aconselhava; por outro lado, ir contra a vontade expressa do meu Prelado era para mim uma verdadeira morte, porque, além do que lhe devia como a meu Superior, amava-o muito ternamente, e ele bem mo tinha merecido. Verdade é que, mesmo se eu quisera contentá-lo neste ponto, não o poderia fazer, por haver Visitadores Apostólicos, aos quais me era forçoso obedecer.

Morreu um Núncio santo[64], que favorecia muito a virtude e por isso estimava os Descalços. Sucedeu-lhe outro[65] que parecia enviado por Deus para nos exercitar no sofrimento. Era aparentado com o Papa, e devia ser servo de Deus, mas começou a tomar muito a peito o partido dos Calçados e, movido pelas informações dadas contra nós, convenceu-se inteiramente de que convinha não irem adiante estes princípios. Pôs-se logo

a mostrar por obras o seu intento, com grandíssimo rigor, condenando ao cárcere ou exilando aqueles que julgou capazes de resistência.

Os que mais padeceram foram o Padre Frei António de Jesus, que deu começo ao primeiro mosteiro de Descalços, e o Padre Frei Jerónimo Graciano, que pelo Núncio passado fora constituído Visitador Apostólico dos do Pano.[66] Contra este último e contra o Padre Mariano de São Bento ficou muito indignado, impondo-lhes várias censuras para que não tratassem de nenhum negócio. Nas fundações passadas já disse quem são estes. A outros, dos mais graves, penitenciou, ainda que não com tanta severidade.

Bem se entendia que tudo vinha de Deus e por permissão de Sua Majestade para maior bem e para manifestação da virtude destes Padres, como de facto aconteceu. Nomeou Prelado do Pano, que visitasse os nossos mosteiros de monjas e os dos frades; e se houvesse realmente o que ele pensava, muito teríamos que sofrer. Passámos grandíssimos trabalhos, como escreverá melhor quem o saiba dizer; eu apenas toco neste assunto para dar a entender às monjas que vierem o quanto estão obrigadas a progredir na perfeição, pois encontram aplanado o que tanto custou às Religiosas de agora. Algumas destas têm padecido muitíssimo nestes últimos tempos por falsos testemunhos, os quais me causavam muito mais lástima do que os meus próprios sofrimentos, pois estes antes me davam grande gosto. Parecia-me ser eu a causa de toda esta tormenta, e pensava que cessaria a tempestade se me lançassem ao mar como a Jonas. Louvado seja Deus, que favorece a verdade.

Assim sucedeu nesta ocasião, pois sabendo o nosso católico rei Dom Filipe o que se passava, tomou a peito favorecer-nos e não consentiu que o Núncio fosse o único juiz da nossa causa. Deu-lhe quatro assessores, dos quais três eram Religiosos - todos eles pessoas graves, - para que se fizesse inteira justiça a nosso respeito. Um era o Padre Mestre Frei Pedro Fernandes, Religioso de vida muito santa, grande ciência e entendimento. Havia sido Comissário Apostólico e Visitador dos Calçados da Província de Castela, e também tivera jurisdição sobre os Descalços; deste modo conhecia bem a verdade sobre a vida que levavam uns e outros. Todos nós não desejávamos outra coisa senão que se entendesse isto; e assim, vendo

eu que o Rei o tinha escolhido, dei o negócio por acabado, como pela misericórdia de Deus o está. Praza a Sua Majestade que seja para honra e glória sua. Não faltaram senhores do reino e Bispos em grande número que se apressaram em informar da verdade ao Núncio, mas nada se conseguiria, se Deus não tivesse tomado o Rei por instrumento.

Muito obrigadas estamos todas, Irmãs, a sempre em nossas orações encomendá-lo a Nosso Senhor, assim como aos que têm favorecido a causa de Sua Majestade e da Virgem Nossa Senhora; e neste ponto muito insisto convosco. Calculai, Irmãs, se havia possibilidade de fundar em tais circunstâncias; todas nos ocupávamos sem cessar em orações e penitências para que Deus levasse adiante as fundações já feitas, se delas havia de tirar glória.

No princípio destes grandes trabalhos, que contados tão por alto vos parecerão breves, mas, padecidos por tanto tempo, foram gravíssimos, estando eu em Toledo, de volta da fundação de Sevilha, no ano de 1576, recebi a visita de um sacerdote de Vilanova da Jara, que me trazia cartas do Ajuntamento[67] do lugar. Vinha pedir-me que admitisse, para a fundação de um mosteiro, nove donzelas que se haviam recolhido, havia alguns anos, em uma pequena casa anexa à ermida dedicada à gloriosa Sant'Ana, existente naquele povoado. Aí viviam com tanto recolhimento e santidade, que todo o povo se moveu a realizar os desejos que tinham de ser monjas. Escreveu-me também o Doutor Agostinho de Érvias, cura do lugar, homem douto, que por sua muita virtude auxiliava quanto podia esta santa obra.

Pareceu-me coisa que de maneira alguma convinha admitir, pelas seguintes razões: primeiro, porque sendo tantas e acostumadas ao seu modo de viver, seria provavelmente muito difícil adaptarem-se ao nosso. Segundo, não tinham quase meios de subsistência e, para viver de esmolas, não podiam contar com muito auxílio por ser um povoado de cerca de mil almas; embora o Ajuntamento se oferecesse a sustentá-las, não me parecia isto coisa duradoura. Terceiro, não possuíam casa própria. Quarto, a vila era distante dos outros mosteiros. Quinto, apesar de me dizerem que eram muito boas, não as tendo eu visto, não podia entender se tinham os talentos requeridos para estes mosteiros. Com estas considerações, resolvi rejeitar de todo a proposta.

Para isto quis primeiro falar ao meu Confessor, que era o Doutor Velasques, Cónego e Catedrático de Toledo, homem muito letrado e virtuoso, actualmente Bispo de Osma; porque sempre tenho costume de fazer as coisas não por meu parecer, mas pelo de pessoas de tal valor. Ele, ao ver as cartas e estudar o negócio, disse-me que o não recusasse, e respondesse bem, pois quando Deus reúne tantos corações com o mesmo ideal, dá a entender que será para seu serviço. Fiz como ele me dizia, e nem admiti inteiramente, nem recusei. Passámos todo este ano de 1580, elas a importunar-me e a procurar pessoas que intercedessem a seu favor, e eu a julgar sempre desatino admiti-las. Quando lhes escrevia, porém, nunca estava em minhas mãos dar-lhes resposta formalmente negativa.

Por coincidência foi o Padre Frei António de Jesus cumprir o seu desterro no convento de Nossa Senhora do Socorro, a três léguas desse lugar de Vilanova. Indo lá pregar, juntamente com o actual Prior do mosteiro Padre Frei Gabriel da Assunção, pessoa muito avisada e servo de Deus, que ia também frequentemente ao mesmo lugar, travaram amizade com o Doutor Érvias, e, começando a tratar com aquelas santas Irmãs, afeiçoados das suas virtudes e persuadidos pelo povo e pelo Doutor, tomaram à sua conta o projecto e começaram a insistir comigo fortemente por meio de cartas. Estando eu em São José de Malagón, que dista vinte e seis léguas e até mais de Vilanova, foi o mesmo Padre Prior falar-me sobre o assunto, dando-me conta do que se podia fazer. Assegurou-me que, depois de estabelecido o mosteiro, daria o Doutor Érvias trezentos ducados de renda, descontados da sua cóngrua, mediante licença de Roma.

Isto, junto com o que elas possuíam, era o suficiente; contudo achei o negócio muito incerto por me parecer que, uma vez feita a fundação, o entusiasmo dos benfeitores iria arrefecendo; e assim dei ao Padre Prior muitas razões, que, ao meu parecer, bastavam para provar que não convinha fazer-se o negócio. Disse que o examinasse muito, tanto ele como o Padre Frei António, pois eu o deixava sobre a consciência de ambos; e fiquei certa de que os motivos que lhes dava seriam suficientes para não se entrar em acordo.

Depois de se ir o Padre Prior, pus-me a considerar que, afeiçoado como estava àquela ideia, havia de persuadir o Prelado que agora temos, o Mestre

Frei Angelo de Salazar, para que admitisse o mosteiro; e dei-me muita pressa em escrever a este, apresentando-lhe as minhas razões e suplicando-lhe que não desse a licença. Ele, segundo me escreveu mais tarde, não a tinha querido dar, a não ser com o meu consentimento.

Já eu pensava ter estorvado o projecto, eis senão quando, um mês e meio depois, ou talvez um pouco mais, chega um mensageiro trazendo cartas do Ajuntamento, que se comprometia a não faltar às monjas com o necessário, e do Doutor Érvias que se obrigava a cumprir a sua promessa. Ao mesmo tempo me escreviam os dois Reverendos Padres com muito encarecimento. Era tal o meu temor de admitir tantas Irmãs, parecendo-me que poderiam formar algum bando contra as que daqui fossem, como acontece muitas vezes, que me achei em bastante perplexidade. Também não via segurança para a manutenção do convento, porque as garantias oferecidas não eram suficientes. Como depois entendi, era o demónio que me punha tão pusilânime, apesar da coragem que recebi do Senhor; naquela ocasião a minha confiança em Deus parecia ter desaparecido. Mas as orações daquelas benditas Irmãs finalmente prevaleceram.

Todo o meu temor era de estorvar o aproveitamento de algumas almas, pois sempre é meu desejo servir de instrumento para que Nosso Senhor seja louvado, e haja mais quem o sirva, e era isto que me fazia responder-lhes com benevolência. Um dia, acabava eu de comungar e estava encomendando o caso a Deus, como costumava muitas vezes, quando me dá Sua Mejestade uma grande repreensão, perguntando-me com que tesouros se havia feito o que até aqui se tinha fundado, e dizendo-me que não hesitasse em admitir esta casa, porquanto seria para muito serviço seu e aproveitamento das almas.

Como são poderosas essas palavras de Deus! Não só as apreende o entendimento, mas fica iluminado para compreender a verdade; e sente-se disposta a vontade para querer o que o Senhor manda! Assim aconteceu comigo: não só tive gosto em admitir a fundação mas considerei-me culpada por tanta detença e apego a razões humanas, pois tenho visto o que o Senhor, de modo tão acima de toda a razão, tem feito por esta sagrada Ordem.

Determinada a aceitar, julguei necessário, por muitos motivos, ir pessoalmente com as monjas que lá haviam de ficar, não obstante a grande repugnância da natureza, por ter eu chegado bem doente a Malagón e andar sempre enferma. Contudo, vendo que era do serviço de Nosso Senhor, escrevi ao Prelado para que me ordenasse o que houvesse por bem. Enviou-me a licença para a fundação, mandando-me sob preceito ir pessoalmente e escolher as monjas que me parecessem mais a propósito. Na escolha destas pus muito cuidado, porque haviam de ficar com as recolhidas; e, encomendando-o muito a Nosso Senhor, tirei duas Religiosas do mosteiro de São José de Toledo, das quais uma para Priora; e outras duas de Malagón, sendo uma para Sub-priora. Como tanto se havia pedido à Sua Majestade, foi a escolha muito acertada, o que, a meu ver, não importava pouco. Quanto às fundações que começámos sozinhas, todas nos entendemos muito bem.

Vieram buscar-nos o Padre Frei António de Jesus e o Padre Prior Frei Gabriel da Assunção. Tendo o povo de Vilanova fornecido o necessário para as despesas, partimos de Malagón no sábado antes da Quaresma, aos treze dias de Fevereiro de 1580. Foi Deus servido de nos dar tão bom tempo, e a mim tanta saúde, que me parecia nunca ter estado doente. Eu me espantava e me punha a considerar o quanto importa não nos amedrontarmos com a nossa fraca disposição quando se trata claramente do serviço do Senhor, sejam quais forem os obstáculos, pois é poderoso para fazer dos fracos, fortes, e dos enfermos, sãos; e quando isto não fizer, será que o melhor para nós é padecer e, pondo os olhos em sua honra e glória, nos esquecermos de nós mesmos. Para que a vida e a saúde, senão para as perder por tão grande Rei e Senhor? Crede-me, Irmãs, jamais errareis, indo por este caminho.

Confesso que frequentemente a minha ruindade e fraqueza me têm feito temer e duvidar; mas desde que o Senhor me deu o hábito de Descalça, e mesmo alguns anos antes, ao que me recordo, jamais deixou Ele, unicamente por sua misericórdia, de me dar graça para vencer estas tentações e arrojar-me ao que me parecia mais serviço de Sua Majestade, por dificultoso que fosse. Pouco era o que eu fazia da minha parte - entendo bem claramente, - porém Deus de nós não exige mais do que esta

determinação para, do seu lado, fazer tudo. Seja Ele para sempre bendito e louvado. Amém.

Tínhamos de ir directamente ao mosteiro de Nossa Senhora do Socorro, a três léguas de Vilanova, como ficou dito, detendo-nos aí para dar aviso da nossa chega da. Assim tinham determinado os dois Padres que nos acompanhavam, e era justo que eu lhes obedecesse em tudo. Está situado o mosteiro num deserto, numa solidão verdadeiramente deliciosa. Quando chegámos perto, saíram em muita ordem os frades a receber o seu Prior, descalços e com as suas pobres capas de saial, o que a todas causou devoção, e a mim me enterneceu muito, por me parecer estar naquele florido tempo dos nossos santos Padres. Dir-se-ia naquele campo umas brancas flores muito olorosas, e assim, creio, são diante de Deus, pois a meu ver é ali servido muito deveras. Entraram na igreja cantando o *Te Deum* com vozes muito mortificadas. Era a entrada por baixo da terra, por uma espécie de cova que lembrava a do Nosso Padre Elias. Por certo era tal o meu gozo interior, que dera por muito bem empregado mais largo caminho, conquanto tenha sentido bastante já ter morrido a santa por cujo meio fundou Nosso Senhor esta casa. Não mereci vê-la, embora vivamente o tenha desejado.

Julgo não ser coisa ociosa dizer aqui alguma coisa da sua vida e dos caminhos pelos quais Nosso Senhor quis que se fundasse aquele mosteiro, que de tanto proveito tem sido para um grande número de almas dos arredores, segundo me informaram. Considerando a penitência desta santa, vereis, minhas Irmãs, quão longe estamos dela, e cobrareis alento para servir a Deus com mais vivo ardor. Não há razão de fazermos menos, pois não vimos de raça tão nobre e delicada. Isto, na verdade, pouco importa, e se o digo, é para dar a entender que tinha levado vida regalada conforme a sua condição, pois Dona Catarina de Cardona descendia dos Duques deste nome. Depois de me ter escrito algumas vezes, só se assinava "a Pecadora".

Das suas obras antes que o Senhor lhe fizesse tão grandes mercês, tratarão os que mais particularmente lhe escreverem a vida e o muito que dela há por dizer; mas, como. podem não chegar ao vosso conhecimento essas coisas, direi aqui o que me têm contado algumas pessoas dignas de crédito, que a conheceram.

Estando ainda esta santa entre pessoas e senhores de alta categoria, tinha sempre muito cuidado com a sua alma e fazia penitência. Cresceu tanto nela o desejo de ir a alguma solidão onde pudesse gozar de Deus e empregar-se em castigar o seu corpo sem que alguém a estorvasse, que se pôs a tratar disto com os seus Confessores; mas não lho consentiram. Já anda o mundo com tão excessiva discrição - quase olvidadas as grandes mercês feitas por Deus aos santos e santas que o serviram, - que não me espanto de o terem julgado desatino. Sua Majestade não deixa de favorecer os verdadeiros desejos dando meios de os cumprir, e assim dispôs que ela se viesse a confessar com um Padre Franciscano, chamado Frei Francisco de Torres, a quem muito bem conheço e tenho em conta de santo, pelo grande fervor de penitência, dom de oração e numerosas perseguições com que vive há muitos anos. Deve bem saber as mercês que Deus faz aos que se esforçam por recebê-las, pois lhe disse que, sem mais detença, tratasse de seguir o chamamento de Sua Majestade. Não sei se foram estas as palavras, mas o sentido foi este, pois ela imediatamente executou o seu intento.

Confiou o seu desejo a um ermitão de Alcalá, rogando-lhe que a conduzisse a um ermo e jamais o dissesse a pessoa alguma. Juntos aportaram ao lugar onde hoje está o mosteiro, e aí, tendo ela achado uma cova onde mal cabia, ele a deixou. Oh! que amor a devia abrasar, pois nem cuidou do que havia de comer, nem dos perigos possíveis em tal soledade, nem da infâmia de que porventura a cobriria o mundo por ter ela desaparecido! Como devia andar inebriada esta santa alma, embebida no desejo de que ninguém a estorvasse de gozar do seu Esposo! E quão determinada estava a nada mais querer do mundo, pois assim fugia de todos os seus contentamentos!

Consideremos bem isto, Irmãs, e olhemos como de um só golpe venceu tudo; pois, embora não seja menos o que fazeis entrando nesta sagrada Religião onde ofereceis a Deus a vossa vontade e professais tão contínuo encerramento, não sei se passam, a algumas, esses fervores dos princípios, e se nos tornamos a escravizar pelo nosso amor próprio em algumas coisas. Praza a Sua Divina Majestade que tal não aconteça, e, pois já imitamos a esta santa em querer fugir do mundo, estejamos em tudo muito fora dele no interior.

Da grande aspereza da sua vida tenho ouvido muitas coisas, e deve ser a menor parte o que se sabe, porque em tantos anos que estive naquela soledade, com tão veementes desejos de fazer penitência e não tendo quem lhe fosse à mão, devia tratar o seu corpo terrivelmente. Vou contar o que de sua própria boca ouviram algumas pessoas, entre as quais as monjas do mosteiro de São José de Toledo, onde ela entrou a vê-las. Falava-lhes com simplicidade como a irmãs suas; e o mesmo fazia com outros, porque era extrema a sua singeleza e, penso, também a sua humildade. Tinha entendido que nada lhe pertencia; estava muito longe de ter vanglória, e assim gostava de dizer as mercês que Deus lhe fazia, para que por este meio fosse louvado e glorificado o santo Nome do Senhor. Coisa perigosa esta para quem não chegou a tal estado: o menos que pode acontecer é tomarem tudo por louvor em boca própria; ainda que a lhaneza e simplicidade desta santa a deve ter livrado disto; porque jamais ouvi acusá-la desta falta.

Contou, pois, que tinha estado oito anos naquela cova, alimentando-se muito tempo só com raízes e ervas; porque, acabados os três pães que lhe deixou o ermitão, nada mais teve até que passou por ali um pastorzinho. Este a provia de pão e farinha, com a qual fazia umas tortilhas cozidas ao fogo, que comia de três em três dias, e nada mais. Isto é muito certo; os frades dali são testemunhas de que, obrigando-a algumas vezes a comer uma sardinha ou outras coisas, depois de estar já muito consumida, quando foi tratar da fundação do mosteiro, em vez de lhe causar proveito, fazia-lhe mal. Vinho nunca bebeu, que eu saiba. Com uma grande cadeia disciplinava-se, muitas vezes durante hora e meia, e até duas horas. Usava aspérrimos cilícios. Uma mulher que, vindo de uma romaria, tinha passado com ela uma noite, fingiu dormir e viu-a tirar e limpar os cilícios cheios de sangue. Mais era o que padecia, segundo contou às nossas monjas de que já falei, por parte dos demónios, que ora lhe apareciam em figura de grandes cães de fila e lhe subiam pelos ombros, ora em forma de serpentes. Ela nenhum medo tinha; ainda depois de feito o mosteiro, vivia na sua cova e aí ficava e dormia, só saindo para ir aos ofícios divinos. Antes disto, para ouvir Missa ia a um mosteiro de Mercedários que está a um quarto de légua de distância, e algumas vezes de joelhos. O seu vestido era de burel, com túnica de xerga, de tal feitio que a tomavam por homem.

Depois desses anos de completa solidão, quis o Senhor dá-la a conhecer, e começou o povo a ter-lhe devoção tão grande, que ela não se podia valer. A todos falava com muita caridade e amor. À medida que passava o tempo, acudia maior concurso de gente, e quem lhe podia falar não se julgava pouco afortunado. Ela se sentia exausta com isto e dizia que a estavam matando. Houve dia de ficar todo o campo coberto de carros. Depois de se estabelecerem ali os frades, não tinham outro remédio senão levantá-la acima da multidão para que lhes lançasse a bênção, e com isto se retiravam satisfeitos. Depois de ter estado oito anos na cova, que já então era maior, porque lha haviam aumentado os que a iam ver, teve uma gravíssima enfermidade, da qual julgou morrer, mas tudo suportou na sua espelunca.

Começou a ter desejos de que houvesse ali um mosteiro de Religiosos, e assim passou algum tempo não sabendo que Ordem havia de escolher. Estando uma vez em oração diante de um crucifixo que sempre trazia consigo, mostrou-lhe Nosso Senhor uma capa branca, e ela entendeu que se tratava de Carmelitas Descalças, embora nunca tivesse ouvido dizer que os havia no mundo. Só existiam nesta ocasião dois mosteiros, o de Mancera e o de Pastrana. Informou-se provavelmente, depois disto, e tendo sabido que estavam estabelecidos na vila de Pastrana pertencente ao Príncipe Rui Gomes e a sua mulher, a Princesa de Éboli, com quem tivera muita amizade em tempos passados, partiu para lá, a fim de tratar da fundação que tanto desejava. Aí, na igreja do mosteiro, que é dedicada a São Pedro, tomou o hábito de Nossa Senhora, embora não com o intento de ser monja ou professor, pois a isto nunca teve inclinação. Como o Senhor a levava por outro caminho, parecia-lhe que os Superiores lhe haviam de tirar por obediência os seus intentos de aspereza e soledade. Estando presentes todos os frades, recebeu o hábito de Nossa Senhora do Carmo.

Achou-se ali o Padre Mariano, de quem já tenho feito menção nestas fundações, o qual me disse, a mim mesma, que, durante a cerimónia, fora tomado de uma suspensão ou arroubamento, ficando totalmente fora de si. Estando assim, viu muitos frades e monjas trucidados: a uns cortavam a cabeça, a outros as pernas e os braços. Esta visão parecia prognosticar algum martírio. Não é homem que afirme coisa que não tenha visto, nem tão pouco está acostumado o seu espírito a tais suspensões, pois não o leva o Senhor por este caminho. Rogai a Deus, Irmãs, que seja verdade; e que

em nossos tempos mereçamos ver tão grandes bens e fazer parte desse número.

Desde Pastrana começou a procurar a santa Cardona meios para fundar o seu mosteiro, e com este fim tornou à Corte, de onde com tanto anseio tinha saído. Não lhe custou isto certamente pequeno tormento, nem lhe faltaram bastantes murmurações e outros trabalhos, porque, por todas as partes onde andou, não podia sair de casa sem se ver rodeada pela multidão. Uns lhe cortavam pedaços do hábito; outros, da capa. Passou depois a Toledo, onde esteve com as nossas monjas. Todas me afirmaram que era tão suave o perfume - como de relíquias - que dela se desprendia, até de seu hábito e da sua correia, a qual lhe tomaram trocando-a por outra, que dava motivo para louvar a Nosso Senhor. Quanto mais a ela se chegavam, mais o sentiam; entretanto, quer pelo tecido grosseiro das suas vestes, quer pela intensidade do calor, deveria ser o contrário. Sei que não são capazes de alterar no mínimo ponto a verdade; e com isto ficaram cheias de devoção.

Na Corte e em outros lugares, recolheu o suficiente para poder fazer o seu mosteiro, e assim o fundou com a devida licença. Edificaram a igreja no lugar da cova e fizeram-lhe outra, mais desviada, onde lhe esculpiram um Cristo no sepulcro; aí estava quase constantemente noite e dia. Isto durou pouco, pois só viveu cerca de cinco anos e meio depois da fundação do mosteiro, e era tão áspera a vida que levava, que ainda parecia sobrenatural ter vivido tanto. A sua morte foi no ano de 1577, segundo me parece. Fizeram-lhe as honras fúnebres com grandíssima solenidade, porque um cavaleiro chamado Frei João de Leão era muito seu devoto e fez questão de que assim fosse. Está agora enterrada, em depósito, numa capela de Nossa Senhora, de quem era devotíssima, até que se faça outra igreja maior que a actual, onde coloquem o bendito corpo como merece.

É grande a devoção que tem o povo a este mosteiro por causa dela, que ainda parece viver ali e em todos aqueles arredores, especialmente quando se contempla aquela solidão e a cova onde viveu até se determinar a fazer o mosteiro. Certificaram-me de que andava tão cansada e aflita por causa da muita gente que a vinha ver, que pensou em ir para outro lugar onde ninguém a conhecesse; mandou chamar o ermitão para que de novo lhe servisse de guia, mas já era morto. Nosso Senhor, que tinha determinado

que se fundasse ali esta casa de Nossa Senhora, não lhe permitiu que se fosse; pois, como deixei dito, entendo que é nela muito bem servido. Não pouca ajuda para isto a solidão aos Religiosos; mostram que se sentem felizes de estar apartados do mundo, em especial o Prior, que também ele foi tirado por Deus do meio de muitos regalos para tomar este hábito. Bem lho pagou o Senhor com os gozos espirituais.

Usou connosco de muita caridade. Deram-nos do que tinham na igreja para a que íamos fundar, pois, como esta santa era querida de tantas pessoas principais, estava o mosteiro bem provido de paramentos. Fiquei muitíssimo consolada todo o tempo que ali passei, embora cheia de confusão, que ainda hoje perdura, considerando que era mulher, como eu, quem ali fizera tão áspera penitência; mais delicada por ser quem era, e não tão grande pecadora, pois neste ponto não pode haver comparação entre uma e outra. Entretanto por diversos modos recebi de Nosso Senhor muito maiores mercês, entre as quais é grandíssima não me ter já no inferno, segundo mereciam os meus grandes pecados. Só o meu desejo de a imitar, se estivesse em minhas mãos me consolava; mas não muito, porque toda a minha vida se me tem ido em desejos, mas faltam as obras. Valha-me a misericórdia de Deus, na qual sempre tenho confiado, por seu Sacratíssimo Filho e pela Virgem Nossa Senhora, de cujo hábito, pela bondade do Senhor, estou revestida.

Acabando de comungar um dia naquela santa igreja, fui tomada de um recolhimento muito grande, com uma suspensão que me tirou de mim. Nela se me representou esta santa mulher por visão intelectual, como corpo glorificado, acompanhada de alguns Anjos. Disse-me que não me cansasse, e procurasse ir adiante nestas fundações. Entendi, embora não o tenha declarado, que me ajudava diante de Deus. Também me disse outra coisa que não é para ser referida. Fiquei bem consolada e com desejo de trabalhar; e na bondade do Senhor espero, com a boa ajuda destas orações, poder de algum modo servi-lo. Vede aqui, Irmãs minhas, como já acabaram tantos trabalhos, e a glória que possui será sem fim. Esforcemo-nos agora, por amor de Nosso Senhor, em seguir esta Irmã nossa: aborrecendo-nos a nós mesmas como ela se aborreceu, acabaremos a nossa jornada, pois com tanta brevidade se caminha, e tudo vem a acabar.

Chegámos a Vilanova da Jara no primeiro domingo da Quaresma, véspera da Cátedra de São Pedro, dia de São Barbaciano, do ano de 1580. No mesmo dia foi colocado o Santíssimo Sacramento na igreja da gloriosa Sant'Ana à hora da Missa solene. Saíram a receber-nos todos os membros do Ajuntamento, o Doutor Érvias e outros mais, e dirigimo-nos à igreja matriz, que ficava bem longe da de Sant'Ana. Era tanta a alegria de todo o povo, que me senti inundada de consolação, vendo com que contentamento recebiam a Ordem da Sacratíssima Virgem Senhora Nossa. Desde longe ouvíamos o repicar dos sinos. Ao entrarmos na igreja, começaram o *Te Deum*: um verso era executado pela capela dos cantores, e o outro pelo órgão. Depois colocaram o Santíssimo Sacramento sobre um andor, e Nossa Senhora sobre outro, com cruces e estandartes, e pôs-se a procissão a caminho com muita solenidade. íamos no meio, junto do Santíssimo Sacramento, com as nossas capas brancas e os nossos véus caídos sobre o rosto; perto de nós iam os nossos frades Descalços, que vieram em grande número do seu mosteiro, e os Franciscanos, porque há convento de São Francisco em Vilanova. Ia também um Dominicano, de passagem pelo lugar, e, embora não fosse mais que um, deu-me contentamento ver ali aquele hábito. Como o percurso era longo, haviam levantado pelo caminho muitos altares, nos quais se iam detendo, cantando letras em louvor de nossa Ordem, o que nos fazia muita devoção, por ver que iam todos louvando ao grande Deus ali presente entre nós, por cujo amor se fazia tanto caso de sete pobrezinhas Descalças. Quanto a mim, considerando aquela festa, sentia-me cheia de confusão à lembrança de que ia eu entre elas, e que todos se deveriam voltar contra mim, se me houvessem de tratar segundo os meus merecimentos.

Se vos dei tão larga conta das honras prestadas ao hábito da Virgem, é para que louveis Nosso Senhor e lhe supliqueis que sirva para sua glória esta fundação, pois me sinto mais contente, e com mais gosto narro os sucessos, quando se funda um mosteiro à custa de muitos trabalhos e perseguições. Verdade é que não faltaram estes às Irmãs aqui recolhidas durante os quase seis anos - ou no mínimo mais de cinco e meio - que passaram encerradas nesta casa da gloriosa Sant'Ana. Além da muita pobreza e trabalho que tinham para ganhar a vida - pois jamais quiseram pedir esmola por não parecer que estavam ali com o fim de lhes darem de comer, - faziam austera penitência, jejuando com rigor e alimentando-se

parcamente; tinham camas paupérrimas e casa mui pequena, o que, para o encerramento completo em que viviam, era bastante penoso.

O seu maior sofrimento, porém, segundo me disseram, era o incendiado desejo de se verem com o hábito, desejo que as atormentava fortemente noite e dia, pelo temor de que nunca o haviam de conseguir; e assim toda a sua oração, acompanhada de contínuas lágrimas, era para que Deus lhes fizesse esta mercê. Se viam surgir algum obstáculo, afligiam-se em extremo e redobravam de penitência. Tiravam do escasso jornal de seu trabalho, deixando de comer, para pagar os mensageiros que me enviavam, e para obsequiar, conforme a sua pobreza, os que de algum modo as podiam ajudar. Depois que tratei com elas e vi a sua santidade, fiquei bem convencida de que foram as suas orações e lágrimas que lhes negociaram a admissão na Ordem; e considerei muito maior tesouro possuímos tais almas, do que se nos tivessem trazido grandes rendas. Espero que irá este mosteiro muito adiante na virtude.

Ao entrarmos na casa, estavam todas do lado de dentro, junto à porta, cada uma com a sua libré, pois, com a esperança de vestirem o nosso hábito, jamais tinham querido tomar traje de beatas e conservavam os vestidos com que tinham entrado. Eram estes bem honestos e denotavam o nenhum cuidado que elas tinham de si. Com efeito, estavam mal alinhadas e quase todas tão enfraquecidas que davam mostras da vida de áspera penitência que tinham levado.

Receberam-nos com abundantes lágrimas de grande contentamento, e bem se viu não serem fingidas. Mostram a sua alta virtude na alegria que têm e na humildade e obediência à Priora e a todas as Irmãs que vieram à fundação: não sabem o que hão de fazer para lhes agradar. Todo o seu medo era que se tornassem a ir, à vista da extrema pobreza e minguada habitação. Nenhuma tinha exercido o mando, e, com suma fraternidade, trabalhavam todas o mais que podiam. Duas, de mais idade, tratavam dos negócios que se ofereciam; as outras jamais falavam a pessoa alguma, nem tinham vontade de o fazer. Nunca puseram chave à porta, senão uma aldraba, e nenhuma ousava chegar-se a ela, a não ser a mais velha, que atendia os de fora. Dormiam pouquíssimo para ganhar de comer e achar tempo para a oração, que lhes durava muitas horas, e nas festas, todo o dia.

Guiavam-se pelos livros de Frei Luís de Granada e Frei Pedro de Alcântara. A maior parte do tempo gastavam em rezar o Ofício Divino, com um pouquinho que sabiam ler, pois só uma lê correctamente. Ainda assim, tinham breviários não conformes: uns do antigo rito Romano, que, por não servirem mais, alguns clérigos lhes tinham dado, outros arranjos conforme lhes fora possível; e, como não sabiam ler, empregavam no Ofício muitas horas. Rezavam, porém, em lugar onde não pudessem ser ouvidas pelos de fora. Deus levaria em conta a sua boa intenção e os seus esforços, mas poucas verdades deviam dizer. O Padre Frei António de Jesus, logo que tratou com elas, fez que só rezassem o Ofício de Nossa Senhora. Tinham o seu forno em que coziavam o pão; tudo tão bem ordenado como se tivessem Superiora.

Tudo isto me fez louvar a Nosso Senhor e, quanto mais as conhecia, mais me alegrava de ter vindo. Parece-me que, por muitos trabalhos que se me oferecessem, não quisera eu ter deixado de consolar estas almas. Aquelas das minhas companheiras que lá deviam ficar, logo aos primeiros dias experimentaram alguma repugnância, segundo me disseram; mas, à medida que as foram conhecendo, entenderam-lhes a virtude e cobraram-lhes muito amor, sentindo-se já satisfeitíssimas de com elas ficar, - tal é o poder da santidade e virtude! Verdade é que eram tais essas Religiosas que, por muitas dificuldades e trabalhos que houvessem encontrado, tudo teriam levado bem, com o favor de Deus, pois querem padecer em seu serviço; e a Irmã que não sentir em si este desejo, não se tenha por verdadeira Descalça, porque não havemos de visar ao descanso, senão ao padecer, para imitar de algum modo o nosso verdadeiro Esposo. Praza à Sua Majestade dar-nos graça para isto. Amém.

Quanto à origem desta ermida de Sant'Ana, foi a seguinte. Vivia aqui, neste dito lugar de Vilanova da Jara, um clérigo natural de Zamora, chamado Diogo de Guadalajara, que havia sido frade de Nossa Senhora do Carmo. Era devoto da gloriosa Sant'Ana, e assim edificou junto da sua casa esta ermida, onde ia ouvir Missa; e, por sua grande devoção, foi a Roma e trouxe uma bula com muitas indulgências concedidas a esta igreja, ou, por melhor dizer, a esta ermida. Era homem virtuoso e recolhido. Dispôs em seu testamento que, por sua morte, esta casa e todos os seus bens seriam destinados à fundação de um mosteiro de monjas de Nossa Senhora do

Carmo, e se esta não tivesse efeito, fosse tudo entregue a um Capelão que se obrigasse a celebrar algumas Missas por semana. No caso, porém, de se fundar algum dia o mosteiro, cessaria a obrigação das Missas.

Foi assim que estive a ermida mais de vinte anos por conta de um Capelão, que tinha a fazenda bem desmedrada, pois embora as donzelas aí se houvessem recolhido, só ocupavam uma pequena casa. O Capelão morava em outra, pertencente à mesma capelania, e agora a vai deixar juntamente com o demais. É bem pouco, mas a misericórdia de Nosso Senhor é tão grande, que não deixará de favorecer o mosteiro da sua gloriosa Avó. Praza a Sua Majestade que nele seja sempre servido, e todas as criaturas o louvem para sempre, sem fim. Amém.

CAPÍTULO XXIX

Trata-se da fundação de São José de Nossa Senhora da Rua, em Palência, no dia do Santo Rei David, no ano de 1580.

À minha volta da fundação de Vilanova da Jara, mandou-me o Prelado[68] ir a Valladolid, a pedido do Bispo de Palência, que é Dom Álvaro de Mendoza, o mesmo que admitiu sob a sua jurisdição e protegeu o primeiro mosteiro de São José de Ávila, e sempre tem favorecido esta Ordem em todas as circunstâncias. Tendo passado da diocese de Ávila à de Palência, deu-lhe Nosso Senhor vontade de aí fazer outro mosteiro desta sagrada Religião. Logo que cheguei a Valladolid, fui acometida por uma enfermidade tão grande que temeram pela minha vida. Fiquei tão desanimada e incapaz para tudo, a meu ver, que, embora a Priora de nosso mosteiro de Valladolid, por desejar muito a fundação, procurasse animar-me, não me podia resolver, nem achava cabimento, porque o mosteiro havia de ser de pobreza e, sendo o lugar muito sem recursos, não se poderia sustentar, segundo me tinham dito.

Havia quase um ano que se tratava de fazer esta casa, e também a de Burgos, e eu nunca tinha sentido em mim tanta contradição; mas agora achava inúmeros inconvenientes. Entretanto não tinha vindo a Valladolid senão para este fim. Não sei se o deva atribuir à intensidade da doença e à fraqueza que dela me ficara, ou se era o demónio empenhado em estorvar o

bem que daí resultou. O facto é que me sinto espantada e pesarosa, e chego a me queixar muitas vezes a Nosso Senhor, ao ver o muito que participa da enfermidade do corpo a pobre alma. Dir-se-ia que lhe há de estar sujeita e guardar as suas leis, tais são as necessidades e achaques que ele lhe opõe.

Tenho este por um dos grandes trabalhos e misérias da vida, quando não há espírito valoroso que sujeite o corpo; pois ter males e padecer grandes dores, embora custe, nada é se a alma está alerta, porque se põe a louvar a Deus e considerar que tudo lhe vem da sua mão. Terrível coisa, porém, é, por uma parte, sofrer, e, por outra, estar incapaz de qualquer obra; especialmente para a alma que se viu com grandes desejos de não ter descanso interior nem exterior e de se empregar toda no serviço do seu grande Deus. Aqui nenhum outro remédio há senão ter paciência, conhecer a sua miséria, e abandonar-se à vontade de Deus, para que se sirva dela no que quizer e como quizer. Desta maneira estava eu então; já convalescente, mas tão debilitada que ainda a confiança que Deus me costuma dar para empreender estas fundações, tinha perdido. Tudo se me fazia impossível. De muito me teria valido, então, ter encontrado alguma pessoa que me animasse; mas, pelo contrário, uns aumentavam o meu temor, e embora outros me dessem alguma esperança, não era o bastante para a minha pusilanimidade.

Aconteceu vir a Valladolid um Padre da Companhia, chamado Mestre Ripalda, grande servo de Deus, com quem eu me tinha confessado algum tempo. Dei-lhe parte do estado da minha alma e disse-lhe que o queria tomar em lugar de Deus e fazer o que me aconselhasse. Começou a animar-me muito e disse-me que me vinha da velhice essa covardia; mas eu bem via que não era assim, pois mais velha estou agora e não a sinto. Ele também devia entender o mesmo, porém julgou melhor repreender-me para eu não pensar que isso me vinha de Deus. Tratava-se então das fundações de Palência e de Burgos juntamente, e nem para uma nem para outra havia recursos; porém não era o que me detinha, pois ainda em piores condições costumo começar. Disse-me o Padre que de nenhum modo deixasse de lado o projecto; o mesmo me tinha aconselhado, pouco antes em Toledo, um Provincial da Companhia chamado Baltasar Alvares, mas então estava eu com saúde.

Não foram suficientes estas palavras para acabar com o meu desânimo, conquanto me tenham valido bastante. Fiquei muitíssimo melhor, mas nunca me resolvia de todo, ou fosse o demónio ou, como já disse, a enfermidade que me tinha assim atada. A Priora de Valladolid animava-me quanto podia, porque grandemente desejava a fundação de Palência; mas, vendo-me tão tibia, também tinha receio. Venha agora o verdadeiro Calor, pois os homens e servos de Deus não bastam! Por aqui se verá como muitas vezes não sou eu quem age nestas fundações, senão Aquele que para tudo tem poder.

Continuando com as mesmas dúvidas e sem me determinar a fundação alguma, um dia, depois de comungar, pus-me a suplicar a Nosso Senhor que me desse luz para em tudo cumprir a sua vontade, pois a tibieza não lograva tirar-me nem por um instante este desejo. Disse-me Nosso Senhor, a modo de repreensão: - *"Que temes? Quando te faltei eu? O mesmo que tenho sido, sou ainda agora; não deixes de fazer estas duas fundações"* Ó grande Deus! Como são as vossas palavras diferentes das dos homens! Imediatamente fiquei tão resolvida e animada, que o mundo inteiro não bastaria para me opor obstáculos. Comecei logo a tratar dos preparativos, e começou também Nosso Senhor a fornecer meios.

Escolhi duas monjas, cujo dote me serviria para a compra da casa. Todos me diziam que não era possível viver de esmolas em Palência, mas já era como se nada me dissessem; porque eu via que fazer mosteiro de rendas, por enquanto, não podia ser e, pois Deus ordenava a fundação, Sua Majestade proveria a tudo. Deste modo, apesar de ser rigoroso o tempo, determinei-me a ir, sem estar de todo restabelecida. Parti de Valladolid no dia dos Inocentes do ano acima dito. Um cavaleiro de Palência, em razão de ter ido viver em outro lugar, nos tinha cedido uma casa, alugada por ele até o dia de São João do ano seguinte.

Escrevi a um Cónego da mesma cidade, que, embora sem conhecer pessoalmente, tinha em conta de servo de Deus, pelo que um amigo seu me havia dito. Tive o pressentimento de que nos havia de ajudar muito, porque em toda a parte, como se tem visto nas demais fundações, escolhe Nosso Senhor os seus instrumentos, vendo Sua Majestade o pouco de que sou capaz. Supliquei-lhe que me desembaraçasse a casa, ainda ocupada por um

morador, tudo fazendo o mais secretamente possível e sem dizer para quem era; porque, embora algumas pessoas principais, e o Bispo mais que todas, tivessem dado mostras de benevolência, eu via que o mais seguro era guardar segredo.

O Cónego Reinoso - assim se chamava ele - fez tudo tão bem, que não só desocupou a casa, mas lá preparou leitos e outros confortos, com muita generosidade. E bem necessitadas estávamos disso, porque o frio era intenso, e o dia anterior tinha sido penoso, em consequência de um tão espesso nevoeiro, que quase não nos podíamos ver umas às outras. Para falar verdade, pouco descansámos, pois foi preciso preparar o local onde se havia de dizer a Missa no dia seguinte, antes que alguém tivesse conhecimento da nossa chegada. Tenho visto ser este modo de agir o mais conveniente nestas fundações, porque, se começa cada um a dar seu parecer, o demónio espalha perturbação, e, mesmo que nada alcance, ao menos consegue inquietar. Assim foi que, logo pela manhã ao raiar da aurora, celebrou a Missa um sacerdote chamado Porras, grande servo de Deus, que nos tinha acompanhado. Ia também connosco Agostinho de Vitória, amigo das monjas de Valladolid, o qual me tinha emprestado dinheiro para acomodar a casa, e muito nos obsequiara durante todo o caminho.

Éramos cinco monjas, contando comigo, além de uma Irmã que, de uns tempos para cá, sempre me serve de companheira; é leiga, mas tão grande serva de Deus e tão prudente, que tem capacidade para me ajudar mais do que outras que são coristas.[69] Pouco dormimos naquela noite, conquanto, segundo já disse, não houvessem faltado trabalhos no caminho em consequência das copiosas chuvas.

Gostei muito de ser a fundação naquele dia, pelo facto de rezarmos então o Ofício do Rei David, de quem sou devota. Logo pela manhã mandei avisar da nossa vinda o Ilustríssimo Bispo, que ainda ignorava em que dia chegaríamos. Foi imediatamente visitar-nos, com a grande caridade que sempre tem tido para connosco. Prometeu dar o pão necessário para a Comunidade, e mandou ao Provisor que nos fornecesse várias outras coisas. É muito o que esta Ordem lhe deve, e, quer durante a sua vida quer depois da sua morte, quem ler estas fundações está obrigado a encomendá-lo a

Nosso Senhor, e assim o peço por caridade. Foi tanto o contentamento do povo e tão geral, que ninguém se mostrou contrário, o que foi coisa muito digna de nota. Em parte era por ser pública a benevolência do Bispo, que é ali muito amado; mas sobretudo porque é gente da melhor massa e nobreza que tenho visto, e assim cada dia me alegre mais de ter fundado ali.

Logo tratámos de comprar casa, pois a que ocupávamos não era nossa, e, embora estivesse à venda, era mal situada. Parecia-me poder comprar coisa melhor com o dote das Religiosas destinadas à fundação. Embora fosse pouco, para ali era muito; contudo de nada nos valeria, se Deus não nos tivesse dado os bons amigos que nos deu. Com efeito, o bom Cónego Reinoso trouxe-nos outro amigo seu, o Cónego Salinas, homem de grande caridade e prudência. Ambos tomaram a peito os nossos interesses, como se foram seus, e creio que ainda mais; e sempre têm tido cuidado com aquela casa.

Há em Palência um santuário de Nossa Senhora, muito devoto; uma espécie de ermida, chamada Nossa Senhora da Rua, frequentada pela gente da cidade e de toda a comarca, e tida em grande devoção. A Sua Senhoria e a todos pareceu que ao lado daquele santuário ficaríamos bem, pois não tinha casa anexa, mas havia duas na vizinhança, que poderíamos comprar, e, unidas a ele, ofereceriam local suficiente. A igreja nos havia de ser dada pelo Cabido e pelos membros de uma confraria. Começámos logo a tratar disto. O Cabido, sem custo, desistiu dos seus direitos em nosso favor; com os confrades tivemos bastante que fazer, mas por fim cederam generosamente. Se lidei com gente virtuosa na minha vida, repito, é a daquele lugar.

Quando os donos das casas viram que desejávamos comprá-las, começaram a dar-lhes maior valor, e com razão. Quis ir vê-las, e tive tão má impressão, que de maneira alguma me resolveria a adquiri-las; e as pessoas que nos acompanhavam foram do mesmo parecer. Viu-se depois claramente que o demónio teve muita parte nesse descontentamento, porque lhe pesava a nossa ida. Os dois Cónegos interessados objetavam que aí ficaríamos longe da catedral, e assim é; mas em compensação o lugar é o mais populoso da cidade. Finalmente chegámos todos à conclusão de que não convinha aquela casa e por conseguinte era forçoso buscar outra. Puseram

logo mãos à obra os dois Senhores Cónegos e examinaram todas as casas que nos podiam convir, com tanto cuidado e diligência, que me faziam louvar a Nosso Senhor. Finalmente ficaram satisfeitos com uma pertencente a um certo Tamaio, a qual tinha alguns cómodos que nos serviriam muito bem e estava perto da residência de um cavaleiro principal da cidade, chamado Suero da Veiga, que nos favorece generosamente e desejava muitíssimo ver-nos ali, assim como outras pessoas do bairro.

Não era suficiente a casa, e embora nos oferecessem mais outra, mesmo juntando as duas, não ficariam de maneira que nos pudéssemos acomodar bem. Afinal, pelas informações que me davam, quis que se efectuasse a compra; mas aqueles senhores nada quiseram fazer sem que eu primeiro as visse. De tal modo sinto sair à rua e confiava tanto neles, que não me podia determinar. Finalmente acabei por ir, e visitei também as casas de Nossa Senhora, não com intento de as tomar, mas para o proprietário da outra não imaginar que não tínhamos por onde escolher. Causaram tão má impressão a minhas companheiras e a mim, que agora nos espantamos de como puderam desagradar-nos tanto. Fomos então à outra, já determinadas a preferi-la. Achámos numerosos inconvenientes, mas a tudo fechámos os olhos; entretanto eram quase irremediáveis, pois para fazer a igreja, e não muito boa, forçoso era derrubar as melhores partes da vivenda.

Coisa estranha é abalançar-se alguém a uma empresa com uma ideia preconcebida; em verdade posso dizer que foi uma lição para confiar pouco em mim, conquanto nessa ocasião não fosse eu só a enganada. Finalmente saímos resolvidas a fazer o negócio pelo preço pedido, embora considerável, escrevendo neste sentido ao proprietário, que estava num lugar próximo fora da cidade.

Parecerá supérfluo deter-me eu tanto nas peripécias de uma compra, mas assim não será quando se vir o intento que devia ter o demónio para não irmos à ermida de Nossa Senhora. Cada vez que disto me recordo, sinto novo temor.

Estando todos já determinados a fechar o contrato como disse, sobreveio-me no outro dia, durante a Missa, grande ansiedade. Entrei a pensar se estava fazendo bem, com um desassossego que não me deixou quase estar quieta um instante. Fui receber o Santíssimo Sacramento, e,

apenas acabei de comungar, ouvi estas palavras, que totalmente me resolveram a não tomar a casa em que pensava e sim a de Nossa Senhora: "*Esta te convém*" Logo vi que daria má impressão essa mudança de parecer em negócio quase concluído e muito do agrado dos que tanto se interessavam por nós. Respondeu-me o Senhor: "*Não compreendem eles o muito que ali sou ofendido, e que grande remédio será esta fundação*". Passou-me pelo pensamento que fosse engano; mas não cheguei a duvidar, pois bem conheci, pela operação que fez em minha alma, que era espírito de Deus. Disse-me logo o Senhor: "*Sou eu*".

Fiquei em completa paz, livre de toda a perturbação interior; contudo não sabia como remediar o que estava feito, nem como me desdizer, pois tinha falado muito mal daquele prédio, encarecendo às minhas Irmãs as desvantagens e dizendo-lhes que, graças a Deus, não o tínhamos tomado sem ver primeiro. Destas últimas não se me dava tanto, pois sabia que achariam bom tudo o que eu fizesse; mas receava contrariar os demais, que tanto desejavam o negócio. Vinha-me a ideia de que, ao ver mudança tão repentina, me teriam em conta de leviana e volúvel, coisa que muito aborreço. Todos esses pensamentos não eram bastantes, nem pouco nem muito, para me moverem a não dar preferência à casa de Nossa Senhora. Já nem me lembrava que não era boa; porque a troco de estorvar, por meio da fundação das monjas, um pecado venial, não levava em conta tudo o mais; e qualquer delas que soubesse o mesmo que eu, pensaria de igual modo, tenho a certeza.

Tomei este alvitre: confessava-me com o Cónego Reinoso, um dos dois que me ajudavam, e, embora nunca lhe tivesse dado parte das coisas sobrenaturais do meu espírito, por não se ter apresentado ocasião e necessidade, determinei-me a dizer-lhe, debaixo de muito segredo, o acontecido, pois costume sempre em tais casos fazer o que o Confessor me aconselha, para deste modo trilhar caminho mais seguro. Não sem bastante pesar me resolveria a deixar de fazer o que tinha deliberado; contudo obedeceria, certa de que Nosso Senhor faria como de outras vezes em que Sua Majestade muda a opinião contrária do Confessor, para que se faça o que Ele quer.

Contei-lhe primeiramente que Nosso Senhor costuma ensinar-me assim muitas vezes, e que em várias ocasiões, até ao presente, ficara provado ser espírito de Deus. Confiei-lhe em seguida o que havia acontecido, dizendo que faria o que ele determinasse, mas teria pesar se fizesse oposição. Ele é muito prudente e santo, e, não obstante ser moço, sabe dar sempre bom conselho. Viu que não causaria boa impressão, contudo não se opôs à execução do que eu havia resolvido. Sugeriu que esperássemos o mensageiro, e ele concordou. Tinha eu confiança de que Deus tudo remediaria, e assim foi porque, apesar de termos dado ao proprietário o que desejara e pedira, exigiu ízentos ducados a mais, o que parecia desatino, porquanto já se lhe pagava a casa mais do que valia. Com isto vimos ser obra de Deus, porque a venda lhe era muito vantajosa, e levantar o preço depois de tudo ajustado era absurdo.

Aproveitámos este incidente para disfarçar o nosso caso, alegando que nunca chegaríamos a um acordo; mas só em parte, porque estava claro que por trezentos ducados não se havia de deixar um prédio que parecia servir para mosteiro. Disse ao meu Confessor que, visto já estar ele resolvido a ir avante, não se importasse com o meu crédito e dissesse ao seu companheiro que, boa ou má, barata ou cara, eu estava determinada a comprar a casa de Nossa Senhora.

O Cónego Salinas é de uma inteligência extremamente viva; diante de tão rápida mudança, penso que adivinhou o ocorrido, embora não se lhe dissesse nada, e desde então não insistiu mais.

Depois vimos todos claramente o grande erro que teria sido comprarmos a propriedade de Tamaio, porque nos espantámos agora vendo quanto a nossa lhe é superior. A principal vantagem, bem manifesta a todos, é que Nosso Senhor e a sua gloriosa Mãe são ali servidos: suprimiram-se muitas ocasiões de pecado, porque, sendo apenas ermida, eram frequentes os serões e noitadas e havia numerosos abusos que o demónio não queria ver reprimidos. Alegrávamo-nos de poder de algum modo servir a nossa Mãe, Senhora e Patrona. E bem mal feito tinha sido não o termos feito antes, porque só nisto havíamos de pôr os olhos. Era o demónio - agora se vê claramente - quem nos cegava em muitos pontos, porque ali há várias comodidades que não se achariam em outra parte; o contentamento de todo

o povo, que desejava a nossa vinda, é grandíssimo, e ainda os que preferiam a outra casa, já aplaudem a nossa escolha e estão muito satisfeitos.

Bendito seja para todo o sempre Aquele que então me iluminou, e do mesmo modo me ilumina todas as vezes que acerto a fazer bem alguma coisa, pois de dia para dia mais me espanto de meu pouco talento para tudo. E ninguém pense que é humildade: cada vez o vou conhecendo melhor. Dir-se-ia que Nosso Senhor quer dar a conhecer a todos - e a mim em primeiro lugar - que é Sua Mejestade o único autor destas obras, e, como deu vista ao cego com o lodo, quer que uma criatura tão cega como eu faça coisas de quem enxerga. Por certo neste negócio, como disse, dei mostras de bastante cegueira, e cada vez que me recordo, quisera novamente louvar a Nosso Senhor pela luz que me deu; mas nem disto sou capaz, nem sei como Ele me sofre. Bendita seja a sua misericórdia. Amém.

Logo se deram pressa estes santos amigos da Virgem em negociar a compra das casas, e, a meu ver, foram baratas. Trabalharam bastante, pois em cada fundação dispõe o Senhor ocasiões de merecimentos para os que nos ajudam; só eu nada faço, como tenho dito outras vezes e quisera nunca deixar de dizer, porque é a verdade. Foi muitíssimo o que fizeram, quer trabalhando para acomodar o edifício, quer fornecendo-nos dinheiro, porque eu nada possuía, quer servindo de fiadores. Em outros lugares, primeiro que ache pessoas que nos queiram dar caução, e de quantia bem menor, passo por muitas aflições; e têm razão porque se não pusessem os olhos em Nosso Senhor... da minha parte não possuo uma *bianca*. Contudo Sua Majestade tem sempre usado de tanta bondade para comigo, que ninguém por me servir teve prejuízo nem deixou de receber muito boa paga, o que tenho por grandíssima mercê.

Como os proprietários das casas não acharam suficiente a caução dos dois Cónegos, foram estes em busca do Provisor, que se chama Prudêncio, ao que me recordo, pois não sei bem. Dizem-me agora que este era o nome; como o chamávamos Provisor, eu não estava certa. Tem usado de tanta caridade connosco, que era muito o que lhe devíamos e ainda lhe devemos. Ao ver ele os dois amigos, perguntou-lhes onde iam. Responderam que o buscavam para assinar aquela carta de fiança. Riu-se e tornou-lhes: "Pois é desse modo que me pedis para ser fiador de tanto dinheiro?" E sem mais, da

mula onde estava montado, deu a sua assinatura. Para os tempos actuais é facto bem digno de ponderação.

Não quisera deixar de dizer muitos louvores da caridade que achei em Palência, quer em geral, quer em particular. Posso afirmar que se me representava a vida da primitiva Igreja; ao menos é coisa que não se vê agora no mundo. Sabiam que não levávamos renda e que nos haviam de sustentar com as suas esmolas; e não só o permitiam, mas apregoavam que lhes fazia Deus grandíssimo favor. Tudo considerado à luz da fé, diziam verdade, porque só haver mais uma igreja onde se adora o Santíssimo Sacramento, é inestimável benefício.

Bendito seja o Senhor para sempre. Amém. Já se vai entendendo claramente que Deus foi servido de se estabelecer ali o mosteiro, pois parece que se cometiam certas inconveniências que agora não se fazem mais. Como a ermida era solitária e muita gente ali passava a noite, nem todos iam por devoção; tudo se tem remediado. O Bispo Dom Álvaro de Mendoza construiu uma capela para colocar a imagem de Nossa Senhora, que não era conservada com o devido decoro; e pouco a pouco se vão fazendo diversas coisas para honra e glória desta sacratíssima Virgem e do seu Filho. Seja Ele para sempre louvado. Amém, amém.

Depois de feitas as obras necessárias no prédio, por ocasião de se trasladarem para lá as monjas, quis o Bispo que se fizesse a cerimónia com grande solenidade, e escolheu para isto um dia da oitava do Santíssimo Sacramento. Veio ele mesmo de Valladolid e acompanhou-nos juntamente com o Cabido, as Ordens religiosas e quase toda a gente do lugar. Houve muita música. Da residência onde estávamos, saímos todas em procissão, com as nossas capas brancas e véus caídos diante do rosto, e fomos a uma paróquia que estava perto da casa de Nossa Senhora, vindo a mesma imagem ao nosso encontro. Dali trouxemos o Santíssimo Sacramento, e foi colocado na nossa igreja, com muita ordem e solenidade, causando a todos extrema devoção. Além das monjas destinadas a Palência, iam também algumas que tinham vindo para a fundação de Sória, todas com velas nas mãos. Creio que foi o Senhor muito louvado naquele dia por toda a cidade. Permita Ele que para sempre o louvem todas as criaturas. Amém, amém.

Estando eu em Palência, foi Deus servido que se fizesse a separação entre Calçados e Descalços, formando estes desde então Província à parte, o que era o alvo dos desejos de todos, para nossa paz e sossego. A pedido do nosso católico Rei Dom Filipe, veio de Roma um Breve muito completo, que assim determinava. Sua Majestade bastante nos favoreceu para chegarmos a este fim, assim como o tinha feito desde o princípio. Celebrou-se capítulo em Alcalá sob a presidência de um Reverendo Padre chamado Frei João das Covas, da Ordem de São Domingos, Prior de Talavera. Foi proposto por Sua Majestade e nomeado pelo Papa; é pessoa muito santa e prudente, como era mister para desempenhar tais funções. O Rei pagou as custas, e por sua ordem toda a Universidade se mostrou favorável. Celebrou-se o capítulo, com muita concórdia e paz, no colégio que ali têm os nossos Religiosos Descalços sob a invocação de São Cirilo. Elegeram por Provincial o Padre Mestre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus.

Não havia necessidade de me pôr eu a tratar disto, pois esses Padres escreverão em outra parte o que se passou. Se falei foi porque, estando eu em Palência, concluiu Nosso Senhor negócio tão importante para honra e glória da sua bendita Mãe, pois dela é esta Ordem, como Senhora e Padroeira que é nossa. Foi um dos grandes gozos e contentamentos que eu podia receber nesta vida. Os trabalhos e o que passei em mais de vinte e cinco anos, seriam largos de contar, e só Nosso Senhor os pode entender. Vendo tudo acabado, ninguém pode entender o gozo que me veio ao coração, a não ser quem sabe as tribulações que padeci. Vinham-me desejos de que o mundo todo louvasse a Nosso Senhor, e todas juntas lhe encomendássemos este nosso santo rei Dom Filipe, por cujo meio nos trouxe Deus a tão bom fim; pois sem ele tudo se teria desmoronado, tais foram os ardis do demónio.

Agora estamos todos em paz, Calçados e Descalços; ninguém nos estorva no serviço de Nosso Senhor. Portanto, meus Irmãos e Irmãs minhas, já que Ele tão bem ouviu as vossas orações, demo-nos pressa em servir Sua Majestade. Olhem os actuais, pois foram testemunhas de vista, as mercês que nos tem feito e os trabalhos e desassossegas de que nos livrou; e os vindouros, achando aplanado o caminho, não deixem, por amor de Deus, decair a perfeição no mínimo ponto. Não se venha a dizer, por culpa deles, o que se diz de algumas Ordens, das quais louvam os princípios. Agora

começamos: procurem, pois, ir sempre começando, e cada vez melhor! Olhem que por umas coisinhas muito pequenas vai o demônio abrindo por onde entrem as muito grandes. Jamais lhes aconteça dizer: "Isto não tem importância.. . São exageros ... Ó filhas minhas, tudo importa muito, desde que não seja ir adiante!

Rogo-lhes, por amor de Nosso Senhor, que se recordem de quão depressa acaba tudo; considerem a mercê que nos fez Nosso Senhor trazendo-nos a esta Ordem, e a grande pena reservada a quem introduzir a mínima relaxação. Ponham sempre os olhos na raça daqueles Santos Profetas dos quais descendemos: quantos Santos possuímos no Céu que trouxeram o nosso hábito! Cobremos uma santa presunção de ser, com o favor de Deus, o que eles foram. Pouco durará a batalha, Irmãs minhas, e o fim é eterno. Deixemos estas coisas passageiras, que em si nada são, e busquemos as que nos levam a esse termo que não tem fim, para mais O amarmos e servirmos, pois só Ele há de viver para todo o sempre. Amém, amém.

Graças sejam dadas a Deus.

CAPITULO XXX

Começa a tratar da fundação do mosteiro da Santíssima Trindade na cidade de Sória. Fundou-se no ano de 1581, sendo celebrada a primeira Missa no dia de Nosso Pai Santo Eliseu.

Estando eu na fundação de Palência, narrada acima, trouxeram-me uma carta do Doutor Velásquez, Bispo de Osma. Em outros tempos, sendo ele Cónego e Catedrático da Igreja Primaz de Toledo, e andando eu ainda com alguns temores, procurei falar-lhe, sabendo que era grandíssimo letrado e servo de Deus, e muito o importunei para que me confessasse e tomasse conta da minha alma. Apesar de ocupadíssimo, como lho pedi por amor de Deus, e viu a minha necessidade, aceitou de tão bom grado que me espantei. Serviu-me de Confessor e Director em todo o tempo da minha estada em Toledo, que foi considerável. Abri-lhe a minha alma com toda a clareza, como é meu costume, e foi tão grande o proveito que tirei, que desde então comecei a andar sem tantos temores. É verdade que houve ainda outra causa que não há motivo para consignar aqui; mas é certo que me fez grandíssimo bem, porque me assegurava com autoridades da Sagrada Escritura, que são para mim os melhores argumentos, quando tenho a certeza da ciência de quem as diz. A dele me era bem conhecida, a par de sua virtuosa vida.

A carta de que falei era datada de Sória, onde se achava então o Bispo. Dizia-me que uma senhora dali, que ele confessava, queria fundar um mosteiro das nossas monjas. Dera-lhe ele a sua aprovação, prometendo conseguir a minha ida a Sória; portanto não o deixasse eu em falta e, se julgasse conveniente o projecto, lhe desse resposta para que me mandasse buscar. Alegrei-me sumamente, visto que, além de achar vantajosa a fundação, tinha desejo de o ver e de lhe comunicar algumas coisas da minha alma, porque, pelo grande bem que me fez, lhe havia cobrado muito amor.

Chama-se essa senhora fundadora Dona Beatriz de Beaumont e Navarra, por descender dos reis de Navarra. É filha de Dom Francisco de Beaumont e de linhagem ilustre e nobilíssima. Esteve casada alguns anos e, ficando viúva, sem filhos e herdeira de grandes haveres, determinara, já de longa data, fundar um mosteiro de monjas. Comunicou o seu desígnio ao

Bispo, e, dando-lhe este notícia desta Ordem de Descalças de Nossa Senhora, achou-a tão conforme aos seus desejos, que logo se pôs a instar com ele para que, sem detença, tratasse da fundação.

É pessoa de génio brando, generosa, penitente, em uma palavra, muito serva de Deus. Prometeu dar-nos um prédio bom, sólido e bem situado que possuía em Sória, e também tudo o que fosse necessário para os gastos da fundação; e, com efeito, nos fez doação do mesmo e de mais quinhentos ducados, de juros de vinte e cinco por mil. Ofereceu-se o Bispo a dar-nos uma igreja muito boa, toda de abóbada, que servia de matriz a uma paróquia vizinha; por meio de um passadiço ficaria unida ao mosteiro. Não tendo rendas essa igreja, e havendo muitas outras em Sória, pôde ele fàcilmente passar a outra parte a sede da paróquia. De tudo isto me deu relação na sua carta. Consultei o Padre Provincial, que então passou por Palência, e, estando já terminada a fundação desta cidade, tanto ele como todos os nossos amigos foram de opinião que eu enviasse um mensageiro ao Bispo, respondendo-lhe que me mandasse buscar. Fiquei muito contente com esta decisão pelos motivos já referidos.

Comecei a mandar vir as monjas que tencionava levar comigo. Como aquela senhora desejava antes mais Religiosas do que menos, escolhi sete coristas e uma Irmã conversa, sem contar com a minha companheira[70] e comigo. Uma pessoa muito capaz veio buscar-nos, em diligência, porque eu tinha prevenido que havia de levar em minha companhia dois Padres Descalços. Um deles foi o Padre Frei Nicolau de Jesus Maria, homem de muita perfeição e prudência, natural de Génova. Tomou o hábito tendo já de idade mais de quarenta anos, creio eu; pelo menos os tem agora, e há poucos anos o vestiu; mas neste breve tempo tem aproveitado tanto, que bem parece o escolheu Nosso Senhor para ajudar a Ordem nesta fase tão penosa de perseguições. Muito foi o que trabalhou, porque os demais que nos podiam defender estavam desterrados uns, encarcerados outros. Dele não faziam tanto caso, porque não tinha ofício e entrara na Ordem havia pouco, ou talvez tenha disposto Deus assim para que me ficasse tal ajuda.

É tão discreto que se hospedou no mosteiro dos Calçados em Madrid, como ocupado em outros negócios, e tratava dos nossos com tanta dissimulação, que os Padres jamais o souberam; de modo que o deixavam

ficar. A miúdo nos escrevíamos, estando eu no mosteiro de São José de Ávila, e tratávamos do que convinha fazer; e isto lhe dava consolo. Por aqui se verá a necessidade em que estava a Ordem, pois de mim se fazia tanto caso, em falta de homens bons[71], como se costuma dizer. Em todos esses tempos experimentei a sua perfeição e prudência, e por isso muito lhe quero no Senhor: é um dos membros da Ordem que tenho em grande conta. Ele, pois, e um Irmão leigo foram em nossa companhia.

Pouco tive que sofrer na viagem. O enviado do Bispo nos cercou de bastante regalo e nos ajudou a achar boas pousadas. Chegadas à diocese de Osma, é tanto o que querem ao seu Prelado, que bastava dizer que vínhamos a convite dele para sermos muito bem servidas. O tempo estava magnífico; as jornadas não eram grandes, de modo que houve pouco trabalho e muito contentamento, porque os elogios que por toda a parte nos faziam da santidade do Bispo eram para mim motivo de grandíssimo gozo. Chegamos ao Burgo de Osma na quarta-feira dentro da oitava do Santíssimo Sacramento. Aí comungámos na quinta-feira da oitava e tomámos a nossa refeição, porque não era possível entrar em Sória naquele dia. Passámos a noite numa igreja, por não haver outra pousada, e não nos pareceu má. Na manhã seguinte ouvimos Missa e partimos para Sória, onde chegámos pelas cinco horas da tarde. Estava o santo Bispo a uma janela de sua casa e, ao passarmos por ela, lançou-nos a sua bênção, o que não pouco me consolou, pois de Prelado e Santo tem muito valor.

Esperava-nos a senhora nossa fundadora à porta de sua casa, que ia ser transformada em mosteiro. Estávamos ansiosas por entrar, porque era muita a gente que nos cercava. Isto não era coisa nova: por toda parte onde vamos é tanta a afluência de povo, por ser o mundo tão amigo de novidades, que se não levássemos os véus caídos sobre o rosto, seria um tormento; com os véus, é suportável. Preparara aquela senhora uma sala muito espaçosa e bem ornada, onde se havia de dizer Missa enquanto se aprontava o passadiço para a igreja que nos dera o Bispo. Celebrou-se o Santo Sacrifício logo na manhã seguinte, dia de Nosso Pai Santo Eliseu.

A nossa fundadora tinha provido a todas as nossas necessidades com muita largueza e deixou-nos num quarto onde estivemos durante as obras do passadiço, que se prolongaram até à Transfiguração. Nesse dia foi

celebrada a primeira Missa na igreja, com bastante solenidade e concurso de povo. Pregou um Padre da Companhia, porque o Bispo, que não perde dia nem hora de trabalho, já tinha partido para o Burgo de Osma, mau grado não estar passando bem, pois perdera uma das vistas. Passei ali por este pesar, e causou-me grande mágoa a perda de uma vista de tanta utilidade no serviço de Nosso Senhor. Juízos são de Deus. Se assim permitiu, foi certamente para maior proveito do seu servo, o qual não deixava de trabalhar como antes, mostrando quão conformado estava com a Vontade Divina. Assegurava-me ele que não sentia mais pena do que se o mal tivesse acontecido a um seu vizinho; e algumas vezes chegava a pensar que não ficaria triste no caso de perder também a outra vista, porque viveria recolhido numa ermida e serviria a Deus, sem mais obrigações. Falou-me nisso algumas vezes, e esteve quase resolvido a deixar tudo e retirar-se ao ermo.

Não achei razoável tal projecto, pois, já pressentindo o grande proveito que por seu meio viria à Igreja de Deus, desejava que fosse Bispo, como é agora. Entretanto tendo-me ele enviado a notícia da sua nomeação logo no mesmo dia em que lhe deram o Bispado, senti-me fortemente abalada, vendo sobre os seus ombros uma carga que me parecia grandíssima. Não me podia valer nem sossegar, e fui ao coro encomendá-lo a Nosso Senhor. Tranquilizou-me logo Sua Majestade, dizendo-me que seria muito do divino serviço, e bem se tem visto a verdade desta predição. Apesar da doença da vista e de algumas outras bem penosas e do trabalho contínuo, jejua quatro dias por semana e faz ainda outras penitências. A sua mesa é muito frugal. Nas visitas pastorais vai a pé; os seus criados não podiam sofrer isso e queixavam-se comigo. Dos provisos não se fia muito nos negócios graves, e até em todos, creio eu; quer que tudo passe por suas mãos. Nos dois primeiros anos de episcopado foi alvo das mais violentas perseguições, com falsos testemunhos que me espantavam, porque em matéria de fazer justiça é íntegro e recto; mas já iam cessando, não obstante terem os detratores levado o caso à Corte e a outras partes onde julgavam possível prejudicá-lo. Como já se vai entendendo o bem que faz em toda a diocese, nada conseguem; e ele tem sofrido tudo com tanta perfeição que os deixou confundidos, fazendo bem aos mesmos que, segundo sabia, lhe faziam mal. Por maiores que sejam as suas ocupações, não se descuida de buscar tempo para ter oração.

Parece que me vou embebendo nos louvores deste santo; contudo disse pouco, e não foi tempo perdido. Assim fiz para que se conheça quem deu princípio à fundação da Santíssima Trindade de Sória. Sirva de consolo às Religiosas que no futuro aí viverem; quanto às presentes, muito bem o sabem. Ainda que ele não nos tenha dado a renda, deu a igreja e foi, como já contei, quem inspirou esta obra à nossa fundadora. Não falta aliás a esta senhora, repito, muita cristandade, virtude e penitência.

Depois de terminado o passadiço que nos permitiu o acesso à igreja, e feitos todos os preparativos para a clausura, houve necessidade da minha presença no mosteiro de São José de Ávila, e parti imediatamente, apesar de ser bem grande o calor e péssimo o caminho que havia para os carros. Foi comigo um Prebendado de Palência, chamado Ribera, que me ajudara extremamente na construção do passadiço e em tudo o mais; pois o Padre Nicolau de Jesus Maria havia partido, depois de assinadas as escrituras da fundação, porque era muito necessário em outro lugar. Na ocasião da nossa ida para Sória esse Ribera viajara connosco por certo negócio que aí tinha; deu-lhe o Senhor tanta vontade de nos fazer bem, que pode ser encomendado a Sua Majestade juntamente com os benfeitores da Ordem.

Determinei que só viesse ele com a minha companheira[72] e comigo, porque é tão cuidadoso que me bastava, e quanto menos ruído melhor me acho pelos caminhos. Na volta paguei a boa viagem da ida. O moço que ia connosco sabia ir a Segóvia, mas ignorava a estrada por onde deviam passar os veículos, de modo que nos levava por lugares onde era forçoso apear-nos muitas vezes, ficando o carro quase suspenso por cima de profundos despenhadeiros. Se tomávamos guias, estes nos levavam até onde sabiam que era boa a estrada, e, pouco antes de chegar aos trechos difíceis, despediam-se, dizendo que tinham que fazer. Primeiro que chegássemos a uma pousada, como não levávamos rumo certo, tínhamos aguentado muito sol, sem falar nos frequentes perigos de virar o carro. Eu tinha pena por causa do nosso companheiro, pois acontecia que, depois de dizerem que íamos por rumo certo, era mister desandar tudo o que tínhamos andado. Ele, porém, tinha a virtude tão arraigada, que nunca se mostrou aborrecido, ao que me recordo. Fiquei muito admirada e louvei a Nosso Senhor. É que, onde a virtude lançou raízes, pouco montam as ocasiões. Louvo a Deus, que foi servido de nos tirar a salvo daquele caminho.

Chegámos a São José de Segóvia na véspera de São Bartolomeu[73] e achámos as nossas monjas muito aflitas com a demora, porque, com tão má viagem, foi considerável o atraso. Ai fomos bem regaladas, pois nunca Deus me dá trabalho que não o pague logo; e descansei oito dias e até mais. Foi tão livre de qualquer sofrimento esta fundação, que destes últimos não se há de fazer caso; nada foram. Vim contente, parecendo-me que é terra onde da misericórdia de Deus espero que há de ser glorificado por estar ali o nosso mosteiro, como já se vai começando a ver. Seja Ele para sempre bendito e louvado, por todos os séculos dos séculos. Amém. *Deo grafias.*

CAPÍTULO XXXI

Começa-se neste capítulo a tratar da fundação do glorioso São José de Sant'Ana da cidade de Burgos. Celebrou-se a primeira Missa aos dezenove dias do mês de Abril, oitava da Páscoa da Ressurreição, no ano de 1582.

Havia mais de seis anos que alguns Padres da Companhia de Jesus, recomendáveis pela sua antiguidade, ciência e espírito, me diziam que seria muito do serviço de Nosso Senhor fundar em Burgos uma casa desta sagrada Religião. Davam-me, em confirmação das suas palavras, algumas razões que me moviam a desejar a obra; mas, impedida pelos muitos trabalhos da Ordem e por outras fundações, não tinha podido ainda realizá-la.

No ano de 1580, estando eu em Valladolid, passou por ali o Arcebispo de Burgos, recentemente nomeado, vindo das Canárias, cuja sede ocupara antes. Supliquei ao Bispo de Palência, Dom Alvaro de Mendoza, que dele me alcançasse licença para a fundação projectada. Como já tenho dito, este Prelado foi o primeiro que admitiu o mosteiro de São José de Ávila, quando ali era Bispo, e desde então sempre nos tem feito muita mercê, favorecendo extremamente esta Ordem e tomando como próprios os negócios dela, sobretudo os que lhe recomendo. Respondeu-me que de muito boa vontade pediria a autorização, porque, como lhe parece que é Nosso Senhor servido nestas casas, folga muito com as novas fundações.

Não quis entrar o Arcebispo em Valladolid; hospedou-se no mosteiro de São Jerónimo, onde lhe fez grande festa o Bispo de Palência, que foi jantar com ele e fazer-lhe a imposição de um cinto[74], ou qualquer outra

cerimônia, que lhe havia de conferir a dignidade de Arcebispo. Aproveitando a ocasião, pediu-lhe a licença para que eu fundasse em Burgos. Respondeu o Arcebispo que de muito bom grado a concederia, porque mesmo nas Canárias tinha querido possuir um mosteiro desses, sabendo como Nosso Senhor é servido neles. Acrescentou que em sua terra natal havia um, e que me conhecia bastante. Em consequência, disse-me Dom Álvaro que não me preocupasse com a licença, porque o Arcebispo tinha folgado muito; e, como não exige o Concílio a autorização por escrito, senão somente o beneplácito do Ordinário, podia tê-la por alcançada.

Na fundação de Palência, que precedeu esta, relatei o forte desalento que senti por esse tempo para empreender novas fundações. Acabava de me levantar de uma grave enfermidade, à qual julgaram que eu não sobrevivesse, e ainda não estava restabelecida; contudo não é meu costume deixar-me abater tanto por coisas desta natureza quando vejo que se trata do serviço de Deus, e assim não entendo a causa do total desânimo que então me acometeu. Se era pouca a possibilidade, menor ainda se me tinha deparado em outras fundações. Caí depois na conta de que era o demônio, quando vi o que sucedeu posteriormente. Com efeito, quando em alguma fundação há de haver trabalho, Nosso Senhor, que me vê tão miserável, sempre me ajuda com palavras e com obras. Isto muito de ordinário; e nas fundações em que não se sofre, tenho reparado que Sua Majestade de nada me adverte. Por ocasião desta, como sabia as provações que me esperavam, desde logo começou a dar-me alento.

Por tudo seja Ele louvado. Assim pois, como relatei na fundação de Palência, que se tratava juntamente com a de Burgos, perguntou-me o Senhor, a modo de repreensão: - *"Por que temia eu? quando me havia Ele faltado? Sou sempre o mesmo; não deixes de fazer estas duas fundações"* Como no capítulo passado já ficou dito o ânimo que me infundiram estas palavras, não há para que tornar a dizê-lo aqui. Logo desapareceu toda a pusilanimidade, por onde bem se vê que não provinha de doença, nem de velhice; e comeci a tratar tanto de uma como de outra fundação, conforme deixei dito.

Pareceu mais acertado fazer primeiro a de Palência por ser lugar mais próximo e para satisfazer os desejos do virtuoso Bispo daquela cidade; e

assim resolvi o que deixei referido. Aliás o tempo não era propício para ir a Burgos, onde faz tanto frio. Estando eu em Palência, já concluídos os trabalhos da fundação, propuseram-me a de Sória, e achei acertado fazê-la antes, indo depois directamente para Burgos.[75] Dom Alvaro de Mendoza julgou conveniente informar o Arcebispo do que se passava, e, a meu pedido, mandou a Burgos, depois de minha partida para Sória, um Cónego chamado João Alonso, que ali foi unicamente para este fim. Depois de ter falado com este Cónego, escreveu-me o Arcebispo com muita benevolência dizendo o quanto desejava a minha ida; e a Sua Senhoria[76] respondeu que lhe punha nas mãos o negócio, fazendo-lhe apenas observar, porque conhecia Burgos, que, para aí se estabelecer, seria mister alcançar o consentimento da cidade.

Em suma, determinava que eu fosse para lá, mas tratasse primeiro o negócio com a municipalidade e, se não dessem licença, não lhe poderiam atar as mãos para que ele não ma outorgasse. Contudo, havendo sido testemunha da fundação do primeiro mosteiro de Ávila, lembrava-se do grande alvoroço e oposição que tinha havido, e assim queria tomar as suas precauções. Não convinha fazer-se mosteiro a não ser ou com renda ou com o consentimento da cidade; não me ficaria bem agir de outro modo, e por isto me prevenia.

O Bispo dando o negócio por concluído, e com razão, pois o Arcebispo me chamava a Burgos, mandou-me dizer que me pusesse a caminho. Eu, porém, julguei descobrir alguma falta de ânimo no Arcebispo, e escrevi a este agradecendo a mercê que me fazia, mas ponderando que seria pior e - motivo de maior contenda para Sua Senhoria - fundarmos depois de haver a cidade negado o consentimento, do que fazê-lo sem o ter pedido. Parecia-me adivinhar quão pouco me acharia com ele, se surgisse alguma oposição. Acrescentei que eu mesma daria os passos necessários para alcançar a licença; intimamente, porém, achava difícil consegui-la, porque em casos semelhantes costumava sempre haver opiniões contrárias. Escrevi ao mesmo tempo ao Bispo de Palência suplicando-lhe que se adiasse a minha viagem, porque o verão estava a acabar, e as minhas enfermidades não eram para arrostar clima tão frio. Não lhe confiei as minhas dúvidas acerca do Arcebispo, porque ele já estava contrariado vendo-o alegar inconvenientes depois de ter mostrado tão boa vontade; e, como eram amigos, não quis dar

ocasião a alguma discórdia. Parti, pois, de Sória para Ávila, bem descuidada de tão cedo fazer nova viagem; e foi assaz necessária a minha ida àquele mosteiro de São José de Ávila por vários motivos.

Havia nesta cidade de Burgos uma santa viúva chamada Catarina de Tolosa, natural da Biscaia. Muito me poderia alargar se fosse discorrer sobre as suas virtudes: sobre a sua penitência e oração, as suas grandes esmolas e obras de caridade, o seu óptimo entendimento e seu valor. Havia quatro anos, creio eu, tinha dado duas filhas para serem monjas no mosteiro da Conceição, da nossa Ordem, em Valladolid. Esperou que o de Palência se fundasse e levou para lá outras duas filhas, enquanto eu ainda estava naquela fundação.

Todas quatro bem parecem criadas por tal mãe: são verdadeiros anjos. Dotou-as muito bem e, como é tão perfeita, em todas as coisas procedeu correctissimamente. Em tudo se mostra liberal e generosa, e assim pode fazer porque é rica. Por ocasião de sua ida a Palência, como estávamos tão certas da licença do Arcebispo e parecia não haver dúvida, roguei-lhe que procurasse alugar uma casa para a tomada de posse e mandasse colocar grades e rodas, tudo por minha conta. Não me passou pelo pensamento que fizesse qualquer despesa; o meu intento foi apenas que adiantasse o dinheiro. Tanto desejava Catarina a fundação, que sentiu extremamente quando soube que fora adiada; e assim, indo eu para Ávila, como já disse, bem descuidada de tratar disto por então, ela, sem perda de tempo e persuadida de que só faltava a licença da cidade, começou as negociações para a alcançar, sem me dizer nada.

Tinha duas vizinhas, mãe e filha, pessoas principais e grandes servas de Deus, que muito desejavam o mosteiro. Chamava-se a mãe Dona Maria Manrique e tinha um filho Regedor, por nome Dom Alonso de São Domingos Manrique. Chamava-se a filha Dona Catarina. Falando estas ao Regedor para que requeresse a licença do Ajuntamento, perguntou ele a Catarina de Tolosa que garantias poderia apresentar em nosso nome, pois sem isto nada se alcançaria. Respondeu que se comprometia - e realmente assim fez - a dar-nos casa, se houvesse necessidade, e a prover à nossa subsistência; entregou-lhe além disto uma petição firmada com o seu nome. Foi tanta a sagacidade de Dom Alonso, que alcançou o beneplácito de todos

os Regedores e levou-o por escrito ao Arcebispo. Catarina de Tolosa, pouco depois de começar estas negociações, escreveu-me que andava tratando disto. Tomei-o por brincadeira, porque sei quanto é difícil fazer admitir mosteiros pobres, e, como não sabia nem me passava pelo pensamento que ela tomasse os compromissos que tomou, pareceu-me haver necessidade de muito mais empenho.

Contudo, estando num dia da oitava de São Martinho encomendando a Nosso Senhor o negócio, entrei a pensar no que se poderia fazer no caso de alcançarmos a licença. Pareceu-me não convir a minha ida a Burgos, onde o inverno é rigorosíssimo, por estar achacada de tantas enfermidades às quais o frio é muito contrário. Seria temeridade empreender tão dilatada viagem, quando acabava quase de chegar de caminho assaz penoso como fora o da minha vinda de Sória, já relatado; aliás o Padre Provincial não me deixaria ir. Cheguei à conclusão que a Priora de Palência bem poderia substituir-me, pois, estando tudo aplanado, não havia o que fazer. Revolvendo estes pensamentos, muito determinada a não ir, estas palavras ouvi do Senhor, pelas quais entendi que já fora dada a licença: - *"Não faças caso desses frios, que Eu sou o verdadeiro calor. O demónio emprega todas as suas forças para impedir esta fundação: emprega todas as tuas, da minha parte, para que se faça, e não deixes de ir pessoalmente, porque será grande o proveito"* Ouvindo isto, tornei a mudar de parecer. Na verdade a natureza sente contradição algumas vezes para afrontar coisas trabalhosas, mas nunca me falta a determinação de padecer por este grande Deus; e assim digo ao Senhor que não faça caso desses sentimentos da minha fraqueza, e ordene o que for servido, pois com o seu favor não o deixarei de fazer. A neve era muita e o frio intenso; mas o que sobretudo me acovardava era a pouca saúde, porque se estivesse boa, penso que de nada mais faria caso. Nesta fundação, muito de ordinário padeci com enfermidades. Quanto ao frio, foi tão pouco, pelo menos o que eu senti, que na verdade não me parece ter sofrido mais do que estando em Toledo: bem cumpria o Senhor a palavra que me dera.

Poucos dias depois, trouxeram-me a licença e também cartas de Dona Catarina de Tolosa e da sua amiga Dona Catarina[77], as quais me chamavam com urgência, temendo algum contratempo, porquanto na mesma ocasião a Ordem dos Vitorinos[78] tinha ido fundar em Burgos; os

Calçados do Carmo, havia muito, estavam procurando estabelecer-se ali; e por fim tinham chegado os Basílios. Dava que pensar o haverem-se juntado a um tempo tantos Religiosos, e era considerável impedimento; por outro lado, fazia louvar a Nosso Senhor a grande caridade deste lugar, pois a todos acolheu a cidade de muito bom grado, apesar de não ter mais a prosperidade de outrora. Sempre tenho ouvido falar com louvor da caridade que há em Burgos, todavia não pensei que chegasse a tanto. Uns favoreciam uma Ordem, outros outra; só o Arcebispo olhava por todos os inconvenientes que podiam surgir, e proibia novas fundações, por lhe parecer que as Ordens mendicantes ficariam prejudicadas e não se poderiam manter. Eram porventura estas últimas que acudiam a ele com as suas queixas; ou o demónio o inventava para impedir o grande bem que faz Deus quando traz a algum lugar muitos mosteiros. Poderoso é Ele para prover à manutenção tanto dos muitos como dos poucos.

Nessa conjuntura, era tal a pressa que recomendavam essas santas mulheres, que por meu gosto partiria imediatamente se não estivesse retida por outros negócios, pois considerava comigo: se elas trabalhavam com tanta diligência, muito mais obrigada estava eu a não deixar passar a ocasião por minha culpa. As palavras que eu ouvira de Nosso Senhor anunciavam muita oposição, mas eu não podia saber de quem nem por onde me viria, porquanto já Catarina de Tolosa me havia escrito que podia contar com a sua casa para a tomada de posse; a cidade estava favorável; o Arcebispo também. Não conseguia entender que oposição seria essa, tramada pelos demónios. Quanto a serem de Deus as palavras que ouvira, não me restava dúvida.

Finalmente, como Sua Majestade dá particular luz aos Prelados, tendo eu escrito ao Padre Provincial propondo-lhe a minha ida, em consequência do que me fora dado entender, não me estorvou; apenas quis saber se tínhamos licença por escrito do Arcebispo. Escrevi a Burgos, perguntando se a tinham. Responderam-me que ele estava ao par do pedido feito à cidade e que o houvera por bem. Isto, além de todas as boas palavras que nos tinha dito sobre o caso, parecia não dar lugar a dúvidas.

Quis o Padre Provincial ir connosco a Burgos. Em parte devia ser por estar desocupado então, tendo acabado de pregar o Advento, e por ser

pequeno o rodeio para fazer a visita a Sória, que ainda não tinha visto depois que se fundara; em parte era para velar sobre a minha saúde durante a viagem, por ser o tempo tão frio e eu tão velha e enferma, e parecer-lhe de alguma importância a minha vida. Foi certamente por ordenação de Deus, porque os caminhos estavam péssimos, em consequência das enchentes, e houve bem necessidade dele e dos seus companheiros para verem por onde nos metíamos e ajudarem a tirar os carros dos atoleiros, especialmente no trajecto de Palência a Burgos Foi bastante atrevimento sairmos dessa primeira cidade em tais circunstâncias.

Verdade é que Nosso Senhor me tinha dito que podíamos ir sem temor, pois estaria connosco; e estas palavras, embora eu não as tivesse repetido por então ao Padre Provincial, muito me consolavam nos grandes trabalhos e perigos em que nos vimos. Especialmente em um passo junto de Burgos, chamado os Pontões, tinha subido tanto a enchente, que em muitos lugares as águas cobriam a ponte, de modo que nem a avistávamos, nem sabíamos por onde ir: tudo era só água e, tanto de um lado como de outro, o rio é muito fundo. Em suma, é grande temeridade passar por ali, sobretudo com carros, pois ao menor desvio, vai tudo perdido. Assim aconteceu com um deles, que se viu em perigo.

Tomámos, numa venda que fica um pouco antes, um guia que tinha bastante conhecimento daquele passo; mas, ainda assim, era, por certo, perigoso. Com as pousadas não podíamos contar, porque os maus caminhos não permitiam que se andasse por jornadas. Era muito comum ficarem os carros metidos nos atoleiros, e para os livrar tornava-se preciso passar as bestas de um para outro carro. Muito tiveram que sofrer os Padres que iam connosco, porque a sorte nos fez deparar com uns carreteiros moços e distraídos. A companhia do Padre Provincial era um alívio, porque de tudo tinha cuidado. Tem um génio tão aprazível, que parece não achar trabalho em coisa alguma, e assim amenizava os maiores contratempos, a ponto de os tornar insignificantes. Contudo, na passagem dos Pontões, não deixou de temer bastante; nem era para menos o ver-se entrar em um mundo de água, sem caminho nem barco. Até eu não deixei de sentir medo, a pesar de Nosso Senhor me ter esforçado. E que dizer de minhas companheiras? Éramos oito: duas hão de voltar comigo, e as outras cinco - quatro coristas e uma leiga - ficarão em Burgos. Penso não ter dito ainda como se chama o

Padre Provincial. É Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, de quem já tenho feito menção outras vezes. Eu ia com uma dor de garganta bem forte, que me deu no caminho ao chegarmos a Valladolid; sempre com febre; tomar qualquer alimento causava-me dores bastante agudas. Isto me impediu de gozar plenamente dos sucessos deste caminho. Durou-me este mal até agora, fins de Junho; muito menos intenso, mas, ainda assim, bem penoso. Todas vinham contentes porque, passado o perigo, se recreavam em falar nele. Grande coisa é padecer por obediência, para quem tão de ordinário pratica esta virtude como as nossas monjas.

Entrámos finalmente em Burgos depois de tão mau caminho, tendo antes atravessado as muitas águas que havia junto à entrada da cidade. Quis o Nosso Padre que fôssemos primeiro ver o santo Crucifixo a fim de lhe encomendar o negócio, e também para aguardar que anoitecesse, pois ainda era cedo. Chegámos no dia seguinte ao da Conversão de São Paulo, numa sexta-feira, aos vinte e seis de Janeiro. Tínhamos determinado fundar logo, e eu trazia várias cartas do Cónego Salinas, de quem falei na fundação de Palência, o qual nos ajuda aqui com o mesmo devotamento. Além disso algumas pessoas principais tinham-me dado recomendações para seus parentes e amigos, rogando-lhes muito encarecidamente que nos favorecessem neste negócio.

Assim o fizeram, pois logo no dia seguinte me vieram todos ver. Veio também uma comissão da cidade, dizendo que não estavam arrependidos da autorização concedida, antes folgavam com a minha vinda e ofereciam-se a me servir no que houvesse necessidade. Como só estávamos inquietos pelo lado da cidade, tivemos tudo por concluído. Chegámos à casa de Catarina de Tolosa debaixo de fortíssimo temporal e quisemos, antes de mais nada, dar aviso de nossa chegada ao Arcebispo e pedir-lhe licença para dizer logo no dia seguinte a primeira Missa, como faço em quase todas as fundações; mas, devido à chuva, não foi possível.

Descansámos durante a noite, muito bem tratadas por aquela santa mulher, ainda que me custou caro o conforto, porque, tendo ela preparado um grande fogo por estarmos tão molhadas, fiquei passando mal, apesar de haver chaminé. No outro dia nem pude levantar a cabeça; foi deitada que, por uma janela de grades à qual prendemos um véu, falei com os que me

vinham visitar; isto se tornou muito penoso para mim, por ser dia em que forçosamente havia de tratar de negócios.

Logo de manhã foi o Padre Provincial pedir a bênção ao Ilustríssimo Arcebispo, pensando que nada mais havia a fazer. Achou-o tão alterado e descontente por termos vindo sem sua licença, como se não mo houvera mandado. Dir-se-ia que se tratava pela primeira vez de tal negócio. Falou ao Padre Provincial, mostrando-se muitíssimo contrariado a meu respeito: não negava que tivesse ordenado a minha vinda, mas viesse eu sozinha, a tratar com ele. Vir com tantas monjas, Deus nos livre! Que aflição! Pouco adiantava dizer-lhe que havíamos obtido a licença da cidade segundo sua ordem, e portanto não se tratava mais de negociar senão de fundar; e que além disso o Bispo de Palência, perguntando-lhe eu se me devia pôr a caminho sem prevenir a Sua Senhoria, respondera que não havia necessidade de aviso, pois o próprio Arcebispo manifestara desejar tanto a fundação. Assim aconteceu porque Deus queria que se fundasse esta casa, como o próprio Arcebispo disse depois, confessando que, se lhe tivéssemos anunciado claramente a nossa vinda, teria recusado receber-nos. Finalmente despediu o Padre Provincial com estas palavras: ou havíamos de fundar com renda e casa própria, ou absolutamente não nos daria licença; que nos fôssemos embora! Bonitos, com efeito, estavam os caminhos, e o tempo convidava a viajar!

Ó Senhor meu, quão certo é, a quem vos presta algum serviço, pagardes logo com um grande trabalho! E que paga tão preciosa para os que deveras vos amam, se logo lhes fosse dado a entender o seu valor! Mas então não quiséramos tal lucro, porque, aparentemente, era impossibilitar toda a obra; tanto mais que exigia o Arcebispo renda e casa própria sem empregarmos nisto os dotes das monjas. Nem se podia pensar em tal coisa nos tempos de agora, e portanto parecia não haver remédio. A mim nada me abalou; sempre tive a certeza de que eram enredos do demónio para estorvar a fundação, mas deles resultaria nosso maior bem, e Deus sairia vitorioso com a sua obra. Voltou o Padre Provincial muito alegre, sem perturbação nenhuma por essa vez; permitindo Deus que não se entristecesse e também que não se enfadasse comigo por não lhe ter dado ouvidos quando indagou se possuíamos a licença por escrito.

Tinham vindo visitar-me logo à minha chegada, como disse, alguns dos amigos e parentes do Cónego Salinas, aos quais me tinha ele recomendado. Foram de opinião que se pedisse licença ao Arcebispo para nos dizerem a Missa em casa, pois parecia inconveniente andarmos descalças pelas ruas, havendo tanta lama. Dispúnhamos de uma boa sala que tinha servido de igreja aos Padres da Companhia de Jesus, que aí moraram mais de dez anos, logo que chegaram a Burgos. Parecia razoável fazer ali a tomada de posse até adquirirmos mosteiro. Nunca, porém, se pôde conseguir do Arcebispo que nos deixasse ouvir Missa em casa, não obstante terem ido dois Cónegos interceder em nosso favor. Concedeu apenas que, uma vez tendo renda, ali fundássemos até comprar moradia, mas com a condição de darmos fiança de que fariamos a compra e nos mudaríamos dali. Achámos logo quem a desse, pois os amigos do Cónego Salinas se ofereceram como fiadores, e Catarina de Tolosa prometeu dar renda para a fundação.

Passámos mais de três semanas a deliberar qual seria a renda, como e de onde nos havia de vir. Não ouvíamos Missa senão nos dias de festa, muito cedinho; e eu sempre com febre e passando bem mal. Tratou-nos com muita generosidade e regalo Catarina de Tolosa, e durante um mês com tanto amor nos sustentou a todas, no aposento em que vivíamos recolhidas, como se fora mãe de cada uma. O Padre Provincial estava hospedado com os seus companheiros, na residência de um amigo, o Doutor Manso, que andara com ele no colégio e é actualmente Cónego de púlpito na catedral. Sentia-se bem descontente por se ver obrigado a demorar tanto ali, e não sabia como nos deixar.

Estando já garantidos os fiadores e a renda, remeteu-nos o Arcebispo ao Provisor incumbido de dar prontamente o despacho. O demónio, parece, também acudiu, pois, estando o negócio já bem ponderado, depois de quase um mês gasto em diligências junto ao Arcebispo para que se contentasse com os nossos oferecimentos, quando julgávamos removidos todos os obstáculos, envia-me o Provisor um memorial, dizendo nele que a licença não se daria até possuímos casa própria. O Arcebispo não nos permitia fundar no prédio que ocupávamos, por ser húmido e situado em rua muito barulhenta. Fazia ainda certas exigências para assegurar a fazenda, e não sei que enredos, como se então se começasse a tratar do facto. A casa havia de ser a gosto do Arcebispo; a não ser assim, não se falasse mais em tal.

Muita foi a alteração do Padre Provincial e de todos, diante de tais imposições. Para adquirir local conveniente, já se vê quanto tempo é preciso; e ele andava aflito porque nos via obrigadas a sair para a Missa. É verdade que a ouvíamos numa capela onde ninguém nos podia ver, e a igreja não ficava longe; contudo, para Sua Reverência e para nós, já era grandíssimo desgosto termos ficado assim até àquela data. Desde então, creio eu, foi de parecer que saíssemos de Burgos. Eu não me podia conformar com a ideia da volta, pois me recordava de que o Senhor me mandara, da sua parte, empregar todos os meus esforços; tinha por certo que se havia de fazer a fundação e quase nenhum abalo me causavam os contratemplos. Só me dava pena ver a aflição do Padre Provincial, e estava bem pesarosa de que nos tivesse acompanhado. Não sabia eu quanto nos haviam de valer os seus amigos, como depois direi. Estando nessa tribulação e vendo as minhas companheiras muito desoladas - ainda que com elas não me preocupava, senão com o Padre Provincial, - disse-me Nosso Senhor, sem que eu estivesse em oração, estas palavras: *Agora, Teresa, sê forte*. Com isto, cheia de maior ânimo, pus-me a rogar ao Padre Provincial que se fosse e nos deixasse, porque já se avizinhava a Quaresma e lhe era forçoso ir pregá-la. Sua Majestade, creio, deu-lhe os mesmos pensamentos.

Ele e seus amigos providenciaram para que nos dessem uns quartos no Hospital da Conceição, onde havia o Santíssimo Sacramento e Missa todos os dias. Com isto ficou mais contente, embora não fossem poucas as contradições que passou até o conseguir. Havia um bom aposento alugado por uma viúva da cidade que só tencionava ocupá-lo no fim de seis meses; contudo, não no-lo quis emprestar. Ainda fez mais: contrariada de que nos tivessem dado na parte mais alta da casa uns quartos de telha-vã, um dos quais tinha comunicação com o seu, mandou fechar este por dentro com pregos, não obstante ter chave por fora. Logo imaginaram os confrades que nos havíamos de apossar do Hospital: - coisa bem absurda, mas permitida por Deus a fim de mais nos dar a merecer; - e eis que nos fazem, ao Padre Provincial e a mim, prometer, perante tabelião, que, em nos dizendo eles que saíssemos dali, sem detença o havíamos de fazer.

Este ponto foi para mim o mais difícil, porque, sendo rica a viúva e bem a parentada, tive receio de que lhe desse de repente algum capricho e nos

obrigasse a sair. O Padre Provincial, porém, mais avisado, quis que nos sujeitássemos a todas as imposições, a troco de nos mudarmos mais depressa. Não nos davam senão duas peças e uma cozinha; mas estava encarregado do Hospital um grande servo de Deus, chamado Fernando de Matanza, que nos deu outras duas para locutório. Usou connosco de extrema caridade, e o mesmo faz com todos, protegendo muito os pobres. Outro auxiliar achámos em Francisco de Cuevas, correio-mor da cidade, dedicadíssimo a este Hospital, o qual sempre nos acudiu em todas as ocorrências.

Digo os nomes dos benfeitores desses primeiros tempos, porque é razão que as monjas, tanto as presentes como as futuras, se recordem deles nas suas orações. Este dever ainda é mais rigoroso em relação aos fundadores. Não foi o meu primeiro intento, nem mesmo me passou pelo pensamento que Catarina de Tolosa o fosse; mas com a sua santa vida ela o mereceu, e Nosso Senhor ordenou as coisas de tal sorte que não se lhe pode negar o título de fundadora. Com efeito, além de pagar o prédio, que de outro modo não poderíamos comprar, não se pode dizer quanto lhe custavam essas esquivanças do Arcebispo. Jamais se cansava de nos fazer bem; e só de pensar que talvez não se viesse a fazer o mosteiro, sentia grandíssima aflição.

Vinha ver-nos quase todos os dias com grande amor, apesar de ser o Hospital muito longe da sua casa, e provia a todas as nossas necessidades, o que era motivo de a molestarem continuamente com ditos, que a fariam abandonar tudo, se não tivesse ânimo varonil. Dava-nos bastante pena o vê-la passar por tais dissabores, pois, ainda que as mais das vezes o encobria, em certas ocasiões não o podia dissimular. O pior era quando lhe tocavam na consciência, porque a tem muito pura. Posso afirmar: por maiores ocasiões que lhe tenham dado certas pessoas, nunca lhe ouvi palavra que fosse ofensa de Deus. Diziam-lhe que estava no caminho do inferno; como podia fazer o que fazia, tendo filhos? Ela em tudo agia com parecer de letrados, pois, se quisesse proceder de outro modo, eu por nada neste mundo consentiria que fizesse coisa ilícita, ainda que se deixasse de fundar mil mosteiros, quanto mais um só! Como, porém, ela dava em segredo todos os passos, não me admiro de que imaginassem mais do que havia em realidade. Tudo suportava, e respondia com a extrema doçura que lhe é

própria, dando bastantes mostras de ser ensinada por Deus, que lhe dava ânimo para tudo superar, e indústria para contentar a uns e sofrer a outros. Quanto mais fortaleza têm os servos de Deus para os grandes feitos, do que os de alta linhagem se não possuem a mesma virtude! A ela não falta suma limpeza de sangue, pois é muito fidalga.

Tornando ao que tratava, como o Padre Provincial nos viu em lugar acomodado para ouvir Missa e viver em clausura, teve coração para ir a Valladolid, onde devia pregar. Foi-se com bastante pena por não ver no Arcebispo sinal por onde se pudesse ter esperança de alcançar a licença; e, embora eu sempre o animasse, não se podia convencer. E por certo havia grandes motivos, que não convém referir, para pensar assim. Se ele tinha pouca esperança, os seus amigos ainda tinham menos e contribuía para o desanimar. Fiquei mais aliviada depois de sua partida, porque, como disse, a minha maior pena era presenciar a sua. Deixou-nos ordem de procurar e adquirir casa própria, o que era bem dificultoso, porque até então nenhuma se havia achado em condições de ser comprada. Ficaram ainda mais desvelados connosco os amigos, especialmente os dois do Padre Provincial, e combinaram todos que até possuímos mosteiro não se falaria palavra ao Arcebispo. Este sempre afirmava desejar esta fundação mais que ninguém, e assim creio, porque sendo tão bom cristão não seria capaz de uma inverdade; mas não o mostrava nas obras, pois exigia coisas aparentemente impossíveis na situação em que estávamos. Era plano urdido pelo demónio para atalhar a fundação, mas - ó Senhor, como se vê que sois poderoso! - das mesmas malícias com que procurava estorvá-la, tirastes Vós motivo para que se fizesse melhor. Sede para sempre bendito!

Desde a véspera de São Matias, dia da nossa entrada no Hospital, até à véspera de São José, estivemos tratando de uns e de outros prédios. Dos que estavam à venda, nenhum havia em condições de ser comprado, tais eram os inconvenientes. Falaram-me de um pertencente a um cavaleiro que o tinha posto à venda havia algum tempo; e, apesar de andarem tantas Ordens religiosas buscando estabelecer-se, foi Deus servido de que não lhes agradasse. Agora todos se espantam e até alguns estão bem arrependidos. Deste prédio me tinham falado com elogio umas duas pessoas, mas eram tantas as que diziam mal, que já não pensava mais nele, persuadida de que não nos convinha.

O Licenciado Aguiar, amigo do Nosso Padre, de quem já falei, andava procurando casa para nós com grande cuidado. Estando ele um dia comigo, e contando-me como tinha visitado algumas e não achava nenhuma em toda a cidade nem parecia possível achar, segundo todos diziam, lembrei-me da tal que tínhamos posto de lado. Pensei comigo: ainda que seja tão má como dizem, lancemos mão dela nesta necessidade; depois se pode vender. Disse o meu pensamento ao Licenciado Aguiar e perguntei-lhe se queria fazer-me o favor de. ir vê-la.

Não lhe pareceu mau o plano; não a tinha visto, e quis examiná-la imediatamente apesar de ser dia bem tempestuoso e frio. Encontrou um morador que, pouco desejoso de que se vendesse, não a quis mostrar, mas o Licenciado satisfez-se muito com a construção e o que pôde ver por fora, e assim nos determinámos a tratar da compra. Pertencia a um cavaleiro, que, por não estar aqui, tinha delegado os seus poderes a um clérigo, servo de Deus, a quem Sua Majestade infundiu desejo de no-la vender e de usar de muita sinceridade no trato connosco.

Combinaram que eu fosse ver a casa. Contentou-me ela extremamente: se pedissem o dobro do preço pelo qual provavelmente a dariam, eu a teria por barata; e não avaliava mal, pois dois anos antes o tinham oferecido ao proprietário, e ele recusara. Logo no outro dia veio ver-me o clérigo, juntamente com o Licenciado, o qual, tendo sabido do preço com que se contentavam, queria fechar logo o negócio. Alguns amigos, que eu pusera a par do sucesso, tinham-me dito que, por tal preço, seria dar quinhentos ducados acima do valor. Contei-o ao Licenciado, mas ele achou muito vantajosa a compra, ainda que se desse a quantia estipulada. Eu pensava o mesmo e não queria fazer questão, pois me parecia de graça; contudo por se tratar de dinheiro da Ordem, tivera escrúpulo. Esta conferência foi na véspera do glorioso Pai São José, antes da Missa. Combinei com eles que, depois dela, nos reuniríamos de novo para fechar o contrato.

O Licenciado, tendo muito bom entendimento, via claro que se o negócio começasse a transparecer, muito mais nos havia de custar a casa, e talvez mesmo não a pudéssemos comprar; assim usou da máxima diligência e fez o clérigo dar palavra de voltar ali depois da Missa. Por nosso lado fomos encomendá-lo ao Senhor, o qual me disse, dando a entender que nos

convinha a compra: "*Em dinheiros te deténs?*" As Irmãs tinham pedido muito a São José que em seu dia já tivessem casa, e ele as ouviu, não havendo antes o menor indício de que tão depressa a conseguíssemos. Todos me importunaram para que se fechasse o contrato, e assim se fez. O Licenciado achou um escrivão à porta: parecia ordenação do Senhor. Veio com ele e trouxe testemunha, dizendo-me que convinha terminar; e, fechada a sala para que ninguém soubesse -- pois este era todo o seu medo, - concluiu-se a venda com toda a firmeza, na véspera do glorioso São José, como já disse, graças à diligência e entendimento deste bom amigo.

Ninguém pensava que se comprasse a casa em condições tão vantajosas. Mal se começou a divulgar a notícia, logo surgiram compradores: uns diziam que o clérigo encarregado da venda a tinha queimado; outros, que se desfizesse o contrato, por ser manifesto o engano. Bastantes dissabores passou o bom clérigo. Denunciaram logo o caso aos proprietários, que eram, como já disse, um cavaleiro principal e sua mulher, também muito nobre; mas alegraram-se tanto de que a sua residência fosse transformada em mosteiro, que confirmaram o contrato; aliás já não podiam fazer outra coisa. Logo no dia seguinte se lavraram as escrituras, e a terça parte do preço foi entregue, tudo conforme determinara o clérigo. Em atenção a ele, embora fizessem os proprietários algumas exigências a que não estávamos obrigadas, a tudo nos sujeitámos.

Parece fora de propósito deter-me tanto a contar a compra desta casa; mas verdadeiramente, aos que consideravam as coisas por miúdo, parecia milagre, quer pelo preço -- que foi de graça, - quer por se haverem cegado os Religiosos que, tendo-a examinado, não a quiseram tomar. Como se antes não existisse em Burgos, espantavam-se os que a viam, culpando e chamando insensatos aos que não a tinham querido. Uma comunidade de monjas que andava buscando local para se estabelecer, ou antes, duas comunidades, das quais uma se fundara recentemente e outra viera de fora por se lhe haver incendiado o mosteiro, e também uma pessoa rica empenhada em fazer uma fundação, todas haviam pouco antes rejeitado o prédio, depois de o terem examinado, e estão bem arrependidas.

Era tal o rumor na cidade, que vimos claramente a grande razão que tivera o bom Licenciado em negociar com tanto segredo e diligência. Com

verdade podemos dizer que, abaixo de Deus, a ele devemos a casa. Para tudo é grande coisa um bom entendimento; como ele o tem em alto grau, Deus lhe infundiu boa vontade e por seu meio realizou esta obra. Esteve mais de um mês trabalhando connosco e diligenciando para que se adaptasse a propriedade do melhor modo e com poucas despesas. Parecia que Nosso Senhor tinha guardado para Si aquele edifício: quase tudo, por assim dizer, estava adequado. Em verdade, logo que o vi pronto, tudo como se fora feito para nós, tive a impressão de um sonho, tão depressa se realizara. Bem nos pagou Nosso Senhor o que tínhamos passado, trazendo-nos a um paraíso de deleites, pois, em jardins, vistas e águas, não parece outra coisa. Seja Ele para sempre bendito. Amém.

Logo o soube o Arcebispo e muito folgou de termos acertado tão bem, tendo para si que sua porfia fora causa do êxito; e tinha grande razão... Eu lhe escrevi dizendo que me alegrava de o saber satisfeito e ia acomodar tudo o mais depressa possível para alcançar de Sua Senhoria a graça tão desejada. Tendo-o assim prevenido, fiz prontamente a nossa mudança, porque me avisaram que nos queriam deter onde estávamos até se levrarem não sei que escrituras. O morador ainda não tinha saído - que não pouco nos custou fazê-lo sair, - e já nos tínhamos recolhido a um quarto da casa. Logo me deram parte de que o Arcebispo estava muito contrariado com isso. Aplaquei-o, como me foi possível, pois é bom e, ainda que se enfada, os seus enfados passam depressa. Também se zangou quando soube que tínhamos grades e roda, pensando que eu queria agir sem a sua licença. Escrevi-lhe de novo que tal não era minha intenção: em casa de pessoas recolhidas há dessas coisas, e eu nem uma cruz tinha ousado colocar, para evitar qualquer aparência de mosteiro; e assim fora realmente. Com toda a boa vontade que nos mostrava, não havia meios de querer dar seu consentimento.

Veio ver a casa e ficou plenamente satisfeito, tratando-nos com muito agrado, não, porém, a ponto de nos conceder a desejada autorização. Contudo deu mais esperanças, dizendo que era preciso fazer não sei que escrituras com Catarina de Tolosa. Todo o nosso medo era de que ele não a desse; mas o Doutor Manso, que é o outro amigo, já mencionado, do Padre Provincial, gozava da sua privança e aproveitava todas as ocasiões propícias para lhe lembrar o caso e importuná-lo em nosso favor. Tinha muita pena de

nos ver andar na rua como andávamos. Com efeito, embora tivéssemos na nova habitação uma capela que servira unicamente para os seus antigos donos aí terem Missa, jamais quis o Prelado permitir que no-la celebrassem em casa. Apesar de ter mediado cerca de um mês entre a nossa mudança e a fundação, éramos obrigadas a sair nos domingos e dias de festas para ouvi-la numa igreja que felizmente está perto. Todos os letrados afirmavam haver causa suficiente para haver Missa em nossa capela. O Arcebispo, que é muito douto, também o compreendia; e assim era claro não haver outra causa senão querer Nosso Senhor que padecêssemos. Eu não o suportava muito mal; mas havia certa monja que, ao se ver na rua, se punha a tremer, pelo grande pesar que tinha.

Até que se acabassem de lavrar as escrituras, não faltaram os dissabores, porque ora se contentavam com as fianças, ora exigiam dinheiro à vista, sem falar em várias outras importunidades. Nisto não teve muita culpa o Arcebispo, senão um Provisor que nos fez tanta guerra, que jamais, creio eu, chegaríamos ao fim, se Deus não o levasse a fazer uma viagem, ficando interinamente outro em seu lugar. Oh! quanto passou com esses revezes Catarina de Tolosa! Nem se pode dizer. Tudo sofria com uma paciência que me infundia espanto, e jamais se cansava de nos prover e ajudar. Deu o que era mister para mobiliar a nossa casa: assim camas como vários outros objectos de que tinha a sua bem provida, atendendo a todas as nossas necessidades. Dir-se-ia que mais depressa lhe havia de faltar alguma coisa, do que a nós. Outras fundadoras de mosteiros nossos têm dado muito mais fazenda; nenhuma, porém, fez a décima parte do que ela trabalhou por nós. A não ter filhos, daria tudo o que estivesse ao seu alcance; e desejava tanto ver terminada a fundação, que ainda lhe parecia dedicar-se pouco para este fim.

Vendo eu tão grande tardança, recorri ao Bispo de Palência, o qual estava desabridíssimo, por tomar como feito a si tudo o que se fazia connosco, e roguei-lhe que tornasse a escrever ao Arcebispo, embora este jamais achasse que nos causava prejuízo, - o que muito nos espantava. Supliquei-lhe, pois, que escrevesse dizendo a Sua Senhoria que já tínhamos comprado casa e obedecido a todas as suas ordens, e portanto houvesse por bem concluir a fundação. Enviou-me uma carta aberta para o Arcebispo, concebida em tais termos, que entregar-lha seria pôr tudo a perder.

O Doutor Manso, com quem eu me confessava e aconselhava, não quis que eu lha desse, pois, embora muito comedida, continha algumas verdades suficientes para irritar o Prelado, dada a sua condição. Já irritado andava ele com certos recados do Bispo de Palência, conquanto fossem muito amigos. Dizia-me a mim que pela morte de Nosso Senhor se haviam feito amigos os que o não eram, e que por minha causa eles dois se tinham tornado inimigos. Respondi-lhe que por aí veria quem era eu. A meu parecer, entretanto, tinha eu andado com particular desvelo para impedir qualquer discórdia entre ambos.

Tornei a suplicar ao Bispo de Palência, com as melhores razões ao meu alcance, que escrevesse nova carta com muita amizade, mostrando ao Arcebispo que seria obra do serviço de Deus. Atendeu aos meus rogos, o que não foi pequeno favor. Como viu que se tratava de trabalhar pela glória de Deus e de me favorecer, como sempre tem feito, fez violência a si mesmo, mas confessando-me que tudo quanto tinha feito pela Ordem nada era em comparação daquela carta. Foi esta de tal sorte que, unida à diligência do Doutor Manso, alcançou a licença. O Arcebispo no-la enviou por intermédio do bondoso Fernando de Matanza, que nos chegou não pouco alegre. Nesse dia as Irmãs estavam mais abatidas que nunca, e a boa Catarina de Tolosa tão triste que não a podia eu consolar. O Senhor parece ter querido apertar mais a nossa mágoa ao tempo em que nos havia de dar a consolação. Mesmo eu, que nunca me entregara à desconfiança, tinha sentido desalento na noite anterior. Seja sem fim bendito o seu santo Nome, e louvado para todo o sempre. Amém.

Deu o Arcebispo licença ao Doutor Manso para que no dia seguinte[79] celebrasse o santo Sacrificio e pusesse o Santíssimo Sacramento. Disse ele a primeira Missa, e o Padre Prior de São Paulo, que é dos Dominicanos - aos quais sempre tem devido muito esta Ordem, assim como também aos da Companhia, - cantou a Missa da festa, com muita solenidade e acompanhamento de menestréis que acudiram sem ser chamados. Estavam fora de si, de contentes, todos os amigos; e quase o mesmo aconteceu a toda a cidade, pois lastimavam muito ver-nos andar assim e censuravam tanto o procedimento do Arcebispo, que eu chegava por vezes a sentir mais o que ouvia a seu respeito, do que os nossos próprios sofrimentos. A alegria da boa Catarina de Tolosa e das Irmãs era tão grande que eu me enchia de

devoção e dizia a Deus: "Senhor, que pretendem estas vossas servas senão servir-vos e verem-se encerradas por amor de Vós numa clausura de onde jamais hão de sair?"

A não ser quem o experimenta, ninguém crerá o contentamento que gozamos, nestas fundações, quando nos vemos já com clausura onde não pode entrar pessoa do século. Por muito amor que tenhamos aos nossos amigos, não basta para deixarmos de ter esta grande consolação de nos vermos a sós. Como os peixes tirados do rio em grande quantidade numa rede, não podem viver se de novo os não lançam na água, assim as almas acostumadas a permanecer nas correntes das águas de seu Esposo, daí arrancadas e metidas nas redes das coisas do mundo, verdadeiramente não vivem até que de novo se mergulham nelas. Isto vejo em todas estas Irmãs; isto entendo por experiência. As monjas que em si virem desejo de sair para o meio de seculares e de tratar muito com eles, fiquem receosas de não terem ainda encontrado a água viva de que falou o Senhor à Samaritana. Temam, que porventura se lhes escondeu o Esposo, e com razão, pois não se contentam de viver só com Ele. Tenho medo de que lhes provenha isso de uma destas duas coisas: ou não abraçaram o estado religioso só por amor de Deus, ou, depois de abraçado, não conhecem a grande mercê que o Senhor lhes fez escolhendo-as para Si e livrando-as da sujeição a um homem que muitas vezes dá cabo à vida da mulher, e praza a Deus não lhe deite a perder também a alma!

Ó verdadeiro Deus e Homem, Esposo meu! Será justo ter em pouco esta mercê? Louvemos, Irmãs minhas, Aquele que no-la fez, e não nos cansemos de engrandecer tão grande Rei e Senhor, que nos tem aparelhado um reino que não terá fim, em troco de uns trabalhinhos, mesclados de mil consolações, os quais acabarão amanhã. Seja para sempre bendito. Amém, amém.

Pouco depois de fundado o mosteiro, pareceu, ao Padre Provincial e a mim, que na renda outorgada por Catarina de Tolosa a esta casa havia certos inconvenientes capazes de originar a nós algum pleito, e a ela futuros desassossego sozinhas. Preferimos fiar de Deus a subsistência, a dar-lhe ocasião de dissabores. Por esta razão e por várias outras, com licença do Padre Provincial, renunciámos, perante tabelião, à fazenda que nos tinha

dado e lhe restituímos todas as escrituras. Isto se fez debaixo de muito segredo para que o não soubesse o Arcebispo, que se julgaria lesado, ainda que realmente o prejuízo seja só para esta casa. A razão é clara: quando se sabe que o mosteiro é pobre, não há que temer, todos ajudam; mas, sendo notório que possui renda, parece haver perigo de ficar a Comunidade sem ter o que comer, ao menos por algum tempo. Catarina de Tolosa assegurou-nos meios para depois dos seus dias, fazendo que duas das suas filhas que deviam professar no mesmo ano no mosteiro de Palência e haviam renunciado a seus bens em favor dela, dessem por nulo o acto e renunciassem em benefício desta casa. Outra filha sua que espontaneamente quis tomar aqui o hábito, fez-nos doação da sua legítima paterna e materna. Equivale isto à renda que a mãe nos tinha dado; apenas com o inconveniente de que as Religiosas não o podem gozar por enquanto. Tenho, porém, confiança de que não lhes há de faltar o sustento, porque o Senhor, que provê de benfeitores e esmolas os mosteiros sem renda, também fará o mesmo aqui, ou dará meios para a manutenção das Religiosas. Contudo, como nenhum se fundara em tais condições, algumas vezes supplicava eu a Sua Majestade que, pois tinha querido esta fundação, houvesse por bem remediar tal estado de coisas e proteger a Comunidade. Era meu desejo não me ir daqui até ver se entrava alguma noviça.

Estando uma vez com estes pensamentos depois da Comunhão, disse-me o Senhor: "*De que duvidas? Isto já está acabado; bem te podes ir*", dando-me a entender que não faltariam às Religiosas meios de subsistência. Calou-me isto de tal maneira no espírito, que nunca mais me inquietei: era como se lhes deixasse muito boa renda; e logo tratei de minha partida, por me parecer que nada já fazia aqui a não ser folgar-me nesta casa tão agradável. Em outras partes, embora com mais trabalho, poderia prestar maiores serviços. Ficaram muito amigos o Bispo de Palência e o Arcebispo. Este nos mostrou logo muita benevolência e deu o hábito à filha de Catarina de Tolosa e a outra noviça que entrou nesses primeiros tempos. Até agora não nos deixam de regalar algumas pessoas; nem permitirá Nosso Senhor que padeçam suas esposas, se elas O servirem como estão obrigadas. Para isto lhes dê Sua Majestade graça, por sua grande bondade e misericórdia.

CAPÍTULO XXXII

Pareceu-me útil consignar aqui o modo pelo qual as monjas do mosteiro de São José de Ávila - que foi o primeiro e cuja fundação está escrita em outra parte[80], e não neste livro, - passaram da obediência do Ordinário, sob a qual fora fundada a casa, à jurisdição da Ordem.

Dom Alvaro de Mendoza, que actualmente ocupa a sede de Palência, era Bispo de Ávila na ocasião em que se fundou o mosteiro, e, durante todo o tempo que aí passou, favoreceu extremamente as monjas. Quando nos colocámos debaixo da sua jurisdição, entendi de Nosso Senhor que assim convinha fazer. Mais tarde se pôde ver isto bem claramente, porque em todas as questões da Ordem e em muitas outras ocasiões, achámos nele amparo e favor. Jamais consentiu que a visita canónica fosse feita por algum Padre, e naquele mosteiro dispunha unicamente o que eu lhe supplicava. Desta maneira, sem que eu pensasse em mudar a obediência, decorreram dezessete[81] anos pouco mais ou menos, que não me recordo ao certo.

Passados estes, deram ao Bispo de Ávila o Bispado de Palência. Nesse tempo, estando eu no mosteiro de Toledo, disse-me Nosso Senhor ser conveniente que as monjas de São José dessem obediência à Ordem, e que eu tratasse disso, pois de outro modo veria bem depressa introduzir-se o relaxamento naquela casa. A mim pareceu haver contradição, porque tinha entendido precedentemente que convinha dá-la ao Ordinário. Não sabendo o que fazer, consultei o meu Confessor, que na ocasião era o actual Bispo de Osma, grandíssimo letrado.[82] Respondeu-me que isso não tinha importância: no princípio devia ser preciso um modo de agir, e agora outro; e, com efeito, por muitíssimas razões, tem-se visto ser realmente assim. Quanto à sua opinião pessoal, era que melhor estaria aquele mosteiro unido aos outros, do que só.

Fez-me ir a Ávila para tratar da mudança de jurisdição. Achei no Bispo opinião muito diversa. Absolutamente não concordava comigo; mas, como lhe apresentei algumas razões sobre os males que poderiam provir às Religiosas, que ele estima muitíssimo, entrou a reflectir e, porque tem

óptimo entendimento e era movido por Deus, achou em apoio dos meus argumentos outros ainda mais graves, e resolveu fazer o que eu lhe pedia. Alguns clérigos tentaram dissuadi-lo, mas não lhes deu ouvidos.

Eram indispensáveis os votos das monjas. Algumas tinham muito pesar, mas, pelo bem que me queriam, chegaram-se às minhas razões, sobretudo por verem que, faltando o Bispo a quem a Ordem tanto deve e eu muito quero, não me haviam de ter mais consigo. Isto as moveu fortemente, e assim se concluiu coisa tão importante; e todas têm visto com evidência quão perdida ficaria aquela casa se houvéssemos feito o contrário. Bendito seja o Senhor, que olha com tanto cuidado. para tudo o que diz respeito a suas servas. Seja para sempre bendito. Amém.

APÊNDICE

Fundação do Mosteiro de São José de Granada, escrita pela Madre Ana de Jesus[83] por ordem do Padre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, então Prelado.

Manda-me Vossa Paternidade que escreva a fundação desta casa de Granada. Não sei se me recordarei dos factos, pois, pela fraqueza de cabeça que experimento, estou sem memória. Direi o que me lembrar.

Há quatro anos, no mês de Outubro de 1581, o Padre Frei Diogo da Trindade (que Deus tenha em sua glória!) veio fazer a visita do Convento de Beas, como Vigário Provincial, em lugar de V. Reverência. Havia três ou quatro meses que eu deixara de ser Priora ali, e me achava muito doente. O Padre Visitador, embora assim me visse, propôs muito seriamente que viéssemos fundar em Granada, pois muitas pessoas graves e donzelas distintas e abastadas pediam a fundação e ofereciam-se a ajudá-la com grandes esmolas. A meu ver, a sua boa fé lhe fazia crer nessas promessas, que não passavam de belas palavras e ficariam sem efeito. O Arcebispo, aliás, não daria licença para se fundar mosteiro pobre em lugar onde já havia tantos outros de monjas que não se podiam sustentar, visto Granada estar decaída e terem sido muito estéreis os últimos anos. O Padre via ser verdade o que eu alegava, mas, pelo grande desejo de que se fundasse este Convento, não perdia a esperança, dizendo-me que o Licenciado Laguna, Ouvidor da Audiência, havia prometido favorecê-lo muito, e o Padre Salazar, da Companhia de Jesus, reservadamente lhe prometera que os dois alcançariam a licença do Arcebispo. Tudo me pareceu incerto, e assim foi. Entretanto, à vista da insistência do Padre, encomendei muito o negócio a Deus e pedi às Irmãs que implorassem luz para conhecermos se convinha fazer a fundação.

Sua :Majestade nos iluminou bem claramente, dando-nos a entender que nenhum recurso nem favor humano havia então, mas, assim como outras casas se haviam fundado somente pela confiança na sua Divina Providência, assim poderia fundar esta; Ele a tomaria a seu cargo, e nela seria muito servido. Quando entendi isto, tinha acabado de comungar, e havia três semanas que o Padre Visitador estava em Beas insistindo

connosco. Apesar de todas as dúvidas e hesitações acima ditas, decidi-me, no momento mesmo em que acabei de comungar, e disse à Irmã Beatriz de São Miguel, que era porteira e também havia comungado: "Creia, Deus quer que se funde esta casa de Granada; por isso mande chamar o Padre Frei João da Cruz para eu lhe dizer, como ao meu Confessor, o que Sua Majestade me deu a entender".

Falando eu em confissão ao meu Padre espiritual Frei João da Cruz, foi ele de parecer que se devia dar conta ao Padre Visitador, que ainda estava ali, e logo escrever a Vossa Paternidade pedindo licença para fundar em Granada.

Nesse mesmo dia tomámos as nossas determinações e demos todos os passos necessários. Foi grande a alegria dos Padres e de toda a Comunidade ao saberem que se decidira a fundação. Escrevemos a Vossa Paternidade e também a Nossa Santa Madre Teresa de Jesus solicitando quatro monjas de Castela para o futuro convento, e pedindo que Sua Reverência^[84] viesse pessoalmente. Como estávamos com tanta esperança de que se haviam de cumprir os nossos desejos, procurámos que fosse como mensageiro o Padre Frei João da Cruz, levando outro Religioso e meios para trazer as monjas. Assim, partindo de Beas, foi ele ter com a Nossa Santa Madre Teresa de Jesus em Ávila e daí enviaram ambos carta a Vossa Paternidade, que estava em Salamanca. Tendo-a lido, concedeu Vossa Paternidade o que pedíamos, deixando à Nossa Santa Madre a escolha das Religiosas que julgasse necessárias. Deu Sua Reverência duas da casa de Ávila: a Madre Maria de Cristo, que havia sido Priora ali cinco anos e a irmã Antónia do Espírito Santo, uma das quatro primeiras que receberam o nosso hábito de Descalças em São José de Ávila. Da casa de Toledo escolheu a Irmã Beatriz de Jesus, que também era antiga na Religião e sobrinha de Nossa Santa Madre. Não pôde acompanhá-las Sua Reverência, por estar de partida para Burgos nessa mesma ocasião. Muitas vezes, aliás, já me tinha escrito que a esta fundação de Granada, não viria, por julgar da vontade de Deus que a fizesse eu. Parecia-me impossível ver-me numa fundação sem Sua Reverência; e senti muito quando, no dia da Conceição de Nossa Senhora, chegaram, sem ela, as monjas a Beas. Trouxeram-me uma carta sua, na qual me dizia que só para me dar prazer quisera ter vindo, mas nosso grande Deus determinara diversamente, e ela ficava muito certa de que se faria tudo do melhor modo

em Granada, e Sua Majestade poderosamente me havia de ajudar. Assim começou logo a acontecer, como se verá pelo que se segue.

Enquanto foram a Castela buscar as monjas, o Padre Vigário Provincial Frei Diogo da Trindade veio a Granada tratar dos recursos que ele esperava como certos, sendo sua intenção escrever-nos que viéssemos, logo que os angariasse. O santo homem deve ter trabalhado muito, quer para alcançar alguma coisa das que lhe tinham prometido, quer para obter a licença do Arcebispo. Nada conseguiu, mas, com a boa fé que tinha, vivia escrevendo a Beas, contando as muitas vantagens que lhe ofereciam. Eu achava graça e respondia-lhe que não fizesse nenhum caso daquilo; antes nos alugasse uma casa qualquer onde pudéssemos entrar, pois as nossas Irmãs de Castela já haviam chegado. O pobre do Padre andava embaraçado, pois nem isto conseguia. Tinha falado ao Arcebispo, servindo-se do valimento dos Ouvidores mais antigos, que eram Dom Luís de Mercado e o Licenciado Laguna, mas não havia possibilidade de querer o Prelado admitir a nossa vinda; antes mostrava-se contrariado, usando de palavras muito ásperas. Bem quisera ele - dizia - suprimir quantos mosteiros de monjas havia na diocese, que já se não podiam sustentar em anos de tanta esterilidade, e ainda lhe queriam trazer mais? E acrescentava outras palavras bem desagradáveis. Sentiam-no muito esses Senhores Ouvidores que se ocupavam do negócio, por verem que frequentemente escrevíamos de Beas apressando-os e dizendo que bem pouco bastava, por se tratar apenas de dez Religiosas. Secretamente trabalhavam e com a sua influência fizeram que um Jurado daqui alugasse uma casa ao Padre. Este, apenas a teve em seu poder, escreveu-nos que viéssemos, lastimando só ter aquilo. Nós esperávamos em Beas, prontas a partir ao primeiro chamado, como já estava combinado com o Padre Frei João da Cruz e com as Irmãs reunidas ali.

Enquanto estávamos nesta expectativa, aos 13 de Janeiro, principiei a oração que costumamos fazer à tarde e pus-me a pensar naquelas palavras do Evangelho ditas por Cristo a São João Baptista, na ocasião do baptismo: "*É a nós que convém cumprir toda a justiça*".[85] Estava bem recolhida interiormente e esquecida da fundação, quando comecei a ouvir uma grande algazarra e muito alaridos que se juntavam confusamente. No mesmo instante veio-me ao espírito que eram demónios que mostravam o seu

despeito porque, sem dúvida, ia chegar o portador trazendo ordem de seguirmos para Granada. Mal pensei nisto, aumentaram tantos os gritos, que me senti desfalecer. Assim abatida, cheguei-me à Madre Priora, que estava perto; e ela, julgando ser fraqueza, pediu logo que me dessem algum alimento. Respondi por sinais que deixassem aquilo e fossem ver quem chamava à roda. Foram, e era precisamente o portador que trazia a ordem para a nossa partida.

No mesmo instante começou uma terrível tempestade; dir-se-ia que o mundo todo vinha abaixo, de tanta água e saraiva. Acometeu-me tão grande mal, que parecia dever causar-me a morte. Os médicos e todos que me viam achavam impossível pôr-me eu a caminho, pois eram muito violentas as dores e agitações sobrenaturais que padecia. Quanto a mim, isto me levava a ter mais ânimo e a dar grande pressa a fim de que arranjassem condução e o necessário para partirmos na segunda-feira, pois o dia que se seguiu à chegada do portador foi domingo. A minha doença era tão grave que, embora a cela em que eu estava fosse bem perto do coro, não pude ouvir Missa.

Apesar de tudo, partimos na dita segunda-feira às 3 horas da manhã, com grande contentamento das que vinham, pois lhes parecia que esta viagem seria para muita glória de Deus. Fazia bom tempo; mas, devido às tempestades anteriores, os caminhos estavam de tal forma que os animais custavam a sair deles. Chegamos a Dayfuentes, e aí os Padres que nos acompanhavam - Frei João da Cruz e Frei Pedro dos Anjos - e eu, tratámos dos meios a empregar para que o Arcebispo desse licença e se mostrasse menos contrário a receber-nos. Nessa mesma noite da nossa chegada a Dayfuentes, ouvimos um trovão terribilíssimo. Era um raio que, em Granada, caiu na própria casa do Arcebispo, perto do lugar onde dormia, queimando-lhe parte da biblioteca, matando alguns animais e assustando-o de tal modo, que ficou bem doente com o abalo. Dizem que este facto o abrandou em relação a nós, pois não havia memória de, em semelhante estação, cair raio em Granada.

Nesse mesmo dia o proprietário que tinha alugado ao Padre Vigário a casa para onde íamos, retirou a sua palavra e desfez a escritura passada a Dom Luís de Mercado e ao Licenciado Laguna. Desculpou-se dizendo que, ao

alugar a casa, ignorava ser para mosteiro, mas já o sabia e não sairia dela, nem ele nem as numerosas pessoas que lá estavam. Assim fez, e esses Senhores que secretamente nos favoreciam não conseguiram persuadi-lo a deixar a casa, nem mesmo a troco de uma fiança de cinquenta mil ducados. Vendo-nos já tão perto, pois dentro de dois dias devíamos chegar, não sabiam o que fazer. Dom Luís de Mercado, como por acaso, disse à Senhora Dona Ana de Pefialosa, sua irmã, a quem o Padre Vigário escondera o projecto: "Minha irmã, já que essas Religiosas estão em caminho, seria bom que vísseis se poderiam apear-se em nossa casa, dando-lhes nós uma parte onde ficassem retiradas até acharem algum canto". A boa senhora, que havia anos não saía de um oratório onde chorava a sua viuvez e a morte de uma filha única, sentiu logo um alento desconhecido, segundo nos contou, e, com grande pressa, começou a preparar a casa e a dispor o necessário para a capela e o nosso alojamento. Ficámos muito bem hospedadas, embora com aperto, por ser pequena a casa.

Chegámos no dia de São Fabiano e São Sebastião, às 3 horas da manhã, escolhendo esta hora para maior segredo. Encontrámos a santa Senhora à porta da rua, onde nos recebeu com muita devoção e lágrimas. Também nós as derramámos, cantando um *Laudate Dominum*, com grande alegria de ver a capela tão bem preparada no portal. Entretanto, como não tínhamos licença do Arcebispo, pedi que a fechassem e que o Padre Vigário e os outros Religiosos que o acompanhavam não tocassem campainha e não dissessem Missa em público, nem mesmo secretamente, até obtermos o beneplácito do Ordinário. Esperava eu em Deus que o alcançaríamos depressa.

Mandei cumprimentá-lo, avisando-o da nossa chegada e suplicando-lhe que viesse dar-nos a sua bênção e colocar o Santíssimo Sacramento, pois, apesar de ser dia festivo, não ouviríamos Missa até Sua Senhoria ordenar que no-la dissessem. Com muita benevolência respondeu que fôssemos benvindas; muito se alegrava e quisera vir dizer a primeira Missa, mas, como estava bem doente, enviava o seu Provisor para a celebrar e fazer tudo o que eu desejasse.

Efectivamente às 7 horas da manhã chegou o Provisor. Pedi-lhe que dissesse Missa e desse Comunhão a todas nós, e depois deixasse colocado

por suas próprias mãos o Santíssimo Sacramento. Ele o fez logo com muita solenidade. Estavam em nossa capela os Senhores Ouvidores e tanta gente, que era para admirar terem sabido tão depressa da nossa instalação. Com efeito, às 8 horas do mesmo dia em que chegámos, já estava colocado o Santíssimo Sacramento e várias Missas se iam sucedendo. Acorreu Granada em peso, como se se tratasse de ganhar algum jubileu, e todos a uma voz diziam que éramos santas e que Deus visitara a cidade com a nossa vinda.

No mesmo dia Dom Luís de Mercado e o Licenciado Laguna foram visitar o Arcebispo, que estava passando mal pelo susto do raio que na antevéspera à noite havia caído. Acharam-no lançando chispas pelo facto da nossa vinda. Perguntaram-lhe por que razão dera a licença, se tanto pesava a Sua Senhoria, pois o mosteiro estava fundado? Respondeu-lhes que não lhe fora possível agir de outra forma; fizera grande violência a si mesmo, porque não podia ver monjas; mas não tencionava dar-nos coisa alguma, pois nem as que já tinha a seu cargo podia sustentar.

Deste modo começámos logo a gozar dos rigores e consequências de nossa pobreza. A Senhora Dona Ana nos dava esmolas, mas eram muito escassas, e os demais não nos acudiam. Vendo-nos em sua casa, onde eram socorridos tantos pobres, e tão abundantes esmolas se davam a quase todos os mosteiros e ao hospital da cidade, entendiam que não passaríamos nenhuma privação. Na realidade passávamos tantas, que, muitos dias, não nos poderíamos sustentar com o que nos dava esta Senhora, se não nos ajudassem com algum pão e peixe os nossos Padres Descalços do Convento dos Mártires. Também eles tinham pouco, por ser ano de fome e esterilidade em que se padeceu muitíssimo em Andaluzia.

Limitava-se a roupa de cama à que tínhamos trazido para a viagem. Era tão escassa que não chegava para mais de duas ou três; e assim nos revezávamos, passando as demais a noite sobre umas esteiras que estavam no coro. Isto nos dava grande contentamento, e, para continuar a gozá-lo, não manifestávamos a nossa penúria; ao contrário, procurávamos ocultá-la, especialmente a esta santa Senhora, para não lhe sermos pesadas. Ela, como nos via tão satisfeitas e alegres e nos tinha em conta de pessoas virtuosas e penitentes, não imaginava que estivéssemos tão necessitadas.

Assim passámos a maior parte do tempo que estivemos em sua casa, isto é, sete meses. Durante todo esse período, desde o primeiro dia, fomos visitadas pelas pessoas mais graves da cidade e por Religiosos de todas as Ordens. Não tinham outro assunto senão a imprudência que é fundar estas casas com tanta pobreza e sem garantia de comodidades e favores humanos. Nós lhes dizíamos que assim gozávamos mais dos benefícios divinos; confiando na solicitude e providência de Deus, que nos nossos mosteiros continuamente experimentamos, não nos dava cuidado começá-los assim, antes desejávamos que não se fundassem de outro modo, pois a nossos olhos era este o mais seguro. Riam-se muito das nossas palavras e de ver a satisfação com que estávamos em tanto encerramento. De facto, para guardar a nossa clausura, sujeitávamo-nos a muitas incomodidades, a tal ponto que Dom Luís de Mercado, embora morando na mesma casa, nunca nos viu com o véu levantado, e jamais alguém nos avistou, mesmo de longe. Assim agindo, fazíamos apenas o que se usa nos nossos conventos, mas nesta terra fazem disto muito apreço.

Numerosas pessoas de todas as condições vinham pedir o hábito, porém, entre mais de duzentas que o solicitaram, não encontramos uma que nos parecesse ter as qualidades requeridas pelas nossas Constituições. A muitas recusávamos falar; a outras entretínhamos dizendo-lhes que primeiro se deviam informar do nosso género de vida e que, de nosso lado, havíamos também de provar cá dentro os seus desejos; além disto, até acharmos outro local, não podíamos recebê-las, por não haver lugar senão para nós.

Procurávamos casa com muito empenho, mas nem para comprar nem para alugar havia possibilidade de conseguir. Por esse tempo senti alguma preocupação vendo-nos tão pouco auxiliadas por essa gente, mas, todas as vezes que reflectia nisto, parecia-me ouvir estas palavras que disse Cristo Nosso Senhor aos Apóstolos: "*Quando vos enviei sem bolsa, sem alforge e sem sapatos, faltou-vos porventura alguma coisa?*"[86] E a minha alma, com grande confiança de que Sua Majestade nos proveria abundantemente, tanto no espiritual como no temporal, respondia: "Não, certamente!" O facto é que, sem o pedirmos quase tínhamos Missa e sermões dos sacerdotes e pregadores mais afamados de Granada. Gostavam muito de nos confessar e de saber o nosso género de vida.

Esta certeza interior de nada nos faltar que Deus me dera, como disse acima, provinha de uma graça que recebi logo depois da nossa chegada. Ouvi interiormente, de urna maneira particular e íntima, este versículo do salmo: "*Scapulis suis oburnbrabit tibi, et sub pennis ejus sperabis*".[87] Dei conta desta graça ao Padre Frei João da Cruz, meu Confessor, e ao Padre Mestre João Batista de Ribera, da Companhia de Jesus, aos quais comunicava, dentro e fora da confissão, tudo que me acontecia. Ambos viram nisto uma garantia dada por Nosso Senhor de que a fundação ia em bom caminho, e, realmente, assim tem sucedido nos quatro anos decorridos até agora. Seja o seu santo nome bendito! Afirmam-me as Irmãs, que durante todo este tempo de sua estadia em Granada têm gozado mais larga comunicação e presença de Sua Majestade, do que em nenhuma outra época da sua vida. Isto aparecia visivelmente nos seus progressos espirituais e no proveito que, no dizer de todos, causavam com o seu exemplo nos mosteiros de Religiosas desta cidade. Disse-me o Presidente Dom Pedro de Castro, que havia grande diferença neles depois da nossa chegada. Refiro-me às Religiosas de outras Ordens, pois há muitas em Granada.

Além das graças que nos fazia Nosso Senhor, como acabo de dizer, desfrutámos de uma muito notável: sentíamos a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo fazer-nos companhia no Santíssimo Sacramento do altar, de tal forma que nos parecia visível a sua corporal presença. Era isto tão contínuo e ordinário, que o tomávamos por assunto das nossas conversas e dizíamos que nunca, em outros lugares, o Santíssimo Sacramento parecia ter produzido tais efeitos sobre nós. Esta consolação começou desde que foi colocado o Santíssimo, e permanece em algumas até agora, conquanto não tão sensível como naqueles primeiros sete meses.

Ao cabo deste tempo, conseguimos uma casa alugada. O morador no-la cedeu sem que o proprietário o soubesse, e Vossa Paternidade, tendo vindo de Baeza para nos instalar, fez a nossa mudança muito secretamente. Só neste ponto tivemos algum alívio; até que Nosso Senhor daí a dez meses começou a tocar deveras o coração de algumas jovens pertencentes às principais famílias daqui. Ajudadas pelos Confessores, vieram sem licença dos seus pais e parentes (que de nenhum modo as queriam dar para Ordem tão austera), e às escondidas receberam o nosso hábito, de sorte que o demos a seis, com grande solenidade, no espaço de poucos dias, não sem

descontentamento das famílias e alvoroço da cidade. Parecia-lhes coisa terrível ingressar entre nós; e muitos andavam, conforme nos diziam, guardando com grande cuidado as suas filhas. Os pais da Irmã Mariana de Jesus, primeira noviça que recebemos, morreram logo depois da sua entrada, e correu a fama de que tinham sucumbido ao pesar. Quanto a ela, jamais manifestou o menor arrependimento por haver entrado; antes deu sempre mostras de muita satisfação e reconhecimento pela graça que Nosso Senhor lhe fizera trazendo-a à nossa Ordem. Tornou-se boa Religiosa; o mesmo digo das outras que entraram e das demais que se têm recebido até agora.

Tendo professado estas noviças, procurámos comprar casa com os seus dotes, mas, apesar de termos tratado de muitas, chegando até a passar escritura de algumas, não havia possibilidade de se concluir a compra. Finalmente pensámos na do Duque de Sessa, mas havia tão grandes dificuldades na venda, que parecia disparate o negócio, tanto a nós como aos que ouviam falar nisto. Entretanto era a que mais nos convinha e a mais bem situada de Granada. Decidi-me enfim a entrar em negociações a este respeito, apoiada no que, havia mais de dois anos, me afirmava a Irmã que me serve neste momento de secretária. Não a nomeio porque Vossa Paternidade conhecerá bem a letra. Por três vezes Nosso Senhor lhe havia feito compreender que nesta casa do Duque se havia de fixar o nosso convento, dando-lhe a certeza de que nada poderia servir de obstáculo. Com efeito assim aconteceu, e nela estamos, como sabe Vossa Paternidade.

Ana de Jesus.

NOTAS

[1] Escrevia a Santa Madre nas primeiras vésperas da festa, a qual se celebra no dia seguinte, 25 de Agosto.

[2] Mais tarde elevou Santa Teresa a vinte o número das Religiosas.

[3] Isto é, como Prelada ou Priora.

[4] Sua sobrinha Maria Batista, mais tarde Priora do mosteiro de Valladolid.

[5] As Índias Ocidentais, como então era chamada a América.

[6] Chamava-se o Padre Geral João Batista Rossi. Segundo o costume da época, tinham dado a este último nome a forma latina Rubeus e a espanhola Rubeo.

[7] Moeda de valor insignificante.

[8] O Padre António de Herédia.

[9] Chamava-se então Frei João de São Matias, Religioso da antiga Observância Carmelitana, que se tornou o grande Doutor Místico São João da Cruz, cooperador de Santa Teresa na obra da Reforma.

[10] Caminho de Perfeição, cap. XL

[11] Mt 25, 40.

[12] Obediente até à morte (Filip 2. 8) .

[13] Lc 10, 16

[14] Livro da vida, cap. XX

[15] A Santa fala de si, como se pode verificar no Livro da Vida, cap. X.XV.

[16] Com o nome de melancólicas designa Santa Teresa as pessoas histéricas e neurasténicas, e também as de carácter imortificado e caprichoso.

[17] Caminho de Perfeição, cap. XXIV.

[18] Nos mosteiros antigos havia uma cela apartada à qual se dava o nome de cárcere.

[19] Isto é, que só raramente façam abstinência de carne, como as demais.

[20] A Santa fala de si, como se pode ver no Livro da Vida, cap. XXIX

[21] D. Luísa de la Cerda.

[22] De Carmelitas Calçadas.

[23] Refere-se a São João da Cruz.

[24] Era irmã do fundador Dom Bernardino de Mendoza.

[25] Foi necessária a dispensa por se tratar de casamento entre tio e sobrinha. Celebraram-se somente os desposórios ou esponsais, que consistem numa cerimónia de contrato, anterior ao matrimónio ; por conseguinte, em toda esta história a palavra esposo corresponde a noivo.

[26] A Irmã Estefânia dos Apóstolos

[27] Frei Domingos Báñez.

[28] De 8 a 28 de Dezembro de 1573.

[29] D . Maria, monja dominicana.

[30] Isto é, os que tinham hábito de bom pano, enquanto os Descalços o traziam de saial grosseiro.

[31] Duruelo.

[32] Madre Antónia do Espírito Santo, uma das quatro primeiras Descalças.

[33] 28 de Novembro de 1568, 1º Domingo do Advento .

[34] O Ofício Divino que os Religiosos rezam em coro a certas horas determinadas.

[35] Dom Luís de Toledo.

[36] Tio de Dona Cassilda de Padilha, de quem se tratou nos capítulos X e XI.

[37] O Cónego Dom Pedro Manrique.

[38] 30 de Maio de 1569.

[39] Uma das 11.000 Virgens escondeu-se enquanto eram martirizadas as suas companheiras; mas, no dia seguinte, fortalecida pelo Senhor, apresentou-se e sofreu igualmente o martírio. Era esta Santa Córdula.

[40] Fánega ou fanga = antiga medida para cereais, etc.

[41] 1570.

[42] Efectivamente a Comunidade foi obrigada a mudar-se.

[43] Esta expressão equivalia a não ter Mouros ou Judeus entre os antepassados.

[44] 25 de Janeiro.

[45] Frei Pedro Fernandes, Comissário Apostólico.

[46] Era São João da Cruz .

[47] D. João de Orozco y Covarrubias de Leiva.

- [48] A Ordem ou Encomenda dos Cavaleiros de São Tiago.
- [49] 24 de Fevereiro.
- [50] Jo 9, 2.
- [51] 19 de Março de 1578.
- [52] Segundo os costumes da época.
- [53] 19 de Janeiro de 1574.
- [54] As Constituições das Religiosas foram feitas pela própria Santa Teresa e aprovadas pelo Padre Geral Rubeo.
- [55] No original, por engano, está Castela.
- [56] Beas dependia de Castela para os negócios civis ; e de Andaluzia para os eclesiásticos.
- [57] 26 de Maio de 1575.
- [58] 29 de Maio de 1575.
- [59] Cartuxa de Santa Maria de las Cuevas, em Sevilha.
- [60] Antiga moeda de pouco valor.
- [61] A Madre Ana de Santo Alberto .
- [62] Neurastenia .
- [63] Mais tarde tomou o hábito e professou com o nome de Francisca da Madre de Deus.
- [64] Monsenhor Nicolau Ormaneto.
- [65] Monsenhor Filipe Segá.
- [66] Carmelitas Calçados.
- [67] Câmara Municipal.
- [68] Padre Ângelo de Salazar.
- [69] Trata-se da Beata Ana de São Bartolomeu.
- [70] A Beata Ana de São Bartolomeu.
- [71] Alude a Santa ao antigo adágio espanhol : *"A falta de hombres buenos, a mi marido hicieron alcalde"*.
- [72] A Beata Ana de São Bartolomeu.
- [73] 23 de Agosto de 1581.

[74] Trata-se do pãlio, concedido pelo Papa aos Arcebispos.

[75] Por inadvertência a Santa diz Sória em vez de Burgos, no original.

[76] O Bispo de Palência, Dom Álvaro de Mendoza.

[77] Dona Catarina Manrique, de quem se falou acima.

[78] Assim chamavam em Espanha aos Mínimos de São Francisco de Paula.

[79] 19 de Abril de 1582, menos de seis meses antes da morte de Santa Teresa.

[80] Livro da Vida. Capítulos XXXII a XX.XVI.

[81] Foram quinze anos, de 1562 a 1577.

[82] Dom Alonso Velasques, de quem se falou na fundação de Sória, cap. XXX.

[83] A Venerável Madre Ana de Jesus, enviada por Santa Teresa como Priora à fundação de Granada, foi uma das mais ilustres filhas da santa Reformadora. Depois de ter fundado três mosteiros em Espanha, levou o Carmelo Reformado à França e à Bélgica, onde morreu em 1621, célebre pela sua eminente santidade. O Santo Padre Leão XIII introduziu a causa da Beatificação da Venerável Ana de Jesus em 1878

[84] Refere-se à própria Santa Teresa.

[85] Mt 3, 15.

[86] Lc 22, 35.

[87] Cobrir-te-á com a sombra das suas espáduas, e sob as suas asas esperarás. Salmo 90, 4

ÍNDICE

Prólogo

Capítulo I-Dos meios pelos quais se começou a tratar desta fundação e das seguintes.

Capítulo II-Como veio a Ávila Nosso Padre Geral, e o que sucedeu em consequência da sua vinda.

Capítulo III-Por que meios se começou a tratar da fundação do mosteiro de São José de Medina dei Campo.

Capítulo IV-Em que trata de algumas mercês que faz o Senhor às monjas destes mosteiros. Avisos às Preladas sobre o modo de proceder acerca das graças sobrenaturais.

Capítulo V-Alguns avisos sobre a oração e as revelações, muito proveitosos para os que andam envolvidos em obras exteriores.

Capítulo VI -Prejuízos que poderão sobrevir às almas de oração por não saberem quando lhes convém resistir ao espírito. Desejos de comungar, e engano que neles pode haver. Avisos importantes para as que governam estas casas.

Capítulo VII-Do modo de proceder com as pessoas que sofrem de melancolia. Avisos necessários às Preladas.

Capítulo VIII-Dá alguns avisos acerca de revelações e visões.

Capítulo IX-Trata de como partiu de Medina dei Campo para a fundação de São José de Malagón.

Capítulo X-Em que trata da fundação da casa de Valladolid. Recebe este mosteiro o nome da Conceição de Nossa Senhora do Carmo.

Capítulo XI-Prossegue a narração dos meios pelos quais Dona Cassilda de Padilha conseguiu realizar os seus santos desejos de Se fazer Religiosa.

Capítulo XII-Em que trata da vida e morte de uma Religiosa, trazida por Nosso Senhor a esta mesma casa, chamada Beatriz da Encarnação. Foi tão perfeita a sua vida e tal a sua morte, que é justo fazer memória dela.

Capítulo XIII-Em que trata de como se deu início à primeira casa de Descalços Carmelitas, no ano de 1568.

Capítulo XIV-Continua a tratar da fundação da primeira casa dos Descalços Carmelitas. Dá alguma ideia da vida que levavam e do proveito que começaram a fazer, por mercê de Nosso Senhor, nos lugares circunvizinhos, para honra e glória de Deus.

Capítulo XV-Em que se trata da fundação do mosteiro do glorioso São José na cidade de Toledo, realizada no ano de 1569.

Capítulo XVI-Em que se referem alguns factos sucedidos neste Convento de São José de Toledo, para honra e glória de Deus.

Capítulo XVII-Trata da fundação dos dois mosteiros de Pastrana, um de frades, outro de monjas, no mesmo ano de 1570, digo 1569.

Capítulo XVIII-Trata da fundação do mosteiro de São José de Salamanca no ano de 1570. Dá às Prioras alguns avisos importantes.

Capítulo XIX-Continua a narrar a fundação do mosteiro de São José, da cidade de Salamanca.

Capítulo XX-Em que se trata da fundação do mosteiro de Nossa Senhora da Anunciação, que está em Alba de Tormes. Foi no ano de 1571.

Capítulo XXI-Em que se trata da fundação do glorioso São José do Carmo de Segóvia. Fundou-se no próprio dia de São José, no ano de 1574.

Capítulo XXII-Em que se trata da fundação do glorioso São José do Salvador no lugar de Beas, no dia de São Matias do ano de 1575.

Capítulo XXIII-Em que trata da fundação do mosteiro do glorioso São José do Carmo na cidade de Sevilha. Celebrou-se a primeira Missa no dia da Santíssima Trindade do ano de 1575.

Capítulo XXIV-Prossegue a fundação de São José do Carmo da cidade de Sevilha.

Capítulo XXV-Prossegue a fundação do glorioso São José de Sevilha. Como foi custoso adquirir casa própria.

Capítulo XXVI-Continua a narrar a mesma fundação do Mosteiro de São José da cidade de Sevilha. Trata de algumas coisas bem notáveis acerca da primeira noviça que nele entrou.

Capítulo XXVII-Em que trata da fundação da vila de Caravaca, sob a invocação do glorioso São José. Pôs-se o Santíssimo Sacramento no dia 1 de Janeiro do ano de 1576.

Capítulo XXVIII-Fundação de Vilanova da Jara.

Capítulo XXIX-Trata-se da fundação de São José de Nossa Senhora da Rua, em Palência, no dia do Santo Rei David, no ano de 1580.

Capítulo XXX-Começa a tratar da fundação do mosteiro da Santíssima Trindade na cidade de Sória. Fundou-se no ano de 1581, sendo celebrada a primeira Missa no dia de Nosso Pai Santo Eliseu.

Capítulo XXXI-Começa-se neste capítulo a tratar da fundação do glorioso São José de Sant'Ana da cidade de Burgos. Celebrou-se a primeira Missa aos dezenove dias do mês de Abril, oitava da Páscoa da Ressurreição, no ano de 1582.

Capítulo XXXII-Como as monjas do mosteiro de São José de Ávila - que foi o primeiro e cuja fundação está escrita em outra parte, e não neste livro, - passaram da obediência do Ordinário, sob a qual fora fundada a casa, à jurisdição da Ordem.

Apêndice-Fundação do Mosteiro de São José de Granada, escrita pela Madre Ana de Jesus por ordem do Padre Frei Jerónimo Graciano da Madre de Deus, então Prelado.

Notas